

UNIVERSIDADE ABERTA



Uma canção doce
ou
Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na
Cultura Francesa

O caso de Erik Orsenna

Abril de 2010

Orientador – Professor Doutor Luís Carlos Pimenta Gonçalves

Mestrando – José Miranda

Dissertação de Mestrado em Estudos Francófonos

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

Índice Geral

Índice de Ilustrações.....	5
Agradecimentos	7
Resumo	8
Résumé	9
Introdução.....	11
Estrutura	11
Problemática	13
1. A Gramática como Tema Linguístico, Literário e Cultural	17
1.1 Tradição Gramatical no Ensino das Línguas	19
1.2 Metagramáticas do Francês.....	33
1.2. A Gramática segundo Orsenna	54
2. A Vulgarização do Discurso Gramatical em Orsenna.....	57
2.1. O Autor.....	57
2.2. A obra gramatical.....	58
2.2.1. La Grammaire est une chanson douce (2001).....	59
2.2.2. Les Chevaliers du Subjonctif (2004)	70
2.2.3. La Révolte des Accents (2007)	78
2.2.4. Et si on dansait? (2009).....	85
2.3. Intertextos gramaticais.....	93
2.4. Plaisirs Secrets de la Grammaire (2009)	95
3. Orsenna na sala de aula	99
3.1. «Où est le plaisir?»	99
4. Conclusões.....	104
4.1. Recomendações para Pesquisa Futura	109
4.2. Conclusão final.....	111
Bibliografia	114
Bibliografia activa	114
Bibliografia passiva.....	114
Sitografia	121
Discografia	126

Anexos.....	127
Anexo 1 - Ilustrações	127
Anexo 2 - Quadro-Síntese das Obras Estudadas	128
Anexo 3 - Apresentação do Autor	133
Anexo 4 - Paroles de Le Loup, la biche et le chevalier (Une chanson douce) (1950) de Maurice Pon	135
Anexo 5 - Entrevistas ao Autor	136
Anexo 6 – Inquéritos a Professores.....	143
Anexo 7 – Estatísticas a Professores	151
Anexo 8 - Inquéritos a Alunos	153
Anexo 9 – Estatísticas a Alunos do Ensino Básico	158
Anexo 10 – Estatísticas a Alunos do Ensino Secundário	160
Anexo 11 – Estatística Global dos Alunos (EB / ES)	162
Anexo 12 - Estatísticas Editoriais.....	164
Anexo 13 - Sugestões Didáticas a partir de Orsenna	165
Orsenna	165
Maria Olinda Reis e Fernanda Martins	172
APPF	173
José Miranda	176
Anexo 14 - Fiche de Travail de Français	183
Anexo 15 - Textos criados a partir de Orsenna	185
Anexo 16 - Outros textos.....	188
Glossário	193
Índice Remissivo.....	197

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 - Cartaz do XVII Congresso da APPF, <i>La Grammaire en Action</i>	127
Ilustração 2 - Iluminura de <i>Hortus Deliciarum</i> de Herrad von representando as Sete Artes Liberais	127
Ilustração 3 - Detalhe de <i>Hortus Deliciarum</i> , a Gramática	127
Ilustração 4 - Erik Orsenna criança	133
Ilustração 5 - Erik Orsenna.....	134

Universidade Aberta
José Miranda
2010

À mes amours.

Qu'ils durent toujours...

Agradecimentos

Este espaço é dedicado a todos aqueles que contribuíram para que esta dissertação fosse realizada, pois não foram fáceis os dias que a antecederam e os que acompanharam a sua investigação e escrita.

A todos os que acreditaram em mim, aqui, deixo o meu agradecimento sincero.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Doutor Luís Carlos Pimenta Gonçalves pela forma como orientou o meu trabalho, pelas suas sugestões e pela cordialidade com que sempre me recebeu. Não posso deixar de lhe agradecer igualmente pela liberdade de acção que me permitiu, o que foi bastante decisivo para que este trabalho contribuisse para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Gostaria também de agradecer aos Professores do segundo Mestrado em Estudos Francófonos da Universidade Aberta, em especial aos Professores Doutores Paula Mendes Coelho e Amílcar Martins, pelo entusiasmo, incentivo e pela criatividade com que partilharam o seu interesse por estas matérias.

Por fim, gostaria também de agradecer aos Colegas de Mestrado, em especial às Professoras Célia Lopes e Fernanda Laia, pelo incentivo amigo e constante, pelo companheirismo, pelos materiais disponibilizados e pela troca de ideias e experiências.

E a todos os outros, sem nome, sempre, que me ensinaram a ler, a escrever e a amar.

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar quatro das obras de Erik Orsenna consagradas à Gramática da Língua francesa: *La Grammaire est une chanson douce* (2001), *Les Chevaliers du Subjonctif* (2004), *La Révolte des Accents* (2007) e *Et si on dansait?* (2009)¹.

Nas obras referidas, o Autor leva-nos numa viagem pela Língua e Cultura francesa (e francófona), servindo-se dos elementos da Língua como personagens de uma narrativa em quatro partes², com fins didáticos e ao mesmo tempo literários, trazendo o discurso gramatical para o campo literário, de uma forma criativa e original.

A anteceder a análise destas obras, apresenta-se um breve historial da Gramática como tema cultural, literário, linguístico, inserindo Orsenna numa linha de Autores que através de várias estratégias discursivas integraram o discurso gramatical nas suas obras, o que chamámos *metagramáticas*.

Termina-se com a resenha dos aspectos comuns dos títulos referidos, quer a nível temático e linguístico / cultural, quer ainda ao nível das ilustrações, género literário no qual se incluem estas obras e a sua recepção e aplicação didáctica.

Segue-se uma bibliografia e sitografia sobre o Autor e a temática das obras estudadas, assim como alguns dados sobre o Autor.

Palavras-Chave : Gramática, Metagramática, Literatura, Didáctica, Cultura.

¹ E também *Plaisirs Secrets de la Grammaire* (2009), uma reflexão teórica e pessoal sobre as gramáticas de Orsenna, que não faz parte do conjunto citado, mas que ajuda a contextualizá-lo.

² O Autor parece determinado em prosseguir esta, por enquanto, tetralogia.

Résumé

L'objectif de ce travail est celui de présenter quatre des œuvres d'Erik Orsenna consacrées à la Grammaire de la langue française: *La Grammaire est une chanson douce* (2001), *Les Chevaliers du Subjonctif* (2004), *La Révolte des Accents* (2007) et *Et si on dansait?* (2009)³.

Dans ces œuvres, l'Auteur nous amène dans un voyage à travers la langue et la culture française (et francophone), en utilisant les éléments de la Langue comme personnages d'un récit en quatre parties⁴, dont l'objectif est non seulement didactique, mais aussi littéraire, apportant au champ littéraire une réflexion sur le discours grammatical, de façon créative et originale.

Avant l'analyse de ces œuvres, nous présenterons un bref historique de la Grammaire comme thème culturel, littéraire, linguistique, en intégrant Orsenna dans une lignée d'auteurs qui en utilisant plusieurs stratégies discursives ont intégré le discours grammatical dans leurs livres, ce qu'on a appelé *métagrammaires*.

Pour conclure, on analysera les aspects communs à ces ouvrages, du point de vue thématique et linguistique / culturel, et aussi les illustrations, genre littéraire, réception et application didactique de ces œuvres d'Orsenna.

On présente aussi une bibliographie et sitographie sur l'auteur et les thèmes étudiés et quelques données sur Erik Orsenna.

Mots-Clés : Grammaire, Métagrammaire, Littérature, Didactique, Culture.

³ Et aussi *Plaisirs Secrets de la Grammaire* (2009), une réflexion théorique et personnelle d'Orsenna qui n'appartient pas à l'ensemble cité, mais qui le contextualise.

⁴ L'Auteur semble déterminé à poursuivre cette tétralogie.

La grammaire n'est pas une punition, mais une nécessité, un droit, une chance et un jeu.

(RAMBAUD, 2007 : 10)

Introdução

Estrutura

A dissertação organiza-se em quatro capítulos, antecidos pelos *Agradecimentos*, *Resumos* e pela *Introdução*. Aos quatro capítulos seguem-se a *Bibliografia*, *Sitografia* e *Discografia*, os *Anexos*, um *Glossário* e o *Índice Remissivo*.

Na presente *Introdução*, propõe-se o tema, definem-se as problemáticas e objectivos genéricos da dissertação, far-se-á uma breve descrição dos diversos capítulos e estrutura da dissertação, e por fim, apresentar-se-ão também algumas das conclusões da dissertação.

O capítulo 1, *A Gramática como Tema Linguístico, Literário e Cultural*, apresenta o enquadramento literário e cultural em que se inserem as obras de Orsenna, o conceito de «Metagramática» e organiza-se em três subcapítulos: o primeiro, *Tradição Gramatical no Ensino das Línguas*, o segundo, *Metagramáticas do Francês* e o terceiro, *a Gramática segundo Orsenna*. No subcapítulo *Tradição Gramatical no Ensino das Línguas*, traça-se um breve historial sobre a importância da Gramática no ensino das línguas ao longo dos tempos nos seus momentos marcantes e de viragem. No subcapítulo *Metagramáticas do Francês* apresentam-se algumas obras do século XX / XXI que tratam da Gramática através de várias estratégias discursivas, no que é claramente uma inovação relativamente à ideia conservadora, tanto no aspecto normativo, como no aspecto gráfico e paratextual. No subcapítulo *A Gramática segundo Orsenna*, faz-se o ponto de situação relativamente às obras dos vários autores apresentados, sobre as quais, de algum modo, Orsenna escreveu as obras analisadas no capítulo 2, que constituem, de algum modo, uma revolução na abordagem da Gramática.

O capítulo 2, *A Vulgarização do Discurso Gramatical em Orsenna*, divide-se em vários subcapítulos, sobre o Autor e sobre as obras referidas de Orsenna: *La Grammaire est une chanson douce* (2001), *Les Chevaliers du Subjonctif* (2004), *La Révolte des Accents* (2007) e *Et si on dansait?* (2009). Segue-se ainda um subcapítulo que pretende

congregar os aspectos comuns destas obras e um outro subcapítulo final sobre *Plaisirs Secrets de la Grammaire* (2009), um pequeno texto introdutório aos quatro que referimos ou uma espécie de ponto de situação neste percurso do Autor, como veremos.

No capítulo 3, apresentam-se algumas aplicações didácticas de *Orsenna na sala de aula* a alunos de Francês Língua Estrangeira II, reflectindo-se sobre a utilidade desta abordagem com base em inquéritos em anexo.

O capítulo 4, *Conclusões*, faz uma súmula dos resultados obtidos neste estudo, dando atenção aos aspectos comuns das obras quer ao nível temático, linguístico, cultural e paratextual, quer também no que diz respeito ao género literário, objectivos, públicos, recepção e impacto social das obras estudadas de Erik Orsenna. Faz-se também um comentário ao sítio de internet do Autor, uma forma original de prolongar as suas obras e de manter contacto com os leitores. Finalmente apresentam-se várias *Recomendações para Pesquisa Futura*, começando por apontar sugestões de investigação que derivam directamente do estudo e que não foi possível, neste trabalho, aprofundar, mas que podem constituir um novo objecto de estudo. Termina-se com uma *Conclusão final*.

Segue-se a *Bibliografia*, em que se indicam as obras consultadas, bem como a *Sitografia* das páginas visitadas e *Discografia*.

O texto desta dissertação conclui-se com os *Anexos*, um conjunto de dados complementares : anexo 1 – Ilustrações; anexo 2 - Quadro-Síntese das obras estudadas, apresentação esquemática das obras trabalhadas; anexo 3 - Apresentação do Autor, na primeira pessoa; anexo 4 – Letra de *Une chanson douce* de H. Salvador, várias vezes referida numa das obras de Orsenna; anexo 5 - Entrevistas ao Autor; anexo 6 – Inquéritos a Professores; anexo 7 – Estatísticas relativas aos dados dos Professores; anexo 8 – Inquéritos a Alunos; anexo 9 - Estatísticas dos dados dos inquéritos dos alunos do ensino básico; anexo 10 - Estatísticas dos dados dos inquéritos dos alunos do ensino secundário; anexo 11 – Estatísticas globais dos alunos; anexo 12 - Estatísticas de vendas relativas às obras de Orsenna; anexo 13 - sugestões de materiais didácticos com base em Orsenna; anexo 14 – Ficha de trabalho usada no inquérito aos alunos; anexo 15 – exemplos de textos criados a partir da abordagem Orsenna; anexo 16 – outros textos, uma peça de teatro de Patrick de Bouter que não foi possível estudar neste trabalho, mas que ilustra bem a produtividade desta abordagem e outro de Ilda Ferreira, que usa a abordagem Orsenna relativamente ao ensino do Inglês.

A terminar, um *Glossário* de termos referidos na dissertação e um *Índice Remissivo*.

Antes de avançarmos, como anunciado, proporemos o tema deste trabalho, a vulgarização literária, num sentido lato, da Gramática.

Problemática

A palavra «Gramática» suscita as mais diversas reacções. Há quem se lembre das extensas listas de verbos para decorar, de exercícios repetitivos e fastidiosos na sua mecânica sem novidade, mas há também aqueles que a adoram pelo seu lado matemático e organizado, independentemente do modo como aprenderam mais sobre uma determinada Língua.

Apesar de tudo, todos a vêem como indispensável e inultrapassável na aprendizagem de uma Língua, um símbolo das metodologias e aprendizagens escolares, uma porta de acesso à Literatura e até à Cultura, embora muitas vezes não se goste de misturar estas áreas tão intimamente ligadas⁵.

Mas se é certo que há várias obras consagradas e dedicadas a cada um destes temas separadamente, não podemos ignorar quatro títulos da vasta obra de Erik Orsenna⁶: *La Grammaire est une chanson douce* (2001), *Les Chevaliers du Subjonctif* (2004), *La Révolte des Accents* (2007) e *Et si on dansait?* (2009), em que o Autor tenta, de algum modo, reunir os temas acima referidos.

Resumidamente, nestas obras, o Autor põe em cena elementos da Gramática, personificados, usando-os para contar uma história, cumprindo assim dois objectivos: o de ensinar e divertir.

Esta tendência, no que se refere à abordagem literária / lúdica da Gramática (ou de aspectos da Língua) tem aliás outros precursores / seguidores no panorama literário francês⁷ contemporâneo, como Robbe-Grillet ou Rimbaud, por exemplo, que para além do uso da narrativa de que se serve Orsenna, usam também outras abordagens como o romance policial ou o diálogo.

⁵ Esta ideia fica claramente patente no cartaz do XVII Congresso da Associação Portuguesa de Professores de Francês (APPF), *La Grammaire en Action*, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a 7 de Novembro de 2009, em que um conjunto de pauzinhos coloridos (Mikado) representa as estruturas da Língua e as suas componentes totalmente interligadas, sem que se possa mexer isoladamente numa, como sublinhou Cristina Avelino, Presidente da APPF, sem mexer nas outras. Cf. Anexo 1, *Ilustrações e Glossário*.

⁶ Cf. Anexo 3, Apresentação do Autor.

⁷ E não só, veja-se o *corpus* de Autores portugueses referidos nas *Recomendações para Pesquisa Futura*.

De referir também o facto de nas obras de Orsenna, os aspectos literários e culturais franceses, com a evocação de nomes das Letras como La Fontaine, Marcel Proust e Saint-Exupéry ou da Música, como Piaf e Henri Salvador, estarem sempre presentes.

A Francofonia marca igualmente presença com Senghor, sem esquecer os Autores anglófonos Herman Melville, Joseph Conrad, Ernest Hemingway, escritores do mar e da viagem⁸, Shakespeare e até lusófonos com Pessoa, num percurso de globalização cultural, um pouco à imagem da obra multifacetada do Autor e da sua própria biografia e carreira. Sem falar nas inesperadas figuras da cultura política, musical e cinematográfica contemporânea que pontuam os textos de Orsenna.

Outro aspecto original das três obras referidas é o uso de ilustrações, esquemas, entradas de dicionário, caracteres de outras línguas (japonês, árabe, hebraico, hieróglifos egípcios...) como suporte e ilustração da mensagem escrita, o que transforma estas obras em objectos híbridos, sem destinatários claramente especificados⁹, ora em torno da etiqueta infanto-juvenil, ora mais próximo das reflexões melancólicas de um adulto face à vida e à língua em que nos emocionamos e vivemos, neste caso, o Francês, ou mesmo das memórias de aprendizagens escolares na infância.

Não sendo romances, talvez não sejam apenas contos, estão próximos das estratégias das fábulas, mas têm, por vezes, um contexto entre o fantástico e o real, não deixando de ser ensaios sobre a Língua Francesa, o que impossibilita um público estanque, permitindo vários tipos e níveis de leitura.

A sua obra é reconhecida por prémios e tiragens, havendo, no entanto, críticas a esta abordagem de sucesso, tanto da parte de jovens leitores em sítios e blogues literários para jovens, como da parte de jornalistas menos influenciáveis por este fenómeno editorial, que ajudou a Stock a consolidar o bem-estar financeiro.

De notar, pela originalidade e actualidade, é também a página pessoal («arquipélago») do Autor¹⁰, onde encontramos recensões à sua obra, um conjunto razoável de textos de revistas e jornais sobre as suas obras, actividades de compreensão, jogos sobre as obras, para além de uma breve biografia na primeira

⁸ Como Orsenna.

⁹ Cf. A página pessoal do Autor em que este propõe actividades para os mais pequenos <http://www.erik-orsenna.com/grammaire_petit.php> e, igualmente, para os mais velhos <http://www.erik-orsenna.com/grammaire_grand.php>.

¹⁰ Cf. <<http://www.erik-orsenna.com/>>.

pessoa. Em suma, uma continuação digital das obras de Orsenna e um meio privilegiado de contacto com os seus leitores.

Assim, o presente trabalho tem como objectivos o estudo das obras já citadas de Orsenna, na procura de respostas¹¹ às seguintes questões :

1. Que relações há / pode haver entre Língua, Literatura, Cultura e Gramática ?
2. Em que medida pode a Gramática ser tema cultural / literário?
3. O que pode acrescentar a uma obra literária o tratamento de questões gramaticais?
4. Qual o posicionamento / estratégia dos Autores face a esta escolha temática?
5. Qual o posicionamento dos leitores face a esta temática?
6. Em que consiste esta originalidade (?) temática?
7. A Gramática beneficia de um tratamento cultural / literário?
8. Que contributos pedagógicos pode ter este tipo de abordagem?

Em suma, propomo-nos estudar estas obras nos seus aspectos linguísticos, literários e culturais, fundamentando o uso da Gramática como tema de uma narrativa didáctica, mas também literária e cultural, aspectos incessantemente veiculados pela Língua e um dos objectivos do Autor, sem esquecer o carácter afectivo e pessoal relativamente à Língua que unifica e vive nas obras tão diversas que constituem o *corpus* deste trabalho.

¹¹ Cf. *Conclusões*.

Grammaire – L'apprendre aux enfants dès le plus bas âge comme étant une chose claire et facile.

Grammairiens – Tous pédants.

(FLAUBERT, 2000 : 47)

1. A Gramática como Tema Linguístico, Literário e Cultural

A julgar pela quantidade de dicionários, gramáticas e ensaios publicados anualmente, alguns dos quais nos primeiros lugares em número de vendas, (como é o caso de *La Conjugaison pour Tous*, Bescherelle, com 185 000 exemplares vendidos em França em 2006¹², num destacado oitavo lugar, à frente de *Le Petit Nicolas* de Sempé, por exemplo) (KHOURY-DAGHER, 2008: 16), ninguém parece amar tanto a Língua Francesa como os Franceses¹³, para não falar do *apego linguístico* que é tradicionalmente atribuído aos Franceses e que o inquérito nacional promovido pelo Ministério da Imigração e da Identidade Nacional veio sublinhar como elemento de coesão a fomentar.

É claro que se pode sempre justificar este sucesso editorial de obras gramaticais pelo uso obrigatório e escolar das mesmas, mas o que se pretende neste trabalho não é apresentar as obras própria e exactamente gramaticais, no sentido mais restrito e menos criativo do termo, como se disse acima.

Pretende-se sim analisar um *corpus* não exaustivo de obras metagramaticais, isto é, que falam de gramática e de uma certa tradição cultural francesa, através de estratégias e moldes diversificados e menos usuais tendo em conta uma ideia mais conservadora de Gramática, porque Orsenna, de quem estudaremos quatro obras, faz parte de uma tradição de escritores franceses que dedicaram páginas à Gramática¹⁴ de

¹² Continua em Setembro de 2009 no primeiro lugar de vendas, perto dos mesmos números de vendas. Cf. <www.edistat.com>.

¹³ A 16 de Novembro de 2009, o ministro da Imigração e Identidade Nacional francês, o ex-socialista Éric Besson, lançou o *Grand Débat sur l'Identité Nationale* que tem como origem da discussão a pergunta : "Em que consiste ser francês?" Até 31 de Janeiro de 2010, todos os franceses foram convidados a dar a sua resposta. Segundo dados do sítio de 4 de Janeiro de 2010, 26 mil franceses deram sua definição. Entre 5000 e 7000 contribuições referiam em primeiro lugar a importância da Língua e do património cultural. "Jacqueline", uma das participantes, aprova, como muitos outros, a ideia de que "Ser francês é ler e escrever na língua francesa". Cf. <<http://www.debatidentitenationale.fr/>>.

¹⁴ Curiosamente passa-se o mesmo no que se refere a Dicionários, dedicados ao calão, ao «Francês não convencional», às *mots-valises*, entre outros.

uma forma menos convencional, o que chamaremos de *Metagramática*, isto é, o livro que aborda questões do ensino da Língua, mas de forma literária, criativa, poética, humorada, não escolar ou quase, numa negação formal e paratextual do que nos habituámos a associar ao termo «Gramática», sem no entanto, recusar, por vezes, o título «Gramática», como veremos. O que ressalta também nestas obras é sobretudo o amor pela Língua, o prazer associado à aprendizagem da Língua, mais do que a Didáctica ou as Metodologias utilizadas.

O termo, neste trabalho, associa a «Gramática»: nome feminino (do latim *grammatica*, do grego *grammatikê*, de *grammatikos*; relativo a *letra*, à arte de ler ou escrever; o conjunto de regras que presidem à correcção, à norma da língua escrita ou falada¹⁵, na sua definição mais basilar, o prefixo de origem grega *μέτα*, cujo sentido remete para uma mudança ou alteração de significado (CUNHA & CINTRA, 1993 : 65), isto é, uma «Gramática» que pressupõe uma atitude diferente, na forma e no conteúdo, na abordagem das questões da Língua.

Reuniu-se um conjunto significativo de obras entre 1913 e 2009¹⁶, todas elas sobre Gramática, mas todas elas com abordagens diferentes da mesma Gramática, a do Francês, sobre as quais, de algum modo Orsenna criou a sua abordagem.

As matrizes textuais utilizadas são tão diversas como as cartas, o diálogo mais ou menos socrático, as ilustrações, a publicidade e outros documentos visuais da imprensa, o romance, o texto humorístico e o jogo, entre outros.

Ao trabalhar estas obras, pretende-se apontar os diversos modos em que a Gramática foi tema linguístico, literário e cultural, porque Gramática, Língua, Literatura e Cultura são faces do mesmo polígono, cada uma delas transmitindo a outra, conscientemente ou não, didacticamente, no sentido escolar e reflectido que é característica da maior parte das obras existentes no mercado consagradas ao estudo do Francês ou, pelo contrário, de forma mais descontraída e até humorada, como veremos.

¹⁵ Cf. <www.larousse.fr>.

¹⁶ Escolhemos apenas analisar obras a partir do século XX, não sendo certamente este *corpus* nem exaustivo nem completo, até pela especificidade da abordagem menos comum da Gramática que é feita pelos Autores indicados. O ainda assim reduzido número destas obras deve-se certamente ao facto de que as obras gramaticais *strictu sensu* têm um público e uma aceitação garantidos, ao contrário das que escolhemos trabalhar. De notar, no entanto, que nos últimos anos a publicação destas «metagramáticas» tem vindo a aumentar significativamente.

1.1 Tradição Gramatical no Ensino das Línguas

Antes de passarmos à análise das obras dos Autores dos séculos XX / XXI que encaramos como precursores do trabalho de Orsenna, convém no entanto, percorrer brevemente a história da Gramática / da Didáctica das Línguas, ao longo dos tempos, pois é impossível dissociá-las, definindo-a por oposição ao que chamámos Metagramática, com especial atenção nos momentos de viragem, nos avanços, nas teorias e metodologias principais, nos Autores e pensadores do estudo da Língua. Até porque a Didáctica procura dar um sentido à prática, aprendendo com a experiência e a tradição, organizando para levar a aprender, pois como diz a tia Josephine de *A series of unfortunate events – The wide window* de Lemony Snicket (2000), adaptado ao cinema por Brad Silberling em 2004, uma apaixonada por Gramática, “sem Gramática o mundo fica às avessas, sem ordem, nem equilíbrio”.

Definamos novamente Gramática. Se consultarmos dicionários de referência ou mesmo dicionários de Didáctica do Francês Língua Estrangeira encontraremos sensivelmente o mesmo conceito anteriormente referido : o termo grego, γραμματική, é sinónimo de “ ‘arte de ler e escrever’; o conjunto das regras a seguir para falar e escrever correctamente uma língua; o conjunto das estruturas e das regras que permitem produzir todos os enunciados de uma língua; o livro, tratado, exercício, manual de gramática,” (ROBERT, 1993 : 1038), escolar ou não, encarada ao longo dos séculos e das mais variadas culturas como indispensável e central e quase exclusiva na aprendizagem de uma língua.

Claude Germain, especialista na Didáctica das Línguas, na sua obra imensa (GERMAIN, 1993) indica a Suméria como berço das primeiras preocupações com a Gramática em 3300 a. C., quando foi necessário ensinar o Sumério aos Acadianos vencedores, como forma de acesso à religião e cultura sumérias, havendo registos de léxicos bilingues, com especial enfoque nas formas gramaticais então gravadas em

tábuas de argila, apesar de não se ter encontrado nenhuma regra ou definição explícita (GERMAIN, 1993 : 22).

Germain refere de seguida a grande civilização egípcia, com registo de tradutores e intérpretes desde 2100 a. C. O ensino das línguas fazia-se aos estrangeiros a viver no território egípcio ou às diferentes classes / funções sociais. O egípcio hieroglífico destinava-se apenas para decoração de monumentos e reservava-se para os deuses, faraó incluído; a hierática era utilizada pelos sacerdotes nas suas cerimónias e o demótico pela maioria das pessoas no dia-a-dia.

A *Ma'at* constituía a doutrina composta por máximas para memorizar que servia de base para as restantes disciplinas escolares. Os exercícios e a conjugação não eram, no entanto, considerados essenciais, numa visão já muito moderna que valoriza a comunicação em detrimento das questões formais isoladas (GERMAIN, 1993 : 34, 35).

Na Grécia (sécs. VII-V a. C.), como as línguas estrangeiras eram vistas como «bárbaras» não eram tidas em conta. O ensino fazia-se com base nos textos de Autores clássicos, como Homero, com recurso a baixos relevos, quadros, resumos, memorização e declamação. Como Jean-Pierre Cuq, Autor importante na Didáctica do Francês Língua Estrangeira (FLE), não podemos deixar de referir Platão (428-348 a. C.) que pensou pela primeira vez de modo mais reflectido sobre a linguagem como fenómeno natural ao homem e à «*grammatiké techné*», ciência das letras, e Aristóteles (384-322 a. C.) na sua *Poética* como importantes Autores nas reflexões sobre gramática. Para este Autor, os princípios da linguagem são os mesmos para todos os homens, unindo língua, pensamento e realidade (CUQ, 1996 : 8).

Depois da expansão do Império Romano e em especial a partir do século III a. C. os Romanos aprendem o Grego como língua de cultura e prestígio, tanto que no século II a. C. o ensino passa a ser bilingue em muitos casos.

A escola do «*magister grammaticus*», um nível avançado de domínio linguístico e gramatical de Grego e Latim, destinava-se aos nobres romanos entre os 11 e os 15 anos e culminava um percurso iniciado pelo escravo grego que falava na sua língua e em Latim ao seu senhor até à entrada na escola, onde aquele dava os primeiros passos na leitura e na escrita das duas línguas. O ensino linguístico / gramatical centrava-se na tradução latim-grego, grego-latim (GERMAIN, 1993 : 36-46).

De registar várias obras de Cícero (106-43), Quintiliano (~30 / 35 a. C. – 105 d. C.) sobre questões da Língua e Varrão (116 – 27 a. C.) com *De Lingua Latina e Institutionis Oratoriae Libri XII* (CUQ, 1996 : 10).

Com a ascensão do Cristianismo a religião oficial e a adopção do Latim como a língua da Liturgia, da Cultura, do Direito e da Filosofia surgiram no século VI as escolas episcopais e monásticas, em que a base do ensino era o Latim como língua segunda, já que desde o século V que o latim vulgar e as línguas românicas se vão afirmando. O *Trivium* (do Latim, *três vias*) incluía o estudo da Gramática, Retórica e Dialéctica, disciplinas consideradas basilares na formação do homem livre, disciplinas filosóficas e metafísicas por oposição às Artes Mecânicas, mais práticas. As sete Artes Liberais completavam-se com o *Quadrivium* : Aritmética, Geometria, Astronomia e Música. A obra de Herrad von Landsberg, *Hortus Deliciarum* de cerca de 1185, apresenta belíssimas iluminuras que ilustram cada uma das artes, organizadas em círculo à volta da Filosofia, outra figura que assiste a um debate entre Platão e Aristóteles¹⁷. A Gramática é apresentada ao centro, sobre a Filosofia, como uma mulher madura, de vermelho, com um livro numa mão e algumas varas na outra como que a dizer que «a correcção é a norma da gramática» e que a transgressão não é permitida¹⁸. É a alegorização desta figura já uma estratégia próxima das usadas por Orsenna e de que falaremos no capítulo 2, uma vez que ao concretizar esta figura, de certa forma podemos entender melhor as ideias que abstractamente veicula.

O ensino usava os textos de Horácio, Ovídio, Cícero e Virgílio e mais tarde as Sagradas Escrituras com base na cópia de textos e na memorização de listas de palavras, na forma «catequética» (dialogada), com pequenas canções para cada declinação, de que a Gramática *Ars Minor*, na sua versão abreviada, e *Ars Major*, de Donato (século IV d. C.) é um exemplo acabado de sucesso, a julgar pelas reimpressões (GERMAIN, 1993 : 51-56). Não podemos deixar de referir igualmente a obra *Institutiones Grammaticales* de Prisciano (final séc. V – início séc. VI), como modelo de gramática que perdurou durante a Idade Média (CUQ, 1996 : 10).

Só com o final da Idade Média, aparecem as primeiras gramáticas nas línguas românicas, decalcadas das latinas, quando essas línguas se tornam mais «oficiais». Em França, sob o reinado de Luís XII, apenas em 1510 o Francês passa a língua judicial e

¹⁷ Cf. Anexo 1, *Ilustrações, Índice de Ilustrações*.

¹⁸ Cf. Anexo 1, *Ilustrações, Índice de Ilustrações*.

em 1539 a língua da administração real e só na segunda metade do século XVII se implanta o ensino do Francês língua materna.

Apesar de tudo, o Latim língua morta mantém-se como língua culta, constituindo a base do ensino. Os manuais consistem em regras de gramática abstractas, listas de vocabulário e frases para traduzir e o acesso aos Autores clássicos torna-se cada vez mais gramatical e escrito. Aliás, a tradução é um procedimento de ensino literário (PUREN, 1988 : 126). O Latim é visto como uma ginástica mental indispensável na formação do espírito (GERMAIN, 1993 : 59, 60). Esta abordagem em que a gramática e a tradução constituíam o centro das actividades de aprendizagem linguística ficou conhecido como método gramática-tradução e, de uma forma mais ou menos visível, manter-se-á em vigor até ao século XXI (TAGLIANTE, 2006 : 52).

No Renascimento, Cuq destaca como exemplo do que se disse, as *Regole della lingua fiorentina* (c. 1450) de Alberti, a obra do inglês Palsgrave de 1530, *Lesclarcissement de la langue françoise*, a primeira gramática de Francês, feita por um inglês, logo seguida pela obra de Jacques Dubois ou Jacobus Sylvius, *Jacobi Sylvii Ambiani In linguam gallicam isagōge, una cum eiusdem Grammatica latino-gallica, ex hebraeis, græcis et latinis authoribus*, a primeira gramática de Francês publicada em Paris em 1531 ou o *Tretté de la grammere françoese* de Meigret (1550) (CUQ, 1996 : 11).

Destaca-se ainda no século XVI, Roger Asham com as suas seis «técnicas» pedagógicas: tradução dupla, paráfrase, metáfrase, resumo, imitação e declamação que fizeram escola na Didáctica destes tempos (GERMAIN, 1993 : 72).

Não se pode deixar de referir também o caso excepcional de Montaigne que tinha como língua materna o Latim, só contactando com o Francês aos sete anos, fruto de uma pedagogia de imersão total e ensino precoce de línguas eruditas levado ao extremo pelos seus progenitores e professores (GERMAIN, 1993 : 73).

Cuq destaca ainda, neste período, a *Grammaire générale et raisonnée*, também conhecida por gramática de Port-Royal de 1660, de Arnauld et Lancelot, um exemplo de sucesso e de longevidade didáctica.

Locke (1632-1704) publica em 1693 um livro considerado por muitos como marcante pela modernidade de propostas, *Some Thoughts concerning Education*. Nele defende a aprendizagem da língua para comunicar pelo método natural (memória, imitação, uso, rotina), a rejeição da gramática como base do ensino das línguas, a defesa

do ensino das línguas maternas primeiro (inglês), depois o ensino do Francês e só depois o ensino do Latim, reservando o ensino do Grego para os eruditos¹⁹. Defende também um ensino mais ancorado na realidade e na concretude.

Eis algumas das suas ideias sobre Gramática transcritas por Germain:

Les langues ne sont pas le produit des règles, ni de l'art, elles proviennent du hasard et de l'usage commun du peuple. Ceux qui les parlent bien ne suivent pas d'autre règle que l'usage (GERMAIN, 1993 : 224).

Et je voudrais bien qu'on me designât une langue que l'on pût apprendre et parler comme il faut par les seules règles de la grammaire (GERMAIN, 1993 : 224).

L'étude de la grammaire est inutile pour apprendre à communiquer dans une langue. La véritable méthode, la seule vraie méthode, la plus courte et la plus simple est celle qui consiste à se passer de grammaire. Il suffit de parler continuellement cette langue avec les enfants sans faire intervenir les règles grammaticales (GERMAIN, 1993 : 225).

Si la grammaire d'une langue doit être enseignée, c'est à ceux qui savent déjà parler cette langue : car autrement comment pourrait-on la leur enseigner? (GERMAIN, 1993 : 227)

O Autor que se segue neste rápido historial ordenado por Germain é Comênio (1592-1670), “o fundador da Didáctica das Línguas”, Autor da *Didactica Magna*, publicada em 1638. No seguimento do que se disse a propósito de Locke, este Autor defende igualmente o ensino sequencial da língua materna, de uma língua estrangeira de um dos países vizinhos e só depois o Latim, partindo sempre do concreto para o abstracto. Segundo Comênio, a aprendizagem faz-se mais pelo uso do que pelas regras, apesar de estas deverem ser respeitadas e os erros corrigidos imediatamente. Comênio é também conhecido por ser o autor do primeiro manual ilustrado, *Orbis sensualium Pictus* (1658) e da *Janua Linguarum Reserata* (1631), uma espécie de segundo nível de estudos, relativamente ao primeiro título, apesar das datas de publicação. Caracterizam-se pela organização dos conteúdos em espiral, com progressão gramatical, bilingues, em que o aspecto gráfico e lúdico é tido em conta. No que se refere à Gramática, parte-se dos exemplos para as regras, seguidas de exercícios de consolidação / imitação. O tema e a versão são exercícios fundamentais. De notar é também o *Schola Ludus* (1656), organizado em diálogo, com dramatizações, a primeira obra a usar o Teatro no ensino, em que as personagens representam aspectos do conhecimento, estratégia muito próxima da que Orsenna utilizará. De lembrar que este Autor defende igualmente o

¹⁹ Também no *Diálogo em louvor da nossa linguagem* de João de Barros, publicada em Lisboa, em 1540, uma das personagens é de opinião que é mais útil aprender Português que Latim para comunicar com outros povos e que o ensino do Português seria mais durável nos novos territórios que os padrões de pedra, como a História tem mostrado, ainda assim (CARVALHO, 1996 : 268).

ensino das raparigas e dos portadores de deficiência ou simplesmente com dificuldades de aprendizagem, numa época em que tanto uns como outros não eram encarados como prioritários na tarefa do ensinar (GERMAIN, 1993 : 85-93).

Por exemplo, associe-se sempre o ouvido à vista, a língua à mão, ou seja, não apenas se narre aquilo que se quer fazer aprender, para que chegue aos ouvidos, mas represente-se também graficamente, para que se imprima na imaginação por intermédio dos olhos. (COMÊNIO, 245)

Com este objectivo, será bom que todas as coisas que costumam ser estudadas em determinada classe, sejam representadas graficamente nas paredes da sala de aula. (COMÊNIO, 246)

Na obra citada de Germain, passa-se à análise do primeiro «método» didáctico, desenvolvido a partir do Renascimento até ao séc. XIX, o método gramática-tradução, também chamado método tradicional ou clássico²⁰. Este método preconizava o ensino das línguas româncias a partir dos modelos das línguas mortas : a memorização, a tradução e retroversão, o ensino da gramática de forma explícita e pela dedução (regras, aplicação em casos particulares, ilustração), veja-se o chamado método Ollendorf (1783), em que a compreensão e a expressão oral são quase postas de lado (GERMAIN, 1993 : 101-105).

Germain refere, como importante no panorama didáctico do século XIX, o trabalho de François Gouin e o chamado método das séries (1880), baseado na experiência pessoal do Autor na aprendizagem do alemão e na observação do seu sobrinho no que diz respeito à aquisição da língua materna. Seguindo a aprendizagem «natural», o Autor defende uma primeira abordagem oral e só depois a escrita, privilegiando a «orelha» em detrimento do «olho». Organiza as suas «unidades didácticas» em séries linguísticas, um conjunto organizado e pensado de textos, quadros, descrições sobre um mesmo tema e recusa dicionários, gramáticas e até a tradução (GERMAIN, 1993 : 113-118) :

Nous le répétons, on n'apprend jamais une langue en étudiant des mots isolés, des formules folles, des règles abstraites et folles aussi... Malheur à qui travaille à rebours de la nature! (GERMAIN, 1993 : 121)

²⁰ Cf. (TAGLIANTE, 2006 : 52), para uma visão diferente do período abrangido por este método. Para esta profícua Autora na área da didáctica do FLE este método continua presente nos nossos dias.

Data do início do século XX, 1901²¹ (CUQ & GRUCA, 2003 : 236) o método directo, cujo principal objectivo era a comunicação, primeiro oral e depois escrita, privilegiando as simulações, uma gramática indutiva, o uso exclusivo da língua estrangeira, os ditados e recusando a tradução (GERMAIN, 1993 : 130).

Não poderemos avançar sem referir Ferdinand de Saussure (1857-1913) e o seu *Cours de Linguistique Générale* (1916), que possibilitou uma nova visão da língua e que marca o nascimento do estudo claramente científico da língua, a Linguística, com a famosa distinção *langue / parole*, o sistema de linguagem e a língua em contexto, resumidamente. Cuq refere-se também a Ferdinand Brunot (1860-1938) e a sua obra *La Pensée et la Langue* de 1922, uma obra que recusa as categorias gramaticais «clássicas» e se organiza nas seguintes secções : *êtres, faits, circonstances, modalités et relations*, numa abordagem mais pragmática da língua (CUQ, 1996 : 14, 15).

Nos Estados Unidos da América, em meados do século XX, (1940-70) (CUQ & GRUCA, 2003 : 238)²² surgirá, mercê do esforço de guerra e de informação, o método áudio-oral, na mesma linha do que anteriormente referimos. As competências de compreensão e expressão oral eram basilares, a que se seguiam a compreensão e expressão escritas. Um grande enfoque era também dado à pronúncia e à gramática, indutiva também, com exercícios estruturais que visavam o automatismo (substituição, modificação, inserção) (GERMAIN, 1993 : 141). O *magnétophone* e o laboratório de línguas são dois símbolos desta metodologia (TAGLIANTE, 2006 : 52).

É em 1957 que Chomsky (1928 -) publica *Syntactic Structures*, um marco essencial da reflexão linguística e do que se chamou gramática generativo-transformacional, de que falaremos adiante (CUQ, 1996 : 17).

Quase em resposta ao método áudio-oral, aparece na Europa a partir dos anos sessenta o método estruturo-global áudio-visual (SGAV), (1960-1980)²³ (CUQ & GRUCA, 2003 : 240), claramente comunicativo, reforçando o papel da oralidade sobre a escrita, alicerçando-se em exercícios de escuta activa, repetição, compreensão e simulação dialogada. A gramática é indutiva e tem como base o Francês Fundamental, tendo em conta a frequência dos fenómenos linguísticos na Língua (GERMAIN, 1993 : 153).

²¹ E até aos nossos dias, segundo Tagliante (TAGLIANTE, 2006 : 52).

²² Segundo Tagliante, nos Estados Unidos da América entre 1950 e 1965 e em França entre 1965 e 1975 (TAGLIANTE, 2006 : 52).

²³ Mais uma vez, Tagliante discorda e indica o início da década de 50 como data de surgimento deste método (TAGLIANTE, 2006 : 52).

Germain refere igualmente Monique Nemni que nos anos setenta com a sua abordagem integrativa, pretendeu incluir mais vincadamente o contexto social de utilização da Língua no processo de aprendizagem da mesma. Para a Autora do Québec, a Língua é um sistema de comunicação e um código linguístico, rejeitando por isso a dicotomia gramática / comunicação e Língua / Cultura. Considera a metalinguagem importante, mas secundária, daí a abordagem não exclusiva da gramática de um ponto de vista indutivo ou dedutivo, implícito ou explícito (GERMAIN, 1993 : 161).

Neste percurso acelerado e muito selectivo, Germain salienta também o método situacional de Palmer e Hornby. Também ele estruturado na oralidade numa primeira abordagem, recusando a tradução, desenvolvendo o trabalho de metodologias anteriores que defendiam a gramática indutiva e preferindo as estruturas gramaticais mais frequentes (GERMAIN, 1993 : 191).

E chegamos finalmente, ainda na década de setenta, à abordagem comunicativa, na sequência dos trabalhos de vários linguistas, como Chomsky e Benveniste (1902-1976), Autor de *Problèmes de Linguistique Générale* (1974), no que se chamou a gramática generativo-transformacional e ao papel do Conselho da Europa ao definir em 1975 a língua como instrumento de intervenção social e a aprendizagem das línguas como símbolo da coesão europeia na sua diversidade linguística. Daqui decorreu o estabelecimento do *niveau seuil* ou o *threshold level* como vocabulário essencial, o termo *acte de parole*, situação de comunicação, intenção comunicativa, antes apenas subentendida ou esquecida, e as necessidades linguísticas dos aprendentes, agora centro de todas as preocupações didácticas. Às competências já referidas *supra*, somam-se agora a competência comunicativa : linguística ou gramatical, sócio-linguística, discursiva e estratégica. Esta abordagem, espécie de súpula de tantos passos que vimos elencando apressadamente, constituiu sem dúvida um enorme passo na Didáctica das Línguas Estrangeiras²⁴ e revolucionou o modo como se ensinam e aprendem as línguas. A aprendizagem nesta abordagem quer-se activa, cabendo ao aluno o papel central do seu próprio processo de aprendizagem, pela dedução lógica e pela descoberta, pela análise de *corpora* linguísticos, sistematização de regras a partir da observação, pelas simulações e *jeux de rôle*, tão associados a esta metodologia (GERMAIN, 1993 : 201-

²⁴ A expressão *Francês Língua Estrangeira* aparece pela primeira vez em Maio de 1957 nos *Cahiers Pédagogiques* por André Reboullet, para distinguir a aprendizagem do Francês por falantes de outras línguas maternas, que levou à criação do CIEP, das *Alliances Françaises* e dos Institutos, do DELF, do DALF, do TCF, entre outros diplomas e testes de língua (TAGLIANTE, 2006 : 13-46).

211). Nesta metodologia, as actividades gramaticais incluem exercícios de transformação, reconhecimento, exercícios lacunares em situação, por exemplo (TAGLIANTE, 1994 : 54). As actividades de gramática são transversais às outras actividades e podem apelar a capacidades de tipo tradicional (gramática explícita), limitar-se a exercícios estruturais (gramática implícita) ou solicitar capacidades médias e superiores de análise e síntese, na terminologia de Bloom e Landsheere, fundadas na reflexão e conceptualização (gramática indutiva) (TAGLIANTE , 2006 : 159) e não apenas na memorização ou na aplicação (TAGLIANTE, 2005 : 27). A gramática é agora também do oral, do escrito, do textual e do situacional e caracteriza-se por um eclectismo metodológico (TAGLIANTE, 2006 : 61).

Tagliante acrescenta ainda a abordagem nocional-funcional de início dos anos oitenta, se bem que as diferenças entre as duas metodologias não sejam significativas, pois tal como a abordagem anteriormente descrita, também esta se centra no aprendente, nas suas necessidades, também linguísticas, com base em documentos autênticos, recorrendo a exercícios de conceptualização, seguida de sistematização e exploração (TAGLIANTE, 2006 : 52).

Cuq refere ainda não uma gramática, mas a obra de Besse et Porquier, *Grammaires et Didactique des Langues* de 1991 como súpula e ponto de situação, ainda em 1996, dos estudos sobre a Didáctica da Gramática em Francês Língua Estrangeira (FLE). Nesta obra distinguem-se três tipos de gramática : a interiorizada, característica humana de ordem biogenética e psicossocial; a que tenta apenas a descrição da língua e visa o conhecimento explícito da mesma, como resultado de uma aprendizagem escolar e os modelos metalinguísticos, as teorias linguísticas que pretendem sistematizar a gramática interiorizada comum a um grupo de falantes de uma mesma língua.

Claro que do ponto de vista didáctico, o objectivo do trabalho com a língua visa a construção de uma representação metalinguística organizada da língua que o aluno estuda e que é guiada por um professor em função das representações que o professor tem da língua que ensina. Podemos dizer que o processo se quer consciente e mais um elemento mediador e não finalidade exclusiva na construção de uma competência que se

quer comunicativa, activa e globalizante da Língua em todos os seus aspectos²⁵ (CUQ, 1996 : 39-41).

O ensino da gramática daria assim lugar ao ensino gramaticalizado do FLE (CUQ & GRUCA, 2003 : 345) :

La grammaire comme une sorte de échafaudage qui aide à la construction de la compétence linguistique et non comme un savoir tout fait, à régurgiter à la demande, la grammaire comme activité double.
(CUQ & GRUCA, 2003: 346)

Neste ponto também, mas em 1993, termina o hercúleo trabalho de Germain sobre 5000 anos de história do ensino das línguas. Claro que esta história não acaba por aqui, aliás, nunca nesta longa história se questionou e reflectiu e produziu tanto sobre estas questões.

Germain retomou novamente este fio em 1998 com Séguin e faz eco desta tomada de consciência da importância da gramática como instrumento para a comunicação :

On n'apprend pas la grammaire pour apprendre de la grammaire. Si on le fait, c'est pour acquérir une certaine compétence grammaticale, intérioriser une connaissance grammaticale en vue d'en arriver à utiliser adéquatement une langue. (GERMAIN & SÉGUIN, 1998 : 33)

Referem também o papel das gramáticas pedagógicas na construção dessa competência :

Une grammaire pédagogique s'adresse à un public prédéterminé, avec l'objectif de faire apprendre un certain contenu grammatical de la langue cible. [...] Elle est donc sélective dans son contenu, lequel doit être organisé selon un certain itinéraire déterminé par le temps et par l'efficacité. (GERMAIN & SÉGUIN, 1998 : 88)

É o que faz, igualmente, Vigner :

L'activité grammaticale ne se limite pas à la leçon de grammaire. Quelques exemples du bon usage de la grammaire dans certains aspects de l'apprentissage (lecture et écriture) montreront qu'il s'agit là d'un outil précieux dont le champ d'application ne se limite pas à la fabrication d'exercices, même si cet aspect-là est certainement le plus visible en FLE. (VIGNER, 2004 : 7)

²⁵ A aula de gramática obedeceria assim a uma primeira etapa de observação de um *corpus*, seguida da manipulação e da formulação de hipóteses, a sua verificação, a formulação de leis e regularidades, a exercitação e o reinvestimento por parte do aluno.
Cf. <http://www.lb.refer.org/fle/cours/cours2_CE/gram/cours2_gr03.htm>, consultado a 14 de Novembro de 2009.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

La grammaire est pour tout enseignant de langue un lieu constant d'interrogations. (VIGNER, 2004 : 8)

Faut-il disposer d'un manuel de grammaire pour enseigner le français? (VIGNER, 2004 : 13) (questão não respondida)

La grammaire est en effet au cœur du langage. (VIGNER, 2004 : 17)

C'est que la grammaire est un objet culturel plus que scientifique et qu'il ne saurait y avoir par le monde d'attitude universellement partagée à son égard. (VIGNER, 2004 : 21)

Une langue peut intéresser comme objet de savoir (objet langue-culture), pour ses propriétés, pour sa capacité à transmettre un patrimoine culturel, pour son caractère distant [...] avec éventuellement une réflexion en retour sur sa propre langue. (VIGNER, 2004 : 116)

Mas não podemos terminar este percurso sem referir a Abordagem Accional, que coincide com o aparecimento do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QEQR), o resultado de um trabalho conjunto iniciado em 1991 e publicado em 2001 pelo Conselho da Europa, que «retomando todos os conceitos da Abordagem comunicativa, junta a ideia de “tarefa” a cumprir nos múltiplos contextos nos quais um aprendente será confrontado na vida social. Considera pois o aprendente como um ‘actor social’ que sabe mobilizar o conjunto das suas competências (*saber em acção*) e recursos para o sucesso da comunicação linguística» (TAGLIANTE, 2006 : 64). Fazendo a sùmula destas metodologias mais comunicativas, surge como método global para todos os públicos.

O QEQR, já referido, é um documento de apoio de extrema importância a nível europeu, uniformizando, levantando questões, reunindo esforços numa abordagem orientada para a acção e para a construção de uma Europa plurilingue e pluricultural (CONSELHO DA EUROPA, 2001 : 25) :

O uso de uma língua abrangendo a sua aprendizagem inclui as acções realizadas pelas pessoas que, como indivíduos e como actores sociais, desenvolvem um conjunto de competências gerais e, particularmente, competências comunicativas em língua. [...] Para tal, activam as estratégias que lhes parecem mais apropriadas para o desempenho das tarefas a realizar. (CONSELHO DA EUROPA, 2001 : 29)

Organiza a proficiência linguística em seis níveis comuns de referência (A1, A2, B1, B2, C1, C2), de acordo com descritores criteriosos : iniciação, elementar, limiar, vantagem, autonomia e mestria (CONSELHO DA EUROPA, 2001 : 48).

Com especial ênfase referiremos a importância dada à competência gramatical, associada à competência lexical, semântica, fonológica, ortográfica e ortoépica, todas

fazendo parte da competência linguística (CONSELHO DA EUROPA, 2001 : 157) até porque nem sempre a gramática foi bem vista nas últimas metodologias que referimos, como referiu Marie-Christine Fougerouse da Université Jean Monnet na comunicação que apresentou no XVII Congresso da APPF.

A competência gramatical, trabalhada indutivamente em textos autênticos ou fabricados, é definida “como o conhecimento de recursos gramaticais da língua e a capacidade para os utilizar, a capacidade para compreender e expressar significado, através da produção e do reconhecimento de frases bem construídas segundo estes princípios”, sempre ao serviço do sentido, através de exercícios tão diversos como o preenchimento de espaços, escolha múltipla, substituição, tradução, combinação de frases entre outros (CONSELHO DA EUROPA, 2001: 161, 212)²⁶.

Aos suportes mais tradicionais, junta-se agora mais fortemente a internet, o CD-ROM, o DVD, o vasto mundo digital, falando-se mesmo de pedagogia multimédia, caracterizada pela multicanalidade, referencialidade e hipertextualidade (MANGENOT & LOUVEAU, 2006 : 6-12).

Não podemos terminar este historial sem referir brevemente as chamadas abordagens não-convencionais, um conjunto variado de experiências em que se inclui o movimento ou a música, os afectos, o silêncio, entre outros, e que se podem aproximar das estratégias de Orsenna, pela originalidade.

Tagliante, baseada na análise de Germain (1993), refere em especial e nesta ordem, o método comunitário (1971) de Curran, tornando o professor num quase terapeuta, estimulando uma relação de confiança orientada para o trabalho da oralidade; o método pelo silêncio (1963) de Cattegno, remetendo o professor para uma quase clandestinidade silenciosa e colocando o aluno como grande responsável pelas suas produções orais e escritas; o método natural (1977) de Terrel e Krashen, sem recurso à língua materna nem ao ensino explícito de gramática, numa tentativa de reproduzir a aquisição da linguagem pelas crianças; o método pelo movimento (1965) de Asher, em que a expressão, primeiro oral e depois escrita, é acompanhada pelo movimento; o método sugestopédico (1965) de Lozanov, numa prática quase exclusiva de um «je» simulado, apoiado por quadros gramaticais expostos na sala e o método centrado na compreensão

²⁶ M.-Ch. Fougerouse deu voz a críticas crescentes relativamente à indefinição do QECR por ter apenas um descritor para a gramática e por misturar documentos autênticos e fabricados com abordagens muito diversas e até contraditórias, entre outras questões. Para a Autora, no momento actual da Didáctica, “Le dogmatique est fini. Débrouillez-vous! Le véritable enjeu en classe de FLE c’est l’affectivité!”, estranha conclusão a que voltaremos adiante.

(1975) de Winitz e Reed, bastante mais próximo dos métodos chamados convencionais, com o uso da língua alvo e material didáctico escolhido em função das necessidades dos alunos (TAGLIANTE, 2006 : 69-71).

Não podemos deixar de referir uma outra abordagem não-convencional, fruto das que referimos e em constante mudança, não apenas estudada, mas vivida. Primeiro intitulada pedagogia aberta em 1992, depois psicodramaturgia linguística em 1999, pedagogia do ser em 2001 e finalmente pedagogia da relação em 2005. De uma forma simplista talvez resuma e reúna as metodologias não-convencionais que referimos, mas só experienciando se poderá ter uma ideia mais concreta do que tentamos descrever de forma desapaixonada e supostamente clara.

Em Julho de 2005, na Universidade de Caen, tivemos a oportunidade de conhecer Bernard Dufeu e de viver uma aprendizagem diferente do Francês, como nunca tínhamos feito, mas não por causa dos materiais ou da gestualidade ou dos jogos ou de uma pedra que Dufeu trouxe no último dia de aulas e que passou por todas as nossas mãos. O que essas duas semanas nos ensinaram foi a importância da relação no ensino-aprendizagem, o afecto pela língua que, como diz Tagliante, o «bom professor» conseguia criar (TAGLIANTE, 2006 : 25). No fundo, o que diz Todorov : As razões que nos levam a gostar de uma língua não são escolares, as línguas ajudam-nos a viver e a compreender as razões humanas, como lembrou Fabienne Lallement, *Attachée de Coopération Éducative* do Instituto Franco-Português, no XVII Congresso da APPF. Uma posição reiterada igualmente por Cristina Robalo Cordeiro, Prémio *Richelieu Senghor* 2008 e vice-reitora da Universidade de Coimbra, também presente no referido Congresso : “la méthodologie de la bonne humeur, l’amour de son métier, la joie, c’est tout pour un prof!”

Atrevemo-nos a juntar ainda outra citação de um provérbio chinês, por vezes atribuído a Confúcio, que resume bem esta atitude diferente relativamente ao ensino-aprendizagem, que sublinha a importância dos afectos neste processo tão complexo : “diz-me e eu esquecerei, ensina-me e eu lembrar-me-ei, envolve-me e eu aprenderei” (MARTINS, 2002 : 21).

É esta abordagem diferente que torna especial a obra de Orsenna, como veremos adiante, e que tem tocado milhares de leitores em todo o mundo.

E porque, como diz Kurt Lewin, *rien n’est plus pratique qu’une bonne théorie*, resta-nos aguardar o que terá ainda a Gramática a dizer a seguir neste já longo percurso, até porque...

Autant que l'évolution des disciplines, c'est leur répartition à l'intérieur du champ qui importe. L'avenir nous dira ce qu'il adviendra de mouvements très rapides, liés aux mutations non moins rapides des institutions et des technologies professionnelles.
(CHEVALIER, 1994 :126)

1.2 *Metagramáticas do Francês*

Fruto deste percurso de 5000 anos, feitos de experiência e reflexão, multiplicada no último século, em particular, assistiu-se ao aparecimento e à afirmação das chamadas gramáticas pedagógicas ou de divulgação, cujo objectivo como vimos, não é apenas científico, mas pedagógico²⁷, com uma atenção especial à forma como são tratados os conteúdos e tendo em conta o público mais ou menos vasto a que se dirige :

Une grammaire pédagogique s'adresse à un public prédéterminé, avec l'objectif de faire apprendre un certain contenu grammatical de la langue cible. Elle doit donc idéalement tenir compte du sujet apprenant comme tel, avec ses caractéristiques d'âge, de style d'apprentissage, de degré et de type de scolarisation, ainsi que de sa Langue (L) 1 et de son niveau de connaissance de la L2; cela implique aussi une certaine prise en compte de ses besoins en L2 et de ses objectifs spécifiques. Elle est donc sélective dans son contenu, lequel doit être organisé selon un certain itinéraire déterminé par le temps et par l'efficacité. (GERMAIN & SÉGUIN, 1998 : 88)

Como dissemos acima, o *corpus* que reunimos não é de puras «gramáticas», mas sim de «metagramáticas», livros de divulgação linguística, de vulgarização de um discurso considerado hermético, cujo objectivo é ensinar questões gramaticais a um público vasto através de estratégias menos convencionais, como veremos, ou simplesmente transformar a língua, a escola, o processo de ensino-aprendizagem, de que a gramática é um epítome, em tema literário, num sentido lato.

Por serem, de certa forma, marginais relativamente às publicações consagradas cientificamente e aconselhadas escolarmente, como as gramáticas de Grevisse, usadas por Orsenna, reunir um *corpus* considerável e uniforme nas suas abordagens, foi tarefa difícil. Até pelas características destas metagramáticas, sem um género literário claramente definido. Nas FNACs francesas podemos encontrá-las junto de outras gramáticas²⁸, na literatura infanto-juvenil ou até no romance contemporâneo. E também pela aceitação reduzida, até há algum tempo, de abordagens heterodoxas da gramática.

Assim e na impossibilidade de um tratamento cronográfico ou analítico e muito menos exaustivo, dadas as características deste trabalho e o tempo fugidio, escolhemos

²⁷ Um não invalidando o outro.

²⁸ Muitas usam mesmo o termo «gramática» no título, geralmente acompanhado de um adjetivo de aviso para o teor menos ortodoxo do conteúdo.

metagramáticas através de amostra não probabilística²⁹, pesquisando em bibliotecas, livrarias e catálogos diversos³⁰, sem esquecer o contributo pessoal de tantos colegas que nos indicaram alguns dos títulos que apresentaremos de seguida ou o acaso de uma descoberta³¹.

Nas pesquisas efectuadas inicialmente, o título das gramáticas foi decisivo para a sua selecção. Numa busca simples na internet são milhares as referências a gramáticas francesas. É até interessante referir os adjectivos e expressões que acompanham a «gramática» e que a distinguem, muitas vezes de forma inequívoca, do que chamámos «metagramáticas»: *française, historique, classique, de l'académie française, pratique, nouvelle, utile, vivante, fonctionnelle, descriptive, structurale, contemporaine, électronique, comparative, essentielle, comparée, communicative, simple et complète, élémentaire, expliquée, progressive, abrégée, en contexte, raisonnée, explicative, d'aujourd'hui, première, deuxième, méthodique, structurante, active, par les textes, relationnelle, pour adolescents, mise à la portée des enfants, de base, pour parler, lire et écrire, transformationnelle, pédagogique, facile, en 3 dimensions, en vaudevilles, petite, par demandes et réponses, des paresseux, par l'image, pour les nuls, de l'imagination, turbulente, impertinente...*

Nesta lista incompleta, os últimos exemplos associam-se claramente a metagramáticas, como veremos adiante. Nesta busca de abordagens diferentes da gramática, centrámo-nos em obras do século XX e XXI, como já referimos, pela disponibilidade³², mas também porque estas abordagens inicialmente menos comerciais só nos últimos anos se tornaram, mercê do *marketing*, em verdadeiros fenómenos editoriais evidentes e aceites. De uma busca simples por «grammaire française» no sítio da *Amazon*, em cerca de 13000 entradas apenas 5 são o que chamámos «metagramáticas» e publicadas nas últimas décadas, em especial a partir de 2000. A estas escolhas sucederam-se outras mais abrangentes que possibilitaram a reunião do

²⁹ Portanto seleccionadas tendo como base critérios de escolha intencional, como a exaustividade desejada e possível, a representatividade dentro da diversidade, a homogeneidade temática ou estratégica, a pertinência (CARMO & MALHEIRO FERREIRA, 1998 :197, 254) e a disponibilidade das obras, muitas esgotadas infelizmente.

³⁰ No catálogo da Bibliothèque National de France, consultado a 16 de Novembro de 2009 havia 5733 registos associados a «grammaire française», sobretudo de gramáticas didácticas ortodoxas e de divulgação mais restrita, pelo que optámos pela consulta do catálogo da *Amazon.fr*. Cf. <<http://catalogue.bnf.fr/servlet/ListeNotices?host=catalogue>>.

³¹ Como curiosidade, a 16 de Novembro de 2009, só na <www.amazon.fr>, digitando «grammaire française» surgem 12 942 entradas. Três dias depois o número já era de 12979...

³² Há títulos de obras oitocentistas muito curiosos, infelizmente menos acessíveis e apenas consultáveis em França.

corpus que a seguir apresentamos nas suas linhas gerais e que se encontram esquematicamente organizados num *Quadro-Síntese* no Anexo 2.

Nestas cerca de trinta obras metagramaticais, muitas e diversificadas são as estratégias discursivas escolhidas para facilitar o tratamento de questões linguísticas : o uso de ilustrações como ponto de partida / complemento dos textos, em prosa ou em verso, a publicidade e os pequenos anúncios (documentos autênticos), o humor como estratégia de reflexão e motivação sobre o estudo da Língua, o texto expositivo canónico ou a crónica, o aspecto lúdico da Língua, as Cartas, o diálogo mestre-discípulo, o romance quase policial, as memórias, o ensaio, o conto, para referir algumas apenas.

Em todas as metagramáticas³³ escolhidas, um aspecto comum e central nesta diferenciação que pretendemos fazer é, para além do título mais criativo, das capas mais apelativas e coloridas, das ilustrações mais arrojadas e da temática trabalhada³⁴, o registo de língua, quase sempre familiar e informal, como que a desdramatizar o conteúdo, à partida mais formal e tradicional. Predomina a gramática normativa, tendo em conta o público-alvo, as práticas escolares e os objectivos dos Autores.

O espaço variável de tempo entre as várias obras devem-se a causas diversas, nas quais se podem contar duas guerras mundiais e dois pós-guerra complexos, o que não permitiu porventura o aparecimento de vozes mais originais e divergentes na abordagem das questões gramaticais.

É num tom cuidado, mas informal, apesar de tudo, para a época, que a primeira obras do nosso *corpus*, *Sidonie ou le Français sans peine*, de Salomon Reinach (1858-1932), publicada em 1913 se desenvolve.

Autor de uma vasta e variada obra, Reinach escreveu também *Eulalie ou le Grec sans larmes* (1911) e *Cornélie ou le Latin sans pleurs* (1912) e, tal como estes títulos, *Sidonie* destinava-se a raparigas estudantes, cuja língua materna seria o Francês.

O presente volume, *Sidonie ou le Français sans peine*, organiza-se em doze cartas³⁵ sobre a história do Francês e as regras dos elementos que a constituem, sempre dirigidas a «ma chère Sidonie» e sempre assinadas S. R.

³³ Por uma questão prática e de hábito, usaremos neste subcapítulo o termo «gramática», mesmo quando nos referirmos a «metagramáticas».

³⁴ Desde a gramática ao próprio processo de ensino-aprendizagem, de que a gramática pode ser um símbolo poderoso.

³⁵ Quase uma conversa em diferido.

Na melhor tradição clássica, estas cartas começam sempre por uma breve introdução do tema tratado na carta, seguida de títulos, subtítulos e exemplos, sempre de Autores consagrados (Racine, Molière, Voltaire, Lamartine, Musset, Corneille, Hugo...) sobre a História do Francês, a versificação, as vogais, o nome, o plural, o artigo, o adjectivo, o pronome, o verbo, a sintaxe, as conjugações, os verbos irregulares, os advérbios, as preposições, as conjunções, as interjeições, a ortografia e a pontuação.

Apesar de um tom professoral, explicativo, o tom igualmente encorajador predomina, quase fazendo esquecer o tom formal da normatividade e distanciamento geralmente associados a este período.

É inegável o encanto com que lemos estas páginas, de grande actualidade e interesse, cheio de harmonia relacional e científica, gramatical, como diz Orsenna num comentário a Reinach :

Salomon, le savant écrit à la jeune Sidonie. «Correspondance», la forme ne pouvait être mieux trouvée car elle s'appuie sur des lettres, composantes de toutes les langues ; elle fait référence à une relation privilégiée aussi bien qu'à une harmonie : tel est le propos de la grammaire. En douze missives, nous sommes promenés dans tous les coins et recoins de ce corps vivant qu'est le français. Si bien que le plus pur des esprits ne peut s'empêcher de songer à une éducation amoureuse. Usez ainsi et ainsi de votre belle langue française, chère Sidonie, et, non contente de vous montrer fidèle aux règles, vous y trouverez les plaisirs les plus délicats. Lisant et relisant ces pages, j'ai cherché longtemps le secret de cette troublante réussite. Par chance, on ne découvre jamais complètement de tels secrets : le talent serait une pauvre chose s'il était seule affaire de recette. (REINACH, 2007: contracapa; texto retomado por Orsenna em *Plaisirs Secrets* de 2009 : 25, 26)

A reforçar a ideia de prazer e amor relativamente ao Francês, a ideia de um saber aliado a um carinho pelo ensinado e aprendido, terminamos com as palavras de Salomon Reinach :

Il m'a semblé que je rendais encore hommage à l'aimable origine de la plus sociable des langues en l'enseignant, du mieux que j'ai pu, sur le ton des entretiens qui l'ont formée. (REINACH, 2007 : 11)

Je vous ai dit que la grammaire, à la différence du dictionnaire, doit être *apprise* et *sue*; mais entendons-nous. Il ne faut pas apprendre par cœur les règles; cela est ennuyeux et ne sert à rien. Il faut seulement les *comprendre* parfaitement et savoir par cœur, sans broncher, tous les exemples dont j'aurai l'occasion de les appuyer. (REINACH, 2007: 22)

Não podemos deixar de referir a ilustração da capa a cores, em que uma criança aparece sentada a ler um livro da autoria de Benjamin Rabier, acompanhada por um cão e um gato. O título e a imagem contribuem também para o inesperado deste texto de

Reinach e acentuam o lado carinhoso, prazenteiro da aprendizagem, a que Orsenna não foi alheio, como veremos.

Avançamos bastante no tempo até 1936, talvez porque se viveu entretanto uma Grande Guerra, para a obra conjunta de Vieira da Silva (1908-1992) nas ilustrações e Pierre Guéguen (1889-1965), poeta e ensaísta bretão, no texto, intitulada *Madame la Grammaire et le théâtre du discours*³⁶, foi publicada no *Paris-Soir* em folhetins.

Da exposição patente na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva em 2001 e do catálogo dessa mesma exposição que contemplava ilustrações figurativas da pintora em obras infantis, tomamos igualmente contacto com um texto em verso, sempre ilustrado, a guache ou tinta-da-china, em que os elementos da gramática (nomes, artigos, pronomes, verbos, o próprio discurso...) ganham forma humana ou animada, quase infantil, e desfilam pelas páginas coloridas representando (-se) num palco de teatro onde cada elemento linguístico tem uma função. O próprio alfabeto ganha vida e passeia-se da boca para o ouvido, amalgamando-se em figuras e palavras. Texto e imagens fundem-se de tal forma que é difícil dizer onde acaba e começam propriamente. Aliás, três anos antes, Vieira da Silva tentaria escrever e ilustrar ela própria um conto, mas não se sentindo capaz da tarefa pede a Guéguen que escreva a história com base no guião elaborado pela pintora. Não faltam também as definições, mais usuais nas gramáticas «sérias». Esta obra destina-se claramente a um público infantil, francês, não sendo a única colaboração dos Autores³⁷ e pretendia despertar nos jovens leitores a curiosidade pela Língua.

Não podemos resistir à reprodução de alguns versos da obra de Vieira da Silva e Pierre Guéguen :

Au rataplan du tambour
Défile tout le DISCOURS:
Enseigne au vent viennent les NOMS
Leurs ARTICLES, leurs PRONOMS
Leur queu-leu-leu d'ADJECTIFS
Puis les VERBES au pas vif.

Da leitura deste texto ressalta claramente a feliz conjugação texto-imagem, acentuando a fruição literária / estética pretendida pelos Autores através de uma linguagem simples, clara e normativa, ainda que adaptada aos mais jovens.

³⁶ A Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva não tem uma cópia integral do texto na sua colecção, mas solicitou já um exemplar que ficará permanentemente nesta Fundação.

³⁷ Cf. *Kô et Kô, les deux esquimaux*, 1933.

Em 1947, no fértil período pós-Guerra, Raymond Queneau (1903-1976) publica o seu mais famoso livro, *Exercices de Style*. O livro conta noventa e nove vezes a história de um jovem que incomoda os passageiros de um autocarro com um chapéu e que é aconselhado a colocar um botão no seu casaco para que este lhe assente melhor em noventa e nove estilos diferentes. Salientamos o estilo “análise lógica”, por transformar a narrativa numa análise sintáctica; os estilos “passé indéfini, présent, passé simple, imparfait”, pelo uso criativo destes tempos verbais, quase protagonistas do texto; o estilo “exclamativo”; o dos “nomes próprios” e o das “interjeições”, entre muitos outros, no que constitui um exercício lúdico de amor linguístico e arte literária, a antecipar o filão de Orsenna. Os géneros literários utilizados pelo Autor vão do lírico, passando pelo narrativo, ao dramático, sempre no respeito da gramática normativa, mas num claro desafio ao *estilo* normativo.

Não podemos também ignorar a obra poética³⁸ e dramática de Jean Tardieu (1903 – 1995), várias vezes premiado pela sua obra. Em 1987, publica o tríptico *La Comédie du Langage*, composta por *Un mot pour un autre*, *Finissez vos phrases* e *Les mots inutiles*, publicadas separadamente antes, a partir de 1949. Na primeira obra referida, a mais representada de Tardieu, o Autor cria um texto em que as palavras são utilizadas com outro significado, num diálogo em que o absurdo não está ausente, apesar de ser possível a criação de um sentido, ajudados pelos elementos cénicos e pela situação representada. O segundo texto deixa o leitor / espectador pendurado na última palavra de cada frase que nunca é dita e que pressupõe a participação activa do leitor / espectador na construção do sentido. Na última peça referida, acrescentam-se palavras inúteis às falas das personagens evidenciando e dando vida a palavras pouco usadas e até desconhecidas, a lembrar a *Nommeuse* de Orsenna de que falaremos adiante. O texto tem claramente objectivos estéticos e literários e dirige-se a um público adulto. A capa da edição que escolhemos apresenta um corpo com uma cabeça-boca a acentuar as palavras como personagem principal destas peças :

Alors! Qu'allons-nous mariner, mon Dieu!
(TARDIEU, 1955 : 33)

La Leçon de Eugène Ionesco (1909-1994), outra peça de teatro, publicada em 1954, tem como objecto a linguagem e representa uma sátira ao ensino da época,

³⁸ *Infra*.

centrando-se no poder “terrorista, abusivo” no dizer de Emmanuel Jacquart (IONESCO, 1994 : 9) de que a linguagem se pode revestir, do papel do professor na *peça* da aprendizagem. Em cena temos um professor, uma aluna com uma dor de dentes crescente e uma criada. A aluna, em preparação intensiva para um “doutoramento total”, acaba por sucumbir a uma aula de Filologia³⁹ muito especial, apesar de todos os avisos da criada e de uma experiência de 39 alunas anteriores, igualmente vítimas dos métodos do professor. A aula, expositiva, não tem em conta os interesses da aluna, nem pretende uma adesão ou a participação da aluna : “le langage est plus un masque qu’un moyen de communication, et sans rapport, généralement avec ce qui se passe au plus profond de nous-même”, como diz Renée Saurel em Fevereiro de 1951 aquando da representação de *La Leçon* no Théâtre de Poche (IONESCO, 1994 : 100).

Esta *peça* destina-se claramente a um público francês adulto e como noutras *peças* do Autor, pretende-se a reflexão sobre a Linguagem e a Língua e nesse sentido assemelha-se, de forma original e criativa, dos outros textos a que a associámos.

A língua surge como algo de organizado e estrutural, matemático, sem quase flexibilidade emocional : “L’arithmétique mène à la philologie, et la philologie mène au crime...” (IONESCO, 1994 : 87)

Sendo uma *peça* de teatro, o que será mais estranho será precisamente o título, não sendo banal uma *peça* sobre a temática que comentámos⁴⁰.

Voltamos a Tardieu, cuja colectânea, *L’accent grave et aigu*, publicada em 1986, que inclui livros de poemas que vão de 1976 a 1983, têm como ponto de partida questões linguísticas, como o próprio nome sugere. Na edição de capa sóbria, com a fotografia de Tardieu, destacamos “Participes” de 1976 (TARDIEU, 1986 : 22), um poema feito apenas com participios passados e “Au Conditionnel” : si je savais écrire je saurais dessiner / si j’avais un verre d’eau je le ferais geler... de 1979 (TARDIEU, 1986 : 132, 133), em que todos os versos usam expressivamente o Condicional.

A escolha deste Autor justifica-se pelo uso de questões linguísticas como tema literário, neste caso poético, num misto de jogo e reflexão com e através da Língua. Esta vertente é ainda mais visível na obra dramática do Autor, como referimos.

Depois de um interregno, sem dúvida justificado pelos tempos de reflexão crítica e didáctica mais sisuda, como vimos no subcapítulo anterior, prosseguimos com o livro

³⁹ O mesmo é quase dizer Gramática.

⁴⁰ Cf. igualmente as obras dramáticas das portuguesas Júlia Néry e Gabriela Funk nas *Recomendações para Pesquisa Futura*.

de Alain Robbe-Grillet (1922-2008), *Djinn, un trou rouge entre les pavés disjoints*, de 1981.

Neste caso, deparamo-nos com uma história policial e misteriosa de um homem, Simon Lecœur, nome falso aliás, que se encontra com personagens estranhas em circunstâncias ainda mais estranhas, numa espécie de *déjà-vu* contínuo e mais ou menos verosímil. É composta por um Prólogo, oito capítulos e um Epílogo e terá sido escrito para um curso numa Universidade americana, como se refere no prólogo.

O texto evoluiria gradualmente em dificuldade, tanto a nível lexical, como morfossintático :

En lisant son récit, on a d'abord l'impression d'avoir affaire à un livre scolaire, destiné à l'enseignement du français, comme il doit en exister des centaines. La progression régulière des difficultés grammaticales de notre langue s'y distingue sans mal, au cours des huit chapitres de longueur croissante qui correspondraient, en gros, aux huit semaines d'un trimestre universitaire américain. Les verbes y sont introduits selon l'ordre classique des quatre conjugaisons [...]. Les temps et les modes ont été aussi parfaitement classés, se succédant de manière rigoureuse depuis le présent de l'indicatif jusqu'au subjonctif imparfait [...]. (ROBBE-GRILLET, 1981: 9, 10)

Mais do que estas reflexões do Autor, o que é curioso é que a leitura do texto se faz independentemente destas questões mais práticas, constituindo a trama como que um veículo para as questões linguísticas de forma imperceptível, num primeiro olhar, de um modo que chamaríamos comunicativo.

É um exemplo claro do que vimos afirmando sobre a estreita relação entre Língua, Literatura e Cultura, indissociáveis e sempre presentes em qualquer texto.

Na sequência do que afirmámos, surge uma outra obra em que a imagem tem um papel importante, a *Grammaire turbulente du Français contemporain*, da parceria Fasola (1941-) e Lyant (1945-), de 1984, numa clara reacção aos pressupostos gramaticais da época.

O próprio título e a capa alertam para algo ligeiramente diferente e *turbulento* e, de facto, ao folhear esta gramática não podemos ficar indiferentes, nem ao texto, nem às imagens.

À primeira vista, o texto assemelha-se ao de uma gramática ponderada, com tabelas, questionários de escolha múltipla e grelhas de autocorreção, mas uma leitura atenta elimina por completo essa primeira opinião.

Como nos avisa a contracapa, parafraseando uma conhecida publicidade,

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

La *Grammaire turbulente* de Fasola et Lyant a la forme d'une grammaire, le goût d'une grammaire, la couleur d'une grammaire, mais ce n'est pas vraiment une grammaire. [...] Cette grammaire est un acte pataphysique. [...] Elle est donc tout naturellement destinée aux amateurs d'humour et aux amoureux de la langue.

À semelhança da obra de Vieira da Silva e Guéguen esta obra não é assumidamente da autoria de professores ou linguistas, nem se destina a um público escolar, como se viu. Do seu discurso fazem parte constante as curiosidades e histórias sobre a língua e a sua evolução, o humor, a ironia relativamente à Língua e às divisões mais canónicas das gramáticas: *noms d'oiseaux*, *noms de rues*, *petits noms*, *noms sens*...

É irresistível não citar uma página sobre os morfemas, parodiando a conhecida Oração do Anjo e a célebre dicotomia entre “monème” e “morphème” de Martinet de 1960 (*Éléments de linguistique générale*. Paris : Armand Colin) numa crítica à terminologia vulgarizada pela linguística e exemplo de crítica que também marca o regresso de um certo discurso normativo depois de uma era mais relativista e descritiva (FASOLA & LYANT, 1984: 76) :

Je vous salue Morphème
Pleine de morphème
Le Morphème est avec vous
Vous êtes béni entre tous les morphèmes
Et Morphème, le fruit de vos morphèmes
Est béni.
Sainte Morphème, morphème de Morphème,
Priez pour nous pauvres morphèmes,
Maintenant et à l'heure de notre morphème,
Monème.

As imagens, na sua maioria de engrenagens e mecanismos surgem numa primeira observação descontextualizadas, mas pretendem acentuar o lado concreto, manipulável da Língua, através de analogias: «(...) Le verbe est la *roue motrice* de la phrase (...)» (FASOLA & LYANT, 1984: 16).

Ainda assim esta gramática aborda o verbo, o nome, o pronome, o adjetivo, o artigo, as classes invariáveis, as categorias, os diminutivos, a frase, alguns exercícios, uma revisão geral coerciva, seguida de soluções, sempre num tom cómico que perpassa pelos géneros lírico, narrativo e expositivo que pontuam esta gramática.

Uma outra obra que alia perfeitamente a imagem e o texto é *La grammaire autrement – sensibilisation et pratique* de Marie-Laure Chalaron e Roselyne Roesch, publicada igualmente em 1984.

Apesar de ser uma *verdadeira* gramática com objectivos didácticos, recorre, quase integralmente, a imagens publicitárias, montagens de notícias de jornais e ilustrações várias, sempre acompanhadas de pequenos textos autênticos, na sua maioria, cujo objectivo é servir de ponto de apoio para uma reflexão gramatical, apoiada por exercícios e quadros de sistematização numa segunda parte da obra.

O mais interessante desta gramática é mesmo a capacidade de suscitar atenção e curiosidade de forma simples, apelativa e criativa através de imagens, ainda que a preto e branco, precisamente o *autrement* prometido no título, ainda actual.

Destina-se claramente a alunos de Francês Língua Estrangeira, integrando elementos culturais e autênticos recolhidos em revistas e jornais da época, sendo o texto mais próximo do que associamos conceptualmente a «gramática», muito embora se fuja na forma e no conteúdo a uma terminologia gramatical muito visível, numa abordagem mais incomum para a época : observação de imagens ou pequenos textos, análise de regularidades / fenómenos linguísticos, exercícios.

Em 1989, François Cavanna (1923 -) publica *Mignonne allons voir si la rose...*, inspirado no conhecido poema de Ronsard, decorado por gerações de franceses nos bancos da escola e um símbolo de uma abordagem didáctica da Língua, da Literatura e da Cultura francesas.

É um livro escrito na primeira pessoa, num misto de reflexões sobre a língua e a gramática, pequenos artigos, manifesto feroz contra o que o Autor considera atentados ao Francês, declaração de amor à sua “língua materna e amante”, à ortografia etimológica atacada pela facilidade dos anglicismos, à pontuação, ao *Subjonctif*, entre outros, num tratamento de questões também tratadas por Orsenna :

Ma langue mère, ma langue maîtresse, tu es comme tu es et tu es la plus belle. [...] j'ai dû apprendre tes lois et tes rituels, tes exceptions, contradictions, [mais] je les ai du moins reçus comme les règles d'un jeu fascinant, je n'y voyais ni contrainte ni arbitraire, mais logique et cohérence. (CAVANNA, 1989 : 9)

J'aimerais voir les Français aussi fiers, aussi jaloux, pour tout dire aussi chauvins de leur langue, y compris son orthographe à panache, que de leurs vins. (CAVANNA, 1989 : 207)

Não podemos deixar de referir uma opinião original do Autor, em que culpa Jeanne d'Arc, por ter vencido os ingleses, da sua hegemonia linguística actual. Tivessem eles invadido com sucesso a França e teriam adoptado todos os seus costumes

civilizados e também a língua, até porque do inglês já faziam parte muitas palavras de origem francesa :

Et le français tiendrait dans le monde la place que tient l'anglais. Ça m'arrangerait bien, tiens! Saleté de Jeanne d'Arc! Et Le Pen n'aurait pas de vierge symbolique... (CAVANNA, 1989 : 100)

A capa mostra-nos Cavanna numa grinalda de rosas a lembrar as coroas de louros que na Antiguidade se atribuíam aos poetas e heróis, como, no fundo, Cavanna tem mostrado ser, defendendo a sua dama, a língua francesa.

Na sequência desta abordagem da Língua, estudámos a *Grammaire française et impertinente*, de Jean-Louis Fournier⁴¹ (1938-), Prémio *Femina* 2008, publicada em 1992, gramática de pendor didáctico, para professores e alunos, em que o elemento mais original, para além das ilustrações de Marie Fournier, são mesmo os exemplos cómicos, estranhos e até bizarros com que o Autor explica as impertinências do Francês⁴².

A capa, com uma personagem que anda de bicicleta sobre variações da frase «la grammaire fait du vélo», prepara-nos para o que se resume na contracapa :

Elle [la grammaire] montre souvent le mauvais exemple, mais donne toujours la bonne règle! Voici une grammaire impertinente qui réunit l'ensemble des règles à suivre pour dire et écrire correctement bêtises et grossièretés. Des personnages inhabituels dans un livre de grammaire – un condamné à mort, un gangster, un commandant de bord aveugle... - nous enseignent l'usage des prépositions et des conjonctions et conjuguent avec aisance le subjonctif imparfait des verbes les plus délurés. [...] Un manuel que doit également posséder tout instituteur rêvant de voir une petite lueur s'allumer dans le regard blasé des cancre.

A gramática apresenta geralmente uma ilustração por tema, uma breve definição ou explicação, a que se seguem os tais exemplos mais inesperados: *Ambiance lourde au couvent: mère Marie de la Crucifixion soupçonne sœur Jeanne de la Rédemption de s'être servie de son vernis à ongles*. Neste caso explica-se a função do adjectivo qualificativo, caracterizar o ambiente do convento (FOURNIER, 1992: 8).

Aqui ficam outros exemplos impertinentes :

Pour illustrer la notion de sujet : Le gai laboureur est incommodé par les pets incessants de son percheron. Qui est incommodé par les pets incessants du percheron ? Le gai laboureur parce qu'il est juste derrière et il a le nez à hauteur du cul de la bête donc le gai laboureur est bien le sujet.

⁴¹ Referida Igualmente por Orsenna em *Plaisirs Secrets*.

⁴² O Autor publicou também um volume sobre as impertinências da Aritmética em 1993.

Pour ce qui est des verbes qui ont des formes inusitées, plutôt que de tomber sur les difficultés du verbe choir les élèves doivent utiliser le verbe "se casser la gueule" de sens équivalent.

Le plus-que-parfait : Pendant sa vie, il avait beaucoup ciré les pompes, il en avait gardé les mains sales.

Les pronoms relatifs : les ouvriers sidérurgistes qui font grève ont un moral d'acier.

L'adverbe : les aveugles profitent de leur infirmité pour jouer fréquemment à colin-maillard.

La conjonction : Au bal costumé, les moutons, les brebis et les agneaux mettent des loups.

Pour la subordonnée conjonctive : Depuis qu'il a des hémorroïdes, le paon refuse de faire la roue. (FOURNIER, 1992 : passim)

Esta gramática divide-se nos seguintes capítulos : a palavra, a pontuação, o artigo, o adjetivo, o verbo, o pronome, o advérbio, a preposição, a conjunção, a interjeição e a frase. Apesar de um tom humorístico, a gramática é normativa.

Em 1992, Daniel Pennac (1944-) publica o já lendário *Comme un Roman*, um livro que transforma a leitura e o contacto com a Língua, a Literatura e a Cultura no cerne das suas reflexões, sublinhando o aspecto afectivo, o amor da Língua, pela Literatura, no processo cognitivo, de que os direitos inalienáveis do leitor são uma síntese :

1. Le droit de ne pas lire.
2. Le droit de sauter des pages
3. Le droit de ne pas finir un livre.
4. Le droit de relire.
5. Le droit de lire n'importe quoi.
6. Le droit au bovarysme (maladie textuellement transmissible).
7. Le droit de lire n'importe où.
8. Le droit de grappiller.
9. Le droit de lire à haute voix.
10. Le droit de nous taire.

(PENNAC, 1992 : 139)

Passamos, de seguida, do ensaio para a crónica. A obra de Régine Detambel (1963-)⁴³, *La Comédie des Mots* de 1998, é uma colectânea de crónicas publicadas de Outubro de 1994 a Março de 1997 na *Gazette de Montpellier*. O tema de cada uma destas crónicas é o Francês, abordado através de histórias da Literatura, da Cultura, anagramas, excepções, jogos de palavras, etimologia, provérbios, humor, entre outros. Destina-se a adultos, apesar de uma capa colorida em que surgem letras coloridas dissimuladas num fundo com árvores de Yan Nascimbene. O tom utilizado é, sobretudo, coloquial e bem-humorado, o que levou à publicação em 1999 de *La Nouvelle Comédie des Mots*, no mesmo estilo do primeiro volume.

Por estar relacionado com um dos temas de um dos livros de Orsenna, *Les Chevaliers du Subjonctif*, transcreve-se a *Complainte Amoureuse* de Alphonse Allais (DETAMBEL, 1998: 63, 64) :

Ah! Fallait-il que je vous visse,
Fallait-il que vous me plussiez,
Qu'ingénument je vous le disse
Qu'avec orgueil vous vous tussiez;
Fallait-il que je vous aimasse
Que vous me désespérassiez
Et qu'en vain je m'opiniâtasse
Et que je vous idolâtrasse
Pour que vous m'assassinassiez!

Dois anos depois, em 2001, Orsenna publica o primeiro volume de que trataremos no segundo capítulo deste trabalho⁴⁴, *La Grammaire est une chanson douce*.

Seguem-se três obras de Jean-Joseph Julaud (1950-)⁴⁵, *Le Français Correct pour les Nuls* (2º trimestre de 2004), *Le Petit Livre de la Grammaire Facile* (3º trimestre de 2004) e *Le Petit Livre du Français Correct* (2005).

Este Autor prolífico de várias obras de divulgação para todos os públicos sobre o Francês aborda as questões da Língua pelo humor e pela simplificação, ideia acentuada pelos adjectivos dos seus títulos.

O primeiro deles, uma adaptação de um modelo de sucesso na América, começa por definir os Franceses :

Le Français est un individu qui se distingue du reste des mortels à plus d'un titre: il possède la plus belle avenue du monde, les meilleurs vins, de grands châteaux vides et

⁴³ Cf. <<http://www.detambel.com/>>

⁴⁴ Por acharmos que as obras de Orsenna são mais conscientes e militantes enquanto metagramáticas.

⁴⁵ Cf. <<http://www.jjjulaud.com/>>

magnifiques, des petites autos qui vont aussi vite que les grosses, des grands couturiers, de grands écrivains et, nous y voilà presque: une orthographe unique au monde! (JULAUD, *Le Français Correct pour les Nuls*, 2004: XIII)

Quem diz ortografia, diz também Língua, logo Gramática, à partida algo complicado que o Autor pretende simplificar, como se anuncia na capa.

A obra está dividida em vários capítulos que afloram a História da Língua, Dicionários e Gramáticas, ortografia, acordos, classes de palavras, funções sintáticas, erros correntes, mnemónicas e conselhos, figuras de Retórica, excertos de Autores a ler, e as correcções dos exercícios no final de cada capítulo.

Cada capítulo tem geralmente uma ilustração, um sumário dos conteúdos, organizados por vários títulos e subtítulos, curiosidades e exercícios práticos.

São sobretudo interessantes os comentários e conselhos com que o Autor vai pontuando o seu discurso, nomeadamente, no que diz respeito à Gramática :

Procurez-vous une grammaire claire. Ce qu'il vous faut, c'est un livre où les diverses notions grammaticales soient présentées dans un vocabulaire qui ne s'embarasse ni de coquetteries, ni de fioritures, ni de modernismes éphémères ou alambiqués. Un ouvrage qui ne soit pas non plus un livre de littérature. (JULAUD J.-J. , *Le Français correct pour les Nuls*, 2004 : 24)

Especialmente, se pensarmos na abordagem que Orsenna faz destas questões, como veremos adiante.

Apesar de Julaud defender este ponto de vista, encontramos na sua «Gramática» algumas referências «literárias» cuja intenção é ilustrar uma excepção linguística, como por exemplo uma estrofe de um poema de Robert Desnos sobre o plural das palavras terminadas em –ou :

Ce sont les mères des hiboux
Qui désiraient chercher les poux
De leurs enfants, leurs petits choux,
En les tenant sur les genoux...
(JULAUD J.-J., *Le Français correct pour les Nuls*, 2004 : 139)

Encontramos também definições mais literárias e poéticas ou mesmo *analógicas* do que seria de esperar da leitura do manifesto do Autor:

Le verbe c'est l'agité de la phrase, un arlequin qui se change selon les personnes dont il parle, selon le moment qu'il rapporte, l'époque qu'il traverse. Il est capable de tout: il peut en un clin d'œil se transporter dans le futur [...]. Foin de lyrisme, étudions-le [...]!
(JULAUD J.-J., *Le Français correct pour les Nuls*, 2004 : 165)

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

Ou

L'infinitif: le voyageur sans bagages. Pas de personne, pas de nombre, pas de genre, l'infinitif voyage sans bagages.
(JULAUD J.-J., *Le Français correct pour les Nuls*, 2004 : 174)

Ou ainda

Le verbe c'est l'animateur de la phrase.
(JULAUD J.-J., *Le Français correct pour les Nuls*, 2004 : 243)

Curioso é também um dos conselhos que o Autor deixa aos seus leitores nas últimas páginas :

Prenez le temps d'aimer les mots.
(JULAUD J.-J. , *Le Français correct pour les Nuls*, 2004 : 280)

O segundo texto de Julaud sobre o qual nos debruçaremos é *Le Petit Livre de la Grammaire Facile*. Como se indica na capa desta colecção económica de divulgação, é o livro para os que são «alérgicos à gramática», pais e filhos. A estratégia deste livrinho assenta no humor, em diálogos e jogos de palavras, em exemplos literários, culturais e históricos. Cada capítulo apresenta inicialmente uma breve explicação, seguida de exemplos e de uma sistematização da regra.

Em claro contraste com o livro anterior do Autor, deparamos com um discurso gramatical em que reinam os jogos de palavras: «Monsieur Céodé refuse son accord!» (JULAUD, *Le petit livre de la grammaire facile*, 2004: 26), «Tous les membres de la famille possessive ont une idée fixe: la propriété!» (JULAUD J.-J. , *Le petit livre de la grammaire facile*, 2004 : 94) e o que dizer da sua definição de gramática pela negativa no prefácio :

La grammaire, on n'y comprend rien! C'est du temps perdu! Et puis, à quoi ça sert dans la vie? À rien! [...] Sauf à mettre d'accord entre eux les mots qui pourraient dire n'importe quoi si on les laissait sans surveillance... [...] Voilà, c'est démontré: la grammaire ne sert à rien! C'est inutile comme la parole, l'écriture ou la pensée! Mais on peut toujours changer d'avis... On essaie? (JULAUD J.-J. , *Le petit livre de la grammaire facile*, 2004 : 5)

Na mesma linha deste livro é também *Le Petit Livre du Français Correct*. Mais um volume económico, simples, organizado por tópicos e com o essencial das regras do Francês correcto, uma lista de «pièges à éviter» bem visível na capa, igualmente

ilustrada por Gabs. É a única ilustração do volume, tal como no livro anterior⁴⁶ e sublinha o carácter descontraído, eminentemente prático e fundamental desta colecção : «affrontez tous les pièges avec la sérénité et dans la bonne humeur!», como se diz na contracapa.

Facilita ainda mais a consulta desta obra a organização alfabética, sempre com exemplos cultos (Racine, Molière, Verlaine, Rimbaud, Baudelaire...).

Convém referir que, entretanto, em Setembro de 2004, Orsenna publica *Les Chevaliers du Subjonctif* e que a partir deste ano sucedem-se com uma frequência e variedade maiores o que chamámos de metagramáticas.

Prosseguimos com uma obra para os que gostam da Língua francesa, como nos diz a contracapa de *Le Français est un jeu* de Pierre Jaskarzec. Organizado tematicamente, com títulos apelativos, este livro «lúdico e instrutivo» apresenta mais de 200 questões de escolha múltipla cheias de humor e graus de dificuldade, com a correcção dos exercícios⁴⁷.

Para além do aspecto lúdico do volume, é interessante notar que o Autor pretende, através dos exercícios, criar «personagens gramaticais», isto é, à medida que os exercícios forem sendo completados, emergirão das questões personagens de uma história maior, cujo sentido se construirá à medida dos avanços no domínio da Língua :

Au fur et à mesure que vous découvrirez ce livre, vous vous étonnerez peut-être de voir s'ébaucher des personnages : Simone et Raymond, Kévin et Elodie, Karim, Karl... Il nous a semblé que Pierre et Paul, qui hantent les grammaires et les manuels scolaires depuis des décennies, devaient prendre quelque repos. Et si vous aimez le principe du «jeu sous le jeu» vous vous amuserez peut-être à repérer les liens qui unissent ces frères «personnages grammaticaux». (JASKARZEC, 2005: 8)

As analogias fazem também parte das estratégias discursivas de Jaskarzec : «les mots gourmands ont deux pluriels différents, les mots invariables ne veulent rien faire comme tout le monde...» (JASKARZEC, 2005: 42).

É também um livro de divulgação de um editor de obras de referência e livros juvenis. A ilustração da capa, um *cartoon* de Claire Bretécher, a edição simples e acessível acentuam o carácter mais lúdico e informal da obra.

Em 2006, Patrick Bégaudeau (1971-) publica *Entre les Murs*, Prémio *France Culture-Télérama* 2006, adaptado ao cinema por Laurent Cantet e Palma de Ouro em

⁴⁶ *Cartoons* de Marc Chalvin.

⁴⁷ O Autor usa a mesma estratégia para a História de França, a Cultura Francesa, o *Bac*, entre outros títulos.

2008. O livro, um texto autobiográfico, faz do Francês, da escola, do ensino e da aprendizagem, o espaço e o tema de reflexão. O retrato do quotidiano de sala de aula de uma zona prioritária de intervenção educativa dos arredores de Paris mostra uma França multicultural e multilingue, partindo, por exemplo, da língua em comum, o Francês, e do uso do Conjuntivo :

- Hier j'ai dit que «après que» on met l'indicatif. Pourquoi? Parce que le subjonctif exprime des choses hypothétiques, des actions pas sûres. (BEGAUDEAU, 2006 : 25)

O livro que se segue também não é uma gramática, no sentido restrito do termo, como vimos, no entanto, o título remete-nos para a gramática e para uma gramática divertida: *La Grammaire en s'amusant*, de 2007, escrito por Patrick Rambaud (1946-), reunindo num mesmo título duas ideias geralmente tão distantes uma da outra.

Se em Reinach tínhamos doze cartas, em Rambaud temos oito lições / diálogos entre o Autor e uma criança de sete anos. Cada lição tem um título apelativo seguido das trocas de ideias entre um *moi* e um *lui*, à maneira socrática, terminando sempre com um resumo da matéria. A linguagem é simples e acessível, sendo recorrente o uso de analogias para explicar conceitos mais abstractos: assim como os satélites giram em torno dos planetas, também assim os adjectivos, pronomes e advérbios em torno do nome (RAMBAUD, 2007: 117).

Se quisermos chegar à origem desta obra, temos de recuar até Novembro de 1997, em Rennes, num encontro com Orsenna e alunos do liceu, reunidos para falar do *Goncourt des Lycéens*, de gramática e do seu ensino.

Os Autores prometeram: «Nous allons vous écrire une grammaire lisible! C'est juré.» Orsenna começou a cumprir a sua promessa em 2001⁴⁸ «sob a forma de contos» (RAMBAUD, 2007: 10), Rambaud cumpriu-a apenas em 2007.

O tom oralizante e informal torna a leitura deste texto uma verdadeira conversa com um grande Autor sobre o Francês, a sua história, os nomes, adjectivos, pronomes, advérbios, verbos, sintaxe e a Literatura face às novas tecnologias.

Nesta obra, Rambaud oferece-nos também algumas definições de Gramática :

⁴⁸ Com *La Grammaire est une chanson douce*, de acordo com a versão de Rambaud, uma vez que o Autor justifica a escrita desta e das obras que se lhe seguiram com o facto de não conseguir ajudar os filhos nos deveres gramaticais. Cf. Entrevistas ao Autor nos Anexos.

La grammaire n'est qu'un mode d'emploi qui évolue avec l'usage et le temps. (RAMBAUD, 2007: 10)

La grammaire n'est pas une punition, mais une nécessité, un droit, une chance et un jeu. (RAMBAUD, 2007: 10)

E de forma mais supreendente uma distinção de humanidade introduzida de forma familiar, “mon coco” :

La grammaire, mon coco, c'est ce qui nous distingue du chimpanzé. (RAMBAUD, 2007: 28)

E um conselho :

Lire des livres reste la meilleure méthode pour se perfectionner dans l'art de parler et d'écrire. (RAMBAUD, 2007: 194)

Em 2007, Orsenna continua a sua saga com *La Révolte des Accents*, ano em que Pennac publica *Chagrin d'École*, Prémio *Renaudot* 2007.

Num registo biográfico, o Autor evoca o seu percurso escolar como *cancre*, acrescentando em analepses e prolepses no fio narrativo, comentários do Pennac aluno e do Pennac professor. São particularmente interessantes os comentários sobre a gramática e, na linha da outra obra do Autor a que já nos referimos, sobre o ofício de ensinar⁴⁹. Mais uma vez o amor pela Língua ensinada no centro das preocupações do Autor, porque “statistiquement tout s'explique, personnellement tout se complique” (PENNAC, 2007 : 9). Muitas são as páginas dedicadas à gramática e às suas questões nesta obra, sublinhando-se o aspecto afectivo da aprendizagem :

- Meu... Meu... Monsieur... je n'a...je n'arrive p... Je n'arrive pas à c... à comprendre la... proposition-subordonnée-conjonctive-de-concession-et-d'opposition! [...] Comment consoler une gamine avec une leçon de grammaire? (PENNAC, 2007 : 62, 63)

Si nous échouons à installer nos élèves dans le présent de notre cours, si notre savoir et le goût de son usage ne prennent pas sur ces garçons et sur ces filles, au sens botanique du verbe, leur existence tanguera sur les frondières d'un manque indéfini. (PENNAC, 2007 : 67, 68)

Il faudrait inventer un temps particulier pour l'apprentissage. Le *présent d'incarnation*, par exemple. (PENNAC, 2007 : 70)

Son professeur Keating incarnait à leurs yeux la chaleur humaine et l'amour du métier : passion pour la matière enseignée, dévouement absolu à ses élèves, le tout servi para un dynamisme de coach infatigable. (PENNAC, 2007 : 89)

⁴⁹ Veja-se a lista de filmes sobre a Escola que o Autor indica na página 90, entre outras sugestões práticas.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

La grammaire, ça me gonfle encore plus que les maths, m'sieur! (PENNAC, 2007 : 119)
D'où ma résolution de professeur : user de l'analyse grammaticale pour les ramener ici, maintenant, afin d'y éprouver le délice très particulier de comprendre à quoi sert un pronom adverbial, un mot capital qu'on utilise mille fois par jour, sans y penser. (PENNAC, 2007 : 121)

Les maux de grammaire se soignent par la grammaire, les fautes d'orthographe par l'exercice de l'orthographe, la peur de lire par la lecture, celle de ne pas comprendre par l'immersion dans le texte [...]. (PENNAC, 2007: 122)

Mon travail consiste à faire en sorte que mes élèves se sentent exister *grammaticalement* pendant ces quarante-cinq minutes. (PENNAC, 2007 : 130)

Na *Grammaire Impertinente*, reformulação de 2008 de um título anterior de Yak Rivais (1939-), editado por Queneau, seguimos a mesma linha de Autores citados anteriormente. O texto cómico e bem-humorado, com algumas ilustrações do Autor, propõe modos alternativos de descobrir a Língua.

Porque, para Rivais, como se diz no prefácio desta obra, a gramática...

« [...] n'a de sens qu'au cœur d'un langage vivant, libéré, donc éprouvé (...), dérangé, malmené. Elle n'est pas simple catalogue de règles assorties d'exercices structuraux, ni banal appareil de mesure. Elle détecte les distances au monde, les charges et les équilibres, les écarts de vie, d'imagination entre écrit et la parole, la parole et le sens. Elle peut aussi efficacement se greffer sur une phrase écrite que sur l'observation des ouvertures de vannes de l'oral, aussi impitoyablement interroger un langage limité qu'une envolée virtuose, contribuer à l'irrigation des idées, sans risquer de s'assécher sur pied. » (RIVAIS, 2008: 5)

Vejam-se, por exemplo, os textos seguintes em que a actividade pedida é a identificação de adjectivos. Em vez de exercícios estruturais mais habituais ou frases pouco criativas, o Autor propõe-nos estas pequenas histórias com e sem rima :

Il était une boîte antique
Qui possédait un truc magique
Et faisait ses mathématiques
En chantant, c'était très pratique (...). (RIVAIS, 2008: 34)

Ou

Un jour, c'était la nuit, je rencontraï sept grands nains ordinaires et originaux. C'était dans une claire forêt sombre et sans arbres. Quelques rares étoiles innombrables scintillaient dans un ciel nuageux degagé. (...) (RIVAIS, 2008: 37)

E que dizer das regras enunciadas no início de cada capítulo, a fazer lembrar as personificações de Orsenna :

Le pluriel des adjectifs qualificatifs ressemble à celui des noms car, à vivre ensemble, ils ont obtenu les mêmes avantages. (RIVAIS, 2008: 37)

Não podemos, igualmente, ignorar as ilustrações, pequenos *cartoons* ilustrativos, do Autor, que pelo uso dos jogos de palavras, acrescentam e sublinham no texto principal os temas tratados :

Mais ne confondez pas les chèques postaux avec des cheiks costauds!
(RIVAIS, 2008: 37)

Nem a capa, com uma sugestiva reprodução de *La Gioconde*, piscando o olho, impertinentemente, «aos professores que querem praticar a gramática apostando que se pode fazê-lo sem ser chato⁵⁰» (RIVAIS, 2008: contracapa).

Em Março de 2009⁵¹, Eve-Marie Halba publicou um livro cuja originalidade consiste sobretudo na capa de *Recettes d'orthographe et d'expression*. Esta experiente professora de gramática, dá pequenas «receitas» clássicas normativas das questões escolares gramaticais básicas, com recurso a exemplos e exercícios de substituição e análise, principalmente. A única ligação com o título vem da expressão «à vos fourneaux!» utilizada em vez de *exercices* e das ilustrações com vários cozinheiros. No final do livro encontramos as soluções.

O mesmo se pode dizer do livro de Marie-Noëlle Gramm, antiga professora de Francês e avó, *Recettes de Grammaire – Conseils de grand-mère*, também publicado pela *Ellipses*, mas em Outubro de 2009. O interior é o de uma gramática normativa escolar habitual, com exercícios, quadros-síntese, soluções, pontuada por pequenas ilustrações de ratos. Por vezes, o diálogo entre Grimm et Gramm⁵², dois ratos, é utilizado para introduzir algumas temáticas (GRAMM, 2009 : 9). O tom mais literário, através da metáfora ou da analogia é também utilizado como estratégia exemplificativa :

Essaie de t'imaginer que le schéma d'une langue ressemble à un arbre : le tronc représente les verbes, très importants, puisqu'ils sont les supports et expriment ce qui se passe ou ce qui est. [...] les branches mères ou maîtresses branches, celles qui partent du tronc, représentent les noms et tous les pronoms. (GRAMM, 2009 : 3)

⁵⁰ Tradução nossa, como todas as outras de obras não publicadas em Português, sem outra indicação.

⁵¹ Por questões práticas, optámos por associar estas duas obras da mesma colecção, abordagem e conteúdo muito sobreponível, apesar de uma delas ser posterior à de Houdart e Prioul e até ao último Orsenna. As obras foram escolhidas mais pela forma, diversa das que apresentámos, que pelo conteúdo.

⁵² Num jogo de palavras em que se aproveita igualmente o apelido da Autora e a proximidade com a palavra «gramática».

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

Le conditionnel est le mode préféré des diplomates et des politiques. (GRAMM, 2009 : 26)

Tout autour de toi, il y a des gens : ce sont des femmes, des filles, des garçons, des animaux, c'est leur nature. Mais tous font quelque chose : c'est leur fonction. Idem pour les mots! (GRAMM, 2009 : 95)

A capa dos dois livros inspira-se no visual dos livros de receitas, com um canto a fazer lembrar as antigas toalhas de xadrez e destina-se a alunos franceses.

Relativamente a estes dois livros podemos sublinhar o facto desconcertante que revela uma possível inversão de atitude relativamente a abordagens gramaticais heterodoxas. Se há alguns anos, como se disse, o aspecto sóbrio, normativo e ponderado era o mais procurado, hoje em dia, talvez estejamos a assistir ao contrário. Estas duas gramáticas não trazem nada de novo a não ser a capa, num formato *livro de receitas* que parece resultar para um público sequioso de novas abordagens para temas muito antigos, como temos visto. No fundo, a indústria já se terá apercebido de que o original e diferente, mesmo quando falamos de gramáticas, vende melhor do que o clássico, bastando seguir o percurso de Orsenna desde 2001.

Quase no final deste percurso por metagramáticas do Francês, apresentaremos o divertido *La grammaire c'est pas de la tarte* de Março de 2009, de Houdart e Prioul.

O livro organiza-se em pequenos capítulos de título apelativo e linguagem coloquial sobre as questões que mais preocupam gramaticalmente os Franceses : pequenas histórias da História da Língua, os géneros, os acordos do particípio passado, entre outros, como se sugere na capa, ostentando um rolo da massa amarelo e uma massa cheia de exemplos errados do mau uso do Francês. Cada capítulo tem um resumo final e exercícios com soluções no final do livro. O *corpus* textual é retirado de jornais e revistas franceses da actualidade, não evitando referências a *gaffes* e *faits-divers* de figuras conhecidas, como o exemplo do uso controverso e pouco claro do Presente do Conjuntivo, na página 15, referindo-se à separação Nicolas Sarkozy / Cécilia, actualmente, Attias⁵³.

Sem grandes controvérsias, mas muitas descobertas e num estilo cheio de imagens expressivas é o que podemos encontrar nesta obra que antecede por alguns

⁵³ «Meilleure partenaire de son ascension politique, elle [Cécilia] quitte six mois après qu'il a atteint son but.» Segundo os Autores, um Francês utilizaria normalmente o Conjuntivo depois de *après que*, não se aplicando essa *regra* nesta frase, apesar da expressão *après que*, uma vez que não se trata de uma situação virtual ou hipotética. Quando foi publicada a notícia comentada, já o casal Sarkozy estava separado.

meses o último livro de Orsenna, *Et si on dansait?*, onde termina⁵⁴ o nosso périplo apressado.

Porque para Houdart e Prioul...

La grammaire est une enchantresse et la grammaire nous livre ses tours [mais] nous sommes tous grammairiens (HOUDART & PRIOUL, 2009 : 11, 12).

1.2. A Gramática segundo Orsenna

Como se disse, o que, sobretudo, une estas obras tão próximas no conteúdo e tão diversas na forma, é o Amor pela Língua, expresso de vários modos, consoante o público, os objectivos e a criatividade de cada Autor.

Observámos obras que partiam da imagem para trabalhar questões da Língua, como é o caso de Fasola e Lyant, Chalaron e Roesch, Vieira da Silva e Guéguen; noutras obras imperava o humor, por exemplo, Detambel, Julaud, Fournier e Rivaïs, também apoiados por algumas imagens; noutras ressaltava o aspecto lúdico, como no caso de Jaskarzec; noutras a expressão tomava a forma de carta, como em Reinach ou diálogo, como em Rambaud e noutras ainda o romance ou o ensaio, como são os casos de Robbe-Grillet e Pennac ou o texto teatral em Ionesco ou Tardieu, entre outras estratégias.

Unidos no Amor à Língua, todos estes Autores procuraram transmitir, de forma original e menos penosa, ensinamentos sobre a Língua, despertando nos seus públicos, dos mais jovens até aos adultos a vontade de conhecer e dominar o Francês.

É de notar o facto de nas últimas décadas, a produção destas metagramáticas ter aumentado consideravelmente⁵⁵, sendo até reconhecidas pelo público, pela crítica, por

⁵⁴ Não podemos deixar de referir, mais duas obras em torno da gramática, sob a forma de conto: *Le coupeur de mots*, de Hans Joachim Schädlich, publicado em 1980 e traduzido para francês em 1990, que conta a história de Paul, uma criança sonhadora que encontra Filolog, um homem estranho que em troca de realização dos trabalhos de casa de Paul lhe vai retirando gradualmente preposições, artigos, verbos... até ser muito difícil comunicar. Os ingredientes necessários para uma história divertida, acompanhada de ilustrações de Érika Harispé. Nesta linha, mas destinado a um público mais jovem ainda é o livrinho de Dedieu, *Le Mangeur de Mots* de 1996. Neste pequeno conto, ilustrado por Axel Renaux, *Le Bougni Antoine* começa a comer palavras: verbos, sujeitos, complementos... Ao ficar privado da linguagem verbal, descobre a linguagem não verbal e finalmente redescobre o amor pela Língua e pela Comunicação. Não incluímos a primeira obra por ser de um original alemão e a segunda porque o tema é sobretudo a Linguagem, mais do que a Língua. Muitas mais obras poderiam ter sido incluídas nesta lista, mas as questões práticas e a disponibilidade disso nos impediram.

⁵⁵ Cf. *Quadro-Síntese* no Anexo 2.

prémios literários de renome, colando estes textos à Literatura e à Cultura, descolando-se da etiqueta redutora de «gramática».

Podemos datar mais precisamente esta necessidade de vulgarizar o discurso gramatical em 1997, em Rennes, como se disse acima, num encontro entre Orsenna, Rambaud e um grupo de estudantes reunidos para falar sobre o prémio *Goncourt des Lycéens*, que reivindicando a importância da gramática, reivindicaram também uma expressão diferente para a gramática, “uma gramática legível” como nos diz Rambaud na obra já citada.

Orsenna destaca-se nitidamente neste panorama, pela consciência e pela consistência com que empreendeu este projecto literário e gramatical que já constitui uma das temáticas da sua obra e por isso o escolhemos como objecto de estudo.

É desta conjugação original de tradição e necessidade, aliada à criatividade do Autor, que surgiram as quatro obras de Orsenna que constituirão o centro desta dissertação no capítulo seguinte : *La Grammaire est une chanson douce*, *Les Chevaliers du Subjonctif*, *La Révolte des Accents* e *Et si on dansait?*

Procurez-vous une grammaire claire. Ce qu'il vous faut, c'est un livre où les diverses notions grammaticales soient présentées dans un vocabulaire qui ne s'embarasse ni de coquetteries, ni de fioritures, ni de modernismes éphémères ou alambiqués. Un ouvrage qui ne soit pas non plus un livre de littérature.

(JULAUD, 2004, *Le Français Correct pour les Nuls* : 24)

2. A Vulgarização do Discurso Gramatical em Orsenna

2.1. O Autor

Como se disse, neste percurso metagramatical, a obra de Orsenna posiciona-se num lugar de destaque pela persistência, consistência e sucesso com que vem tratando as questões do Francês desde 2001, no formato que apresentaremos neste capítulo.

Convém, no entanto, e porque falamos de um Autor contemporâneo, apresentar também brevemente Orsenna.

O Autor⁵⁶ nasceu em Paris em 1947, tem uma formação de economista, tendo assumido funções públicas desde cedo, no Conselho de Estado, nomeadamente. A única História da Literatura que refere o Autor, em duas páginas, sublinha essencialmente o facto de Orsenna ser o responsável pelos discursos de Mitterrand⁵⁷.

Apesar de uma formação, à partida, pouco propícia à actividade literária ficcional, o Autor tem uma vastíssima e variada obra, onde se conta um prémio *Goncourt* em 1988 com *L'Exposition Coloniale*. É também membro da Academia Francesa. Entre as suas paixões contam-se o Francês, o mar e Tintin, entre outras⁵⁸.

A abordagem ganhadora que caracteriza Orsenna vive da articulação Língua, Gramática, Literatura, Cultura, criatividade, humor, imagem, prazer e amor pelo Francês, numa tentativa de ensinar e divertir no mesmo texto, ao mesmo tempo, públicos muito alargados.

⁵⁶ De apelido Arnoult. *Orsenna* é o local da acção de *Le Rivage des Syrtes* de Julien Gracq. O Autor adoptou este nome porque este local «reste détaché de toute localisation et de toute chronologie précise» (BRUNEL, 2002 : 45).

⁵⁷ Voltaremos a este assunto quando falarmos do último livro de Orsenna. (BRUNEL, 2002 : 45)

⁵⁸ Cf. Anexo 3, *Apresentação do Autor* na primeira pessoa e anexo 5, *Entrevistas*.

2.2. *A obra gramatical*

Como se disse, Orsenna tem já um grande número de obras publicadas, sobre temáticas e em estilos muito diversos, destacando nós o conjunto de quatro textos dedicados à gramática do Francês como objecto de trabalho⁵⁹, pela complexidade textual, criatividade e originalidade e pela singularidade de abordagem no panorama contemporâneo : *La Grammaire est une chanson douce*, *Les Chevaliers du Subjonctif*, *La Révolte des Accents* e *Et si on dansait?*

As quatro obras que escolhemos têm uma unidade temática e funcionam como episódios de um texto maior, que pode, no entanto, ser lido separadamente, acompanhando as aventuras de Jeanne e Thomas, dois irmãos numa viagem, *passoio*, pela Língua Francesa.

Como nos diz Ian McEwan (1948 -) no prefácio de *The Daydreamer*, publicado em 1995, “um bom texto deve ter uma boa história; um herói simpático; um vilão, mas não sempre, porque é simplista; clareza na abertura; peripécias no desenvolvimento e finais satisfatórios, mesmo que não sejam sempre felizes” (McEWAN, 1995 : 8).

É também esta a receita de Orsenna, a que se juntam personagens gramaticais e um grande amor pela língua em que são contadas estas histórias.

Por motivos práticos de organização e comparação das obras, optámos por resumir brevemente cada obra primeiro, referir aspectos paratextuais depois, indicar o número de capítulos e páginas, analisar mais demoradamente a acção de cada volume e finalmente comentar as figuras retóricas, estrutura e elementos constantes das obras. Confrontaremos sempre que possível, o texto de Orsenna com o de Grevisse, uma vez que é esta a gramática que Orsenna usa. O trabalho terá necessariamente um pendor mais descritivo dado o desconhecimento das obras e a sua contemporaneidade.

⁵⁹ Saiu a 18 de Novembro de 2009 um *coffret* com as quatro obras que analisaremos, acompanhadas de um texto inédito, intitulado *Plaisirs Secrets de la Grammaire, suivi de quatre promenades au cœur de la Langue Française*, editado também pela Stock, que trabalharemos também, apesar das diferenças que apontaremos.

2.2.1. La Grammaire est une chanson douce (2001)

Esta é a primeira das quatro obras⁶⁰, que o Autor consagrou declaradamente à Gramática Francesa, traduzida pela Asa em 2003, e conta-nos a história de Jeanne, de dez anos, e Thomas, de catorze, em viagem transatlântica a bordo de um navio onde se desenrola um campeonato de *Scrabble*, um popular jogo, como outros, em torno da língua, que impulsiona um gosto pelo léxico. O navio naufraga, na sequência de uma enorme tempestade, e os dois irmãos conseguem alcançar uma ilha, são e salvos, mas tendo perdido toda a gramática francesa, não podendo por isso comunicar verbalmente. É então que encontram Monsieur Henri⁶¹ que, como o Virgílio de Dante, vai conduzir os irmãos ao Mercado e à Cidade das Palavras, reencontrando Nomes, Adjectivos, Pronomes e Advérbios.

Mais tarde, visitarão também a Fábrica das Frases, onde trabalham os Verbos, os Tempos, as Preposições e as Conjunções.

Encontrarão também Saint-Exupéry, Proust et La Fontaine.

Observemos com mais detalhe o texto inicial desta demanda de Orsenna.

A capa coloca em destaque o nome do Autor, acompanhado da expressão “de l’Académie française”, como que para sublinhar o aspecto apologético e prestigioso do Autor e desta instituição que tem como uma das *obrigações* a defesa do Francês⁶². Segue-se depois o título, sobre a ilustração da autoria de Bigre!⁶³ que mostra um guitarrista rodeado de letras coloridas e um navio que se afunda. As ilustrações, não atribuídas a um autor específico, usam a aguarela como técnica principal nas ilustrações deste primeiro livro, predominando o tom azul nas imagens de maior dimensão. De ressaltar são também as pequenas ilustrações, em especial, as dos elementos gramaticais, com grande detalhe e ligação ao texto. As letras e as palavras são também objecto de ilustração, constituindo elas próprias, em várias ocasiões, ilustrações. O título mistura dois universos geralmente distantes, o do prazer, neste caso, musical, à gramática. Este título, *La Grammaire est une chanson douce*, reveste-se de um carácter programático apreciável relativamente ao ciclo de textos que inaugura, conciliando o

⁶⁰ Até ao momento, “mais on ne sait jamais”, diz o Autor.

⁶¹ Henri Salvador (1917-2008), o conhecido cantor de *Le Loup, la Biche et le Chevalier (Une chanson douce)*, inspiração do título do livro. *Monsieur Henri* é igualmente o título de um álbum do cantor editado em 1994. Cf. Anexo 4.

⁶² Cf. *Entrevistas ao Autor* no Anexo 5.

⁶³ Interjeição de espanto e neste caso igualmente *Binôme Graphique*, uma empresa de ilustração. Cf. <<http://binomegraphique.free.fr>>.

normativo / prescritivo da gramática tradicional ao prazer da leitura, da língua, que muitas vezes parecem andar de costas voltadas, no fundo, a motivação para esta aventura de Orsenna. Na contracapa, como nos volumes seguintes, apresenta-se um excerto da obra, com a indicação do sítio internet das Edições Stock e do Autor, a que já nos referimos. Nos dois primeiros títulos refere-se ainda que o Autor é conselheiro de Estado e Presidente do *Centre international de la mer*, como se houvesse necessidade de legitimar ainda mais o Autor na abordagem das questões da língua, situação em que nenhum destes cargos confere especial autoridade, parece-nos.

O livro é composto por XXI capítulos e tem 136 páginas.

Este primeiro livro é dedicado a Jeanne e Jean Cayrol (1910-2005), poeta, membro da *Académie Goncourt* e resistente, pela língua, ao pesadelo nazi, numa homenagem explícita de Orsenna.

Segue-se um agradecimento especial, repetido noutros volumes, a Danielle Leeman, Professora de Gramática na Universidade de Paris-X-Nanterre e «revisora» dos textos de Orsenna, caução e autoridade para um Autor que não é conhecido por ser um especialista nesta matéria.

O capítulo I começa com um aviso na primeira pessoa: “méfiez-vous de moi!”. Jeanne, a protagonista desta saga, tem dez anos, parece “tímida, sonhadora e pequena” (ORSENNA, 2001 : 11), mas sabe defender-se como outras Jeanne da História de França. Na sua sala de aula, descobre-se La Fontaine pela mão da jovem e loura professora Laurencin, apaixonada pela capacidade sintética e artística deste Autor, até que Madame Jargonos⁶⁴, inspectora do Ministério da Educação a interrompe para uma verificação pedagógica regulamentar, concluindo que a magia das palavras, a sensibilidade e o entusiasmo pessoal da professora não são fundamentais na aprendizagem, ao contrário da continuidade textual, da progressão temática, da situação de enunciação textual⁶⁵ (ORSENNA, 2001 : 16), enviando-a para um estágio onde aprenderia a *ensinar*, para grande tristeza dos alunos.

⁶⁴ Talvez uma referência ao jargão “eduquês”, obscuro e hermético, usado pela personagem pele e osso. Cf. Entrevista de Alexie Lorca para *Lire* de 30/08/2001.

⁶⁵ Tradução nossa, como todas as que se seguem, salva outra indicação. Como veremos novamente no capítulo XV. “Une grammaire en forme de conte. Voilà qui devrait réconcilier les esprits récalcitrants avec la syntaxe. Avec *La grammaire est une chanson douce* (Stock), le projet ambitieux d'Erik Orsenna est de transmettre la saveur de la langue à de jeunes têtes mises à mal par un enseignement scientifico-jargonieux qui a rompu avec toute notion de plaisir. Ainsi de cette analyse de la fable *Le loup et l'agneau*, où «les vers 27 à 29 sont constitués de deux propositions narratives qui ont pour agent S2 (le loup) et pour patient S1 (l'agneau), les prédicats emporter / manger étant complétés par une localisation spatiale

Ora a lição da professora Laurencin, não utilizando um vocabulário terminológico desajustado a alunos de sexto ano, como tentou explicar, mostra bem a importância do uso do Imperfeito para acentuar a ideia de duração, entre outros aspectos salientados pela professora que “não tinha medo das palavras” e amava a língua que ensinava:

–Pardon madame, que veut dire «excrément»?

–Mais c’est de la merde, ma Jeanne.

[...]

– Bénissez la chance, mes enfants, d’avoir vu le jour dans l’une des plus belles langues de la Terre. Le français est votre pays. Apprenez-le, inventez-le. Ce sera, toute votre vie, votre ami le plus intime. (ORSENNA, 2001, 13)

A fábula do Lobo e do Cordeiro de La Fontaine, como fundo desta situação, sublinha a injustiça e a frieza ministerial, afastada, muitas vezes, de uma realidade concreta e um dos alvos preferidos do Autor⁶⁶. A professora, como o cordeiro da fábula, é vítima de uma visão redutora e tecnicista da aprendizagem, porque, como diz La Fontaine : “la raison du plus fort est toujours la meilleure.” As duas personagens opõem-se pelo modo como vêem o ensino da língua, num binarismo agora simples que evoluirá ao longo desta saga, como veremos.

No dia seguinte, início das férias da Páscoa, Jeanne e Thomas, o seu irmão de catorze anos, partem para a América de navio, uma vez que os pais estão separados e só se entendem com um oceano pelo meio (ORSENNA, 2001 : 20). Uma violenta tempestade⁶⁷ interrompe um campeonato de *Scrabble*, agitando o barco numa sequência bem marcada de imperfeitos rimados, utilizados como que para exemplificar o aspecto iterativo deste tempo : “je tombais, me relevais, retombais, glissais sur le parquet soudain pentu comme un toboggan, partout me cognais” (ORSENNA, 2001 : 22). Entrando pelos tímpanos, o vento tudo levou dos conhecimentos dos irmãos, até quase ao vazio, até só restar uma palavra, a preferida de Jeanne : *douceur*, como *doux* e *sœur*, repetida até ao naufrágio e ao silêncio (ORSENNA, 2001 : 30). A ilustrar este momento, Bigre! oferece-nos uma aguarela em que observamos o voo do navio entre o céu escuro e o mar revolto (ORSENNA, 2001 : 24, 25).

(forêts)» ! Peu sensible à ces méthodes de médecin légiste, notre académicien raconte la grammaire.” Alexie Lorca na entrevista referida anteriormente, citando Orsenna.

⁶⁶ Há vários sítios contra os IUFM (Instituts Universitaires de Formation des Maîtres) que citam esta passagem de Orsenna. Cf. <<http://ecolede laculture.canalblog.com/archives/2006/05/13/1869785.html>>, consultado a 30/11/2009.

⁶⁷ A tempestade *contemporânea* como lhe chama o Autor. O tempo da comunicação utilitária e pragmática e não o da conversa simples e agradável. Cf. Entrevista referida.

Na praia de uma ilha desconhecida, rodeada de palavras coloridas na ilustração de Bigre!, os dois irmãos apercebem-se de que não conseguem articular sons, maravilhando-se com os peixes brancos e pretos que saltitam nas águas distantes até se aperceberem de que são letras que abandonaram os dicionários de bordo, alegres por estarem livres, acompanhadas das suas definições, no meio das páginas deste livro (ORSENNA, 2001 : 33, 34), num estilo gráfico inabitual numa narrativa.

De repente, alguém se aproxima a cantar. É o Sr. Henri, com a sua voz doce, e o seu sobrinho de olhos verdes que encantam Jeanne, que explicam aos irmãos que ali vão recuperar o que o furacão lhes roubou. Mais uma ilustração mostra as duas novas personagens mestiças.

O capítulo V abre com uma descrição colorida e vibrante de um mercado que podia situar-se na Guiana natal de Salvador, cheio de pimentos, peixes às postas, patas de coelho, morcegos secos, desentupidores de plástico cor-de-rosa... É no meio desta confusão que se encontram, discretamente, quatro lojas especiais : *L'ami des poètes et de la chanson, Au vocabulaire de l'Amour, Dieudonné, appeleur diplômé des plantes et des poissons* e *Marie-Louise, étymologiste en quatre langues*.

Na primeira loja completamente vazia, à excepção de um livro, o «amigo» fornecia rimas difíceis a autores em apuros; na segunda, assistimos à venda de carinhos verbais a casais desavindos, como o “je suis coiffé de toi”, uma espécie de sinónimo para substituir o repetitivo “je t’aime” (ORSENNA, 2001 : 43). Jeanne observa apenas as outras duas lojas e a multidão que as rodeia, mas toma consciência de que antes do furacão usava sempre as mesmas palavras e fica encantada com toda aquela riqueza vocabular, um “tesouro” a conquistar. Mais aguarelas acompanham esta cena, em que sobressaem as várias personagens do mercado na agitação das compras. De uma forma hábil, Orsenna expande o vocabulário dos seus leitores, chamando a atenção para a delicadeza e a singularidade de cada palavra.

De tarde, os quatro amigos visitam um ilhéu seco e deserto e descobrem que quando os homens não usam as palavras, as coisas que elas designam desaparecem, como nesta ilha. O Sr. Henri diz-lhes que das 5000 línguas vivas, 25 morrem todos os anos, num ritmo assustador, que o irrita, uma forma de transmitir informações linguísticas relevantes através da personagem.

Noutra visita, Jeanne encontra a Nommeuse⁶⁸, uma senhora antiquíssima, vestida de noiva, que, de dicionário aberto, vai declamando e dando vida a palavras caídas em desuso, como “échauboulure” ou “échinidés” (ORSENNA, 2001 : 56, 57).

É na sequência desta visita que Henri fala a Jeanne de Nécrole⁶⁹, o governador / ditador do arquipélago. Como Jargonos, é alguém que detesta a paixão pelas palavras. Pare ele, “tous les mots sont des outils de communication, comme les voitures. Des outils techniques, utiles”. Nécrole acha até que há palavras a mais e quer reduzi-las ao estritamente necessário⁷⁰, porque se perde o sentido do trabalho quando se têm demasiadas palavras e pensa-se em falar ou cantar (ORSENNA, 2001 : 59). Para levar o seu projecto a cabo, de vez em quando incendiava uma biblioteca, a fazer lembrar *Fahrenheit 451* (1950) de Ray Bradbury. Henri critica também, todos os outros, os homens de negócios, os banqueiros, os economistas, que, como Nécrole, detestam pagar a tradutores e não querem a diversidade das línguas, mas apenas o rotineiro comprar e vender. A crítica à hegemonia do Inglês está bem clara neste capítulo, reforçada pela opinião na primeira pessoa na entrevista à *Lire*.

No capítulo IX aproximamo-nos cada vez mais do ponto desta narrativa que consideramos original e fulcral no conjunto destes “quatro passeios pela língua francesa” acompanhados por Orsenna. No meio do caos musical da guitarra do Sr. Henri, Jeanne apercebe-se de que na música, como na língua, a ordem não é arbitrária e que a sintaxe não é nada de indiferente :

—Vous voyez, les mots, c’est comme les notes. Il ne suffit pas de les accumuler. Sans règles, pas d’harmonie. Pas de musique. Rien que des bruits. La musique a besoin de solfège, comme la parole a besoin de grammaire.

Desta constatação e da necessidade da gramática na reacquirição da língua pelos dois irmãos, o Sr. Henri faz a aposta difícil que Orsenna parece ter ganho e partem em direcção à Cidade dos Nomes :

Il vous reste quelques souvenirs de grammaire?...
Misère!
Je me rappelais l’horreur des conjugaisons, la torture des exercices, les accords infernaux des participes passés...
[...]

⁶⁸ “Apelidadora” na tradução portuguesa da Asa da responsabilidade de Isabel St. Aubyn.

⁶⁹ Talvez relacionado com o termo grego, morte.

⁷⁰ Na entrevista a Lorca, o Autor refere o Inglês como essa “sub-língua” comercial de 400 palavras apenas, mero *código de compatibilidade internacional*.

On fait un pari? reprit Monsieur Henri. Si dans une semaine, vous n'aimez pas la grammaire, je casse ma guitare. (ORSENNA, 2001 : 66)

Nesta cidade peculiar, igual em tudo às nossas cidades, à excepção do tamanho reduzido das casas, do silêncio e dos habitantes (palavras), passeiam-se «Constitution», «analyse d'urine», «plaisir», «soutien-gorge», entre outras que quase parecem retiradas do *Français Fondamental*.

Jeanne repara nelas como se nunca as tivesse visto antes e descobre que aquela cidade nasceu da revolta das palavras relativamente ao mau uso que os homens delas faziam e às más condições de habitação das palavras : bocas com mau hálito, cáries, restos de comida, línguas pastosas, saliva ácida...

Neste capítulo X, inicia-se a verdadeira lição de gramática de Orsenna. Personificando elementos da Língua, dando-lhes uma existência «física» e concreta, aproximando conceitos abstractos dos seus leitores mais deslumbrados pela fantasia e pela imaginação. As *senhoras* palavras dividem-se em tribos especializadas. Para já, apenas os Nomes, que etiquetam as coisas, os Artigos, que avisam sobre o género das palavras e os Adjectivos, que os «vestem»⁷¹ :

Le premier métier c'est de désigner les choses. ... Les mots chargés de ce métier s'appellent les *noms*.

Les articles marchent devant les noms, en agitant une clochette : attention le nom qui me suit est un masculin, attention, c'est un féminin! ... (ORSENNA, 2001 : 72)

Les noms et les articles se promènent ensemble, du matin jusqu'au soir. Et du matin jusqu'au soir, leur occupation favorite est de trouver des habits ou des déguisements. ... (ORSENNA, 2001 : 73)

Para comprarem roupas, os Nomes dirigem-se a lojas especializadas em Adjectivos, onde os experimentam, como casacos e, chegando a um acordo, nem sempre feliz, casam-se na Câmara Municipal, na melhor tradição republicana francesa :

-À la mairie! Tu ne veux pas te marier avec moi, quand même?

-Il faut bien, puisque tu m'as choisi.

-Je me demande si j'ai eu raison. Tu ne serais pas un peu collant?

-Tous les adjectifs sont collants. Ça fait partie de leur nature. (ORSENNA, 2001 :74)

A acompanhar estas núpcias a imagem de uma casa, não muito apaixonada, de mãos dadas com o amoroso adjectivo “assombrada”, corporizando esteticamente a ideia

⁷¹ Foi precisamente este excerto que utilizámos em sala de aula numa ficha de trabalho aplicada a alunos de Francês Língua Estrangeira II do 7º ao 11º anos. Cf. Anexo 14.

veiculada pelo texto que referimos acima. Talvez seja o excerto em que mais clara e funcionalmente a estratégia de Orsenna, a antropomorfização dos elementos gramaticais, tenha resultado, neste caso a partir da morfologia.

Há que realçar a especificidade *moderna* destes «casamentos» em que só um género concordante é admitido, cabendo ao Adjectivo acrescentar uma prótese conciliadora no caso de um Nome feminino, a terminação – e. Na maior parte dos adjectivos, como sabemos, já que alguns Adjectivos preferiam a uniformidade entre géneros, não mudando nem mesmo com um casamento, como “magique”.

À saída da Câmara, e falando de número, ficava o *Bureau des exceptions*. É neste *bureau* que encontramos alguns Nomes que recusam colar um – s adesivo para mudar de número. Preferem antes o – x, como nos filmes para adultos, afirmam três mochos⁷² numa ilustração caricata.

Este capítulo X e XI são centrais nesta abordagem que Orsenna faz da gramática, baseando-se em comparações e analogias expressivas e concretas, que ilustram bem o funcionamento linguístico dos elementos personificados, como vimos.

No capítulo seguinte conheceremos os discretos e pretenciosos Pronomes, já que conseguem por vezes representá-los, assim como os Advérbios, distantes *D. Juans* que nunca mudam apesar do esforço das palavras por eles apaixonadas.

A pouco e pouco, as nossas personagens reconquistam a língua :

Je savais maintenant, et pour toujours, que les mots étaient des êtres vivants rassemblés en tribus, qu'ils méritaient notre respect, qu'ils menaient, si on les laissait libres, une existence aussi riche que la nôtre, avec autant de besoin d'amour, autant de violence cachée et plus de fantaisie joyeuse. (ORSENNA, 2001 : 83, 84)

É o que Jeanne confirma ao visitar o Hospital das Palavras, onde um “Je t'aime” gasto e sem forças⁷³, tenta recuperar de um excesso de uso, adormecido pela canção doce de Henri Salvador.

No dia seguinte, Jeanne é levada nuns helicópteros negros⁷⁴ a Nécrole, que, consciente dos problemas *gramaticofónicos* causados pelo naufrágio a envia à “especialista mundial da frase francesa”, em *tournée* de inspecção pela ilha, Mme Jargonos.

⁷² *Hibou, hiboux* em Francês.

⁷³ Cf. Ilustração de Bigre!

⁷⁴ Cf. Ilustração de Bigre!

Na *Sécherie*⁷⁵, o instituto onde Jeanne e vários professores se submeteram aos cuidados pedagógicos de Jargonos, trabalha-se novamente a fábula de La Fontaine referida no Capítulo I. Ao contrário de Mme Laurencin, a análise centra-se no desrespeito dos modelos prototípicos, na argumentação erística do lobo, no seu edifício dialéctico e sofisticado, descarnando verso a verso, dissecando a “pobre língua francesa” até ao mais ínfimo detalhe. Pior era ainda o teste a realizar sobre o *glossário* imposto pelo Ministério (e neste ponto, o Autor cita em nota de rodapé os *Programmes et Accompagnement de Français, classe de sixième* de 1999), uma lista de nomenclatura gramatical incompreensível para os alunos a quem se destina : «Mais était-ce ma faute si je n’y comprenais rien?» (ORSENNA, 2001 : 109).

No capítulo XVI, o Sr. Henri, num helicóptero branco, numa conotação positiva por oposição ao negro associado a Nécrole, resgata Jeanne do Secadouro e Jeanne, ao som de *Une île au soleil*⁷⁶, descobre como as rimas adoçam a vida e como o grande medo de Jargonos, como veremos no segundo volume desta saga, é o “medo do prazer das palavras” (ORSENNA, 2001 : 102).

No capítulo XVII, mais um longo capítulo, visitamos a Fábrica das Frases, já que o Sr. Henri tem pressa e quer que Jeanne fale o mais depressa possível, não se dê o caso de que o seu “cérebro direito, onde nascem as frases, se transforme em deserto ou a sua língua achatada e escura como um peixe seco” (ORSENNA, 2001 : 103).

À porta da fábrica, um comprido e magro *director-girafa*, ainda mais esguio no desenho de Bigre!, recebe as nossas personagens e descobrimos por que razão são os gramáticos, personagens que povoam as obras de Orsenna, tão magros :

Il aime tellement les mots, il s’occupe tellement d’eux, nuit et jour, qu’il en oublie de manger. Alors forcément, il manque de graisse. [...] Les grammairiens se passionnent pour la structure de la langue, son ossature. Alors forcément, chez eux, le squelette est plus visible. (ORSENNA, 2001 : 105)

Nesta fábrica, Jeanne vai encontrar tudo o que precisa para reconquistar o Francês : os Verbos, em constante agitação, sempre a trabalhar, como formigas : ces fourmis, ces verbes, comme il les avait appelés, serraient, sculptaient, rongeaient,

⁷⁵ *Secadouro* na tradução portuguesa. É inevitável a associação aos vários sentidos que *sécher* pode ter, para além de faltar a uma aula ou não saber as respostas de um exame, significa também secar, como nas indústrias de seca de peixe, em que o excesso de água e entranhas dos peixes são retirados. Neste Secadouro, o peixe seco é o Francês, expurgado da sua vida e do seu encanto, substituído pela metalinguagem e pela análise *secante*.

⁷⁶ Mais um título popularizado por Salvador.

réparaient; ils couvraient, polissaient, limaient, vissaient, sciaient; ils buvaient, cousaient, trayaient, peignaient, croissaient (ORSENNA, 2001 : 107) e novamente os Nomes num esvoaçar assustador. A oportunidade para Orsenna falar um pouco mais de sintaxe e tempos verbais.

Depois de escolher *fleur*, *diplodocus* e *grignoter*, Jeanne passou pelo distribuidor de artigos, de onde tirou um *le* e um *la* e tentou arrumá-los numa mágica folha de papel, “a verdadeira casa das palavras”. A sua primeira frase : “Le diplodocus grignoter la fleur” precisa de *datar* o verbo, segundo o director, que lhe mostra vários relógios enormes como ele, na visão de Bigre! Cada relógio representa um tempo. Colocando a folha numa ranhura a frase era alterada pelo mecanismo dos relógios : “le diplodocus grignote la fleur”, no relógio do Presente e assim por diante nos relógios do Imperfeito, do *Passé Simple*, do Condicional e do Futuro. É interessante referir a forma desprovida de jargão e terminologia que o Autor usa para explicitar as diferenças entre os diferentes Tempos, recorrendo a exemplos inesperados, como os hábitos alimentares do *diplodocus* para explicar o uso do Imperfeito ou do *Passé Simple*.

Para completar a frase iniciada por Jeanne, esta fábrica dispõe também de uma loja de Adjectivos, um distribuidor de Preposições para complementos indirectos, Interjeições e Conjunções. A frase inicial foi crescendo com estas contribuições e, como nos enfeites exagerados de uma árvore de Natal, teve de ser refeita para não se tornar excessiva e confusa :

Au fond de la forêt impénétrable, le gigantesque et verdâtre diplodocus confiait à ses amis en pleurant qu’il avait grignoté par erreur la fleur délicate, jaune, rare, ni européenne ni américaine mais asiatique, qu’un colporteur terrorisé lui avait vendue trois fois rien et que sa fiancée, une blonde acariâtre, colérique, rubiconde et néanmoins tendrement aimée, attendait impatiemment depuis des années. (ORSENNA, 2001 : 116, 117)

Depois desta prova de força, Jeanne recomeça a falar e pergunta ao director, sem se aperceber, o que estava atrás de uma porta interdita, sem resposta. Também Thomas recupera o dom da fala, mas graças à música aprendida com o sobrinho *sublime* de Henri, porque “a música põe ordem no cérebro, porque solfejo e gramática são o mesmo combate” (ORSENNA, 2001 :121) Entretanto prepara-se a festa de aniversário da *Nommeuse* ao som de *Michelle* dos Beatles e aguarda-se a chegada dos pais dos dois irmãos, juntos para grande espanto de Jeanne.

Lembremo-nos da declaração de Jeanne no início desta descoberta. Não satisfeita com a não-resposta do director-girafa, Jeanne volta à fábrica e descobre três escritores franceses atrás da porta proibida, autênticos paradigmas da literatura francesa e do uso peculiar que cada um deles faz da língua, Autores canónicos estudados no ensino básico e secundário : Saint-Exupéry (1900-1944), Marcel Proust (1871-1922) e La Fontaine (1621-1695), no que é um convite à leitura e uma homenagem de Orsenna.

A acompanhar um curto diálogo com Saint-Ex, uma recriação de um desenho do próprio por Bigre! e uma citação do final do capítulo XXVI de *Le Petit Prince*, quando o Príncipezinho é mordido pela serpente. O Autor sobrevive ao tempo pela sua escrita e assume-se como o próprio Príncipezinho.

De seguida, encontramos um pálido e frágil Proust, de bigode fino, bebendo chá e comendo uma famosa madalena no traço de Bigre!, numa casa feita de cortiça, assumidamente Autor de frases longas que o deixam sem fôlego. Frases profundas, como os peixes das profundidades, para os quais é preciso mais linha e que interessarão Jeanne quando esta crescer também. Uma citação de *À la recherche du temps perdu* acompanha o diálogo.

Terminamos este encontro com La Fontaine, o grande Autor deste livro, de longa cabeleira, sentado a uma mesa, de pluma de ganso na mão, acompanhado de um corvo e de uma raposa pela mão do ilustrador, mas também de todo um zoo, nas palavras de Orsenna. Para a colecção de frases de Jeanne, La Fontaine contribui com um verso de *Le Corbeau et le Renard*, antes que o director interrompa esta confraternização e explique a Jeanne que “um grande escritor é alguém que constrói frases, buscando apenas a verdade” (ORSENNA, 2001 : 130), fugindo à Morte.

No último capítulo, o XXI, assistimos à chegada dos hidro-aviões com os pais desavindos⁷⁷. Na praia, os escritores, de bloco na mão e lápis atrás da orelha, e todas as palavras da ilha, esvoaçantes. Henri explica a Jeanne o poder criador das palavras, como da música, a do título, que ele canta mais uma vez. “As palavras odeiam o silêncio, o desamor e apesar de nem sempre ser possível, as palavras podem fazer renascer o Amor” (ORSENNA, 2001 : 136), basta tentar.

E assim termina, neste impasse, na porta fechada do hidro-avião, esta primeira aventura no país da Língua.

⁷⁷ Cf. Ilustração de Bigre!

Retomando as palavras de McEwan, poderíamos esquematizar esta narrativa utilizando a receita deste Autor, uma releitura do esquema de Greimas⁷⁸ (1917-1992) : Jeanne, como personagem central, em busca do Francês, enfrenta uma tempestade, Jargonos e Nécrole, como antagonistas e é adjuvada nesta redescoberta linguística e emocional pelo Sr. Henri, o seu sobrinho, os escritores, as próprias palavras. Como em McEwan, este final aberto, mas não totalmente feliz, abre janelas para o que se segue e que aqui ainda era apenas um esboço mais espontâneo do que Orsenna viria a fazer.

Este é, talvez por ser o primeiro volume, o mais rico e espontâneo na sua abordagem cismática. A originalidade e o sucesso deste primeiro título baseia-se, a nosso ver, na personificação dos elementos gramaticais, que ganham pela mão de Orsenna, uma existência física e psicológica, interagindo uns com os outros na construção de sentido, permitindo a Jeanne e a Thomas a reaquisição do Francês.

As analogias, as comparações, as enumerações e as gradações são habituais no estilo do Autor e pretendem sublinhar e expor as palavras de um modo visível e consciente e numa dádiva linguística, a que se junta a música de Salvador, outra face do mesmo Amor, e a Literatura, como expoente máximo desse Amor pelas palavras que o Autor contapõe ao jargão linguístico descarnado e simbolizado na personagem Jargonos.

Mais do que a simples descrição física, tanto quanto é possível, o Autor descreve as características linguísticas / psicológicas das categorias gramaticais, por exemplo, os Adjectivos, dependentes do Nome, colantes, imitadores do seu estilo, o mesmo é dizer, do seu número e género. E sempre sem violentar as regras gramaticais, já existentes.

Consultando Grevisse, o gramático de eleição de Orsenna, e apesar da sua normatividade discursiva de gramática ponderada, deparamo-nos, com um discurso muito próximo, quase as mesmas palavras, do de Orsenna : *le nom sert à désigner les êtres ou les choses; l'article sert à marquer un sens complètement ou incomplètement déterminé du nom qu'il précède; l'adjectif se joint au nom pour le qualifier* (GREVISSE, 1995 : 21) ou *le nom est un mot porteur d'un genre, qui peut varier en genre et nombre, accompagné d'un déterminant, l'article et l'adjectif varient en genre et nombre et s'accordent avec le nom* (GREVISSE, 1994 : 701, 858, 820). Se passarmos à sintaxe e à ordenação dos elementos na frase de que Orsenna também falou, comparando a língua à música, o mesmo acontece : *les éléments de la proposition sont*

⁷⁸ O Autor expôs as suas ideias sobre a estrutura da narrativa no conhecido *Semântica Estrutural* de 1966.

placés suivant un ordre réglé par leur fonction grammaticale, d'abord le sujet, point de départ de l'énoncé, puis le verbe, puis l'attribut ou le complément (GREVISSE, 1995 : 64), para referirmos apenas algumas das regras gramaticais afluídas por Orsenna.

Quase diríamos que o Autor *traduz* as regras para uma linguagem associada ao prazer linguístico, à imaginação, ao mundo dos alunos e não só, ao fascínio das palavras e do seu poder mais que simplesmente comunicativo, mas emocional e criador, até nos exemplos da Literatura Francesa referidos nesta primeira canção. Sem esquecer a forma utilizada para fazer passar estes conhecimentos, a Literatura⁷⁹. E neste ponto consiste uma das diferenças entre uma gramática e Orsenna.

2.2.2. Les Chevaliers du Subjonctif (2004)

A segunda parte desta aventura continuou em 2004, último livro desta coleção traduzido também pela Asa em 2006.

Neste livro, após o naufrágio e reconquistado o domínio do Francês, os dois irmãos tentam dar resposta à grande questão quase colocada no final do livro anterior : «o que é o Amor?»

Jeanne encontra um cartógrafo e sobrevoa as ilhas do Conjuntivo, tentando cartografá-las, mas sem sucesso, porque elas mudam constantemente de forma.

Isto acontece porque o Conjuntivo, modo tão sensível para os Franceses, é o modo das possibilidades, das hipóteses, do Amor, como explica o Autor.

Depois de encontros com Melville, Hemingway e Conrad, escritores do mar, Jorge Luis Borges e os mais contemporâneos Madonna, Daniel Conh-Bendit, Jacques Cousteau et Fidel Castro⁸⁰, Jeanne parte para a ilha do Indicativo.

À semelhança do que dissemos no subcapítulo anterior, a capa e contracapa do segundo volume segue as características do primeiro, à exceção da imagem de Bigre!, um planador sobrevoando uma ilha verde, num fundo azul de mar que invade a capa.

Quanto ao título, é inevitável a evocação dos Cavaleiros da Távola Redonda, numa demanda e luta constante, neste caso, pela defesa do Conjuntivo, um modo tão mal amado. Orsenna, acalentado pelo sucesso anterior, empreendeu com mais liberdade e ao mesmo tempo menos espontaneidade esta segunda aventura, num percurso que se

⁷⁹ A mesma receita ou quase é utilizada nos livros aconselhados no final da edição portuguesa : *O Diabo dos Números* de Hans Magnus Henzensberger ou *O Mundo de Sofia* de Jostein Gaarder.

⁸⁰ Figuras de revolta ou irreverência, ícones pop, figuras da cultura do séc. XX /XXI.

vai aproximando mais da Literatura, trabalhando mais uma temática sensível para o Francês : o Conjuntivo.

O livro tem 182 páginas, XIV capítulos, um resumo, um prólogo, um epílogo e agradecimentos.

Les chevaliers... é dedicado, desta vez aos anónimos “Gabriel, Dina, Armand, Tom, Alphonse, la belle equipe du Cinquantenaire”. Segue-se uma citação de Valéry, que sublinha o valor do que poderia ser, como o Conjuntivo, e o resumo de *La Grammaire...* para que seja mais fácil lembrar e articular as duas histórias.

Como sempre, os *incipit* de Orsenna chamam à atenção : *amoureuse*. É sobre este único adjectivo feminino que esta narrativa de desenrola. Num prólogo, escrito na primeira pessoa, Jeanne, de doze anos, anuncia-nos que a seca Jargonos, por um mistério insondável, se apaixonou, amolecendo a sua frieza ao sol da paixão como um *loukoum*, um doce oriental. Jeanne, como um *compère* de teatro conduz-nos a mais uma história, desta vez ao mundo misterioso do Conjuntivo.

O capítulo I leva-nos ao bar *Cargo Sentimental*, onde Jeanne descansa das fadigas de um inquirido curioso, “O que é o Amor?” Mme Jargonos e Dario, um músico do bar trocam um olhar e apaixonam-se para grande desconcerto da própria, de Jeanne e dos companheiros de Dario. Pontuam o texto uma imagem do bar com pares de dançarinos e cinco pratos redondos que sublinham a variedade de alimentos, a cor e o prazer associados àquele bar, ambiente com o qual Jargonos nada tinha em comum, aparentemente.

Desta feita é Jeanne que tenta dissecar o Amor, elaborando esquemas e utilizando as técnicas das aulas de Ciências da Natureza, não chegando a nenhuma conclusão. Sem respostas, observando a esguia Jargonos e o redondo Dario, procura o Sr. Henri que lhe anuncia o seu casamento próximo e lhe ensina que “o amor é uma conversa (ORSENNA, 2004 : 31). E não voltamos a ver o Sr. Henri, de guitarra na mão, com os seus sapatos bicolores, descontraído, como na ilustração de Bigre!, agora com mais pormenores e detalhes, mais do que grandes imagens.

No capítulo IV, a meio da lição de salsa de Amandine⁸¹ Jargonos, agora com direito a nome próprio, surgem três Capas Negras : Vilvorde, Remords e Couture⁸², advogados especializados em questões associadas ao divórcio, antecipando

⁸¹ Nome de amêndoa, quem sabe mais doce.

⁸² Alusões prováveis à polémica cidade anti-francófona da Bélgica, à palavra *Remorso* e *Costura*, numa tríade oposta à linguagem do amor?

estatisticamente as situações que poderiam levar ao final do relacionamento Amandine / Dario. É destas suposições e deste uso abusivo do Condicional pelos advogados que Jargonos, declara :

- Décidément, je hais le conditionnel![...]
 - Le conditionnel ne fait jamais, jamais confiance. Le conditionnel n'arrête pas d'imaginer le contraire de ce qui se passe. [...] Vive l'indicatif Présent!
- (ORSENNA, 2004 : 37, 38)

No brevíssimo capítulo V, alguns hieróglifos dividem a página e levantam um mistério a desvendar mais adiante. Mais uma vez, a originalidade do aspecto gráfico dos livros de Orsenna se revela, neste caso com a escrita egípcia, a que se somarão outras línguas.

Sobre a imagem de um bloco de notas e um lápis, no capítulo seguinte continuamos a recolha de quase respostas ao inquérito de Jeanne sobre o amor : “peut-être la nuit ou jamais” (ORSENNA, 2004 : 40), desta vez, um *quase-anão*, de aspecto diabólico, com barbicha e calções vermelhos, o cartógrafo da ilha, que convida Jeanne, tão curiosa como ele, a descobrir esse grande segredo que Orsenna nos vai desvendar sobre o Amor e sobre o Conjuntivo.

Num planador branco, levados pelo vento, Jeanne, Jean-Luc, o piloto e o cartógrafo, desenham o arquipélago da Conjugação, cinco ilhas provisórias, talvez as do Indicativo, Conjuntivo, Condicional, Imperativo, a que se pode juntar o Infinitivo ou os Particípios ou o Gerúndio, na tradição gramatical francesa. O passeio, como o amor, na definição do cartógrafo é documentada por pequenas imagens dos aviadores e por um relógio que explica como o céu se divide para os aviadores, numa união de tempo e espaço (ORSENNA, 2004 : 54).

No capítulo IX, os nossos aviadores aterram na ilha do Infinitivo, onde os verbos podem fazer e ser tudo (ORSENNA, 2004 : 61), onde se deparam com vários motores de frases velhos e organizados, os verbos terminados em -er, -ir, -re e os *problemáticos*, de quarentena, igualmente com a nobre função de fazer avançar a frase e de lhe dar vida e movimento (ORSENNA, 2004 : 59). Como os Nomes de *La grammaire...* também os Verbos se vestem de acordo com as circunstâncias e para deixarem de exhibir a sua nudez infinitiva, acrescentam terminações para o Presente, o Futuro, o Imperfeito, o Passé Simple, nos exemplos apresentados. Jeanne encontra ainda alguns *infinitivos preguiçosos*, “aqueles que decidiram que ser verbo é muito cansativo e que preferiram

ser nomes : le savoir, le sourire” (ORSENNA, 2004 : 66). Numa dupla página, Bigre! mostra-nos o arquipélago ao pôr-do-sol, sobrevoado pelo planador, um horizonte longínquo que acentua a relação do infinitivo e do infinito transmitida pelo texto (ORSENNA, 2004 : 64, 65).

No capítulo X, Jeanne, como uma Alice num país estranho, visita a ilha dos Loucos onde é recebida por um coro ininterrupto de ordens imperativas de juízes, médicos, professores de régua na mão, padres, *mollahs* e rabinos, polícias e soldados, até Napoleão :

-Faites demi-tour
-Atterrissez tout de suite!
-Annoncez vos noms! [...]
-La fille, montre-nous tes seins.
(ORSENNA, Les Chevaliers du Subjonctif, 2004 : 68-71)

Mas nem só de ordens vive o imperativo, também de conselhos e pedidos, o que o cartógrafo chama de *imperativo doce* : “Aiguise mieux ta scie, ce sera plus facile.”, “Mon Dieu, soit remercié pour tant de beauté! Mon Dieu, prends-nous dans Ton amour!” ou o conhecido “Allez venez, Milord, vous asseoir à ma table...” de Piaf, cantando no meio da praça (ORSENNA, 2004 : 73, 74).

A propósito do nome da ilha dos nossos aviadores, Indicativo, e respondendo à dúvida de Jeanne, o cartógrafo explica este termo confuso nas suas diversas acepções em Francês : “indicateur de police, indicateur de chemin de fer, indicateur de la radio, indicateur (oiseau qui indique où est le miel)” (ORSENNA, 2004 : 75, 76).

Ao regressar à região do Presente e à ilha do Indicativo, Os três amigos vêm do *cockpit* uma ilha mudada e invadida por manchas verdes, ilustrada por Bigre!, as tropas de Nérole na avenida Toussaint-Louverture⁸³, na avenida Césaire⁸⁴ e na rotunda Senghor⁸⁵ (ORSENNA, 2004 : 76-79), prisões e tudo por causa do “maldito Conjuntivo” (ORSENNA, 2004 : 81), como diz a Jeanne um noctívago amigo, mascarado de Pierrot.

Desta feita, quase numa resposta aos três escritores franceses evocados em *La Grammaire...*, temos três referências breves a Autores da Francofonia (o último deles

⁸³ (1746-1803), o primeiro líder negro do Haiti.

⁸⁴ (1913-2008), poeta da Martinica, para quem o conceito de *negritude* orientou a sua obra e a sua acção política.

⁸⁵ (1906-2001), poeta, primeiro Presidente do Senegal, primeiro africano na Academia Francesa, desenvolvendo a noção de *negritude* de Césaire : «La Négritude est la simple reconnaissance du fait d'être noir, et l'acceptation de ce fait, de notre destin de Noir, de notre histoire et de notre culture». Cf. <http://www.dicocitations.com/auteur/4076/Leopold_Sedar_Senghor.php>.

será uma personagem em *Et si on dansait?*), no que é uma abertura ao vasto mundo do Francês.

À semelhança do capítulo X, no capítulo XII, a meio de um banquete preparado por um cozinheiro do famoso *El Bulli*, em Barcelona, Hector, Orsenna dá-nos pela voz da Nommeuse⁸⁶, personagem do primeiro volume, uma definição de Conjuntivo :

Jungere veut dire «joindre». *Sub* veut dire «sous». Et *subjungere* veut dire «atteler»...
–Atteler, comme atteler un cheval à une charrette?
–Exactement. Quand tu dis «je veux que mon ami vienne», «je veux», c’est le cheval, l’énergie, la volonté, la force qui tire.
–Mais il tire quoi?
–La charrette. Il tire son rêve, le souhait que son ami vienne
–Pourquoi? Il faut de la force pour rêver?
(ORSENNA, 2004 : 85)

Nela encontramos ecos de tantas gramáticas que reservam ao Conjuntivo, o tempo do incerto, do hipotético, do provável. Do sonho, diz Orsenna, sem esquecer a imagem citada acima, uma das estratégias preferidas do Autor.

Quando Jeanne se preparava para fugir para a ilha do Conjuntivo para se reunir a Tom, é levada à presença de Nécrole. O Ditador, em plena sessão de manicure com uma sócia de Madonna, mostra-lhe vários sacos com documentos bizarros que põem em causa a soberania da ilha : um dossier completo sobre a formação do Conjuntivo em japonês e vários hieróglifos de frases no Conjuntivo, que cortam a página de Orsenna e reforçam a sua definição de Conjuntivo, já que nestas línguas a utilização deste Modo é ainda ou foi natural como Orsenna gostaria talvez que fosse ainda em Francês.

–Les subjonctifs sont les ennemis de l’ordre, des individus de la pire espèce. Des insatisfaits perpétuels. Des rêveurs, c’est-à-dire des contestataires. «Je veux que tous les hommes soient libres.» [...] Le rêve est la plus malfaisante des maladies. (ORSENNA, 2004 : 97)

É preciso agir e conquistar a ilha do Conjuntivo, a única que resiste a Nécrole, daí a necessidade de um mapa preciso destas ilhas. Tarefa impossível, já que a ilha muda de forma constantemente.

Desta vez é Jeanne que explica aos aviadores porquê :

⁸⁶ Traduzido *Nomeadora* em nota de rodapé por Helena Sousa Pereira, apesar do “Apelidadora”, usado em *A gramática...*

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

–L'île que nous survolons n'est pas comme les autres, patron. Si j'ai bien compris, le subjonctif est l'univers du doute, de l'attente, du désir, de l'espérance, de tous les possibles... Comment voulez-vous que l'île du doute, de l'attente, du désir, de l'espérance, de tous les possibles ait des contours bien définis?
(ORSENNA, 2004 : 107)

E que coisa é o Amor, uma variedade de Conjuntivo, diz Jeanne, senão dúvida, espera, desejo, esperança? (ORSENNA, 2004 : 108)

A concluir o capítulo XV, o som da Cavalgada das Valquírias⁸⁷ de Wagner (1813-1883) e do atrevido *Un fiacre allait trotinant*⁸⁸ antecede a queda do avião na ilha movediça.

A prolongar o *suspense* desta cena, uma dupla página do ilustrador mostra as mãos do cartógrafo a tentar registar os vários contornos da ilha.

Jeanne acorda, como na praia do primeiro livro, só que desta vez não é Thomas quem encontra, mas Dany, um ruivo a fazer pensar em Cohn-Bendit⁸⁹ (1945-) satisfeito por ter visitas. Dany, rodeado de animais, reforça a lição da Nommeuse sobre o Conjuntivo e sublinha o carácter revolucionário deste modo.

No que diz respeito às imagens, há que referir três fatos de *Batman*, um símbolo de sonhos infantis que decoram o bar da ilha, o *Chardon Bleu*, num evidente jogo de palavras. Além deste elemento decorativo do bar representado graficamente, apontaremos a maquete referida no texto do *Pen Duik*, o famoso veleiro de Eric Tabarly (1931-98), homónimo do Autor e como ele velejador e apreciador do mar.

O capítulo XVII termina com um enigma não desvendado : em que é que uma tartaruga é um animal conjuntivo? (ORSENNA, 2004 : 121)

No capítulo que se segue, Jeanne reúne-se no CNRS (*Centre Nacional de Recherche sur le Subjonctif*) com vários gramáticos que apenas se exprimem através de frases no Conjuntivo. Com eles e, em especial, com Danielle (Leeman?), Jeanne aprende que em Gisir, uma língua bantu do grupo B40, falada nas florestas do Gabão, o Conjuntivo se exprime com o verbo *amar*, porque pertence “ao universo de tudo aquilo que amamos” (ORSENNA, 2004 : 130) e que os barcos, por poderem chegar a todo o lado, são “objectos tipicamente conjuntivos” (ORSENNA, 2004 : 128) como os homens de negócios com quem Jeanne encontra Thomas que “só sonham para eles” ou como as tartarugas (ORSENNA, 2004 : 139)?

⁸⁷ A fazer lembrar *Apocalypse Now* de Coppola de 1979.

⁸⁸ Célebre canção de 1888, popularizada por Yvette Guilbert, com letra de Léon Xanrof.

⁸⁹ Conhecido político ecologista francês e deputado europeu.

No capítulo XX, toda a ilha se reúne para os “exercícios”, uma litania de frases no Conjuntivo a relembrar a da ilha dos Loucos. Jeanne apercebe-se de que o mar é o espelho dos sonhos e por isso mesmo o Grande Conjuntivo. (ORSENNA, 2004 : 148). É em volta de uma grande baía na imagem de dupla página de Bigre! que a heroína da história reencontra uma chorosa Jargonos que apenas quer que Dario volte, numa esperança e numa dúvida que são também *conjuntivas* (ORSENNA, 2004 : 146).

No capítulo seguinte, Jeanne conversa com Herman Melville (1819-1891), Joseph Conrad (1857-1924) e Ernest Hemingway (1899-1961), os maiores escritores do mar na afirmação de Orsenna, sobre os seus livros. Três imagens ilustram isso mesmo : Melville aparece acompanhado da sua famosa baleia branca; Conrad, de um veleiro, presente em tantos dos seus livros e Hemingway de um espadarte, referência a *O Velho e o Mar* de 1952⁹⁰. Tal como no volume analisado anteriormente, onde pontificavam três escritores franceses, neste, a presença de três escritores anglófonos, amplia a estratégia de *La Grammaire...* num processo de globalização literária e cultural, também característico do Autor.

De novo com Tom, Jeanne descobre que os *écrans* de mar⁹¹ desenvolvidos num laboratório ultra-secreto substituirão televisões e computadores, como portas para os nossos sonhos (ORSENNA, 2004 : 159).

Jorge Luis Borges (1889-1986) aparece no penúltimo capítulo, como figura que vê para além do real e inventa novos mundos possíveis, *conjuntivos*. Recita um excerto de “A Biblioteca de Babel”, publicada em *Ficções* de 1944, uma estratégia de motivação e divulgação literária que o Autor levará ao limite no quarto volume da saga. Uma imagem quase fotográfica de Borges e de uma rosa-dos-ventos ilustram o capítulo, como que a sublinhar a viagem interior a que nos convida o Autor invisual hispanófono.

De volta ao laboratório / fábrica de Thomas, Jeanne viaja através dos *écrans* com Cousteau⁹², pelo cérebro, um desfile de alta costura, um filme de Hollywood, numa experiência verdadeiramente *conjuntiva*.

Cansada de tantos sonhos e possibilidades e com saudades da vida real, Jeanne e Jean-Luc regressam à ilha do Indicativo, ao som da música de Thomas, a expressão mais livre do mundo (ORSENNA, 2004 : 173).

⁹⁰ Estas e outras obras referidas por Orsenna que não foram consultadas especificamente não figuram na bibliografia por economia de espaço.

⁹¹ Cf. Bigre!, página 157.

⁹² 1910-1997, grande figura do mar e da cultura francesa, cuja cadeira da Academia Francesa foi ocupada por Orsenna.

O livro termina com um Epílogo e com o regresso ao Indicativo, onde se festeja a queda de Nécrole, apesar de a felicidade não durar muito, avisa Thomas.

Uma imagem de um envelope com vários selos reproduzindo imagens avulsas do livro endereçado a Jeanne no Arquipélago das Palavras encerra o livro e a colaboração de Bigre! com o Autor. Seguem-se os Agradecimentos, a Danielle Leeman, gramática, Carine Marret, especialista em hieróglifos, doze jovens alunos terrivelmente críticos convidados pelo Autor a acompanhar a escrita do texto, Liliane Rodde e Charlotte Brossier, colaboradoras de Orsenna.

A estrutura deste segundo número não difere muito da do anterior : Jeanne busca conhecer melhor o Amor e o Conjuntivo, contando para isso com a ajuda do Sr. Henri, na sua última participação nas aventuras de Orsenna, a Nommeuse, Jargonos, Dany, le roux e Danielle. Todos juntos enfrentam e vencem Nécrole. De notar o facto de a personagem Jargonos ter alterado o seu papel a partir deste livro, tornando-se uma aliada de Jeanne na sua descoberta linguística e gramatical, depois de se ter apaixonado por Dario.

Neste livro, o Autor prefere usar as analogias para explicar as particularidades do Conjuntivo, associando este modo ao Amor, numa conjugação sensível e inesperada. O livro teve um grande sucesso em França e relançou o debate e o uso descomplexado de um modo tão odiado, nas palavras do Autor.

O texto parece escrito com menos espontaneidade, sendo uma continuação consciente e clara do primeiro sucesso, tanto que o Autor achou por bem envolver alguns dos seus leitores na escrita quase conjunta da obra, como vimos.

Grevisse, como Orsenna, refere-se ao Imperativo como *le mode du commandement, de l'exhortation, de la prière* e ao Conjuntivo como *un fait simplement envisagé dans la pensée, avec un sentiment particulier (comme dans le désir, le souhait, la volonté)* (GREVISSE, 1995 : 197).

O Imperativo é explicado através das muitas frases que invadem o capítulo dedicado a este tema. No caso do Conjuntivo, Grevisse (1994 : 1265) acentua o facto de o interlocutor não se referir a uma realidade constatável. Para Orsenna, a explicação faz-se pela analogia Conjuntivo / Amor, naquilo que têm em comum : a incerteza.

Esta analogia, mais ousada que no primeiro volume, abriu a porta às outras abordagens mais livres dos fenómenos linguísticos que veremos nos volumes III e IV.

Em suma, independentemente da linguagem, a ideia que Orsenna pretende e consegue sublinhar é a de que *le subjonctif est le mode du doute et de l'espérance. Le subjonctif est le mode de l'amour* (ORSENNA, 2004 : 147).

2.2.3. La Révolte des Accents (2007)

A saga continua em 2007. Neste volume, o Autor conduz os nossos heróis para uma outra ilha, de onde os Acentos, cansados de maus tratos e de um sentimento de incomodidade relativamente à sua existência, desaparecem, o que leva a numerosos mal-entendidos.

Jeanne parte em busca dos acentos e encontra-os, depois de várias peripécias, nos Himalaias, no país dos Acentos.

É nestas altitudes que Jeanne descobre o que é amar : acentuar a vida. Mais uma vez, Orsenna relaciona um elemento gramatical, metalinguagem distante, os acentos, com a vida, cheia de dinâmica, à imagem do título do primeiro livro desta colecção, transferindo para a área do emocional, a gramática, humanizando-a, reforçando a ligação íntima que a gramática, pela expressão do «eu» tem com o falante de uma língua e também com o «vivente» dessa língua.

Os acentos acabam por regressar e o mundo reconhece o seu papel indispensável.

Desta vez, Jeanne encontra Pessoa, Apollinaire, Madonna, Johnny Depp, Vanessa Paradis, Fidel Castro e Vladimir Putin.

A capa do terceiro volume deste *corpus* é agora da autoria de Montse Bernal⁹³. O seu toque reconhece-se pela integração de palavras e imagens reais ou retiradas de outros documentos autênticos nas ilustrações, a predominância dos encarnados, sépias, castanhos, tons suaves, apenas cortados pelo azul vibrante. Na capa a verde, a imagem de uma velha máquina de escrever *Munson* com uma folha em que surge uma gravura renascentista de Jacobus Sylvius de quem falaremos adiante, um aparelho de morse, uma mão com cartões em que a letra “e” aparece sem acento e com o acento agudo, grave e circunflexo, a desvendar um pouco mais o que o título promete, uma revolta.

⁹³ Jovem ilustradora espanhola da Agência de ilustradores ZEGMA com um vasto trabalho em publicidade, revistas e outras publicações, mas não em livros, a julgar pelo *book* disponível no sítio da agência. Cf. <<http://www.zegma.com>>.

Todos os outros elementos da capa e da contracapa se mantêm como nos livros anteriores.

Como em todos os livros anteriores, também este tem uma dedicatória. Desta feita a Vincent Calmettes, “capitão do porto”, o conhecido músico de jazz, um dos prazeres do Autor. O livro organiza-se em XXI capítulos e tem 136 páginas.

O capítulo I começa subitamente, agora sem resumo do anterior volume, com um pequeno anúncio numa padaria : “bons yeux demandés pour regarder la mer”, uma vez que Jeanne, a protagonista de mais um passeio pelo Francês, procura um trabalho de Verão. Antes deste esclarecimento e da história propriamente dita, Jeanne aguça-nos a curiosidade fazendo excursos sobre a origem de “rébarbatif” e avisa-nos de que desta vez o destino será a Índia (ORSENNNA, 2007 : 9). O anúncio da capitania reuniu um grande grupo de interessados, mas é Jeanne que consegue ler no cimo de uma torre algumas linhas minúsculas de *Moby Dick*, que já referimos a propósito de *Les Chevaliers...* e é nomeada adjunta estagiária do capitão. A ilustração de Bernal mostra-nos a baleia num mar revolto, rodeada pelas frases “elle souffle, c’est Moby Dick!”

No capítulo II, Fernando Juvenal, o capitão brasileiro de aspecto robusto e pétreo, mas voz tímida, acompanhado por Óscar, o acordeão, dez gatos, um marinheiro com um cadeirão de pele gasta e Jeanne, sobem os cento e noventa e três degraus do farol, o local de trabalho da nossa heroína. Jeanne descobre com Fernando que as gaivotas têm um intestino frágil e que a música ajuda a ver “mais claro e mais longe que os olhos” (ORSENNNA, 2007 : 25) no que poderá ser um eco de *Le Petit Prince* , sublinhando uma vez mais o papel que Orsenna dá à música⁹⁴, quase substituindo e sobrepondo-se à figura do Sr. Henri. Uma dupla página mostra o farol, Jeanne, Óscar, um gato e duas gaivotas num ambiente que evoca alegria e movimento.

A calma vivida no alto do farol é interrompida com a chegada de um junco com um grupo de actores, que representam *Romeu e Julieta* de Shakespeare, entusiasmando a ilha. O texto de Orsenna é pontuado por citações em francês do texto, estratégia levada ao extremo na continuação deste volume. Bernal adorna os cantos da primeira página do capítulo III com quatro dos gatos de Fernando : Catherine, Tobago, Kalachnikov e Sakhalin a encarnado, cinzento e azul, como referimos, e dedica uma

⁹⁴ Cf. Anexo 3.

página inteira aos amores infelizes de Romeu e Julieta, em que as palavras e as lágrimas e um coração partido disputam importância nas cores já indicadas.

O capítulo V interpela-nos com a exclamação “Mes piments!” (ORSENNA, 2007 : 38) de Mme Rigoberta, a proprietária de *Le sel de la vie*, uma loja de especiarias, abandonada pelo marido “num dia de chuva com três crianças e uma montanha de dívidas” (ORSENNA, 2007 : 33), quando descobre, com a ajuda do Sr. Henri, que os seus pimentos e as suas especiarias tinham desaparecido misteriosamente, mas não só. Henri alerta Don Luis, o Presidente da Câmara e ex-professor sempre atento, e Fernando que tomavam pequeno-almoço. Don Luis logo repara na pronúncia bizarra de Henri e descobre que também os acentos desapareceram, partilhando com Fernando e Henri o motivo da revolta dos acentos. A partir deste capítulo, apenas o texto do narrador segue a ortografia no que diz respeito aos acentos. Todas as palavras das intervenções das personagens aparecem sem acentos, num vazio gráfico que deverá surpreender os leitores de Orsenna. Quanto mais não seja porque a ausência de acentos, em especial sobre a letra –e⁹⁵, causa, em Francês, alterações de significado e som [e / ε / ə].

Repare-se igualmente na analogia especiarias / acentos como sinónimos do que dá gosto e diferencia gastronomia e ortografia. Assim como as especiarias dão cor, sabor, textura aos alimentos conjugados como palavras numa frase, assim também os acentos sobre as vogais alteram leituras, sons, interpretações, sublinhando sílabas em detrimento de outras, diferenciando palavras, sentidos e emoções.

Orsenna aproveita também esta situação para escapar por momentos ou para relacionar mais uma vez vida e gramática, para reflectir sobre a necessidade de chorar, mesmo sem tristeza e com a ajuda da cebola diária do Sr. Henri (ORSENNA, 2007 : 39) e explicar porque se chamam “fesses” a um pão de forma (ORSENNA, 2007 : 41), senão em França, pelo menos no Québec, aproveitando a criatividade linguística que caracteriza as ex-colónias. Não podemos deixar de referir a ilustração de Bernal que mostra Rigoberta aflita com a descoberta do desaparecimento das suas especiarias. Mais uma vez as palavras têm um lugar central na ilustração.

Através da voz arrepiada pela ausência de acentos, Don Luis aproveita para criticar os alunos por não usarem acentos, os professores por não considerarem erros a

⁹⁵ Vide comentários sobre a capa deste volume.

ausência de acentos e os computadores ingleses⁹⁶ e o Inglês⁹⁷, por não terem acentos e assim contaminarem a Língua Francesa, agora sem acentos, nem *élan*, nem brilho, nem luz, como que apagada (ORSENNNA, 2007 : capítulo VI, *passim*), a justificação para tanta revolta⁹⁸ :

– Notre patience a des limites, Don Luis. Un jour nous ferons la greve. Attention, Don Luis, notre nature n'est pas si douce qu'il y parait. Nous pouvons causer des grandes desordres. (ORSENNNA, 2007 : 43)

- Chaque langue a sa logique, Don Luis. Libre a l'anglaise et a l'americaine de vivre sans accents. Mais toi, tu nous a trahis. Dorenavant, c'est la guerre. (ORSENNNA, 2007 : 44)

O capítulo VII constitui uma lição sobre os acentos, a sua definição, origem e utilidade. Don Luis convoca toda a ilha para uma reunião geral para anunciar o roubo dos acentos pelo junco da companhia teatral. A população não parece dar grande importância ao caso, até que Mme Jargonos, agora mais redonda e gulosa, nos esclarece, primeiro no seu querido jargão científico⁹⁹, comparado a uma crise de paludismo, e depois em Francês corrente para que todos a compreendam :

– Les accents sont des signes diacritiques. Pour les ignorants, je rappellerai que ce mot vient du grec *diacritikos*, «qui distingue». [...] On parle alors de diacritique suscrit, souscrit, inscrit, adscrit, prescrit ou circum... [...] Les accents sont des signes qui se placent sur certaines voyelles ou certaines consonnes pour en indiquer la prononciation exacte. [...] Les accents servent aussi à empêcher la confusion de certains mots. (ORSENNNA, 2007 : 48, 49)

É também Jargonos, a única que não perdeu os acentos, (porque ama demasiado a gramática e como os acentos fazem parte da gramática¹⁰⁰, só com a sua morte os poderá perder) (ORSENNNA, 2007 : 51) que explica que os acentos foram criados por Jacques Dubois (1478-1555), médico, anatomista e autor da primeira gramática de língua francesa publicada em França (1531)¹⁰¹, mais conhecido por Jacobus Sylvius, cuja imagem podemos observar na capa deste livro, já referida. A ilustração de página

⁹⁶ Numa lógica industrial e tecnológica – a produção e distribuição de computadores – de origem anglo-saxónica tem obviamente repercussões linguísticas.

⁹⁷ Como Orsenna.

⁹⁸ É conhecida a influência linguística anglo-saxónica por todo o mundo, numa lógica de adopção de estrangeirismos que prefere o termo sintético inglês à perífrase em língua materna. Situação vista por muitos, como Orsenna ou Cavanna, como um ataque à língua, ao léxico, à cultura de cada um.

⁹⁹ Quase como se Orsenna quisesse mostrar que conhece e compreende o jargão técnico linguístico ou quisesse sublinhar o seu carácter hermético, fechado aos não iniciados.

¹⁰⁰ Grevisse (1995) refere-os apenas brevemente nos anexos a propósito de algumas alterações ortográficas.

¹⁰¹ Cf. Capítulo 1, *Tradição Gramatical no Ensino das Línguas*.

inteira de Montse Bernal, mostra-nos uma Jargonos de óculos na mão, explicando as particularidades dos acentos, com as imagens da capa já comentadas anteriormente.

No capítulo VIII, os dois únicos acentos da ilha : um apaixonado Circunflexo francês e uma doce Kljukika¹⁰² eslovena explicam que nem as especiarias, nem os acentos foram roubados. Partiram para a Índia, já anunciada no capítulo I, para um festival de teatro e especiarias com a companhia de actores, porque, como eles, iluminam a comida, as frases, a vida respectivamente (ORSENNA, 2007 : cap VIII, *passim*) e estavam cansados de tanto desprezo por parte dos habitantes da ilha. Sem acentos, a língua fica apenas *fade, morne, plate, insipide, monotone* (ORSENNA, 2007 : 61).

Repare-se na analogia criada pela função entre os três elementos indicados e no recurso à personificação, bastante mais utilizada no primeiro volume. Acentos, especiarias e actores são sinónimo de diferenciação, de sabor, de carácter. Também Tom, no desejo de ser actor, foge com eles, provocando a viagem de Jeanne em busca dos acentos e do irmão inconstante. O Sr. Henri, mais uma vez, interpreta a situação de um ponto de vista não linguístico, mas emocional, alertando o casal de acentos apaixonados e os leitores para o muito sofrimento que um grande amor pode causar, num registo a que nos habituámos, pontuando o texto de Orsenna com inesperadas reflexões sobre a vida e as suas contigências. O capítulo é pontuado com pequenas ilustrações dos acentos e de um bando de pássaros / acentos em voo ou fuga, como nos teclados de computador a que nos referimos anteriormente.

O capítulo XI inicia-se com uma longa série de *si*, que acentuam o carácter inefável do vale onde os acentos se refugiaram. De notar as referências clássicas e contemporâneas a figuras do teatro e cinema como Hamlet ou Superman e Charlot e a peças de teatro a partir de textos franceses e indianos : *Le Malade Imaginaire* e *Mahâbhârata*, acompanhadas por um vernáculo “putain de bordel de merde à chier” (ORSENNA, 2007 : 72, 73) pronunciado por um indiano¹⁰³, contratado por uma empresa de Nova Deli para controlar o tráfego e o sistema informático de multas da cidade de Brest (!), graças às maravilhas da globalização, um fenómeno que o Autor

¹⁰² (ˇ) caron ou *háček* ("ganchinho" em checo). Em eslovaco é chamado *mäkčeň* ("suavizador" ou "marca de palatalização"), em esloveno *strešica* ("tecto", o palato), em suma, uma marca de palatalização em consoantes, ao contrário do circunflexo, que geralmente eleva as vogais do Francês. Logo, um casal complexo, mas complementar.

¹⁰³ Que repara na pronúncia estranha de Jeanne (ORSENNA, 2007 : 79).

segue com atenção, e ao preço sete vezes inferior ao de um trabalhador francês. É esta personagem que conta a Jeanne a história da criação das especiarias, inventadas por Deus para dar sabor ao arroz branco, pastoso e insípido. Este capítulo é talvez o mais ilustrado, com duas páginas inteiras e metade de outra, onde vemos Jeanne rodeada por uma rica fauna e flora, radiante por ouvir contar esta história.

Esta história explica apenas por que razão são as especiarias e as histórias tão importantes. No capítulo XII, percebemos que o filho do marajá apreciava histórias e que pagava tanto por elas como pelas especiarias que vendia, daí a criação do festival. Entre algumas histórias referidas encontramos alusões ao dançarino rei Sol e ao Carnaval de Veneza. Mais uma vez as especiarias, como as histórias são comparadas como formas de alegrar o arroz e a vida.

No meio da confusão de representações teatrais, mesmo debaixo das árvores da praça Nehru¹⁰⁴ (1889-1964), em restaurantes especializados em gastronomia dietético-dramatúrgica com menus *D. Juan*, Tchekhov ou em escolas cristãs, hinduístas e muçulmanas, Jeanne descobre que os acentos se refugiaram na montanha, a chamada Pátria do vento, a Mãe ou a Grande Deusa. O capítulo termina com mais uma questão para reflectir, agora com acentos : “qu’est-ce que tu détestes le plus : remercier ou avoir des raisons de remercier?” (ORSENNA, 2007 : 93). Talvez se justifiquem estas interpelações pelo facto de estarmos na Índia, associada ao misticismo e à reflexão. As ilustrações de Bernal pegam em frases do texto e recriam as ementas dos restaurantes teatrais.

Apenas no capítulo XIV, Jeanne reencontra Tom e a sua sócia-companheira, Mlle Dinh, gerente da *Émotions Services international*, uma empresa especializada na recolocação de acentos com preços não negociáveis. Entre os clientes, Fernando Pessoa (1888-1935) com uma estrofe não acentuada de “Triste de quem é feliz” e uma jovem que se julga *La Princesse de Clèves* de Mme de Lafayette (1634-1693). Uma dupla página mostra Jeanne, La Princesse de Clèves e um ábaco usado por Dinh.

No capítulo XV, inicia-se uma expedição de três dias até ao cume dos Himalaias. Fernando Pessoa, “le Portugais”, a *Princesa*, uma estrela da comédia musical *Starmania*, Jeanne, Tom e mais alguns clientes atravessam uma luxuriante vegetação e cruzam-se com Apollinaire, que declama alguns versos relacionados com uma flor violeta venenosa, *le colchique d’automne*, (representada por Bernal), na

¹⁰⁴ O primeiro Primeiro-ministro indiano após a independência da Índia.

esperança de recuperar os acentos perdidos. No caso de Pessoa, um vento tempestuoso que lhe atravessou as orelhas foi o culpado do desaparecimento dos seus acentos.

Tom, ajudado pelo guia Leeman / Marret¹⁰⁵ apresenta os vários acentos reunidos no vale : árabes, persas, hebreus, gregos, tibetanos, chineses... numa união universal. As páginas aparecem cortadas por exemplos destes acentos / tons, no caso do mandarim. Já em *Les Chevaliers...*, Orsenna mostrava caracteres e frases de outras línguas para provar como estes fenómenos são globais e profundamente humanos, servindo, no caso presente para esclarecer e distinguir sentidos (ORSENNA, 2007 : capítulo XVII, *passim*).

No capítulo XVIII, a *Princesa* declama um excerto da obra de Mme de Lafayette, que logo congela dada a temperatura da montanha. Os acentos acorrem e pousam-se nas palavras, mesmo naquelas que não têm acento e só graças à intervenção de um Til espanhol os acentos a mais abandonaram a frase, para grande alegria da jovem. Pessoa também quer experimentar, mas Tom manda-o calar e esperar pelo dia seguinte. A partir deste episódio os acentos voltam ao texto. Bernal representa uma jovem e a citação com os acentos de todos os tipos, como referido no texto.

Jeanne encontra também as cedilhas e alguns sinais auxiliares do tibetano, presentes nas páginas como curiosidades linguísticas.

É no capítulo XX que Jeanne revela que “Madonna, Johnny Depp e a sua Vanessa, o ditador Fidel Castro muito cansado e o czar Vladimir Putin de camisola de alças¹⁰⁶” (ORSENNA, 2007 : 127) também foram em busca dos acentos. Até os pais dos dois irmãos quase se reconciliam não tivessem faltado dois acentos agudos. Bernal mostra-nos as silhuetas de um casal e duas alcachofras, símbolo de renascimento.

O terceiro passeio de Orsenna termina com uma Jeanne tatuada pelos acentos e com uma explicação final da utilidade destes auxiliares de escrita :

–Ils nous réveillent, Jeanne, ils vont chercher en nous ce que nous avons de plus fort, ils accentuent nos vies. Comme leur nom l’indique, ils *accentuent*.

Jeanne descobre-se apaixonada pelo polícia electrónico de Brest. Como as histórias sem acentos, também ela precisa de alguém que lhe dê um sentido. Bernal

¹⁰⁵ As duas «gramáticas» revisoras de Orsenna. Cf. *Agradecimentos* de *La Révolte des Accents*.

¹⁰⁶ *Marcel* no original. Tradução nossa.

mostra-nos Jeanne coberta de acentos numa ligação subtil à sua corrente sanguínea e ao seu coração.

O livro termina com agradecimentos a Danielle Leeman e Carine Marrett, “gramáticas sábias e vigilantes” já referidas noutros volumes; aos implacáveis leitores Inès, Paul, Nicolas, Vincent e Hugo e ainda às colaboradoras-fadas Liliane Rodde e Charlotte Brossier.

À semelhança dos outros volumes, a estrutura narrativa mantém-se. Jeanne parte da sua ilha em direcção à Índia em busca dos acentos revoltados, ajudada por Henri, Jargonos, Tom e Dinh. Como oponentes da sua busca podemos considerar os próprios acentos e a população avessa ao seu uso. De notar que desde o primeiro livro apenas Jeanne, Tom, Henri e Jargonos se mantêm como personagens. Henri talvez mais apagado e quase substituído em iniciativa por Jargonos.

Nesta narrativa, não traduzida em português, talvez pela complexidade e frequência diferente de acentos nas duas línguas, Orsenna explora as estratégias já descritas nas obras anteriores, associando aos acentos, estados de alma.

Grevisse refere muito rapidamente os acentos e suas funções, sublinhando, em especial, a alteração de timbre do circunflexo ou a pura presença ortográfica, etimológica, já sem realização fonética distintiva do mesmo, reservado também ao *Passé Simple* (GREVISSE, 1995 : 295). Em *Le Bon Usage*, Grevisse refere o papel auxiliar destes signos na precisão do som das letras e a sua função diacrítica, na distinção das homógrafas, com especial relevo no caso da vogal –e e do acento grave e agudo (1994 : 125).

Como se disse no início deste subcapítulo, amar é acentuar a vida. Os acentos fazem parte da língua e da vida e para que eles não se revoltem e não vivamos vidas sem interesse é importante que reconheçamos o seu papel distintivo.

No fundo é esta a lição de Orsenna, a continuar com a pontuação, depois da morfologia e sintaxe, dos modos verbais e dos acentos, numa revisão gramatical e literária sempre inacabada.

2.2.4. Et si on dansait? (2009)

Neste volume, o último para já, o autor parece mais seguro da sua voz e da sua missão, o que confere um ritmo e uma vivacidade que a narrativa parecia ter perdido nos dois últimos volumes.

Jeanne, agora com dezasseis anos vive como *dealer* de palavras, como se a própria linguagem, o seu domínio, fosse algo de perigoso ou quase ilegal nos tempos que correm, como uma resistente, e escreve discursos para políticos, enquanto descobre como a pontuação e a vida são uma única coisa.

A capa e contracapa do quarto tomo desta viagem de Orsenna mantém os mesmos dados referidos anteriormente. O tom é agora bege e rosa velho, salpicado de partituras, teclados, letras e pares dançantes da autoria de Bernal.

Ao contrário dos títulos anteriores, em que se afirmava inesperadamente que a gramática é uma canção doce, se contavam as aventuras dos cavaleiros do conjuntivo ou a revolta dos acentos, neste caso temos um convite : *Et si on dansait?* É talvez, com o primeiro título a que aludimos, dos títulos mais apelativos do Autor, primeiro porque interpela o leitor e depois porque a ligação com a temática que descobriremos se faz pelo enigma, em vez da simples descrição de conteúdos como no segundo e terceiro volumes. De notar também é o subtítulo, *éloge de la ponctuation*, apenas visível na folha de rosto, como num ensaio, precisamente para guiar o leitor e precisar a temática trabalhada. O livro é composto por XVII capítulos, um longo epílogo e agradecimentos e tem 129 páginas. O presente volume tem menos capítulos que os precedentes, mas capítulos mais longos. Mais uma vez o livro é dedicado, desta feita a Paul e Victor.

O primeiro capítulo inicia-se com uma confissão de Jeanne. Na primeira pessoa, Jeanne confessa e assume-se culpada de viver da escrita num texto em que vislumbramos Orsenna¹⁰⁷. Obrigada a sustentar o irmão com 100€ mensais dados pelos pais reavindos e absorvidos no seu amor, Jeanne escreve comentários, dissertações, discursos, trabalhos de casa a preços modestos e adaptados ao comprador, apresentando uma lista de títulos à escolha, a classificação média de cada trabalho e até o seu sítio internet¹⁰⁸. Este capítulo além de contextualizar a sequência da narrativa face às anteriores, tem um carácter apologista do trabalho de Jeanne / Orsenna, que se justifica a professores, ao Ministério da Educação Nacional, aos críticos do seu sucesso empresarial / literário, exibindo conhecimentos linguísticos e terminológicos, num auto-anúncio comercial. Mais uma vez, Apollinaire¹⁰⁹ é citado a propósito de um dos seus comentários compostos, assim como *Robinson Crusoe* e Molière. Parece-nos que o texto evoca especialmente Orsenna na página 13, 17 e 18, quando a personagem refere

¹⁰⁷ Cf. Entrevista telefónica a Orsenna. Também ele vive da escrita e escreveu para Mitterrand.

¹⁰⁸ Como Orsenna, se bem que o de Jeanne não está disponível.

¹⁰⁹ O poema d'*Alcools*, "Saltimbanques" que não tem pontuação.

os discursos que faz para outros lerem, se lembrarmos a tarefa que desempenhou junto de Mitterrand durante vários anos. À semelhança do volume anterior, *La Révolte...*, Bernal utiliza colagens de imagens autênticas, evidenciando as palavras e, neste caso, a escrita de Jeanne.

Jeanne descobre que o amor e o poder são os temas que mais motivam os seus clientes e começa uma colaboração com um deputado medíocre, apesar da idade e género da nossa empresária linguística. De notar é a forma racional e organizada por tópicos e pontos utilizada por Jeanne, pouco habitual numa narrativa, característica que se manterá neste livro. A ilustração de Bernal mostra o Canal Parlamento e citações de Jeanne.

No capítulo III, Jeanne, como uma professora, começa a lição sobre escrita, partilhando alguns conselhos...

J'ai raccourci mes phrases (jamais plus de deux lignes). J'ai clarifié mes développements (jamais plus d'une idée à la fois). J'ai traqué les hiatus, ces inélégantes rencontres entre deux voyelles [...] (ORSENNA, 2009 : 19)

...e sobre pontuação, confessando o seu uso excessivo dos parêntesis, porque lentificam o ritmo e quebram a monotonia como uma ilha no meio do mar, permitem explicar, a tarefa mais querida dos professores, e contar várias histórias ao mesmo tempo :

Chères parenthèses qui permettent d'intercaler dans la phrase des précisions, des explications, des remarques personnelles! (ORSENNA, 2009 : 20)

Neste livro, mais do que o elencar de definições e situações de uso com os exemplos mais ou menos clássicos, deparamo-nos com uma leitura pessoal de cada sinal de pontuação, sempre com as analogias e as comparações, associando os sinais de pontuação a situações pessoais e sensações mais do que a uma função rígida e mecânica. A acompanhar o texto uma ilha entre parêntesis.

No capítulo IV, deparamo-nos com a morte de Henri Salvador (1917 - 2008), a partir de agora apenas presente pela sua música, e descobrimos o esforço de Tom, de vinte anos, no estudo do solfejo para decifrar as partituras do cantor e assim manter um contacto com ele. É Tom que, desta vez, toma um protagonismo inabitual, como o fez na subida aos Himalaias, e explica a Jeanne o poder do silêncio e o seu valor expressivo na música e na expressão verbal, ensinando-lhe, com a ajuda de um metrónomo, o valor

de fusas, semifusas, colcheias, semínimas, pausas..., que Jeanne usará num discurso para substituir os sinais de pontuação, como o argentino Ricardo Güiraldes propôs. Na página 26 de Orsenna, destacam-se estas figuras misturadas com as palavras, numa união de linguagens inusitada. A ilustrar, um metrónomo ao som do tic-tac e o discurso do Presidente da Câmara.

No capítulo V, Jeanne explica que “um discurso é uma espécie de canção onde a música (o tom, o ritmo) tem um papel tão grande como as palavras” (ORSENNA, 2009 : 27) e ajudada pelos *djembés* de Tom vai descobrir o ritmo e a expressividade necessárias aos discursos políticos e perceber que palavras e música não são dois mundos distantes. Bernal mostra-nos dois *djembés* sobre uma partitura e citações do discurso.

No capítulo VI, a correspondência Jeanne / Orsenna volta a intensificar-se. Pela primeira vez desde 2001, Jeanne define *gramática* :

La grammaire essaie de mettre de l'ordre dans le grand peuple des mots. Si on ne leur imposait pas de règles, ils iraient n'importe où, les mots. Ils s'assembleraient n'importe comment. Et plus personne ne se comprendrait. Ou alors ils resteraient chacun dans son coin, ils refuseraient de former des phrases. Quel dommage! Quel gâchis! La grammaire rapproche, la grammaire relie, la grammaire accorde. Maintenant, vous comprenez pourquoi je l'aime? (ORSENNA, 2009 : 30)

A gramática surge personificada como uma amiga especial de Jeanne, chamando a sua atenção numa prosopopeia para a pontuação, o solfejo da escrita. Jeanne cita uma gramática relativamente à pontuação e surpreende-se quando descobre que a pontuação também pode assinalar “nuances afectivas” e sentimentos (ORSENNA, 2009 : 31). Neste ponto desenvolve-se a estratégia de Orsenna, a descoberta da gramática através da ficção, no que diz respeito à pontuação : a associação dos sinais de pontuação a circunstâncias pessoais e afectivas das personagens, numa espécie de conhecimento gramatical implícito, quase instintivo, do falante de uma língua.

No caso referido, Jeanne associa o ponto final, “signe qui indique la séparation” (ORSENNA, 2009 : 39) ao fim do seu primeiro amor com Amitav, o polícia electrónico de *La Révolte...* e às reticências, “signes qui indiquent une interruption de l'histoire” (ORSENNA, 2009 : 40), num “et si”, como no título, que deixa espaço para uma reconciliação e um recomeço. Num longo capítulo ouvimos e vemos situações e pensamentos da personagem principal, Jeanne, no que é, pela primeira vez nesta saga, uma personagem muito mais intensamente caracterizada e sentida, mais do que um

pretexto para reflectir sobre a gramática. Em nota de rodapé indica-se o terceiro livro desta colecção, a relembrar personagens e religando histórias. Uma dupla página mostra Jeanne, chorosa, sobre um mapa da Índia, uma carta com selos indianos com um leopardo de olhos intensos como Amitav, um avião e um bilhete de avião, mais palavras tiradas do texto e um coração de linha encarnada que se desmancha. Mais à frente, Bernal ilustra a expressão *et si* seguida de reticências feitas de fumo, que já referimos e que tem o poder de transformar a vida, quando deixam de ser apenas reticências.

No capítulo VII, Jeanne continua a sua descoberta da pontuação, falando das vírgulas, para ela “um espaço de paz familiar entre duas namoradas históricas” (ORSENNA, 2009 : 44), referindo-se à agitada vida emocional e sexual de Tom, no que parece ser uma adequação aos interesses e idades dos leitores que acompanham esta narrativa gramatical desde 2001. Bernal ilustra este capítulo com uma colagem de damas oitocentistas, entre vírgulas, sobre a partitura de um idílio e interjeições.

No capítulo seguinte, toca a vez às aspas, *guillemets* em francês, inventadas por M. Guillaume, tipógrafo, para separar as palavras próprias das de outro Autor, como se fossem um chapéu que se levanta para saudar o Autor citado (ORSENNA, 2009 : 47), exemplificadas por Orsenna a seguir e usadas por Jeanne nos discursos políticos de Bonaventure, o Presidente da ilha depois da queda de Nérole. Numa página inteira, Bernal mostra-nos o helicóptero que transporta Jeanne a Bonaventure, um mapa da ilha referida no texto, de onde se destaca o *Cap Juliette* e um amontoado de sinais de pontuação e letras, no que é uma antecipação ao texto.

No IX capítulo Jeanne encontra Léopold Senghor¹¹⁰, de visita a Bonaventure, que a cumprimenta e lhe promete o envio de algo que a não vai deixar indiferente. A acompanhar a citação do poema de Senghor, “Nuit de Sine”, Bernal mostra-nos a capa de um livro de poemas do Autor.

O Presidente Bonaventure precisa dos serviços de Jeanne, desta vez uma carta de amor para a rainha do Paquistão, que Jeanne não cobra por estratégia comercial. O interessante neste capítulo X são as considerações de Jeanne sobre o ofício de “escritor-fantasma” e das leituras paralelas que se podem arriscar. É difícil não tentar ver o próprio Orsenna em expressões como “Ce n’est pas le Président de la République, l’auteur du discours, c’est moi!” (ORSENNA, 2009 : 55) e noutros comentários sobre o ofício de escrever textos para outros ou na declaração “Je tiens trop à ma langue”

¹¹⁰ Já referido no subcapítulo dedicado a *Les Chevaliers...* Além de estadista, poeta, especialista da gramática e professor.

(ORSENNA, 2009 : 59). Curiosos são também os conselhos para quem quer ter esta ocupação. Jeanne fala-nos também do uso das reticências, em especial quando estamos apaixonados, sinal de um amor que quer começar ou de um que não quer acabar (ORSENNA, 2009 : 59). Bernal revela-nos a rainha do Paquistão, acompanhada por um *je t'aime* e algumas flores bordadas dispersas com um pombo-correio que há-de levar a carta de Bonaventure à rainha.

No capítulo seguinte, Jeanne investiga uma poluição estranha que já tinha avistado aquando do seu passeio de helicóptero e que Bernal já tinha antecipado : um barco afundado chamado *Paraíso*, de onde saem várias palavras negras, viscosas e agitadas como *enchantement, laurier, excrément*¹¹¹... Numa página inteira, Bernal mostra-nos o *Paraíso* afundado e a palavra *enchantement* presa entre os dedos de Jeanne. Bonaventure explica a Jeanne no capítulo XII o poder dos livros :

Aucun dictateur n'aime les livres, Jeanne. Car les livres aident à rêver, à réfléchir et donc à critiquer. Quel besoin de rêver, pensent les dictateurs, puisque la société que j'ai créée est la meilleur possible? Quel besoin de réfléchir puisque je décide tout pour vous? (ORSENNA, 2009 : 72)

Consciente desse poder, Nécole reuniu todos os livros no barco que se afundou, permitindo assim a fuga das palavras. São as próprias palavras personificadas que pedem ajuda a Jeanne, uma vez que estão em cima umas das outras, sem espaços para respirar¹¹², juntas apesar de pertencerem a histórias diferentes. Mais uma vez, Orsenna inova graficamente ao apresentar o texto compacto e sem espaços, quase ininteligível, identificando-se a custo algumas palavras. Jeanne, consciente da sua dívida para com as palavras, tenta solucionar a questão, procurando colocar ordem nas histórias. Bernal mostra-nos duas pequenas ilustrações em que vemos uma mão com várias frases intermináveis e ininterruptas e uma vaga sobre um livro e um navio.

O capítulo XIV continua a explorar graficamente a página com uma folha de rosto de uma recolha de legislação do Senegal, vários artigos de um decreto-lei e uma carta de Léopold Sédar Senghor. O Presidente do Senegal partilha com Jeanne as suas preocupações com o uso correcto do francês, mesmo na legislação, a sua visão da língua como elemento de coesão nacional e convida-a a fazer parte de uma associação de defesa de um sinal de pontuação em vias de extinção : o ponto e vírgula, “uma espécie

¹¹¹ Orsenna usou esta palavra em *La grammaire...* a propósito de La Fontaine e volta a usá-la novamente. Tal como Mme Laurencin, o Autor não tem medo de usar as palavras : Laurencin usa *merde* em *La grammaire...*, reaparecendo por duas vezes em *La Révolte...*

¹¹² Porque a pontuação também marca essa pausa.

de viagem numa outra região do mesmo país” (ORSENNNA, 2009 : 84). Nesta carta, é referido o nome de Jacques Drillon (1954 -), apresentado como gramático, escritor e também músico, unificando as duas temáticas deste livro. Bernal presenteia-nos com uma fauna e flora luxuriante sobre a carta de Senghor.

De volta à praia¹¹³ e aos aglomerados de palavras, Jeanne com a ajuda de Dario, uma das personagens de *Les Chevaliers...* e a sua orquestra de percussão tentam, em vão, encontrar os ritmos das várias histórias para que as palavras se separem e reagrupem coerentemente. Várias imagens de instrumentos pontuam as páginas da autoria de Montse Bernal, contrastando com o texto de Orsenna e com o texto compacto das palavras náufragas.

O capítulo XVI marca o ponto de viragem nesta história com a execução do hino do congresso dos mágicos que vai pôr ordem no primeiro texto confuso, primeiro só com espaços¹¹⁴ e depois com pontuação e desvendar um excerto de *Harry Potter* de J. K. Rowling (1965 -), outro grande sucesso literário da última década. Com a ajuda de Sébastien Traversière, tipógrafo colecionador de sinais de pontuação, Jeanne descobre o hífen, sinal de ligação e o apóstrofo, sinal de que algo desapareceu (ORSENNNA, 2009 : 101).

O mesmo processo repete-se para *Le lion* de Joseph Kessel (1898 - 1979)¹¹⁵, desta vez com um ritmo africano; um excerto da *Odisseia* de Homero, que Orsenna não desvenda logo; a fábula do leão e do moscardo de La Fontaine e *Voyage au bout de la nuit* de Céline (1894 - 1961). Tal como em todos os volumes anteriores, Orsenna aproveita para motivar para a leitura dos clássicos, já não apenas franceses ou francófonos, clássicos ou contemporâneos. Bernal ilustra o capítulo XVI com o texto de *Harry Potter* com pontuação e uma série de mãos que apontam essa mesma pontuação, numa chamada de atenção para algo a que nem sempre damos a devida importância e a motivação desta narrativa. O capítulo XVII não tem ilustrações, já que os próprios textos ininterruptos funcionam como quase imagens.

Segue-se o Epílogo. E a sensação de que é Orsenna que fala e não Jeanne aumenta, numa série de reflexões sobre o uso da pontuação e sobre as palavras e a escrita :

¹¹³ Neste volume, Orsenna situa mais especificamente a ilha perto de Cuba, Santa Lúcia e Jamaica.

¹¹⁴ O espaço tipográfico que precede a pontuação, utilizado a partir de Carlos Magno.

¹¹⁵ Orsenna ganhou o prémio Joseph Kessel em 2008 com *L'avenir de l'eau*, publicado pela Fayard.

Je savais bien que jamais je n'en aurais fini avec la ponctuation. Aussi longtemps que je vivrais, et donc aussi longtemps que j'écrirais des histoires, je me battrais avec les signes, je m'acharnerais à bien placer les virgules dans mes textes. Et les points. Et les points-virgules. Sans oublier les tirets, les crochets, les chevrons auxquels je n'avais pas jusqu'ici prêté assez d'attention. (ORSENNA, 2009 : 111)

Até as palavras em mais uma prosopopeia agradecem a Jeanne e prometem ajudá-la na sua escrita, não desaparecendo nem se escondendo, como as palavras gostam de fazer sempre que precisamos delas.

Antes de voltarem para sempre às suas histórias, a palavra *remorqueur* propõe : *si on dansait?* (ORSENNA, 2009 : 114), em vez de apenas contar uma história, realizando-se assim o contrato de leitura que desvenda e justifica o título.

Num cenário digno de *Alice no país das Maravilhas* de Lewis Carroll, as palavras dançam, felizes. Oportunidade para Orsenna relacionar pontuação e dança, lembrando o trabalho de Raoul Feuillet (1653 – 1709). Bernal mostra-nos a folha de rosto do livro de Feuillet e um bailarino.

De repente, Jeanne sente uma alegria subir dentro de si, como se de um mecanismo se tratasse, como Bernal ilustra numa dupla página dividida entre um coração e uma espécie de bomba. É Amitav que vem ao seu encontro.

Refira-se a superioridade da música sobre a língua para expressar humores e sentimentos (ORSENNA, 2009 : 122). Novamente a justificação do título. E não se pode concluir sem lembrar a inevitabilidade do “point à la ligne” quando nos desentendemos com o outro (ORSENNA, 2009 : 127).

Orsenna, pela voz de Dario, compara o amor e a gramática, um jogo de interpretações, acordos e concordâncias que é preciso pontuar correctamente, acertar, como os relógios. Bernal ilustra este texto com vários relógios e um coração de linha, desta vez refeito.

Termina, como já vem sendo hábito, com os agradecimentos. Em primeiro lugar a Senghor, presidente-poeta-gramático, que o Autor conheceu no âmbito da primeira cimeira francófona, em 1970 em Niamey (Nigéria) organizada por François Mitterrand; a Danielle Leeman, companheira de oito anos de uma “folle entreprise : tenter, en racontant, de donner le goût de la grammaire aux jeunes générations” (ORSENNA, 2009 : 129), definindo assim o objectivo e os reais destinatários deste ciclo; à Escola Primária Erik Orsenna de Villaines-les-Rochers, na pessoa da sua Directora e de alguns

alunos, leitores e críticos, e às fadas dos manuscritos, Charlotte Brossier e Marie Eugène da Stock¹¹⁶.

A estrutura da narrativa mantém-se nas suas linhas gerais. Jeanne continua a protagonista numa descoberta de elementos da língua, neste caso, os sinais de pontuação, tarefa em que é ajudada pela maioria das personagens. Aliás, derrotado Nécole, as dificuldades parecem da responsabilidade das próprias palavras, demasiado voluntariosas e dos próprios sentimentos que associamos à pontuação das nossas vidas.

Grevisse trata mais extensamente a pontuação, definindo-a como «l'art d'indiquer dans le discours écrit, par le moyen de signes conventionnels, soit les pauses à faire dans la lecture, soit certaines modifications mélodiques du débit, soit certains changements de registre dans la voix» (GREVISSE, 1995 : 284), «éléments essentiels de la communication écrite» (GREVISSE, 1994 : 144). O ponto final indica o fim da frase ou abrevia palavras¹¹⁷; a vírgula marca uma pequena pausa; as reticências indicam que o pensamento ficou incompleto, por conveniência ou outra razão; os parêntesis intercalam numa frase uma informação acessória (GREVISSE, 1995 : 284-286), por exemplo. Lendo estas definições torna-se clara a estratégia de Orsenna, na transformação destes conceitos linguísticos, abstractos em criaturas próximas emocionalmente dos leitores, vulgarizando, divulgando conhecimentos sobre a língua, através da literatura.

Pelo menos para já, Orsenna termina aqui a viagem de Jeanne, certos de que esta saga não pode ter um fim, já que nos expressamos através da língua, objecto linguístico, literário e cultural, profundamente humano :

Comme vous pouvez le constater, l'amour des mots est une activité qui ne vous laisse jamais de repos.
(ORSENNA, 2009 : 98)

2.3. Intertextos gramaticais

Como vimos, estas quatro obras mais não são que episódios de um texto maior, talvez ainda inacabado, que o Autor iniciou em 2001, sobre a gramática do Francês, numa abordagem que privilegia a Literatura como forma de vulgarizar uma metalinguagem por vezes inacessível aos próprios falantes de uma língua.

¹¹⁶ Que nos facultou alguns dados estatísticos sobre o Autor. Cf. Anexos.

¹¹⁷ Tradução nossa.

Da leitura destas obras, é importante sublinhar algumas ligações, elementos constantes e tópicos recorrentes.

Começaremos pelo tempo, categoria narrativa em que as referências temporais são escassas. No primeiro livro as referências são poucas, mas bastante precisas, as férias da Páscoa. Já nos volumes seguintes, para além da passagem dos dias, não há referências claras. Talvez porque estas histórias são intemporais e se passam num tempo sem tempo, o da reflexão sobre a língua, como nas fábulas.

Quanto ao espaço, a acção passa-se primeiro na escola, num navio e na ilha do primeiro volume. Depois descobrimos outras ilhas e outros continentes, num percurso de expansão espacial que acompanha os episódios de Orsenna. Das ilhas sabemos apenas que ficam algures entre Cuba, Santa Lúcia e Jamaica, talvez porque a língua não tem uma casa segura e única e é um fenómeno universal.

Jeanne, no que diz respeito às personagens, é a personagem central, *alter ego* confessado de Orsenna, jovem (acompanhamos o seu percurso dos 10 aos 16 anos) inconformada, apaixonada pela vida e intrigada pela língua que usa para se expressar e para sentir. Henri é o guia na reconquista do Francês do primeiro livro, personagem que sintetiza língua e música, sensibilidade, amor linguístico e artístico. Será substituído neste papel por Jargonos, inspectora fria e distante, apenas no primeiro texto de Orsenna, a voz segura e sábia que explica os acontecimentos de *La Révolte...*, por exemplo. A juntar a estas personagens que se mantêm ao longo da saga, acrescentaremos Tom, o irmão mais velho de Jeanne, alguém que compreende mais com os sentidos, a música, a sensualidade do que com o raciocínio, num espelho interessante e antagonista da irmã.

Quanto à estrutura dos textos, como se referiu anteriormente, é constante e com poucas alterações. Jeanne tem uma temática ligada à língua para resolver / descobrir / ensinar / aprender, após várias peripécias e inimigos terríveis, como Nécrole, um ditador, símbolo de todos os que vêm na língua, uma liberdade que querem dominar e conter.

Para além das temáticas ligadas à gramática : morfologia, classes de palavras, sintaxe, tempos e modos verbais, acentuação, pontuação, como vimos anteriormente, não podemos deixar de referir as reflexões sobre a vida, o amor, o sofrimento amoroso, um dos temas mais antigos da Humanidade e da Literatura.

A originalidade de Orsenna revela-se precisamente na junção destes dois elementos : a gramática e a vida. É pelas analogias, comparações, personificações que as *explicações*, as *lições* se fazem. Longe do discurso metalinguístico seco e descarnado, temos uma narrativa original, sensível e hábil no tratamento de questões tão antigas, como vimos. Diríamos até que Orsenna sustenta uma parábola, narrativa alegórica, nas suas analogias e comparações para fazer passar a sua mensagem, à semelhança do que Cristo faz nos Evangelhos, concretizando ideias e conceitos demasiadamente complexos, mas que se tornam assim acessíveis a qualquer público.

Talvez o equilíbrio pouco estável do primeiro volume entre literatura e gramática tenha vindo a desequilibrar-se à medida que a história de Jeanne se desenvolveu, terminando no último texto claramente a Gramática ao serviço da Literatura, numa visão humorada, optimista e intimista da língua como património humano de valor incalculável.

Antes de passarmos a mais algumas conclusões, referiremos também o pequeno *Plaisirs Secrets de la Grammaire, suivi de quatre promenades au cœur de la langue française*, inédito publicado em Novembro de 2009, com o conjunto das quatro obras aqui comentadas.

2.4. *Plaisirs Secrets de la Grammaire (2009)*

O *coffret* em azul e creme, da autoria de Bernal, mostra um balão, uma bicicleta, uma carruagem a preto e um coração de linha encarnada tirado de *Et si on dansait?*, com a indicação do Autor, da Academia, novamente, e da editora, num reforçar de ideias já comentadas neste texto.

Pelo longo título do *coffret*, depreendemos que deveríamos ler este texto antes dos outros. Apesar de este ter sido escrito depois de todos os outros, numa paragem para repensar, após a criação, sobre a história da gramática, do Francês, num conjunto muito pessoal de reflexões por parte de Orsenna.

O título, *Plaisirs Secrets de la Grammaire*, sublinha a ideia de prazer associado a gramática, numa síntese do trabalho efectuado pelo Autor desde 2001. Este pequeno livro dedicado a Pierre Grandbesançon, tem apenas 31 páginas e dois capítulos.

A capa reproduz a conhecida marca de cadernos escolares franceses *Clairefontaine*, sob o nome de Orsenna, a indicação da Academia Francesa e a editora,

como nos outros livros que analisámos. A contracapa indica apenas o sítio internet da editora.

O texto começa com um novo convite : *Voyageons*. (ORSENNA, 2009 : 7) O Autor leva os seus leitores numa breve viagem pela história do Francês e da Gramática, como nós tentamos fazer de certa forma, acentuando os principais momentos desta história¹¹⁸. O texto destina-se a leitores adultos, pela linguagem e pelas referências biobibliográficas, tendo em conta igualmente o preço do *coffret* que acompanha este pequeno texto.

O Autor inicia esta viagem pela *Bíblia*, quando Deus, pelo poder da Palavra, cria o Universo. O prazer da criação linguística é algo que também nos embriaga (ORSENNA, 2009 : 7, 8), especialmente quando descobrimos palavras novas, (como Jeanne experimentou).

Avançamos para a Grécia, no século V a. C., e para um texto que reflecte sobre as questões da língua : *Crátilo* de Platão, lido aos dezassete anos por Orsenna. Seguem-se os Romanos e o seu Latim, que conquistam a Gália e depois juntam-se todos os empréstimos linguísticos do Francês : Celta, Germânico, Normando, Árabe, Italiano, Português, Espanhol, Holandês, Inglês, sem esquecer os *patois* (ORSENNA, 2009 : 10, 11).

Com Carlos Magno, reflecte-se profundamente na língua, o Latim, multiplicado séculos depois nas várias línguas românicas e desenvolve-se o ensino e a gramática. Surge a primeira gramática do Francês, de Palsgrave, em 1530, depois refere-se a *Défense et illustration de la langue française* de Du Bellay em 1549, o início de uma paixão entre os franceses e a sua língua que não acabará (ORSENNA, 2009 : 12). Orsenna refere depois François Ier e a *Ordonnance* de Villers-Cotterêts, de 10 de Agosto de 1539, que institui o Francês como língua materna e de todos os actos públicos. Fala-se também no papel de *la Pléiade*, Malherbe e Vaugelas, na *Grammaire de Port-Royal*, nos Estruturalistas, Bachelard, Caillois, Steiner, Freud, Lacan, numa lista diferente de gramáticas do ser e da alma, mais do que das meras palavras sem contexto (ORSENNA, 2009 : 13-17).

¹¹⁸ Em Setembro de 2009, partilhei com o Autor um conjunto de referências bibliográficas trabalhadas nesta dissertação, algumas das quais citadas e comentadas neste livrinho, publicado em Novembro de 2009.

Neste ponto, Orsenna alarga o conceito de «gramática» para ainda mais campos : o da gastronomia, do paisagismo, da fotografia, das posições sexuais, num jogo de regras e transgressões que é preciso dominar (ORSENNA, 2009 : 20, 21).

No capítulo II, o tom torna-se decididamente pessoal : les mots me semblent des îles et je navigue de l'un à l'autre avec la même ivresse que, l'été, sur mon bateau à voile, je parcours l'archipel de Bréhat (ORSENNA, 2009 : 21).

Orsenna partilha as suas três gramáticas de eleição¹¹⁹ : a de Port-Royal, a de Flaubert, Brachet e Dussouchet e a de Grevisse e Goosse, a que já aludimos. Refere-se igualmente Jacques Drillon, que comentámos a propósito de *Et si on dansait?*, Etienne Dolet e Danielle Leeman, como Autores que conseguem transmitir conhecimentos de forma agradável : infiniment savants, infiniment réjouissants (ORSENNA, 2009 : 24).

Mas o Autor favorito é Salomon Reinach, a que junta Ionesco e Fournier, que já referimos *supra*.

Termina Orsenna com um desabafo :

Malade époque que la nôtre qui se proclame «de communication» et qui s'acharne à tout séparer, segmenter, divorcer. (ORSENNA, 2009 : 30)

E um desejo :

J'espère seulement vous avoir convaincu que l'étude de la grammaire française apporte, à ceux qui s'y adonnent, une gamme inégalée de plaisirs. A commencer par ce mouvement perpétuel qui est celui de la vie même : on s'apaise dans la règle, on s'aiguillonne dans l'exception (ORSENNA, 2009 : 31).

Este texto surge, como dissemos, com um intuito mais teórico, mais sustentado do trabalho de Orsenna, uma forma de captar outros públicos ou de mostrar que a sua obra de vulgarização se baseia num estudo sério dos fenómenos da língua, apenas transmitidos de uma forma diferente. Pode também ser interpretado como uma introdução didáctica ao conjunto das quatro obras, a levarmos o título em conta ou um suplemento para aqueles que já são, agora, capazes de afrontar Autores clássicos, as fontes primárias de Orsenna, onde o Autor baseou o seu passeio pela língua francesa, que tentámos igualmente fazer.

¹¹⁹ Seria interessante estudar também os Autores agora aludidos, mas como dizem os latinos, *tempus fugit*. Pudesse o tempo não ser assim.

Pelo menos este texto despertou mais a minha atenção do que a maneira habitual de aprender gramática.

F., 17 anos, 11º ano (Anexo 8)

3. Orsenna na sala de aula

No entusiasmo deste trabalho foram-se compilando¹²⁰, de certa forma, algumas aplicações didácticas das obras do Autor. As primeiras foram retiradas do sítio internet de Orsenna e são sobretudo exercícios de escolha múltipla e compreensão escrita, identificação de erros ortográficos, acentuação, pontuação, sopas de letras, desenhos, textos livres, testados mais ludicamente pelos alunos e utilizadores do sítio, onde podemos ver alguns resultados.

Juntámos depois algumas das actividades com base em textos de Orsenna da autoria de Olinda Reis e Fernanda Martins, autoras do manual de Francês, *Point Fr*, sobretudo exercícios de compreensão escrita e expressão oral e escrita.

Acrescentou-se também o *quiz* sobre *La grammaire est une chanson douce* elaborado pela APPF e testado no último congresso e finalmente algum material nosso para um *atelier* sobre o Autor dinamizado no referido congresso e a ficha de trabalho que utilizámos como forma de tentar registar menos subjectivamente, ainda assim, o efeito da abordagem de Erik Orsenna em alunos do 7º ao 11º anos de escolas públicas da Grande Lisboa, no anexo 15, a partir de *La grammaire...* (ORSENNA, 2001 : 79-83).

Juntámos ainda alguns dos resultados destas intervenções em Francês e Língua Portuguesa (anexo 16) e dois outros texto que põem em prática o que viemos afirmando sobre a abordagem Orsenna (anexo 17).

3.1. «Où est le plaisir?»¹²¹

Não sendo nossa intenção provar cientificamente que a abordagem gramatical de Orsenna é exponencialmente melhor em resultados e percepções por parte de alunos e professores relativamente à prática gramatical *clássica*, é inevitável não resistir a uma tentativa de análise do papel da afectividade / criatividade no ensino / aprendizagem da gramática. Primeiro porque é impossível testar esta hipótese, pois não encontramos alunos sem representações gramaticais a não ser em níveis muito iniciais de escolarização e depois, mesmo falando de alunos de 7º ano, o primeiro ano de

¹²⁰ Cf. Anexo 13.

¹²¹ Cf. Entrevistas ao Autor, Anexo 5.

aprendizagem do Francês, em geral, há sempre transferências que se podem fazer da língua materna, o Português, e também da língua estrangeira I, o Inglês. Igualmente porque se tratam de percepções pessoais, sujeitas a variáveis difíceis de controlar e que não decorrem apenas da aprendizagem do Francês, mas de questões pessoais, cognitivas e escolares.

Pretendemos pois averiguar, de forma subjectiva e impressiva, a visão que alunos e professores têm da abordagem gramatical de Orsenna por oposição às pressupostas práticas mais ou menos normativas e habituais de trabalho gramatical em sala de aula a partir do manual, na maior parte dos casos¹²², ou seja, aprende-se melhor e com mais prazer com Orsenna ou não?

Como forma de confirmar isto que vimos quase afirmando, numa mera opinião, aplicámos uma pequena ficha de trabalho¹²³ com base em páginas de *La Grammaire...* de Orsenna, o livro mais pedagógico do conjunto que trabalhámos, a 75 alunos de Francês Língua Estrangeira II da Escola Básica 2, 3 Almirante Gago Coutinho, Lisboa, 25 do 7º ano, do 8º e do 9º, cerca de 33% por ano, de um total de 300 alunos com Francês Língua Estrangeira, i. e., 25 % do universo desta escola.

A mesma ficha com algumas adaptações foi também testada com 26 alunos de Francês Língua Estrangeira II, nível de continuação, formação específica, da Escola Secundária José Saramago, Mafra, 14 do 10º ano, de um total de 31, cerca de 45% e 12 alunos do 11º ano, de um total de 37, cerca de 32%. O universo total é constituído por 68 alunos, o que corresponde a cerca de 38% dos alunos desta escola. Não foi testada em alunos do 12º ano, uma vez que esta disciplina é agora opcional, sendo muito poucas as escolas com alunos de Francês neste ano de escolaridade. Participaram neste estudo cinco professores¹²⁴.

As actividades decorreram em dois blocos de 90 minutos durante o segundo período do ano lectivo 2009/2010. Foi primeiramente explicado aos alunos o âmbito da tarefa que iriam realizar pelo professor curricular habitual. Foi igualmente dito aos alunos que seria uma aula de gramática em que não precisariam de manual, o objecto usado por excelência para a aprendizagem gramatical, pelo lado prático e facilitador do trabalho do professor¹²⁵. Projectou-se a ilustração de Bigre!, em anexo, e foi pedido aos alunos que adivinhassem a temática específica a trabalhar, como *déclencheur* da

¹²² Vide Inquéritos nos Anexos.

¹²³ Cf. Anexos.

¹²⁴ Cf. Dados nos Anexos 6-11.

¹²⁵ Cf. Alguns Inquéritos aos Professores, Anexo 6.

expressão oral. Seguidamente, foi lido o texto, recorrendo à tradução ou paráfrase de acordo com os níveis etários e de escolaridade, tendo sido realizada uma ficha de compreensão escrita sobre o texto, a observação de um *corpus* linguístico, a sistematização gramatical e a reutilização numa pequena produção escrita a apresentar oralmente. Os alunos tiveram ocasião de navegar no sítio do Autor e recolher algumas informações sobre a sua biografia e bibliografia. Após estas tarefas os alunos e professores intervenientes preencheram um questionário aberto anónimo¹²⁶, apenas com identificação de dados relativos ao género, ano de escolaridade e idade. As questões centrais avaliadas com mais atenção prendem-se com a percepção do desempenho / aprendizagem gramatical e o prazer associado à tarefa com base nos textos de Orsenna, por oposição à metodologia habitual.

De modo resumido¹²⁷, constituíram objectivos gerais da investigação identificar e analisar as dimensões de significação que estruturam as representações e percepções de gramática, numa população de adolescentes e jovens adultos da área metropolitana de Lisboa, estudantes do 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário; verificar as diferenças e semelhanças das percepções de gramática em função da idade, ano de escolaridade, sexo; identificar as atitudes mais significativas de um jovem face a duas abordagens gramaticais; avaliar a visão de alunos e professores relativamente ao desempenho gramatical e à adesão à temática.

A metodologia utilizada foi a ficha de trabalho com tarefas individuais e de grupo-turma, em anexo e um questionário aberto anónimo, aplicado a uma amostra não probabilística (CARMO & MALHEIRO FERREIRA, 1998 : 197), constituída por 101 alunos de Francês Língua Estrangeira II, estudantes do 7º, 8º e 9º anos da Escola Básica 2, 3 Almirante Gago Coutinho, Lisboa, num total de 75 sujeitos - 30 rapazes (40%) e 45 raparigas (60%) e por 26 alunos de Francês Língua Estrangeira II da Escola Secundária José Saramago, Mafra, 11 rapazes (42,3%) e 15 raparigas (57,6%).

A amostra não probabilística em *clusters*, grupos organizados, (CARMO & MALHEIRO FERREIRA, 1998 : 198) foi seleccionada de acordo com critérios julgados importantes tendo em conta os objectivos deste trabalho, a experimentação da abordagem gramatical com base em Orsenna em alunos do sistema educativo português, como forma de confirmar ou infirmar, de forma muito subjectiva, a vantagem do estudo gramatical com base numa narrativa. A definição da população relaciona-se com a

¹²⁶ Cf. Alguns questionários nos Anexos 6 e 8.

¹²⁷ Cf. Gráficos das Estatísticas nos Anexos 7, 9, 10 e 11.

disponibilidade e conveniência, proximidade geográfica, representatividade e conhecimento dos alunos e professores envolvidos e não pretende ser uma leitura da globalidade do panorama português, mas apenas um tomar de pulso a uma experiência didáctica.

Da análise dos questionários, podemos concluir que uma maioria não muito significativa dos alunos, 57%, muito próxima dos 60% da opinião dos professores, acha que aprende melhor e com mais prazer com a abordagem Orsenna, após uma aprendizagem tradicional, servindo aquela de complemento, estratégia de memorização, pela ancoragem afectiva e menos penosa da narrativa e das personagens concretizando aspectos abstractos da língua, já conhecidos, sem recorrer a exercícios formais intensos. Os alunos mais jovens, ainda que não dominem tão competentemente o código escrito, parecem motivar-se com as ilustrações e a narrativa como forma de explicação gramatical, que vai sendo compreensivelmente preterida pela abordagem mais ortodoxa à medida que avançamos na escolaridade e no domínio da competência gramatical e da língua, se bem que, de um ponto de vista estético, os alunos do ensino secundário tenham mostrado uma igual atitude de espanto e adesão relativamente ao veículo narrativo, mais do que ao aspecto gramatical *strictu senso*, reflectindo com prazer e dupla consciência nestas questões, um pouco à semelhança dos leitores de Francês Língua Materna.

Podemos concluir que a *atitude Orsenna* resulta sobretudo como complemento e segunda abordagem ao tema gramatical, fazendo apelo à compreensão escrita e à imaginação dos seus leitores, no que pode ser também aplicado ao Português Língua Materna com bons resultados¹²⁸. Também os Professores, como professores e leitores concordam nesta opinião maioritária, sublinhando alguns sobretudo o aspecto desdramatizador da abordagem em detrimento do melhor desempenho por parte dos alunos, aspecto que se prende com o perfil cognitivo de cada sujeito aprendente.

¹²⁸ Cf. Anexo 15.

On lit, certes, pour s'instruire.

Mais lire, c'est aussi rêver.

Existe-t-il donc des livres pour apprendre et d'autres pour rêver?

Non, ce sont les mêmes.

(GIRARD, 1978 : 35)

4. Conclusões

Neste ponto da nossa viagem de descoberta pela obra¹²⁹ gramatical de Orsenna, é tempo de chegar a conclusões. Muito do que pensávamos inicialmente se alterou, pelo convívio mais próximo, pela releitura e descoberta de outras perspectivas, que resumiremos nas páginas seguintes, tocando a temática da narrativa como estratégia gramatical, a comparação gramática / personagens, a imaginação como motor de saberes, a ilustração como forma de mostrar a palavra e a Língua, a busca do género literário destas obras, o sítio do Autor, a Língua como objecto de amor, as relações Gramática, Literatura e Cultura, entre outras questões levantadas na Introdução.

No essencial, podemos sublinhar o facto de que na abordagem gramatical de Orsenna a pedra de toque é a personificação dos elementos gramaticais : nomes, adjectivos, verbos... e respectiva caracterização psicológica conforme às regras da gramática normativa e a sua integração numa história, a fazer lembrar um título de Kieran Egan (1942 -), *O uso da narrativa como técnica de ensino*, de 1986. Diz este Autor que a proposta do seu livro pretende apenas “rentabilizar o potencial da estrutura das histórias no sentido de ensinar qualquer conteúdo de forma mais motivadora e significativa” (EGAN, 1994 : 14). Para Egan, “a estrutura formal da história tradicional é um ‘universal cultural’; toda a gente, em todos os tempos e lugares, gosta de histórias.” A história não é só “uma vulgar forma de distração; ela reflecte uma estrutura essencial e poderosa através da qual atribuímos sentido ao mundo e à experiência.” (EGAN, 1994 : 15), tal como Orsenna, para quem explicar passa primeiro pela narrativa, como revelou nas entrevistas realizadas.

Outra estratégia poderosa é a comparação gramática / vida. É através das analogias entre estes dois elementos, reflexões doloridas de aluno / adulto experiente que muitas explicações são feitas, de modo especial, no que se refere à pontuação, por exemplo. Diz Jorge Antão, como faz Orsenna, criando identificações entre as suas personagens e os seus leitores, ao contrário do esforço de abstracção geralmente exigido no discurso gramatical mais ortodoxo, que...

¹²⁹ Sempre que referirmos a obra de Orsenna, pensaremos no conjunto de quatro textos que foram objecto de estudo no presente trabalho.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

“[...]tudo o que se aprende e se diz é aprendido e dito relativamente ao que já foi interiorizado e afirmado e que a capacidade de armazenar informações na memória cerebral envolve comparações, presentes em todo o tipo de raciocínio humano, até porque a comparação está omnipresente em todo o comportamento humano verbal, sendo um meio fundamental de aprendizagem e de comunicação” (ANTÃO, 2001 : 32, 33).

Para além destes aspectos, e mais do que ensinar, Orsenna tenta divertir, chamando a este processo o prazer, a imaginação e a afectividade relativamente ao ensinado / aprendido. Um outro Autor que mistura *gramática* e *fantasia* num mesmo título é Gianni Rodari, apesar de ter objectivos mais literários que gramaticais, por vezes não resiste à tentação de ter “um verbo para brincar”, aproveitando a capital imaginativo que é parte da palavra (RODARI, 2004 : 214). Diz ainda Egan que “a imaginação é um modo de aprendizagem poderoso e negligenciado” (EGAN, 1994 : 32), que “as histórias tendem a relacionar-se largamente com significados afectivos, devendo-se integrar no ensino-aprendizagem significado cognitivo e afectivo” (EGAN, 1994 : 50). Como resultado teremos “o acesso mais fácil das crianças [e não só] aos conteúdos de aprendizagem e o seu envolvimento e adesão àquilo que aprendem (EGAN, 1994 : 50). Na mesma linha de pensamento alerta Marcel Girard :

Le danger de l’enseignement est qu’il risque de supprimer le désir. En réduisant à une matière pédagogique ce qui devrait demeurer un choix de liberté et une source de délectation, les jeunes gens sont menacés de ne plus éprouver aucun goût pour les livres - pour les grands livres. (GIRARD, 1978 : 36)

A abordagem de Orsenna seduz assim e espanta todos aqueles que prevêm uma abordagem ortodoxa das questões gramaticais, num registo corrente e tantas vezes cuidado, evocando Autores franceses, francófonos e mundiais, vários modos literários e tantas referências culturais, clássicas e contemporâneas, da música Pop, do cinema, da política, num uso consciente da Língua como veículo literário e cultural por excelência, apresentando obras e convidando à leitura e à descoberta do mundo das Letras e das fugidias palavras :

Os gatos são palavras com pêlo. Os gatos, como as palavras, rondam à volta dos humanos sem nunca se deixarem domesticar. É tão difícil meter um gato num cesto quando temos um comboio para apanhar do que ir à nossa memória caçar a palavra exacta e convencê-la a tomar o seu lugar na página em branco. Palavras e gatos pertencem ambos à raça dos inefáveis. (ORSENNA, *Dois Verões*, 2009 : 67)

Outro aspecto a referir é o uso das ilustrações, esquemas, entradas de dicionários, caracteres de outras línguas, o que causa alguma estranheza nos leitores, pela subversão da página, desarranjada por estes contributos visuais a que Orsenna dá uma importância enorme, ao ponto de escolher ilustradores e acompanhar o processo de criação das imagens e das capas dos seus livros. As ilustrações assumem um papel complementar, de reforço ou ilustração da mensagem escrita numa união equilibrada em que tantas vezes a própria palavra se torna numa imagem (LINDEN, 2004 : 4).

Talvez por este aspecto leve e jovem, haja uma certa dificuldade na arrumação destes livros nas livrarias, algures entre as gramáticas, a literatura infanto-juvenil e o romance contemporâneo, apesar da catalogação fria e numérica na literatura francesa contemporânea¹³⁰. Porque apesar de serem claramente narrativas, partilham características de conto, romance, fábula, conto fantástico, mas muito próximo do real, numa amálgama que mistura géneros e públicos, dos mais aos menos jovens, num fenómeno de popularidade que ultrapassou as expectativas do Autor¹³¹. Orsenna classifica este conjunto de obras simplesmente como um “grand conte grammatical”.

Um aspecto relevante é o “arquipélago”¹³² de Orsenna, uma página de internet que disponibiliza fichas de leitura, notícias, actividades para grandes e pequenos, jogos, informações diversas sobre o Autor e a sua obra (*Orsennathèque*), para além de ser um meio de comunicação oficial e profissional e contacto com os muitos leitores de Orsenna por esse mundo fora. É também uma forma de continuar as suas obras, numa preocupação didáctica consciente, uma vez que Orsenna se assume primeiramente como professor e só depois como Autor¹³³.

Outro aspecto distintivo, senão o traço distintivo mais importante da obra gramatical de Orsenna que se liga também com a estrutura narrativa já evocada, é o papel atribuído à afectividade e à relação pessoal de cada um de nós com as línguas. Como referimos *supra*, Fougerouse, Tagliante, Todorov, Cristina Robalo Cordeiro acentuam a relevância da afectividade no processo de ensino-aprendizagem, mais do que os aspectos conscientes, pragmáticos e racionais associados à aprendizagem das línguas. Qualquer professor que tenha trabalhado em institutos de línguas sabe que o

¹³⁰ Cf. ISBN.

¹³¹ Cf. Estatísticas Editoriais no Anexo 12. Note-se que as maiores vendas ocorrem nas livrarias e só depois nas grandes superfícies, em edição normal e de *poche*, prova da grande variedade de públicos.

¹³² Cf. <<http://www.erik-orsenna.com/>> e Anexo 13.

¹³³ Foi atribuída à *Ecole Primaire* de Villaine les Rochers, perto de Tours, o nome do Autor, que mantém uma relação muito próxima com a vida desta escola.

amor, pela língua ou pelo falante dessa língua, é dos motivos que mais leva ao desejo de aprendizagem dessa língua, desse modo de estar no mundo e de o compreender. O próprio professor passou necessariamente por esse encantamento com o objecto de estudo e, de uma forma ou de outra, propaga e difunde esse amor pela língua que ensina. Como relembra o Professor Amílcar Martins, aproveitando-se do provérbio que já referimos : “diz-me e eu esquecerei, ensina-me e eu lembrar-me-ei, envolve-me e eu aprenderei” (MARTINS, 2002 : 21). O mesmo afirma Hagège, que vê as línguas como “objectos de amor” (HAGEGE, 1985 : 291), para quem “l’amoureux des langues est épris d’altérité. Celle des cultures à travers celle des langues” (HAGEGE, 1985 : 294).

No *atelier* sobre Orsenna que tivemos o prazer de dinamizar no último congresso da APPF, começámos precisamente por questionar os presentes sobre o significado do Francês nos percursos individuais e a totalidade das pessoas referiu a música, o cinema, os ideais políticos, como elementos desencadeadores de uma relação pessoal e amorosa com esta língua.

É este lado amoroso e lúdico da língua que prende os falantes, como vimos. Diz Patrick Julien¹³⁴ que as actividades lúdicas na aprendizagem, “o grande jogo”, nomeadamente das línguas, não são algo de acessório, um mero *gadget* pedagógico, mas útil, “um modo privilegiado de aprendizagem, graças ao qual as capacidades individuais são postas em causa de maneira menos culpabilizante do que através dos modos de avaliação tradicionais, podendo sempre o aluno voltar a jogar e ganhar”¹³⁵ (JULIEN, 1988 : 4). Yaguello acentua, além do que vimos, a capacidade de reflexão sobre a língua num título revelador : o jogo ao subverter a linguagem, evidencia a sua estrutura e funcionamento (YAGUELLO, 1997 : 9). Também Daniel Sampaio refere que “o jogo é a melhor maneira de as crianças aprenderem tudo”, numa imitação da vida (*mimésis*, na expressão de Aristóteles), neste caso das interacções linguísticas, da aprendizagem, no fundo, que torna as palavras em possibilidades (re)criadoras profundamente humanas (MIRANDA, 2007 : 2-4, 9, 13, 30).

Retomando as questões enunciadas na introdução, concluímos que a ligação Língua, Literatura e Cultura é indissociável e concorre positivamente para cada uma destas áreas, beneficiando desta sinergia de conhecimentos e atitudes, até porque não podemos tocar numa sem tocar nas restantes como no jogo do *Mikado* evocado por

¹³⁴ Cf. em especial, os jogos propostos pelo Autor para trabalhar estruturas, pontos gramaticais diversos, o *Passé Composé*, por exemplo (JULIEN, 1988 : 63).

¹³⁵ Tradução nossa.

Cristina Avelino, presidente da APPF no seu último congresso. Diz igualmente Hagège que “les langues appartiennent aux sociétés qui les parlent, et entrent dans la définition de ces sociétés” (HAGEGE, 1985 : 294), não podendo conceber língua sem uma sociedade cultural a ela associada.

Séoud defende precisamente o uso da Literatura como veículo de Língua e de Cultura, mas adverte que “ensinar Literatura, não é o mesmo que fazer crítica literária, nem simples explicação de texto, o terreno mais favorável para a expressão intercultural” (SEOUD, 1997 : 9, 15). Lothar Bredella citado por Bartels sublinha em especial a ligação leitor / texto e a construção pessoal de “um mundo fictício a partir de uma sequência de palavras”, mas valoriza sobretudo as relações afectivas criadas com o texto, motor da aprendizagem e da adesão do leitor (BARTELS et alii, 2000 : 2). Daniel Delas sublinha igualmente esta interdependência entre os termos referidos, aconselhando a utilização da Literatura quer na língua materna, quer na estrangeira. (DELAS, 1994 : 90-96). Cuq acrescenta que a Literatura é “um verdadeiro laboratório de língua, cruzando de forma privilegiada cultura e interculturalidade” (CUQ, 2003 : 158), como Orsenna demonstra.

No que concerne a segunda questão que levantámos, Orsenna prova-nos, se necessário fosse, que a gramática pode ser um tema literário, numa abordagem inesperada e encantadora, porque assente no essencial de todas as histórias : a palavra, criadora e objecto de significado. É assim que o conto gramatical de Orsenna se desenvolve, nesta relação mágica entre significado e significante, acrescentando ao texto literário, a reflexão indirecta sobre o seu próprio material, a língua, numa leitura dupla, em que a metalinguagem ganha um novo significado afectivo e literário.

Por ser pouco habitual este uso da metalinguagem gramatical num texto literário, os Autores que trabalhámos escolheram rumos diversos, assentes em tipologias textuais que tentaram fugir à abordagem seca da linguagem gramatical canónica, numa tentativa de captação de interesse e motivação dos leitores, até porque se constituem como obras de divulgação, logo mais libertas dos constrangimentos da comunicação científica mais habitual, no que é uma descoberta também para os próprios Autores, respondendo à terceira e quarta questão enunciada.

Uma maioria de leitores, alunos e professores, prefere esta abordagem diferente da clássica, precisamente pelo lado afectivo, literário dos textos¹³⁶, em que é possível a

¹³⁶ Cf. Estatísticas nos Anexos 7-11.

identificação dos leitores com as personagens gramaticais, já não abstractas, mas corporificadas, com dúvidas e incertezas pessoais e gramaticais.

No fundo é esta a grande originalidade de Orsenna, a de dar uma vida à Língua, reutilizando técnicas que, pela necessidade de concretizar conceitos abstractos, todos os professores recorrem conscientemente ou não¹³⁷.

Como é bom de ver, é óbvio que esta abordagem comporta benefícios e contributos pedagógicos, talvez mais esquecidos, mas que fazem parte das estratégias de todo o professor naquela que é a sua actividade preferida, explicar, como diz Orsenna, e fazer-se entender pelo seu interlocutor, adaptando a linguagem e as estratégias de comunicação aos seus objectivos e aos seus públicos, como as tiragens do Autor comprovam.

Em síntese, a Gramática beneficia de um tratamento cultural / literário pois integra dimensões imprescindíveis à total compreensão dos fenómenos linguísticos, potenciando a adesão, a identificação e a memorização afectiva e significativa dos conteúdos e das competências trabalhadas.

Orsenna restaurou uma linha de tratamento destas questões que, em complemento das outras abordagens instituídas, pode melhorar a relação de todos com a Gramática, desdramatizando o seu papel normativo e regulador e evidenciando a sua importância e centralidade no estudo das línguas, independentemente das metodologias e abordagens escolhidas. Mais do que o resultado, o que é evidenciado é o processo e a forma como se trabalham as questões da Língua. Como disse Cícero, mais importante do que se diz é a forma como se diz e Orsenna é neste ponto um aluno fiel dos ensinamentos deste Autor, símbolo de excelência no seu uso e amor pela Língua.

4.1. Recomendações para Pesquisa Futura

No final deste trabalho, certamente que muitos aspectos não correspondem ao inicialmente desejado e, com mais tempo e outra disponibilidade, haveria muitos detalhes a limar e a melhorar, seja na estrutura, na abordagem, nos contactos aos Autores, no ritmo de trabalho e, claro, na qualidade das reflexões.

¹³⁷ Fernanda Costa, uma professora de Língua Portuguesa que iniciou a sua carreira em 1976, partilhou connosco uma técnica que demonstra esta afirmação. Para explicar os complementos obrigatórios e facultativos do verbo, desenhava uma figura feminina com a roupa essencial e outra com acessórios. Veja-se também o Anexo 17, um texto de Patrick de Bouter e o texto de Ilda Ferreira relativo ao Inglês.

De qualquer modo e terminada esta dissertação, muitas foram as aprendizagens e ainda haverá muito a acrescentar sobre esta temática.

Da pesquisa realizada a propósito dos Autores e obras francesas que constituíram o cerne deste trabalho, foram aparecendo providencialmente, umas atrás das outras, obras de Autores portugueses, num aparente movimento de resposta às obras francesas.

Quase sem dar por isso um conjunto muito significativo de obras do mesmo teor e com os mesmos objectivos das aqui tratadas agrupou-se, formando um *corpus* que pede também para ser desenvolvido e aprofundado.

Aqui ficam apenas as referências bibliográficas daquelas que usam a Literatura para falar de aspectos linguísticos :

ARAÚJO, R. (2009). *O dia em que o meu bairro ficou de pantanas*. Lisboa: Texto.

FUNK, G. (2005). *Os Agentes da Ordem Gramatical*. Porto: ASA.

JARA, J. (1998). *Desgramaticar*. Lisboa: Ulmeiro.

LETRIA, J. J. (2005). *A ilha das palavras*. Lisboa: Oficina do livro.

LETRIA, J. (2008). *Versos com todas as letras*. Porto: Âmbar.

MAGALHÃES, A. (2001). *O circo das palavras voadoras*. Porto: ASA.

MAGALHÃES, A. (2000). *O limpa-palavras e outros poemas*. Porto: ASA.

MARQUES, J. (1989). *Gramática a rimar*. s.l.: Livros Horizonte.

MOTA, A. (2008). *O livro das letras*. Porto?: Gailivro.

NERY, J. (1993). *Na casa da língua moram as palavras*. Porto: ASA.

SANTOS, M. (2009). *Chamem-lhes nomes!* Lisboa: Texto.

VIEIRA, A. (2009). Os adjectivos não servem para nada. In *Livro com cheiro a canela* (pp. 20, 21). Lisboa: Texto Editora.

ÉFFE, F., & MATIAS, J. L. (2007). O Livro-em-Branco e as Letras Atrevidas. *Cadernos de Criatividade 7*, pp. 33-41.

(...)

Destaco a obra de Letria (2005) pela incrível semelhança, *mutatis mutandis*, da sua obra com o universo de Orsenna nas quatro obras aqui estudadas, a merecer uma investigação mais aprofundada, dado o grau de equivalência e estrutura relativamente à Língua Portuguesa.

De salientar é também a iniciativa da Texto ao editar a colecção *Gramofone*. A colecção ainda só publicou dois volumes, mas pretende prosseguir os seus objectivos

convidando Autores portugueses conhecidos na área infanto-juvenil a escrever literariamente sobre aspectos gramaticais do Português, associando um sítio internet com sistematizações gramaticais escolares e exercícios com as respectivas soluções. São também lindíssimos objectos, ilustrados com a máxima atenção por Afonso Cruz.

Possam estas obras ser também descobertas em favor da Língua e do prazer de Aprender.

4.2. Conclusão final

Veux-tu toute ta vie offenser la grammaire ?

La grammaire, du verbe et du nominatif,
comme de l'adjectif avec le substantif,
nous enseigne les lois.

(MOLIERE, 1971 : 67)

[acte II, scène vi, vv. 497-499]

Les grandes personnes m'ont conseillé de laisser de côté les dessins de boas ouverts et fermés, et de m'intéresser plutôt à la géographie, à l'histoire, au calcul et à la grammaire. (SAINT-EXUPERY, 1999 : 10)

Mais la grammaire quel régal !

(CAVANNA, 1978 : 39)

Nas linhas anteriores, Autores franceses de várias épocas exprimiram sentimentos ambivalentes sobre a Gramática, no que é uma relação longa e conturbada e pessoal, como tentámos mostrar.

À semelhança de tantos Autores, também Orsenna quis contribuir para a defesa e ilustração do Francês, usando as estratégias que apontámos, adaptando-se à sua época e aos meios disponíveis, aproveitando uma tradição invejável, apropriando-se da *sua* Língua e partilhando com os outros o seu amor linguístico contagiante, a sua empatia e felicidade, o prazer de aprender.

A este respeito diz Ben-Shahar, Professor de Psicologia Positiva em Harvard que «as escolas em geral, não conseguem ensinar quão excitantes e irresistivelmente belas são as ciências», por exemplo, «ensinando apenas a rotina da literatura e não a aventura» (BEN-SHAHAR, 2009 : 103), «devendo reconciliar aprendizagem e amor

pela aprendizagem» (BEN-SHAHAR, 2009 : 95), «estimulando um estado de fluxo, o estado em que, de acordo com Csikszentmihalyi, uma pessoa é mergulhada numa experiência que é só por si recompensadora, onde nos sentimos um com a experiência» (BEN-SHAHAR, 2009 : 95), um estado em que a inteligência tem de ser também emocional e relacional com o objecto de estudo. Este *afecto positivo* na educação constitui até um dos princípios de aquisição de uma Língua para o professor Brian Tomlinson da Leeds Metropolitan University, para quem o prazer e a emoção são instrumentos de trabalho que concorrem para qualquer actividade de aprendizagem, como para Orsenna.

Como diz Jean-Jacques Brochier sobre *La Grammaire...*, o livro que originou a saga pessoal e literária do Autor, Orsenna «s'est ému de ce qu'on faisait à la grammaire, du traitement qu'on lui faisait subir, et aux enfants qui s'en servaient. Et il a écrit une lettre, une véritable lettre d'amour, aux mots, aux phrases, aux œuvres, sous forme d'une fiction douce, douce comme la chanson d'Henri Salvador. [...] Si les enfants pourraient apprendre comme Thomas et Jeanne, il faudrait nommer Erik Orsenna à vie, ministre de l'Education nationale» (BROCHIER, 2001 : 6).

Christiane Baroche diz, a propósito do mesmo livro, «à travers l'apprentissage de la langue avec recours aux images, aux fables, aux fantaisies grammaticales, aux instits délicieuses comme aux inspectrices obsessionnelles, Orsenna montre les oscillations de la syntaxe et le vide affectif» (BAROCHE, 2003 : 92).

Jessica L. Nelson compara Jeanne à Alice de Lewis Carroll, «plongée dans un monde magique où mots, verbes et adjectifs vivaient et s'apprivoisaient... » (NELSON, 2004 : 68).

Em suma, o amor entusiástico de Orsenna pelo Francês constitui a estratégia mais poderosa da sua abordagem contangiante, que nos leva a olhar livremente para a língua que aprendemos, como na primeira vez, reflectindo e reaprendendo incessantemente. Esperemos ter dado a conhecer este mundo maravilhoso e mostrado a sua eficácia didáctica a comprovar pessoalmente.

Foram todas estas razões que nos fizeram redescobrir o Francês pela mão de Orsenna, numa abordagem aparentemente simples, mas eficaz que força gentilmente o leitor à reflexão sobre a Língua e sobre o Mundo, no fundo, como um bom Professor.

Qu'est-ce que le Français pour vous?

C'est comme toute langue : tout. Ma terre, ma mer et ma pensée et ma porte pour aimer.

Qu'est-ce que la Grammaire pour vous?

C'est le squelette du monde! Ça sert à raconter le monde...

(ORSENNA, Anexo 5)

Bibliografia

Bibliografia activa

- ORSENNA, E. (2001). *La Grammaire est une chanson douce*. Paris: Editions Stock.
- ORSENNA, E. (2003). *A Gramática é uma doce Canção*. (I. ST. AUBYN, Trad.) Porto: Edições Asa.
- ORSENNA, E. (2004). *Les Chevaliers du Subjonctif*. Paris: Editions Stock.
- ORSENNA, E. (2006). *Os Cavaleiros do Conjuntivo*. (1ª ed.). (H. S. PEREIRA, Trad.) Porto: Edições Asa.
- ORSENNA, E. (2007). *La Révolte des Accents*. Paris: Editions Stock.
- ORSENNA, E. (2009). *Et si on dansait?* Paris: Editions Stock.
- ORSENNA, E. (2009). *Plaisirs secrets de la grammaire*. Paris: Stock.

Bibliografia passiva

- ANTÃO, J. (2001). *Comunicação na sala de aula*. Porto: ASA.
- BAROCHE, Ch. (mars 2003). Poches. *Le magazine littéraire*, 418. Paris : 92.
- BARTELS, H. et alii. (2000). *Lectures, Lecteurs : Littérature de Jeunesse en classe de FLE*. Wiesbaden : HELP.
- BEN-SHAHAR, T. (2009). *A Felicidade na Educação. Aprenda a ser feliz*. Lisboa : Lua de Papel.
- BESCHERELLE. (2006). *La Conjugaison pour tous*. Paris: Hatier.
- BIARD, J., & DENIS, F. (1993). *La Didactique du Texte Littéraire*. Paris: Nathan.
- BIZARRO, R. P., & FIGUEIREDO, O. M. (1996). *Du Mot au Texte - Grammaire de la Langue Française* (1ª ed.). Porto: Edições Asa.
- BLONDEAU, N., & ALLOUACHE, F. (2004). *Littérature progressive du français, niveau débutant, avec 600 activités* . Paris: Clé International.
- BOURDET, J.-F. (Ed.). (1999). Fiction littéraire et apprentissage des langues. *Etudes de Linguistique Appliquée* , 3 . Paris: Ed. Klincksieck.
- BRADBURY, R. (1950). *Fahrenheit 451*. s.l.: World Editions.
- BROCHIER, J.-J. (septembre 2001). Des mots d'amour. *Le magazine littéraire*, 401. Paris : 6.
- BRUNEL, P. (2002). *Où va la Littérature Française aujourd'hui?* Paris: Vuibert.
- CARMO, H., & FERREIRA, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação : Guia para a Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARROLL, L. (s.d.). *The Annotated Alice - Alice's Adventures in Wonderland and Trough the Looking-Glass*. (M. GARDNER, Ed.) London: Penguin Books.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

- CARVALHO, R. (1996). *História do Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CAVANNA, F. (1978). *Les Ritals*. Paris: Belfond.
- CAVANNA, F. (1989). *Mignonne, allons voir si la rose...* Paris: Belfond.
- CELINE, L.-F. (1932). *Voyage au bout de la nuit*. Paris : Gallimard.
- CHALARON, M. L., & ROESCH, R. (1984). *La Grammaire autrement - sensibilisation et pratique* (1ª ed.). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- CHANDA, T. (2006, setembro-décembro). La Saga. *Label France* , 64, p. 42.
- CHARAUDEAU, P. (1992). *Grammaire du Sens et de l'Expression*. Paris: Hachette.
- CHEVALIER, J., & GHEERBRANT, A. (1992). *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Lafont.
- CHEVALIER, J.-C. (1994). *Histoire de la Grammaire Française*. Paris: Presses Universitaires de France.
- COMÊNIO, J. A. (1996). *Didáctica Magna - Tratado da Arte Universal de ensinar tudo a todos* (4ª ed.). (J. F. GOMES, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CONSELHO DA EUROPA. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas : Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. (N. V. SOARES, & M. J. ROSÁRIO, Trads.) Porto: Edições Asa.
- COURTILLON, J. (2003). *Elaborer un Cours de FLE*. Paris: Hachette.
- CUNHA, C., & CINTRA, L. (1993). *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- CUQ, J.-P. (1996). *Une Introduction à la Didactique de la Grammaire en FLE*. Paris: Didier / Hatier.
- CUQ, J.-P. (2003). *Dictionnaire de Didactique du FLE et seconde*. Paris : Clé international.
- CUQ, J.-P. (2008). *Dictionnaire pratique de didactique du FLE*. Paris: Ophrys.
- CUQ, J.-P., & GRUCA, I. (2002). *Cours de Didactique du Français Langue Etrangère et Seconde*. Grenoble : PUG.
- DAMÁSIO, A. (2000). *O Sentimento de Si - O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- DAMÁSIO, A. (2002). Uma vez mais com emoção. *Cadernos de Criatividade* , 4, pp. 23-25.
- DEDIEU, Th. (1996). *Le Mangeur de Mots*. Paris: Editions du Seuil.
- DELAS, D. (1994). *De la Littérature à la Culture ou l'inverse ? – Le fait francophone*. Paris . Didier
- DETAMBEL, R. (1998). *La Comédie des Mots*. Editions Gallimard Jeunesse.
- DETAMBEL, R. (1999). *La Nouvelle comédie des mots*. Paris: Gallimard.
- DUARTE, I. M. (2002). *Gavetas de Leitura : Estratégias e Materiais para uma Pedagogia da Leitura* (1ª ed.). Porto: Edições Asa.

- DUFEU, B. (1996). *Les Approches Non Conventionnelles des Langues Etrangères*. Paris: Hachette.
- DURAND, M., & BERTRAND, G. (1975). *L'Image dans le livre pour enfants*. Paris: L'Ecole des Loisirs.
- ECO, U. (1991). *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas* (5ª ed.). (A. F. Bastos, & L. Leitão, Trans.) Lisboa: Editorial Presença.
- EGAN, K. (1994). *O uso da narrativa como técnica de ensino*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- ESCARPIT, D. (1981). *La Littérature d'enfance et de jeunesse : Panorama historique*. Paris: PUF.
- FASOLA, P., & LYANT, J.-C. (1984). *Grammaire turbulente du Français contemporain*. Paris: Editions Ramsay.
- FERRAN, P. (Ed.). (1983). *Littérature de Jeunesse. Etudes de Linguistique Appliquée, 4*. Paris: Ed. Klincksieck.
- FLAUBERT, G. (2000). *Dictionnaire des Idées reçues*. Paris: Editions Mille et Une Nuits.
- FOURNIER, J.-L. (1992). *Grammaire Française et Impertinente*. Paris: Editions Payot et Rivages.
- GAARDER, J. (1999). *O Mundo de Sofia* (15ª ed.). (C. BELO, Trad.) Lisboa: Presença.
- GAGNON, J.-C. (Ed.). (1994). *Littérature et cultures en situation didactique. Etudes de Linguistique Appliquée, 1*. Paris: Ed. Klincksieck.
- GERMAIN, C. (1993). *Évolution de l'Enseignement des Langues : 5000 ans d'histoire*. Paris : Clé international.
- GERMAIN, C., & SEGUIN, H. (1998). *Le Point sur la Grammaire*. Paris: Clé international.
- GIRARD, M. (1978, nov/déc). La lecture désintéressée ou le bonheur de lire. *Le Français dans le monde*, pp. 35-40.
- GRAMM, M.-N. (2009). *Recettes de grammaire*. Paris: Ellipses.
- HALBA, E.-M. (2009). *Recettes d'orthographe*. Paris: Ellipses.
- GREVISSE, M. (1994). *Le Bon Usage* (13e ed.). Louvain-la-Neuve: Editions Duculot.
- GREVISSE, M. (1995). *Précis de Grammaire Française* (30e ed.). Louvain-la-Neuve: Editions Duculot.
- GUYOT-CLEMENT, C., & alii, e. (2005). *Enseigner le FLE : Pratiques de Classe*. Paris: Editons Bélin.
- HENZENSBERGER, H. M. (1999). *O Diabo dos Números*. Porto: ASA
- HAGEGE, C. (2006). *Combat pour le français : Au nom de la diversité des langues et des cultures*. Paris: O. Jacob.
- HAGEGE, C. (1985). *L'Homme de paroles : Contribution linguistique aux sciences humaines*. Paris: Fayard.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

- HENRIQUES, A. (2002). Saber sentir e sentir o saber : emoção e razão no conhecimento e na mudança. *Cadernos de Criatividade* , 4, pp. 17-21.
- HOMERO. (2005). *Odisseia*. (F. LOURENÇO, Trans.) Lisboa: Cotovia.
- IONESCO, E. (1994). *La Leçon*. Paris: Gallimard.
- JASKARZEC, P. (2005). *Le Français est un jeu*. Paris: Librio.
- JOB, B. (Ed.). (1989). Enseigner la grammaire des langues. *Etudes de Linguistiques Appliquée*, 2. Paris: Ed. Klincksieck.
- JULAUD, J.-J. (2004). *Le Français Correct pour les Nuls*. Paris: Editions Générales First.
- JULAUD, J.-J. (2004). *Le petit livre de la grammaire facile*. Paris: Editions First.
- JULAUD, J.-J. (2005). *Le Petit Livre du Français Correct*. Paris: Editions Générales First.
- JULIEN, P. (1988). *Activités ludiques*. Paris: Clé international.
- KESSEL, J. (1972). *Le lion*. Paris: Gallimard.
- KHOURY-DAGHER, N. (2008, janvier-mars). L'édition : un secteur en mutation. *Label France* , 69, pp. 14-16.
- LAFAYETTE, M. d. (2010). *La Princesse de Clèves*. Paris: Larousse.
- LA FONTAINE. (1996). *Fábulas de La Fontaine*. Porto: Lello e Irmão.
- LA FONTAINE, J. (2003). *Fables*. Paris: Flammarion.
- «La Grammaire en s'amusant». (2007, octobre 4). *Le Nouvel Observateur*, 2239 . Paris.
- «La grammaire est une chanson douce». (2001, septembre). *Le Magazine Littéraire*, 401. Paris.
- «La grammaire est une chanson douce». (2003, mars). *Le Magazine Littéraire*, 418 . Paris.
- «La Révolte des Accents». (2007, juin 7). *Le Nouvel Observateur*, 2222 . Paris.
- «L'académie s'amuse». (2004, novembre 11). *Le Nouvel Observateur*, 2088 . Paris.
- LAUSBERG, H. (1993). *Elementos de Retórica Literária* (4ª ed.). (R. M. ROSADO FERNANDES, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEEMAN, D. (1973). *Comment apprendre la Grammaire? Niveau I*. Paris: Larousse.
- LEEMAN, D. (1984). *La Grammaire par l'observation et l'usage 3e*. Paris: Larousse - Afrique.
- LEGENDRE, R. (1993). *Dictionnaire actuel de l'éducation*. Paris: ESKA.
- «L'Enseignement de la littérature française aux étrangers». (1970, décembre 1). *Le Français dans le monde*, 77 . Paris: FDLM.
- «Les voluptés de la langue française». (2007, juillet 11). *Le Nouvel Observateur*, 2227 . Paris.
- LINDEN, S. V. (2004, décembre). L'Album, le Texte et l'image. *AEIOU : Revue de Littérature pour la Jeunesse*, pp. 4-11.
- «Lire en français langue étrangère». (1978, novembre 1). *Le Français dans le monde*, 141 . Paris: FDLM.
- «Littérature et enseignement : La perspective du lecteur». (1988, février). *Le Français dans le monde - Recherches et applications*, 3 . Paris: FDLM.

- LOPES, M.-J., & LE BOUGNEC, J.-T. (2006). *Gramm'ados - Grammaire du Français pour Adolescents (niveau débutant)*. Lisboa: Lisboa Editora.
- MANGENOT, F., & LOUVEAU, E. (2006). *Internet et la Classe de Langue*. Paris: Clé International.
- MARINIER, N. (Ed.). (2001). *De l'Education - Apprendre et Transmettre de Rabelais à Pennac*. Paris: Flammarion.
- MARQUES, M. E. (1990). *Didáctica do Francês*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARTINS, A. (2002). *Didáctica das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARUJO, H. Á., NETO, L. M., & PERLOIRO, M. F. (2001). Heróis Optimistas. In *Educar para o Optimismo* (pp. 104-109). Lisboa: Editorial Presença.
- McEWAN, I. (1995). Preface. In *The Daydreamer* (pp. 7-9). London: Vintage.
- MELVILLE, H. (2008). *Moby Dick*. Oxford: Oxford University Press.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (2001). *Programa de Francês - Ensino Secundário*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. (1991). *Programas Francês - 3º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- MIRANDA, J. (2007). *Jogar a Aprender - Reflexão Pessoal sobre o Jogo na Escola*. Realizado no âmbito do 2º semestre do Mestrado em Estudos Francófonos, Universidade Aberta, Didáctica das Expressões e das Artes 2, Lisboa.
- MIRANDA, J. (2009). 8º Encontro Nacional da APP - Gramática, para que te quero?! *Como uma Gramática* (pp. 22-24). Lisboa: Lisboa Editora.
- MIRANDA, J. (2010). La grammaire selon Orsenna. *XVII Congrès - La grammaire en action*. Coimbra: Associação Portuguesa de Professores de Francês.
- MIRANDA, J. (2010). A gramática segundo Orsenna. *Semana das Línguas – Formação para Professores*. Castro d'Aire: Agrupamento de Escolas de Mões.
- MOIRAND, S., PORQUIER, R., & VIVÈS, R. (Eds.). (1989, février-mars). ... Et la Grammaire. *Français dans le Monde*. Paris: FDLM.
- MOLIERE (1971). *Les Femmes savantes*. Paris: Larousse.
- MONNERIE, A. (1987). *Le Français au Présent - Grammaire de Français Langue Etrangère*. Paris: Alliance Française / Didier / Hatier.
- MONNERIE-GOARIN, A., & BRÉANT, M.-T. (1988). *Le Français au présent - Exercices de Grammaire Français Langue Etrangère*. Paris: Alliance Française / Didier / Hatier.
- MONTEIRO, O. P., & OLIVEIRA, C. C. (1991). *Literatura Francesa Moderna e Contemporânea*. Lisboa: Universidade Aberta.
- NELSON, J. (juillet /août 2004). Textos. *Le magazine littéraire*, 433. Paris : 68.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

- NETO, L. M., & MARUJO, H. Á. (2001). O Uso do Humor. In *Optimismo e Inteligência Emocional* (pp. 98-102). Lisboa: Editorial Presença.
- ORSENNA, E. (2009). *Dois verões*. (L. R. DOMINGOS, Trans.) Porto: Teorema.
- PENNAC, D. (1995). *Comme un Roman*. Paris: Gallimard.
- PENNAC, D. (1997). *Como um Romance* (8ª ed.). (F. P. BOLÉO, Trad.) Porto: Edições Asa.
- PENNAC, D. (2007). *Chagrin d'école*. Paris: Gallimard.
- PEREIRA, A., & POUPA, C. (2006). *Como escrever uma Tese, Monografia ou Livro Científico usando o Word* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- PLATO. (1993). *Symposium and Phaedrus*. (B. JOWETT, Trad.) New York: Dover Publications.
- PLOQUIN, F., HERMELINE, L., & ROLLAND, D. (2000). *Littérature Française : Les Textes Essentiels*. Paris: Hachette.
- PORCHER, L. (1995). *Le Français Langue Etrangère - émergence et enseignement d'une discipline*. Paris: Hachette.
- PORCHER, L. (2004). *L'Enseignement des Langues Etrangères*. Paris: Hachette.
- PORCHER, L. (Ed.). (1982). Littérature à enseigner. *Etudes de Linguistique Appliquée, 1*. Paris: Ed. Klincksieck.
- PROUST, M. (1999). *À la Recherche du temps perdu*. Paris : Gallimard.
- QUENEAU, R. (1947). *Exercices de Style*. Paris: Gallimard.
- RAMBAUD, P. (2007). *La Grammaire en s'amusant*. Paris: Editions Grasset.
- REINACH, S. (2007). *Sidonie ou le Français sans peine*. Paris: Editions Tallandier.
- REIS, C. (1995). *O Conhecimento da Literatura - Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Livraria Almedina.
- REIS, C. (1992). *Técnicas de Análise Textual* (3ª ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- REIS, C., & LOPES, A. C. (1996). *Dicionário de Narratologia* (5ª ed.). Coimbra: Livraria Almedina.
- REIS, M. O., & MARTINS, M. F. (2007). *Point Fr - 10º ano*. Lisboa: Texto Editores.
- RIVAIS, Y. (2008). *Grammaire Impertinente*. Paris: Editions Retz.
- ROBBE-GRILLET, A. (2005). *Djinn - Un trou rouge entre les pavés disjoints*. Paris: Editions de Minuit.
- ROBERT, J.-M. (2002). *Difficultés du Français*. Paris: Hachette.
- ROBERT, J.-P. (2002). *Dictionnaire pratique de didactique du FLE*. Paris: Ophrys.
- RODARI, G. (1973). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Caminho.
- ROWLING, J. K. (2009). *Harry Potter (7 vols.)*. London: Scholastic.
- SAMPAIO, D. (2007, Outubro 28). Brincar. *Pública*.
- SAINT-EXUPERY, A. (1999). *Le Petit Prince*. Paris : Gallimard.
- SAINT-EXUPERY, A. (2001). *O Principezinho*. Lisboa: Editorial Presença.

- SARAIVA, A. J. (1993). *Cultura*. Lisboa: Difusão Cultural.
- «Sauver la Grammaire». (2006, novembre 30). *Le Nouvel Observateur*, 2195 . Paris.
- SÉOUD, A. (1997). *Pour une Didactique de la Littérature*. Paris: Editions Didier.
- SHADLICH, H. J. (1990). *Le Coupeur de Mots*. Paris: Castor Poche Flammarion.
- SHAKESPEARE, W. (2009). *Romeo and Juliet*. London: Penguin Books.
- SNICKET, L. (2007). *A series of unfortunate events - Wide window*. New York: Harper Collins.
- SPRINTHALL, N. A., & COLLINS, W. A. (1994). *Psicologia do Adolescente – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SPRINTHALL, N. A., & SPRINTHALL, R. C. (1997). *Psicologia Educacional - Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Subjonctif. (2004, septembre 30). *Le Nouvel Observateur*, 2082 . Paris.
- TAGLIANTE, C. (1994). *La classe de Langue*. Paris: Clé International.
- TAGLIANTE, C. (2006). *La Classe de Langue - nouvelle édition*. Paris: Clé International.
- TARDIEU, J. (1955). *Finissez vos phrases!* Paris : Gallimard.
- TARDIEU, J. (1986). *L'accent grave et l'accent aigu*. Paris: Gallimard.
- TELLES DE MENEZES, S. (1993). *Literatura*. Lisboa: Difusão Cultural.
- TODOROV, T. (Ed.). (1981). *L'Enseignement de la Littérature : Langages nouveaux, Pratiques nouvelles pour la Classe de Langue Française*. Paris: Editions Duculot.
- TOMLINSON, B. (2010). *Desenvolvimento, produção e utilização de materias para o ensino de uma língua segunda*. Lisboa: ILTEC, ESELx, APP.
- VICHER, A. (2001). *Grammaire Progressive du Français pour les Adolescents (niveau débutant, intermédiaire et avancé)*. Paris: CLE International.
- VIEIRA DA SILVA, M. H., & GUEGUEN, P. (2001). Madame la Grammaire et le théâtre du discours. In *Kô et Kô e outras histórias* (pp. 31-49). Lisboa: Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva / Câmara Municipal de Lisboa.
- VIGNER, G. (2004). *La Grammaire en FLE*. Paris: Hachette FLE.
- WELLS, N. (2004, décembre). Entre texte et image, entrer dans la Littérature para la Lecture d'un album. *AEIOU : Revue de Littérature pour la Jeunesse* , pp. 12-17.
- WOODS, P. (2005). O Ensino e a Aprendizagem no Novo Milénio. *Cadernos de Criatividade 6* , pp. 7-41.
- YAGUELLO, M. (1997). *Alice no país da linguagem*. Lisboa : Editorial Estampa.
- ZARATE, G. (Ed.). (1983, novembre-décembre). D'une Culture à l'autre. *Le Français dans le Monde* . Paris: FDLM.

Sitografia

ORSENNA, E. (s.d.). *Bienvenue sur l'archipel d'Erik Orsenna*. Consultado a 12 de Março de 2010, disponível em <<http://www.erik-orsenna.com/>>.

ACADEMIE D'ORLEANS-TOURS. (s.d.). *L'année du bonheur du livre - Eric Orsenna*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Arts et Culture: <<http://www.ac-orleans-tours.fr/culture/bonheurorsenna.htm>>.

ACADEMIE GONCOURT. (17 juin 1999). *Discours de Réception*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Académie Goncourt: <http://www.academie-francaise.fr/immortels/discours_reception/orsenna.html>.

ACADEMIE GONCOURT. (s.d.). *Erik Orsenna*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Académie Goncourt: <<http://www.academie-francaise.fr/immortels/base/academiciens/fiche.asp?param=695>>.

ACTUALITÉ LITTÉRAIRE.COM. (2000). *Le club reçoit Erik Orsenna*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Actualité Littéraire.com: <<http://www.actualite-litteraire.com/static/actu/rencontres/orsenna.htm>>.

ADJA, N. (abril 2003). *Delirium interview Erik Orsenna*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Delirium: <http://mots.extraits.free.fr/interview_erik_orsenna.htm>.

AGENCE DE PROMOTION DU FLE. (s.d.). *Théâtre*. Consultado a 27 de Fevereiro de 2010, disponível em <<http://www.fle.fr/theatre/conjugaison.html>>.

AMAZON.FR. (s.d.). Consultado a 29 janeiro 2010, disponível em <<http://www.amazon.fr>>.

AMEDRO, Y. (15 março 2007). *La francophonie est morte, vive la «littérature-monde» en français !* Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em RFI International: <http://www.rfi.fr/actufr/articles/087/article_50339.asp>.

"ANGELWIZZARD". (7 dezembro 2007). *La Grammaire est une chanson douce*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em La tête dans les pages : <<http://tetedanslespages.canalblog.com/archives/2007/12/07/7156740.html>>.

APPF. XVII Congresso – *La Grammaire en action*. Consultado a 21 de Janeiro de 2010, disponível em <http://www.appf.pt/17_congresso_inscricao.html>.

ARSENIK. (4 setembro 2007). *La Révolte des Accents*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Arsenik: <<http://www.livrophage.fr/archive/2007/09/04/la-revolte-des-accents-erik-orsenna.html#more>>.

- ASSOCIATED PRESS. (29 novembro 2006). *Enseignement de la Grammaire : plus de simplicité et plus de rigueur*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Clubobs.com: <<http://clubobs.nouvelobs.com/article/2006/11/29/20061129.FAP7968.xml>>.
- BIBLIO MONDE. (2007). *Eric Orsenna*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Biblio Monde: <<http://www.bibliomonde.com/auteur/erik-orsenna-2478.html>>.
- BIBLIOTHEQUE ALSATIQUE (s.d.). *Hortus deliciarum*. Consultado a 27 de Fevereiro de 2010, disponível em <http://bacm.creditmutuel.fr/HORTUS_DELICIARUM.html>.
- BIBLIOTHEQUE NATIONAL DE FRANCE (s.d.). *Catalogue Général*. Consultado a 16 de Novembro de 2009, disponível em <<http://catalogue.bnf.fr/servlet/ListeNotices?host=catalogue>>.
- BIGRE. (s.d.). *Binôme graphique*. Consultado em Janeiro 2010, disponível em <<http://www.binomegraphique.free.fr>>.
- CATINCHI, P.-J. (10 setembro 2004). « *La langue est le lieu par excellence de la transmission* ». Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Le Monde des Livres: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=868597>.
- CATINCHI, P.-J. (7 fevereiro 2003). *L'îlot-trésor d'Erik Orsenna*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Le Monde des Livres: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=791946>.
- CEDELLE, L. (24 novembro 2006). *La grammaire, nouveau chantier de Gilles de Robien*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Le Monde: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=967047>.
- CEO-FIPF. *XVII Congrès APPF - La Grammaire en Action*. Consultado a 21 de Janeiro de 2010, disponível em <http://ceo-fipf.org/index.php?option=com_content&view=article&id=198:xxvii-congres-de-lappf&catid=61:journees-et-congres&Itemid=69>.
- CHARLOT, M. (13 janeiro 2002). *Les langues et la liberté*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Le Monde des Livres: <http://www.lemonde.fr/web/recherche_breve/1,13-0,37-736519,0.html>.
- CLUB DES RATS DE BIBLIO-NET. (s.d.). *Biographie et bibliographie d'Eric Orsenna*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Club des rats de biblio-net: <<http://www.ratsdebiblio.net/orsennaerik.html>>.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

CRERA - Centre Régional de Ressources pour l'Apprentissage. (2007). *Eric Orsenna - La Révolte des Accents*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Académie de Toulouse <http://pedagogie.ac-toulouse.fr/crera/erik_orsenna.htm>.

DELCROIX, O. (14 outubro 2007). *Comment se passer du parfum des mots?* Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Le Figaro: <http://www.lefigaro.fr/litteraire/20070621.FIG000000161_comment_se_passer_du_parfum_de_s_mots.html>.

DETAMBEL, R. (s.d.). Régine Detambel. Consultado a 23 de Março de 2009, disponível em <<http://www.detambel.com/>>.

EDISTAT (s.d.). Statistiques Orsenna. Consultado até 27 de Fevereiro de 2010, disponível em <<http://www.edistat.com>>.

EGAN, K. (s.d.). *Kieran Egan's Page*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em <<http://www.educ.sfu.ca/kegan/>>.

EVENE.FR. (s.d.). *Eric Orsenna*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Evene.fr: <<http://www.evene.fr/celebre/biographie/erik-orsenna-4134.php>>.

EVENE.FR. (s.d.). *La Grammaire est une chanson douce*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Evene.fr: <<http://www.evene.fr/livres/livre/erik-orsenna-la-grammaire-est-une-chanson-douce-4771.php>>.

EVENE.FR. (s.d.). *La Révolte des Accents*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Evene.fr: <<http://www.evene.fr/livres/livre/erik-orsenna-la-revolte-des-accents-27750.php>>.

EVENE.FR. (2004). *Les Chevaliers du Subjonctif*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Evene.fr: <<http://www.evene.fr/livres/livre/erik-orsenna-les-chevaliers-du-subjonctif-11009.php>>.

EVENE.FR. (2006). *Les Chevaliers du Subjonctif*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Evene.fr: <<http://www.evene.fr/livres/livre/erik-orsenna-les-chevaliers-du-subjonctif-19589.php>>.

EVENE.FR. (s.d.). *Orsenna*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Evene.fr: <<http://www.evene.fr/tout/orsenna>>, <<http://www.evene.fr/tout/orsenna/2>> e <<http://www.evene.fr/tout/orsenna/3>>.

GANZ, P. (15 abril 2006). *L'invité de la semaine - Erik Orsenna*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em RFI International: <http://www.rfi.fr/radiofr/editions/072/edition_28_20060415.asp>.

JULAUD, J-J. (s.d.). Jean-Joseph Julaud. Consultado a 23 de Março de 2009, disponível em <<http://www.jjjulaud.com>>.

LAROUSSE. (s.d.). *Larousse.fr*. Consultado a 21 de Janeiro de 2010, disponível em <<http://www.larousse.fr>>.

"LAURENCE". (13 dezembro 2007). *La Révolte des Accents*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Biblioblog: <<http://biblioblog.fr/index.php/2007/12/13/759-la-revolte-des-accents-erik-orsenna>>.

LE FIGARO LITTERAIRE. (20 junho 2007). *Vidéo Erik Orsenna*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Daily Motion: <http://www.dailymotion.com/video/x2bt6b_erik-orsenna>.

Le Français. langue vivante. (19 outubro 2007). Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Le Monde des Livres: <http://www.lemonde.fr/web/recherche_breve/1,13-0,37-1009353,0.html>?

LIRE.FR. (s.d.). *Orsenna*. Consultado a Janeiro 16, 2008, disponível em Lire.fr: <http://www.lire.fr/xp_recherche.asp?nom=orsenna&prenom=&idP=1&url=&titre=&nomJournaliste=&mois=0&annee=0&typecontenu=&idGenre=0#>.

LORCA, A. (s.d.). *La grammaire est une chanson douce*. Consultado a 17 de Janeiro de 2010, disponível em <http://pagesperso-orange.fr/mondalire/grammaire.htm>

MA PLANETE. (17 junho 2007). *Confession au Renard*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Ma planète: <<http://www.maplanete.ch/?tag=Orsenna>>.

MIHAIL, R., & SILBER, A. (13 setembro 2001). *Erik Orsenna*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Un monde à lire: <<http://pagesperso-orange.fr/mondalire/orsenna.htm>>.

MINISTERE DE L'IMMIGRATION (2009). *Grand débat sur l'identité nationale*. Consultado a 21 de Janeiro de 2010, disponível em <<http://www.debatidentitenationale.fr>>.

MIRANDA, J. (2009). *Une grammaire équivoque – La Grammaire selon Orsenna*. A publicar em Janeiro de 2010 na revista eletrónica de Estudos Franceses - *Carnets* da Associação Portuguesa de Estudos Franceses (APEF). Disponível em <<http://www.apef.org.pt/carnets>>.

POIVRON BLEU. (s.d.). *Orsennathèque*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Site d'Eric Orsenna: <http://www.erik-orsenna.com/erik_orsenna_orsennatheque.php>.

POIVRON BLEU. (s.d.). *Bienvenue sur l'archipel d'Erik Orsenna*. Consultado a 16 de Janeiro de 2008, disponível em Site d'Eric Orsenna :<<http://www.erik-orsenna.com/>>.

RADIO FRANCE. (12 dezembro 1980). *Erik Orsenna - Radioscopie*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em INA - Institut National de l'Audiovisuel: <<http://video.search.yahoo.com/video/play?vid=1100979879&vw=g&b=0&pos=3&p=orsenna&fr=yfp-t-327>>.

RENARD, M. (s.d.). *Ecole de la culture*. Consultado a 29 de Janeiro 2010, disponível em <http://coledelaculture.canalblog.com/archives/2006/05/13/1869785.html>

SCEREN - Services Culture Editions Ressources pour l'Education Nationale. (2005). *Eric Orsenna*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Présence de la Littérature: <http://www.presence-litterature.cndp.fr/jules_verne/ressources/orsenna.php>.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

- SENGHOR, L. (s.d.). *Dicocitations*. Consultado a 29 de Janeiro 2010, disponível em <http://www.dicocitations.com/auteur/4076/Leopold_Sedar_Senghor.php>
- SOLE, R. (19 outubro 2007). *Des écrivains dans l'amour des mots*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Le Monde des Livres: <http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=1009369>.
- STOCK. (2002). *La Grammaire est une chanson douce*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em La Grammaire est une chanson douce: <http://www.la-grammaire-est-une-chanson-douce.com/pre/PRE01_presen_F.htm>.
- THOMAS, B. (junho 2005). *Erik Orsenna, promenade avec le neveu de l'oncle Paul*. Consultado a 17 de Janeiro de 2008, disponível em Cnesmag26 - Actualité News: <http://www.cnes-tv.com/cnes_fr/cnesmag/cnesmag26_actualite.pdf>.
- UNIVERSITE D'ALEP. *Cours d'initiation à la didactique du FLE*. Consultado a 21 de Janeiro de 2010, disponível em <<http://www.lb.refer.org>>.
- ZEGMA. (n.d.). Consultado a 29 de Janeiro de 2010, disponível em <<http://www.zegma.com/>>

Discografia

SALVADOR, H. (Intérprete). (2009). Une chanson douce. [2 CD]. Austria: Le chant du monde. (274 1725.26)

Anexo 2 - Quadro-Síntese das Obras Estudadas

Autor	Data	Título	Local de Edição	Editora	Tipologia textual	Linguagem	Organização / Conteúdo das Lições	Ilustrações	Teorias Gramaticais implícitas ou explícitas	Estratégias / Atividades	Público	Outros
Salomon Reinach	1913	<i>Sidonie ou le français sans peine</i>	Paris		Carta, Expositivo, explicativo	Cuidada	História do Francês, versificação, vogais, nome, plural, Artigo, adjectivo, pronome, verbo, sintaxe, conjugações, verbos irregulares, advérbios, preposições, conjunções, interjeições, ortografia, pontuação	Na capa ilustração a cores, criança a ler um livro de Benjamin Rabier	Gramática normativa	Tom professoral, explicativo e encorajador, com exemplos literários	Jovens FLM	Texto na contracapa escrito por Orsenna, na edição de 2007 da Tallandier
Vieira da Silva (imagens), Pierre Guéguen (texto)	1936	<i>Madame la Grammaire et le théâtre du discours</i>	Paris	Publicado em folhetins no Paris Soir	Lírico	Simples e clara	O alfabeto, as vogais, as palavras, o discurso, as categorias gramaticais	Coloridas, personificação de elementos linguísticos, letras do alfabeto por exemplo, de Vieira da Silva	Gramática normativa	Conjugação texto-imagem, memorização, fruição literária / estética	Crianças FLM	Editada pela Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva em 2001
Raymond Queneau	1947	<i>Exercices de Style</i>	Paris	Gallimard	Narrativo, dramático, lírico...	Cuidada, com duplos sentidos, criativa	Títulos seguidos de textos exemplificativos	Na capa a preto e branco, um mesmo desenho em várias fases, ilustração de Jacques Carelman	Gramática normativa?, mas num claro desafio ao estilo	Criatividade, originalidade	Adultos FLM	
Jean Tardieu	A partir de 1949 1987	<i>La comédie du langage</i>	Paris	Gallimard	dramático	Criativa, original	?	Personagem colorida com cabeça em forma de boca, Hervé Coffinières	?	Criatividade, originalidade	Adultos FLM	
Eugène Ionesco	1954	<i>La Leçon</i>	Paris	Gallimard	Dramático	Coloquial e cuidada, de acordo com as personagens	filologia	Pormenor de pintura <i>La Bosse</i> (1911) de Alexei von Jawlensky	Metodologia áudio-oral na génese como em <i>La Cantatrice Chauve?</i> Estruturalista?	Criatividade e originalidade	Adultos FLM	
Jean Tardieu	A partir de 1976 1986	<i>L'accent grave et l'accent aigu</i>	Paris	Gallimard	poético	Criativo, original	A palavra	Fotografia do Autor por P. O. Deschamps	?	Fruição literária	Adultos FLM	

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

Alain Robbe-Grillet	1981	<i>Djinn, un trou rouge entre les pavés disjoints</i>	Paris	Editions de Minuit	Narrativo, mistério policial,	Cuidada e com uma complexidade crescente	enredo	Sem ilustrações	Abordagem comunicativa?	Fruição literária, enredo	Adultos FLM FLE	Organizada para um semestre de aulas nos EUA, escolha do vocabulário e das estruturas evoluem do mais simples para o mais complexo
Fasola e Lyant	1984	<i>Grammaire turbulente du Français contemporain</i>	Paris	Ramsay	Lírico, narrativo, expositivo, humorístico	Cómica, cuidada	Verbo, nome, pronome, adjetivo, artigo, invariantes, categorias, diminutivos, frase, exercícios, revisão geral coerciva, soluções	Engrenagens e mecanismos, hieróglifos a preto e branco Sem autor indicado	Generativa-transformacional?	Qcm, grelhas	Adultos FLM	
Marie-Laure Chalaron e Roselyne Roesch	1984	<i>La grammaire autrement – sensibilisation et pratique</i>	Grenoble	PUG	Expositivo-explicativo	Simples, Pouca terminologia	Análise de imagens, com sugestões de exercícios num segundo volume	imagens publicitárias a preto e branco, montagens de notícias de jornais e ilustrações várias, sempre acompanhadas de pequenos textos autênticos	Abordagem comunicativa?	Observação de imagens, Pequenos textos, análise de regularidades / fenómenos linguísticos	Adolescentes, adultos FLE	Com uma segunda parte com exercícios formais de complemento e transformação
Cavanna	1989	<i>Mignonne ...</i>	Paris	Belfond	Artigo, crónica, manifesto	Humorada, coloquial e cuidada	O Francês	Fotomontagem com o Autor de Alexis Duclos	Normativa?		Adultos FLM	
Jean-Louis Fournier	1992	<i>Grammaire française et impertinente</i>	Paris	Payot et Rivages	Expositivo, explicativo	Humorada, coloquial e cuidada	Palavra, pontuação, artigo, adjetivo, verbo, pronome, advérbio, preposição, conjunção, interjeição, frase	Capa a cores com uma bicicleta sobre a frase «la grammaire fait du vélo» e ilustrações de Marie Fournier a preto e branco	Gramática normativa? apesar do tom e dos exemplos escolhidos	Exemplos inesperados e humorísticos	Adultos e jovens FLM	

Daniel Pennac	1992	<i>Comme un roman</i>	Paris	Gallimard	ensaio	corrente	leitura	Capa nrf ou imagem com professor e aluno com livro em vez de cabeça	Gramática de texto	O prazer da leitura	Adultos e jovens FLM FLE	
Régine Detambel	1998 1999	<i>La comédie des mots</i> <i>La nouvelle comédie des mots</i>	Paris	Gallimard	Crónica	Cuidada, mas também coloquial e humorada	Les poètes, l'humour, les accents	Letras coloridas dissimuladas num fundo com árvores de Yan Nascimben e	Normativa	Pequenas histórias, etimologia, exemplos literários	Adultos FLM	Publicadas na Gazette de Montpellier de 1994 a 1997
Erik Orsenna	2001	<i>La grammaire est une chanson douce</i>	Paris	Stock	Narrativo	Cuidada, mas acessível	Nome, artigo, adjetivo, pronomes, advérbios, frases, verbos, tempos, preposições, interjeições, conjunções	Tocador de guitarra e letras de Bigre!	Normativa, mas recusa a normatividade	Fruição literária, enredo	FLM FLE	
Jean-Joseph Julaud	2004 (2º trim)	<i>Le français correct pour les nuls</i>	Paris	Général First	Expositivo-explicativo	Coloquial, dialogada com o leitor	O Francês, dicionários e gramáticas, pronúncia, género, acordo do participio passado, verbo, classes gramaticais, funções sintácticas, ortografia, técnicas de sobrevivência, figuras de retórica, autores a ler, soluções	Na Capa a preto e branco, uma personagem, de Marc Chalvin	Normativa?	Síntese concisa das questões tratadas, pequenas histórias, poemas	Adultos FLM	
Jean-Joseph Julaud	2004 (3º trim)	<i>Le petit livre de la grammaire facile</i>	Paris	Général First	Expositivo-explicativo	Muito coloquial	Numerais, cores, acordo do participio passado, complemento directo e indirecto, relativas, adjetivos, pronomes, determinantes, preposições, conjunções, advérbios, conjuntivo, verbo, dúvidas	Na capa, cartoon colorido, dois alunos em conversa de Gabs	Normativa	Síntese das dificuldades mais usuais num registo coloquial e simplificado	Adultos Jovens FLM	

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

Erik Orsenna	2004	<i>Les chevaliers du Subjonctif</i>	Paris	Stock	Narrativo	Cuidada, mas acessível	Verbos, tempos, modos, conjuntivo,	Ilha e avião de Bigre!	Normativa, mas recusa a normatividade	Fruição literária, enredo	FLM FLE	
Jean-Joseph Julaud	2005	<i>Le petit livre du français correct</i>	Paris	Général-les First	Expositivo-explicativo	Simples, humorada, com jogos de palavras	Pontuação, maiúsculas, pronúncia, acordes, figuras de retórica	Na capa, cartoon colorido, uma personagem que parece explicar de Gabs	Normativa	Listas para memorizar, organização alfabética, sistematização	Adultos FLM	
Pierre Jaskarzec	2005	<i>Le français est un jeu</i>	Paris	Librio	Expositivo-explicativo	Simples e clara, por vezes também cuidada	Ortografia, ligações, género, conjugação, plural, participios passados, expressões idiomáticas, acentuação, estrangeirismos	Na capa, ilustração a cores de uma senhora que pensa de Claire Brétécher	Normativa	Texto motivador, seguido de qcm e correcção	Adultos FLM FLE	
Patrick Bégau-deau	2006	<i>Entre les murs</i>	Paris	Gallimard	Biográfico, narrativo	Coloquial	Conjuntivo, questões de sintaxe	Na capa, fotografia de George Lazarevski do filme	Normativa, generativa?	Fruição literária, enredo	FLM FLE	
Patrick Rambaud	2007	<i>La grammaire en s'amusant</i>	Paris	Grasset	Diálogo	Coloquial e acessível	Linguagem, gramática, origem das palavras, nomes, adjectivos, verbos, frase, pontuação, lecture, internet	Ilustração a cores de um acrobata sobre uma caneta, <i>Exercice Littéraire</i> , de Tulio Pericoli (1984)	Normativa, mas também generativa	Diálogo entre um <i>moi</i> e um <i>lui</i> , seguido de um resumo	FLM	
Erik Orsenna	2007	<i>La révolte des accents</i>	Paris	Stock	Narrativo	Cuidada mas acessível	Acentos, cedilhas	Acentos de Montse Bernal	Normativa, mas recusa a normatividade	Fruição literária, enredo	FLM FLE	
Daniel Pennac	2007	<i>Chagrin d'école</i>	Paris	Gallimard	Biográfico, narrativo	Coloquial e cuidada	leitura	Capa de Gérard Lo Monaco, sala de aula, e contracapa, cópia de boletim de notas	«	Fruição literária, enredo	FLM FLE	
Yak Rivais	2008	<i>Grammaire impertinente</i>	Paris	Retz	Expositivo, narrativo	Coloquial e cuidada	Pontuação, classes de palavras, acordes, voz activa, passiva	La gioconde piscando o olho de Da Vinci / Hanoteau	«	«	FLM	

Olivier Houdart & Sylvie Prioul	2009	<i>La grammaire c'est pas de la tarte</i>	Paris	Seuil	Expositivo, narrativo, ensaio	Coloquial e familiar, mas cuidada	História da língua, género, acordos	Rolo da massa	Normativa	«	FLM	Correctores nouvel obs março
Eve Halba	2009	<i>Recettes de orthographe</i>	Paris	Ellipses	explicativo	cuidada	Classes de palavras	Livro de receitas	Normativa	Explicação, exemplos, exercícios	Alunos FLM	março
Erik Orsenna	2009	<i>Et si on dansait ?</i>	Paris	Stock	Narrativo	Cuidada mas acessível	pontuação	Partitura de Montse Bernal	Normativa, mas recusa a normatividade	Fruição literária, enredo	FLM FLE	agosto
Marie Gramm	2009	<i>Recettes de grammaire</i>	Paris	Ellipses	explicativo	Cuidada, mas carinhosa	Classes de palavras	Livro de receitas	Normativa	Explicação, exemplos, exercícios, quadros	Alunos FLM	outubro
Erik Orsenna	2009	<i>Plaisirs secrets de la grammaire</i>	Paris	Stock	Expositivo, reflexivo	Coloquial e familiar, mas cuidada	História do Francês, gramáticas e metagramáticas do Francês	Claire Fontaine	?	Partilha de pontos de vista, experiências	FLM FLE	novembro

Anexo 3 - Apresentação do Autor



Ilustração 4 - Erik Orsenna criança

Qui suis-je ? ¹³⁸

Comment répondre ? Voici ce que je sais.

Je suis né à Paris, le 22 mars 1947 (de mon vrai nom Erik Arnoult), d'une famille où l'on trouve des banquiers saumurois, des paysans luxembourgeois et une papetière cubaine. Après des études de philosophie et de sciences politiques, je choisis l'économie. De retour d'Angleterre (London School of Economics), je publie mon premier roman en même temps que je deviens docteur d'État. Je prends pour pseudonyme Orsenna, le nom de la vieille ville du *Rivage des Syrtes*, de Julien Gracq.

Suivent onze années de recherche et d'enseignement dans le domaine de la finance internationale et de l'économie du développement (Université de Paris I, École normale supérieure). En 1981, Jean-Pierre Cot, ministre de la Coopération, m'appelle à son cabinet. Je m'y occuperai des matières premières et des négociations multilatérales. Deux ans plus tard, je rejoins l'Élysée en tant que conseiller culturel (et rédacteur des ébauches de discours subalternes). Dans les années 1990, auprès de Roland Dumas, ministre des Affaires étrangères, je traiterai de la démocratisation en Afrique et des relations entre l'Europe du Sud et le Maghreb. Entre-temps, j'ai quitté l'Université pour entrer, en décembre 1985, au

¹³⁸ Optou-se por transcrever os textos que Orsenna escreveu sobre si e as suas obras. Quem melhor que o próprio Autor para se apresentar e às suas obras ? Cf. < http://www.erik-orsenna.com/erik_orsenna_qui.php>.

Conseil d'État. Conseiller d'État depuis juillet 2000, je suis actuellement en disponibilité.

J'ai toujours voulu avoir un autre métier que l'écriture, d'abord pour être libre de donner le temps qu'il faut au livre. Le livre doit être le lieu de la liberté. J'écris chaque matin, pendant deux heures. Restent vingt-deux heures, largement de quoi s'occuper. Mes autres métiers me renseignent sur l'univers.

Parallèlement à mes activités administratives, j'ai donc écrit sept romans, dont *La Vie comme à Lausanne*, prix Roger Nimier 1978, et *L'Exposition coloniale*, prix Goncourt 1988. J'ai été élu, le 28 mai 1998, à l'Académie française, au fauteuil de Jacques-Yves Cousteau (17e fauteuil).

En plus de l'écriture, les voyages, la mer et la musique tiennent une place essentielle dans ma vie et dans mes livres. Ces passions, je les dois beaucoup à ma famille.



Ilustração 5 - Erik Orsenna

Ma mère m'a donné la passion des histoires et de la langue française.

Mon père, dont la famille avait une maison sur l'île de Bréhat, m'a enseigné la mer, les marées, les bateaux, les voyages au loin. Je préside d'ailleurs le Centre de la Mer (Corderie royale, à Rochefort).

J'entendais, de l'autre côté du mur, mon frère répéter inlassablement ses exercices de guitare. Et mon grand-père, qui me parlait de nos ascendances cubaines, esquissait de temps à autre, en dépit de sa corpulence, des pas de salsa.

Je n'ai fait que prolonger ces héritages.

Anexo 4 - Paroles de Le Loup, la biche et le chevalier (Une chanson douce) (1950) de Maurice Pon

Une chanson douce
Que me chantait ma maman,
En suçant mon pouce
J'écoutais en m'endormant.
Cette chanson douce,
Je veux la chanter pour toi
Car ta peau est douce
Comme la mousse des bois.

La petite biche est aux abois.
Dans le bois, se cache le loup,
Ouh, ouh, ouh ouh !
Mais le brave chevalier passa.
Il prit la biche dans ses bras.
La, la, la, la.

La petite biche,
Ce sera toi, si tu veux.
Le loup, on s'en fiche.
Contre lui, nous serons deux.
Une chanson douce
Que me chantait ma maman,
Une chanson douce
Pour tous les petits enfants.

O le joli conte que voilà,
La biche, en femme, se changea,
La, la, la, la
Et dans les bras du beau chevalier,
Belle princesse elle est restée,
eh, eh, eh, eh

La jolie princesse
Avait tes jolis cheveux,
La même caresse
Se lit au fond de tes yeux.
Cette chanson douce
Je veux la chanter aussi,
Pour toi, ô ma douce,
Jusqu'à la fin de ma vie,
Jusqu'à la fin de ma vie.

{ Variante pour les 2 derniers: }

O le joli conte que voilà,
La biche, en femme, se changea,
La, la, la, la
Et dans les bras du beau chevalier,
Belle princesse elle est restée,
A tout jamais

Une chanson douce
Que me chantait ma maman,
En suçant mon pouce
J'écoutais en m'endormant.
Cette chanson douce
Je veux la chanter aussi,
Pour toi, ô ma douce,
Jusqu'à la fin de ma vie,
Jusqu'à la fin de ma vie.

Anexo 5 - Entrevistas ao Autor

Lisbonne, 21 octobre 2008¹³⁹

Cher Monsieur,

Je suis professeur de Français Langue Etrangère au Portugal et je fais une thèse de *master* sur trois de vos œuvres : *La Grammaire est une chanson douce* (2001), *Les Chevaliers du Subjonctif* (2004) et *La Révolte des Accents* (2007).

J'ai choisi ces trois titres parce qu'ils me semblent faire partie d'une thématique liée à l'amour de la langue et au traitement de la Grammaire comme sujet littéraire, ce qui me semble original et innovateur dans le panorama éditorial français.

Si possible, j'aimerais vous poser quelques questions sur les motivations, les procès et les raisons de ces œuvres dans l'ensemble de votre vaste bibliographie.

1. Pourquoi avez-vous décidé d'écrire *La Grammaire est une chanson douce* en 2001?

Je ne comprenais pas les questions qu'on posait à mes enfants en classe de français.

2. À votre avis, quels sont les problèmes les plus graves au niveau de l'enseignement du Français? Mme Jargonos existe-t-elle?

Madame Jargonos existe. Certaines notions sont utiles pour les spécialistes, les doctorants, mais pas au collège. En outre, on théorise trop, on morcelle les textes au lieu de PRATIQUER l'écriture. On dissèque, on déssèche. Où est le plaisir?

3. Comme Académicien vous sentez l'obligation de défendre le Français?

Oui.

¹³⁹ Enviada por correio e *e-mail*, respondida por *e-mail*.

4. Pourquoi avez-vous choisi Henri Salvador comme un des personnages de cette œuvre?

Parce que je le connaissais et que je l'aime. Il a une façon inimitablement douce et sensuelle de chanter le français.

5. Dans *La Grammaire...* vous référez La Fontaine, Saint-Exupéry et Proust. Pourquoi cette sélection?

Parce que je les aime. Et que leurs styles sont très, très différents.

6. Cette œuvre a eu un grand succès en France et dans les pays où l'œuvre a été traduite. Comment justifiez-vous ce succès?

Je ne sais pas. J'ai touché, je crois, toutes les générations.

7. Trois ans plus tard, vous publiez *Les Chevaliers du Subjonctif*. Pourquoi avez-vous décidé de continuer les aventures de Jeanne et Thomas?

Parce que la promenade dans la grammaire est infinie et que le subjonctif est mal aimé, de plus en plus oublié.

8. La musique est toujours présente dans ces livres. D'abord Salvador, une référence aux *Beatles*, ensuite Piaf. Pourquoi?

La musique est toujours présente dans ma vie.

9. Dans *Les Chevaliers...* vous parlez de Césaire, Senghor, Borges, Melville, Conrad et Hemingway. Quels ont été les critères et les raisons de ces choix?

Aucun critère autre que l'admiration.

10. Vous parlez aussi de «personnages» réels comme Cousteau, Madonna, Fidel Castro et même un Dany, le roux (Conh-Bendit?). Est-ce une tentative de rapprocher vos lecteurs d'une réalité culturelle et politique actuelle?

Oui, le conte doit, parfois, plonger dans le réel. Briève incursion.

11. Vous remerciez toujours l'aide de Danielle Leeman et de Carine Marret. Quel a été leur rôle dans ces trois livres?

Je travaille toujours avec des spécialistes qui me relisent et me corrigent. Je n'aime pas les erreurs.

12. Dans *La Révolte des Accents* vous élargissez encore plus vos références culturelles. Vous parlez de *La Princesse de Clèves*, d'Apollinaire, mais aussi de l'Orient, du *Mahâbhârata*, de Pessoa (il y a même un portugais dans l'expédition), mais aussi de Johnny Depp, Vanessa Paradis, Poutine et encore à Castro et Madonna. Est-ce qu'il y a une progression culturelle dans ces trois livres? De la France vers le Monde? Des références «classiques» vers les contemporains?

Pas conscience de cette progression.

13. Comment avez-vous transformé la Grammaire en thème littéraire? Quel a été la stratégie que vous avez utilisée?

Aucune stratégie. Je ne suis pas théoricien, quand je ne comprends pas ou quand je suis en colère, je commence une histoire.

14. Vous croyez que vos œuvres ont changé la façon d'enseigner / apprendre la Langue?

Je sais que des dizaines de milliers d'enfants détestent moins la grammaire et que des milliers de professeurs utilisent mes livres. Rien, rien ne peut me rendre plus heureux et plus fier. Je suis un prof.

15. Vos livres sont des objets très soignés au niveau des illustrations, d'abord de Bigre et maintenant de Montse Bernal. Vous avez quelque intervention au niveau esthétique de vos œuvres?

Bien sûr, c'est moi qui choisis.

16. Et votre *site* internet? Je trouve que c'est un projet très original et une façon de prolonger vos livres et de maintenir un lien avec les lecteurs. Est-ce une idée à vous?

Aussi une idée à moi. J'utilise et j'aime le net. Pourquoi se priver de cet outil génial? J'ai aussi travaillé sur le livre électronique.

17. Sur le *site* on peut trouver des activités «pour les petits et pour les grands». Qui est donc votre public? A qui écrivez-vous?

J'écris pour moi. Qui m'aime me suive. Mais je sais que mon public est large, très large. Je suis une sorte d'africain. Je déteste que les générations vivent séparées.

18. Quels ont été les auteurs / œuvres que vous avez consulté pour écrire cette triologie de Contes(?)?

Des grammairiens traditionnels, dont le maître Grevisse.

19. Dans *Les Chevaliers...* vous remerciez à un groupe de jeunes qui a fait une première lecture du livre. C'est un procédé commun dans votre travail d'écrivain?

Oui, j'adore me faire relire (j'adore les critiques, surtout non professionnels : ils lisent mieux et plus librement).

20. Est-ce que Jeanne et Thomas ont fini leurs aventures?

Non, je continue avec la ponctuation.

21. Qu'est-ce que le Français pour vous?

C'est comme toute langue : tout. Ma terre, ma mer et ma pensée et ma porte pour aimer.

ERIK ORSENNA

04/03/2009

Je vous remercie de votre collaboration et gentillesse et je vous demande aussi la permission de publier ces questions et réponses.

José Miranda

Interview téléphonique à Orsenna (26/01/2010, 7h:45m)¹⁴⁰

1. Après le 4^e volume, que signifie pour vous ce thème de la grammaire du Français dans l'ensemble de votre œuvre?

C'est la logique cachée sous la diversité. J'aimerais faire une grammaire générale comme Roger Caillois.

2. Est-ce que vous pensez que votre approche a changé l'enseignement / l'apprentissage du Français?

Malheureusement, je ne crois pas. Mais on avance...

3. Le Français va mieux après ces 4 œuvres?

Non, je ne peux pas dire ça. Mais des centaines de milliers de personnes détestent moins la grammaire et ça c'est déjà bon.

4. Est-ce que cette aventure aura une fin?

Pour le moment oui, mais c'est comme les joueurs qui disent que leur carrière est finie et après...

5. Comment avez-vous transformé la Grammaire en thème littéraire? Quelle a été la stratégie que vous avez utilisée?

C'est en racontant que je comprends, naturellement. C'est par la narration que je trouve l'explication. J'ai besoin de «Il était une fois» pour comprendre. Ça me vient naturellement.

6. Quel est votre livre préféré de ces quatre? Pourquoi?

L'ensemble. C'est une seule histoire pour moi.

7. Quelles sont les différences entre les quatre livres?

¹⁴⁰ Tentativa de reconstituição das respostas do Autor com base em notas.

Je ne sais pas, mais peut-être que ces derniers sont plus libres, moins contraints, plus spontanés.

8. Le premier livre est donc le moins spontané?

Oui, il m'a fallu beaucoup de recherches et de travail.

9. Quand vous l'avez écrit, vous pensiez qu'il serait le seul?

Oui, j'avais pensé à écrire un article de colère à Le Monde et après j'ai écrit La Grammaire... J'aime les personnages et l'histoire s'est imposée toute seule.

10. *Les chevaliers* et *La révolte* sont fruits d'un sentiment d'incomplétude de *La Grammaire* ou aussi forcés par le poids du marketing?

Non, pas le marketing. J'ai une profession. Je suis professeur et j'ai arrangé les choses de façon à vivre de mon travail. Seulement 1/3 de mes revenus vient des livres. C'est moins suffocant. Je n'écris pas par nécessité de revenus, mais par nécessité de raconter des histoires. Mon prochain roman c'est un hommage à Lisbonne racontée par le frère de Colomb, Bartholomé.

11. Le dernier livre semble trouver l'équilibre entre littérature et grammaire. C'est, l'un de mes favoris à cause de son caractère confessionnel et la thématique des amoureux mélangée à la ponctuation. C'est la recette parfaite?

Peut-être, j'ai trouvé l'histoire très vite, très naturellement.

12. Quels sont vos objectifs en ce moment après 4 livres sur la grammaire?

Vivre. Sans expériences, on ne peut pas écrire. Qui sait où la grammaire nous emmènera encore...

13. Jeanne c'est Orsenna? Et le président c'est Mitterrand?

Oui et oui. Et sans problèmes.

14. Vous citez de plus en plus dans vos livres? C'est une invitation à la lecture?

Oui, c'est indispensable. On aime la littérature avant d'aimer la langue.

15. Le profil de vos lecteurs a changé?

Non, c'est très varié. J'ai des lecteurs très jeunes et d'autres moins jeunes. Ce que je fais n'a pas un public spécifique. Ce sont des contes, des romans, des presque grammaires? Je ne sais pas.

16. Est-ce que vos textes sur la grammaire sont utilisés dans les écoles françaises?

Il y a beaucoup de profs qui m'utilisent, oui. Ça me rend très fier.

17. Est-ce que vous avez changé votre vision de la langue / grammaire après cette aventure, comme vos personnages?

Oui, la connaissance attire le plaisir. Je connais mieux maintenant ma langue et la grammaire, sans doute.

18. Qu'est-ce que la Grammaire pour vous?

C'est le squelette du monde! Ça sert à raconter le monde...

(...)

Merci.

José Miranda

Anexo 6 – Inquéritos a Professores

Olinda Reis¹⁴¹

22/04/2009

- Como conheceu Orsenna e a obra que inclui no seu manual?

Foi-me sugerido por uma colega. Tinha comprado *La grammaire est une chanson douce* durante uma estada em Paris. Depois mais tarde, li um artigo sobre Orsenna na imprensa francesa (julgo que na revista *Le Point*) onde tomei conhecimento que ele acabara de publicar *Les chevaliers du subjonctif*.

- Conhece as outras obras do Autor relativas à gramática?

Acabei por comprar os dois livros mencionados.

- O que acha desta abordagem do Autor?

Excelente. Aliás sempre que tenho uma oportunidade, sugiro-a aos meus colegas de Português. Eles próprios me disseram que num manual de Língua Portuguesa, Sentidos 7º ano, de Ana Martins e Sofia Melo, da Porto Editora, existem igualmente excertos dessa obra.

- Por que incluiu o excerto do Autor no seu manual?

Por ser uma referência. Por achar que a abordagem da gramática pode ser feita numa perspectiva lúdica.

- Está a pensar usar mais obras de Orsenna nos seus manuais?

Por enquanto, não foi possível, já que estamos subordinados a temáticas e domínios de referência que afastaram essa inclusão nos manuais. Mas não se exclui essa hipótese no futuro. Sobretudo o excerto sobre *l'impératif* (quicá para introduzir as profissões - acho que poderia ser uma abordagem interessante).

- Para além das propostas de utilização do *guide pédagogique*, tem outras propostas para Orsenna?

Não tenho propostas concretizadas mas o aprofundamento da obra não é de excluir em projectos/ actividades futuras...

- O que consta na pág dos projectos da texto sobre o Autor? (não consegui encontrar nada na pág da texto sobre Orsenna)

Tem razão. Trata-se de uma falha nossa. Achámos que não seria difícil aceder a uma pesquisa *Web* para saber mais sobre o autor, uma vez que os dados biográficos não foram considerados na altura uma prioridade.

¹⁴¹ Co-Autora com Fernanda Martins do manual *Point Fr* de Francês da Texto Editora que usa textos de Orsenna. Inquérito por e-mail.

- Conhece o site do Autor (www.erik-orsenna.com) ou já utilizou em aula?

Só consultei o site durante a minha pesquisa e enviei o *link* para a equipa de coordenação. De facto constato que a equipa Texto não incluiu o *link* necessário, apesar de ter sido referido... (trata-se de um lapso que não foi corrigido).

- O que costuma fazer com os textos de Orsenna que estão no manual?

A abordagem é a mesma usada com outro texto : compreensão vocabulário... Há um excerto da obra *Les chevaliers du subjonctif* , escolhido para ilustrar as relações entre irmãos nas quais, apesar dos conflitos aparentes, existe sempre o amor fraternal que os une. Foram explorados os sentimentos que sobressaem do excerto.

Quanto ao excerto de *La Grammaire...*, é utilizado para a leitura expressiva e dramatização. É um excerto que suscita muito interesse. Aproveito também para ler aos alunos outros excertos da obra para apresentar os modos temporais, sobretudo o do *impératif, indicatif* e *subjonctif* .

- Há mais algum manual português que use Orsenna?

Que eu conheça pessoalmente não. Apenas a indicação que referi anteriormente.

- Como reagem os alunos a Orsenna?

Consideram uma actividade interessante, mas o facto de se exprimirem em língua francesa é uma limitação... muitas vezes a exploração é feita em língua portuguesa.

- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-na no ensino do Francês?

Não é feita uma abordagem exaustiva. As actividades desenvolvidas são isoladas, mas não deixaria de ser interessante aprofundar Orsenna nas aulas. Em Língua Portuguesa, julgo que seria mais fácil. Aliás já existe a tradução portuguesa de *La grammaire est une chanson douce* (*A gramática é uma canção doce, ASA*).

- Os alunos atingem melhores resultados com a abordagem gramatical de Orsenna?

Não vejo grandes diferenças.

- Os alunos gostam mais da abordagem gramatical de Orsenna?

Depende do estilo cognitivo de cada aluno. Há alguns que gostam mais, outros não.

Fernanda Martins

06/03/2010

- Como conheceu Orsenna e a obra que inclui no seu manual?

O nome era-me familiar (desde os tempos de faculdade) mas não me recordava de ter lido nada dele. Talvez apenas algum excerto. Foi a Olinda que me emprestou alguns livros dele quando

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

estávamos a trabalhar no .FR. Depois, fiquei encantada e comprei *La grammaire est une chanson douce*.

- Conhece as outras obras do Autor relativas à gramática?

Sim, quanto mais não fosse, através da vossa formação em Coimbra. Mas, também tive ao meu alcance todas as que a Olinda possui, consultei o site do autor, apreciei *La grammaire est une chanson douce* e *Les Chevaliers du Subjonctif*.

- O que acha desta abordagem do Autor?

Abordagem cativante, muito original, criativa, empolgante. É de fazer inveja, gostaria de ter sido eu a conseguir tal proeza... Consegui mostrar que não se esgotam as abordagens de linguagem e que trabalhar nesta área não é sinónimo de “cheirar ao mofo”, não é nada de velho nem de ultrapassado...

- Por que incluiu o excerto do Autor no seu manual?

Precisamente por gostar e, quando se gosta, gosta de se partilhar. A alegria é para ser partilhada.

- Está a pensar usar mais obras de Orsenna nos seus manuais?

Não estou a pensar fazer mais livros didácticos, isto é, enquanto não tiver conhecimento de outras condições de trabalho. Porém, gostaria que fosse dada a possibilidade aos docentes de leccionar sem as amarras dos programas. Aí sim, gostaria de trabalhar num manual que assentasse apenas em Textos literários e Canções... nada de revistas cor de rosa. Com textos que fizessem justiça ao Francês e à língua francesa, por um lado e por outro com aquilo que arrasta multidões (a canção)... aquilo que nos faz vibrar... através de estratégias de exploração variada, creio que os alunos aprenderiam melhor e a gostar mais do Francês.

- O que consta na pág dos projectos da texto sobre o Autor? (não consegui encontrar nada na pág da texto sobre Orsenna)

Tivemos solicitações iniciais por parte da responsável pelo Blog da *Texto*, mas, na altura, estávamos tão atarefadas com o novo trabalho do livro do 12ºano que pedimos um tempo, depois, ficou tudo parado... desconheço se querem continuar com o projecto ou se fica por aqui. Na verdade, trata-se de um trabalho gratuito, tudo quanto vai para a Net.

- Conhece o site do Autor (www.erik-orsenna.com) ou já utilizou em aula?

Conheço o site, gostei e gosto muito. Não utilizei em aula por já não ter alunos no Secundário. Talvez venha a tentar a experiência com o 3º ciclo, mas ainda não arrisquei, pois são muito fraquinhos.

- Há mais algum manual português que use Orsenna?

Desconheço.

- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-na no ensino do Francês?

Sim. Personificar funções sintácticas, letras, etc... torna-se uma maneira lúdica e agradável de transmitir conhecimentos. Também brincar à construção de textos privando-os de uns acentos ou de umas letras, dá para criar situações que motivam os alunos à aprendizagem. Brincar com a materialidade da linguagem é empolgante.

- Os alunos atingem melhores resultados com a abordagem gramatical de Orsenna?

Talvez alguns.

- Os alunos gostam mais da abordagem gramatical de Orsenna?

Depende dos alunos.

- Aprendeu algo de novo ou pensa que vai modificar a sua prática depois da leitura de orsenna?

Não se consegue ficar igual depois de ler Orsenna. Mesmo que fique a leccionar outra disciplina que não o Francês, haverá sempre uma influência.

Inquérito a Professores¹⁴²

- Como descreveria a sua abordagem da gramática em sala de aula?
- Conhece Erik Orsenna e a sua obra gramatical?
- Como conheceu a obra «gramatical» de Orsenna (*A gramática é uma canção doce, Os cavaleiros do Conjuntivo...*)?
- Conhece as outras obras do autor relativas à gramática?
- O que acha desta abordagem do Autor?
- Já usou obras do Autor em aula?
- Está a pensar usar mais obras de Orsenna nas suas aulas? Como?
- Conhecia o site do Autor (www.erik-orsenna.com) ou já utilizou antes em aula?
- Conhece mais algum manual português que use Orsenna como ponto de partida para actividades didácticas?
- Como reagem os alunos a Orsenna? (no caso de ter algum dado)
- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-no no ensino do Francês?

¹⁴² Só foram seleccionadas algumas respostas exemplificativas de Professores que conheciam Orsenna.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

- Aprendeu algo de novo ou pensa que vai modificar a sua prática depois da leitura de Orsenna?
- Os alunos atingem melhores resultados com a abordagem gramatical de Orsenna?
- Os alunos gostam mais da abordagem gramatical de Orsenna?

M.¹⁴³, 33 anos

25/01/2010

- Como descreveria a sua abordagem da gramática em sala de aula?
Geralmente uso o que vem no livro. É mais prático. Está tudo arrumado e já com os exercícios.
- Conhece a obra de Orsenna?
O livro *A gramática é uma canção doce*.
- Conhece as outras obras do autor relativas à gramática?
Só Os cavaleiros do conjuntivo.
- O que acha desta abordagem do autor?
Parece-me original e divertida.
- Já usou obras do autor em aula?
Já as referi e li partes da primeira na aula – leitura recreativa.
- Está a pensar usar mais obras de Orsenna nas suas aulas? Como?
Provavelmente, posso sempre utilizá-las para mostrar como a gramática pode ser divertida.
- Conhecia o site do Autor (www.erik-orsenna.com) ou já utilizou antes em aula?
Não.
- Conhece mais algum manual português que use Orsenna?
Não.
- Como reagem os alunos a Orsenna? (no caso de ter algum dado)
Aqueles a quem li partes do primeiro livro, acharam-no divertido.
- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-na no ensino do Francês?
Não especialmente.

¹⁴³ M. género masculino, F. género feminino.

- Aprendeu algo de novo ou pensa que vai modificar a sua prática depois da leitura de Orsenna?
Não me parece! É divertido, mas não é inovador no que diz respeito ao ensino da gramática.
- Os alunos atingem melhores resultados com a abordagem gramatical de Orsenna?
Pelo menos tomaram outra consciência dessas questões.
- Os alunos gostam mais da abordagem gramatical de Orsenna?
Geralmente, preferem. Para variar.

F., 39 anos

26/01/2010

- Como descreveria a sua abordagem da gramática em sala de aula?
Tradicional. Regras, excepções e exercícios do manual.
- Como conheceu a obra «gramatical» de Orsenna (*A gramática é uma canção doce, Os cavaleiros do Conjuntivo...*)?
Numa acção de formação para professores.
- Conhece as outras obras do autor relativas à gramática?
Apenas as citadas na 1ª questão.
- O que acha desta abordagem do Autor?
É uma forma leve e descontraída de abordar um assunto que habitualmente é considerado penoso (vulgo *seca*) para os alunos.
- Já usou obras do Autor em aula?
La grammaire est une chanson douce.
- Está a pensar usar mais obras de Orsenna nas suas aulas? Como?
Talvez. Em actividades de leitura lúdica / recreativa ou eventualmente pequenas dramatizações para estudar a gramática.
- Conhecia o site do Autor (www.erik-orsenna.com) ou já utilizou antes em aula?
Não conhecia, mas vou usar.
- Conhece mais algum manual português que use Orsenna como ponto de partida para actividades didácticas?
Manual de Português : Não. De Francês : sim (não me lembro do título).
- Como reagem os alunos a Orsenna? (no caso de ter algum dado)
Sorriem e acham que é um texto para crianças.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-no no ensino do Francês?
Sim, porém ainda não tive tempo para arriscar o qb.
- Aprendeu algo de novo ou pensa que vai modificar a sua prática depois da leitura de Orsenna?
Se tivesse mais tempo para criar novas actividades poderia ser uma boa aposta. Aprende-se sempre algo de novo, contudo nem sempre conseguimos passar à prática, temos algum receio da mudança e refugiamo-nos no *déjà vu / déjà fait*.
- Os alunos atingem melhores resultados com a abordagem gramatical de Orsenna?
Há de tudo. Depende muito dos alunos.
- Os alunos gostam mais da abordagem gramatical de Orsenna?
Os alunos mais novinhos preferem.

F., 51 anos

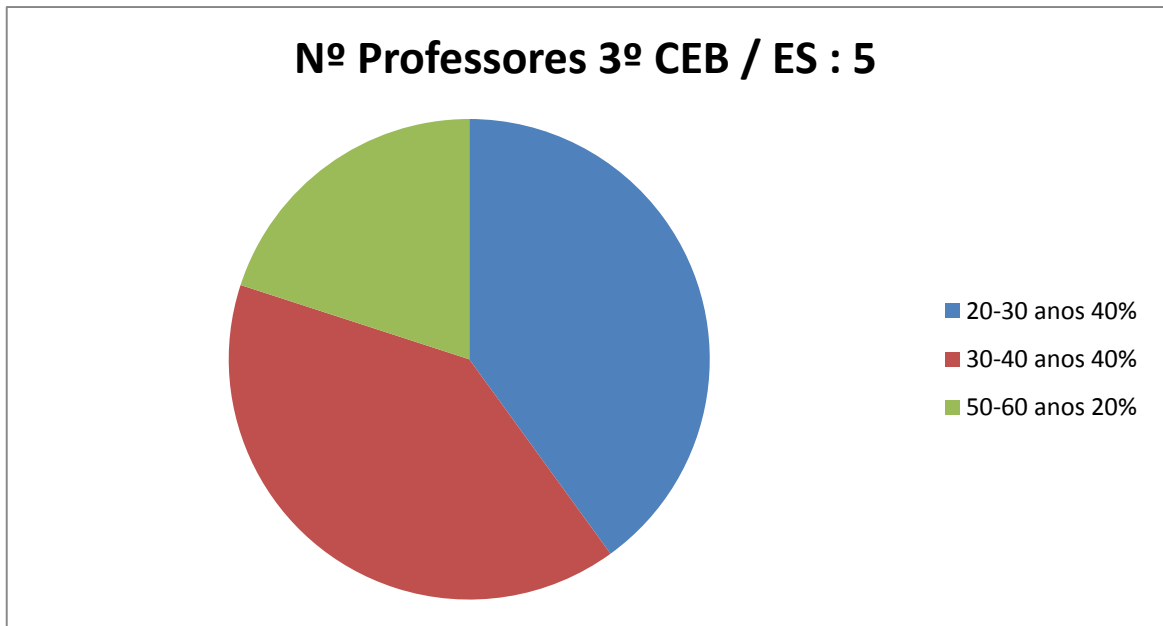
27/01/2010

- Como descreveria a sua abordagem da gramática em sala de aula?
Evito. Sou mais pela comunicação.
- Como conheceu Orsenna (*A gramática é uma canção doce, Os cavaleiros do Conjuntivo...*)?
Numa livraria em França, a conselho de uma colega.
- Conhece outras obras do autor relativas à gramática?
Sim, li também *Les Chevaliers du subjonctif*.
- O que acha desta abordagem do autor?
Interessante...
- Já usou obras do autor em aula?
Não.
- Está a pensar usar mais obras de Orsenna nas suas aulas? Como?
Não.
- Conhecia o site do Autor (www.erik-orsenna.com) ou já utilizou antes em aula? Sim, mas nunca utilizei antes.
- Conhece mais algum manual português que use Orsenna?
Há um do 7º ano (não sei o nome).
- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-no no ensino do Francês?
Nunca utilizei, os meus alunos são muito básicos... mas talvez tente um dia.

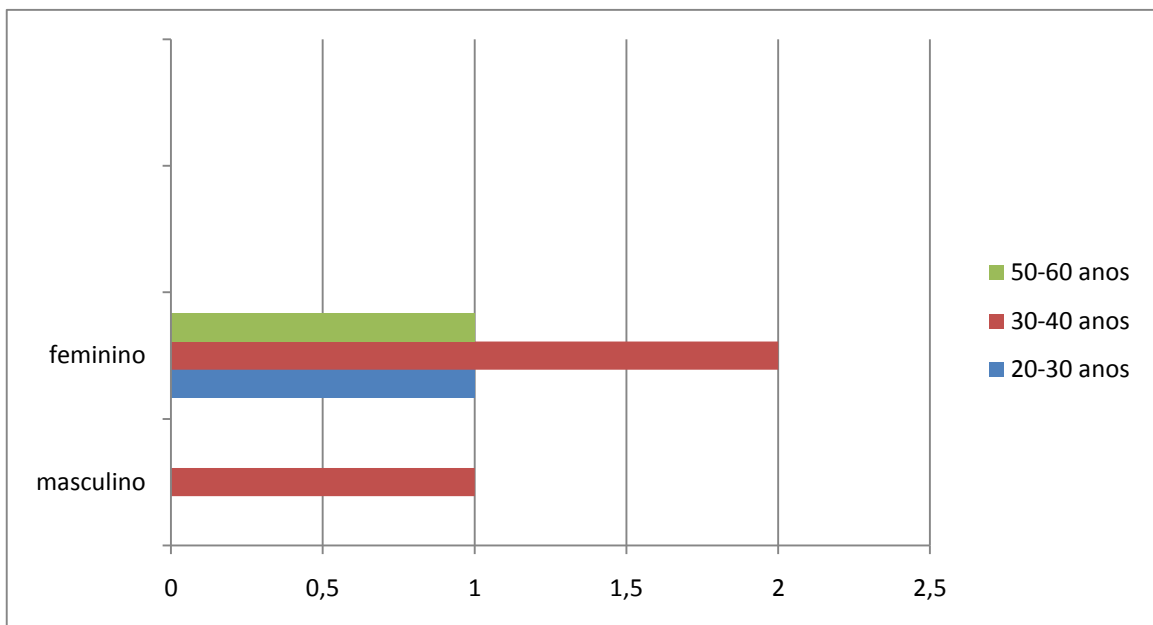
- Aprendeu algo de novo ou pensa que vai modificar a sua prática depois da leitura de Orsenna?

Não, já li há muito tempo, não me lembro, mas é uma ideia para desdramatizar a gramática, que é a imagem que tem a mal-fadada gramática, sem razão, fruto talvez de más práticas do passado da vida das escolas que massacravam os alunos com aulas enfadonhas de gramática (eu sou do tempo em que *Os Lusíadas* serviam para dividir orações, ora isso levava os alunos a odiar os Lusíadas e as ditas cujas orações... não fosse eu uma rapariga virada para as Letras e hoje estaria também traumatizada!) o que é certo é que aprendi, realmente, a dividir orações, mesmo que *Os Lusíadas* me tenham passado um pouco ao lado. Hoje, também se caiu num facilitismo, como se tudo tivesse que ser dado pelo seu lado lúdico, o que é errado, pois a escola é um local de trabalho e há matérias que são mais expositivas e os alunos também devem fazer um esforço para memorizar regras e coisas afins. (É como os computadores e as TIC, como se fossem a panaceia para todos os males das escolas... enfim, sinais inquietantes dos tempos!)

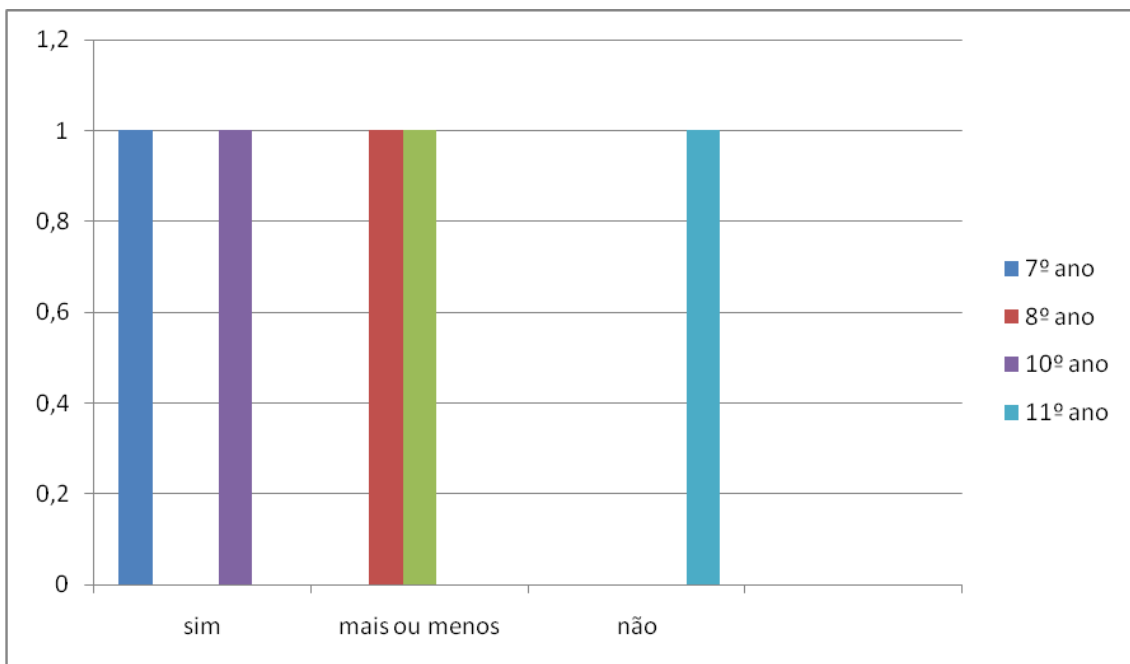
Anexo 7 – Estatísticas a Professores



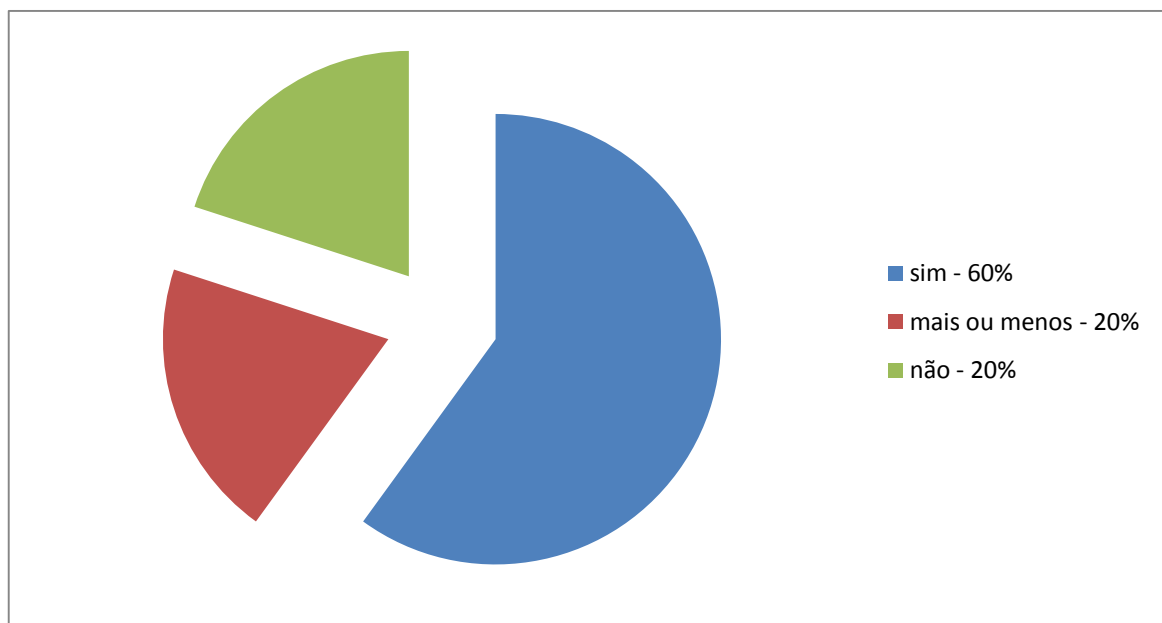
Divisão por géneros e idades



Os alunos atingem melhores resultados com a abordagem gramatical de Orsenna?



Os alunos gostam mais da abordagem gramatical de Orsenna?



Anexo 8 - Inquéritos a Alunos

Inquérito¹⁴⁴

- O que significa «gramática» para ti?
- O que fazes nas aulas de gramática geralmente?
- O que achas desta abordagem da gramática?
- O que tem de diferente ou não relativamente ao habitual?
- O que achas do site do Autor (www.erik-orsenna.com)?
- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-te na aprendizagem do Francês?
- Aprendeste algo de novo ou de uma forma mais atractiva depois da leitura de Orsenna?
- Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?
- Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?

M., 13 anos, 7º ano

03/02/2010

- O que significa «gramática» para ti?

Seca e exercícios.

- O que fazes nas aulas de gramática geralmente?

Os exercícios do livro.

- O que achas desta abordagem da gramática?

É gira, diferente do que fazemos nas aulas.

- O que tem de diferente ou não relativamente ao habitual?

Tem uma história em vez de ser um esquema todo arrumadinho.

- O que achas do site do Autor (www.erik-orsenna.com)?

Está bem feito, tem exercícios e actividades engraçadas.

- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-te na aprendizagem do Francês?

Dá para fixar melhor as coisas que aprendemos, como tem a história, lembro-me mais.

¹⁴⁴ Escolheu-se um inquérito por ano lectivo, numa tentativa de representação das diversas opiniões.

- Aprendeste algo de novo ou de uma forma mais atractiva depois da leitura de Orsenna?

Foi bom para decorar melhor as coisas que já tínhamos estudado.

- Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?

Acho que sim.

- Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?

Sim.

F., 14 anos, 8º ano

04/02/2010

- O que significa «gramática» para ti?

Aula chata.

- O que fazes nas aulas de gramática geralmente?

Exercícios do livro, tipo completar espaços.

- O que achas desta abordagem da gramática?

É diferente, mas é giro ver a gramática numa história.

- O que tem de diferente ou não relativamente ao habitual?

Ter uma história e a gramática ter vida.

- O que achas do site do Autor (www.erik-orsenna.com)?

Está giro, dá para corrigir as respostas e tem muitas coisas para ver.

- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-te na aprendizagem do Francês?

Eu já sabia estas coisas, mas serviu para relembrar.

- Aprendeste algo de novo ou de uma forma mais atractiva depois da leitura de Orsenna?

Não, prefiro sem a história, tudo mais organizado. É um bocado infantil.

- Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?

Não, só complica.

- Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?

Não.

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

F., 15 anos, 9º ano

05/02/2010

- O que significa «gramática» para ti?

É um bocado secante.

- O que fazes nas aulas de gramática geralmente?

Exercícios do livro. Espaços, perguntas de interpretação.

- O que achas desta abordagem da gramática?

Foi interessante.

- O que tem de diferente ou não relativamente ao habitual?

Ter uma história em vez de ser uma ficha de gramática só para preencher.

- O que achas do site do Autor (www.erik-orsenna.com)?

Pode ser útil para estudar ou praticar mais.

- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-te na aprendizagem do Francês?

Acho que não, depende da idade. Prefiro a gramática normal.

- Aprendeste algo de novo ou de uma forma mais atractiva depois da leitura de Orsenna?

Não, para as crianças deve ser mais fácil porque tem bonecos e a história.

- Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?

Não, não gosto de histórias.

- Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?

Não, é melhor explicado só, sem história, nem bonecos.

M., 16 anos, 10º ano

18/02/2010

- O que significa «gramática» para ti?

Geralmente é uma seca.

- O que fazes nas aulas de gramática geralmente?

Faço exercícios do manual.

- O que achas desta abordagem da gramática?
É uma abordagem um pouco infantil.
- O que tem de diferente ou não relativamente ao habitual?
Está escrito de uma forma simples e básica.
- O que achas do site do Autor (www.erik-orsenna.com)?
Está bem feito.
- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-te na aprendizagem do Francês?
Não.
- Aprendeste algo de novo ou de uma forma mais atractiva depois da leitura de Orsenna?
Um pouco.
- Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?
Sim.
- Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?
Sim.

F., 17 anos, 11º ano

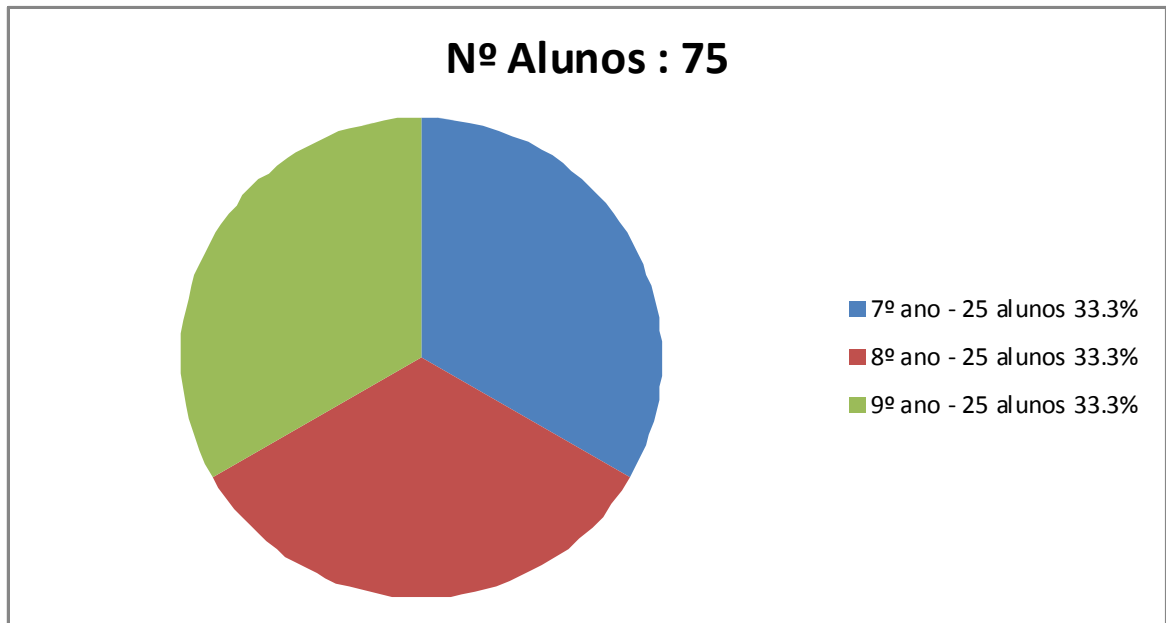
19/02/2010

- O que significa «gramática» para ti?
É um pouco chato.
- O que fazes nas aulas de gramática geralmente?
Exercícios para treinar.
- O que achas desta abordagem da gramática?
Acho melhor em relação amaneira como aprendemos habitualmente.
- O que tem de diferente ou não relativamente ao habitual?
Esta abordagem é mais interessante, pois não só aprendemos gramática, como podemos melhorar a nossa leitura e o nosso vocabulário, ou seja, podemos aprender várias coisas importantes para o nosso francês ao mesmo tempo.
- O que achas do site do Autor (www.erik-orsenna.com)?
Está interessante para a nossa geração.

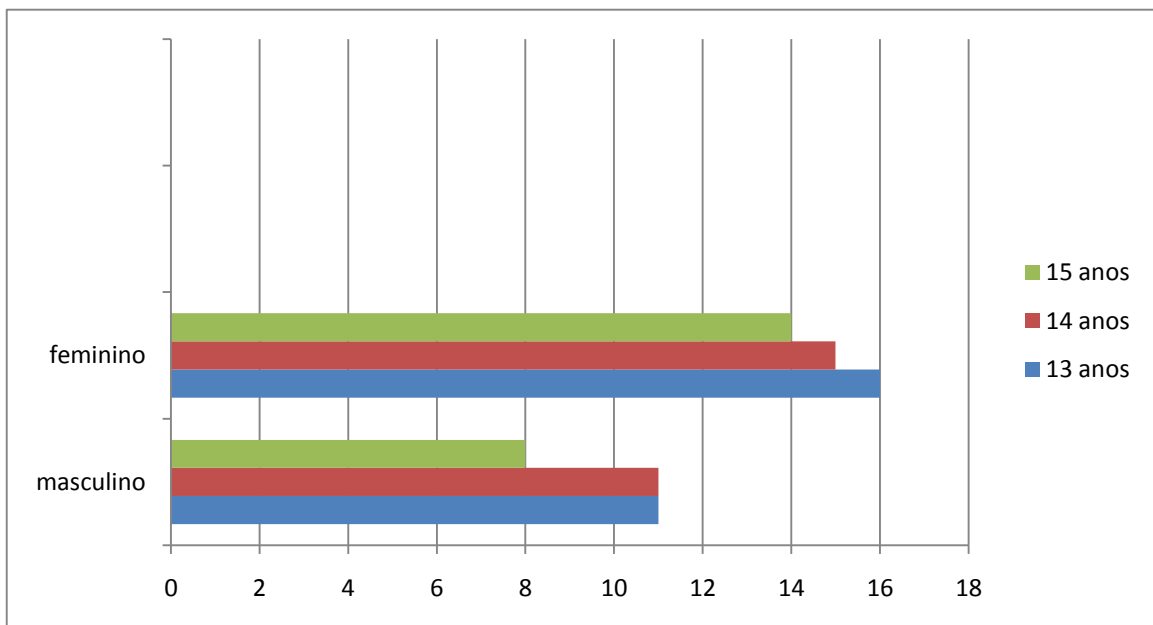
Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

- Orsenna e a sua abordagem à gramática ajudam-te na aprendizagem do Francês?
Sim, pelo menos este texto despertou mais a minha atenção do que a maneira habitual de aprender gramática.
- Aprendeste algo de novo ou de uma forma mais atractiva depois da leitura de Orsenna?
Não, mas pensei de outra maneira. Deu para olhar a gramática com outros olhos e rever coisas que já me tinha esquecido.
- Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?
Não aprendo melhor, mas gosto mais.
- Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?
Sim, é mais atractiva.

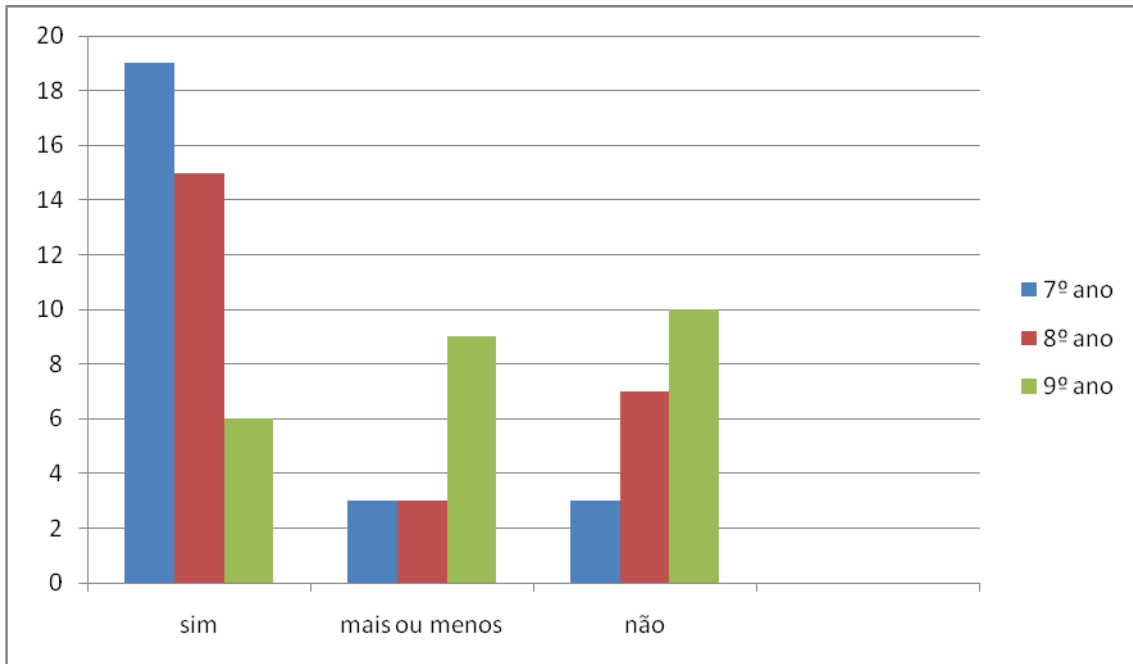
Anexo 9 – Estatísticas a Alunos do Ensino Básico



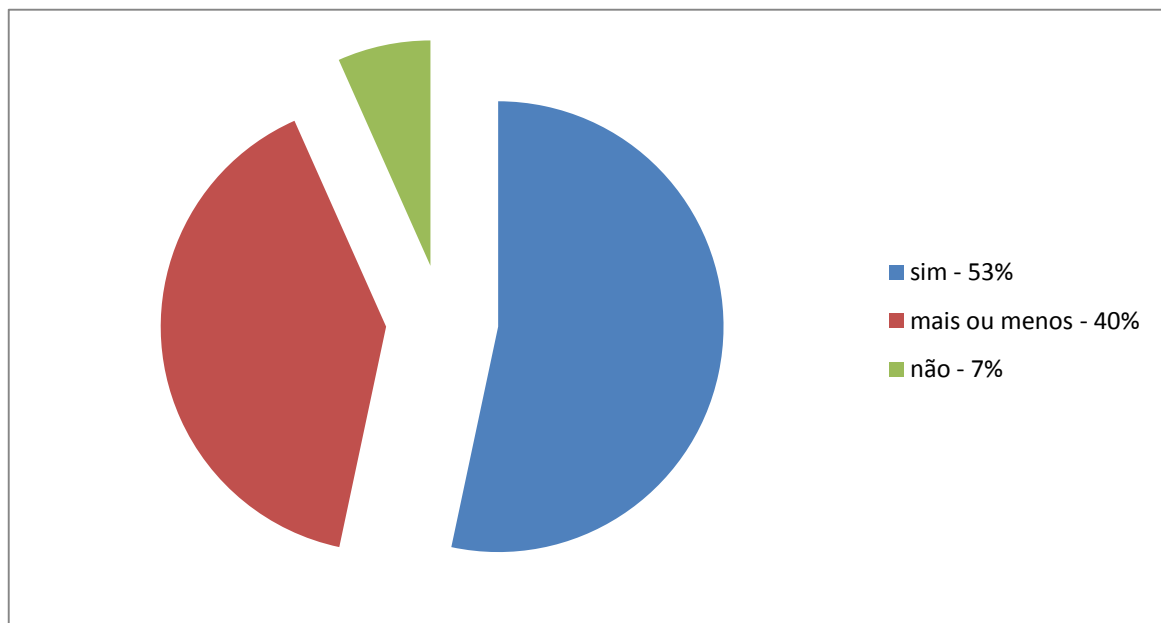
Divisão por géneros e idades



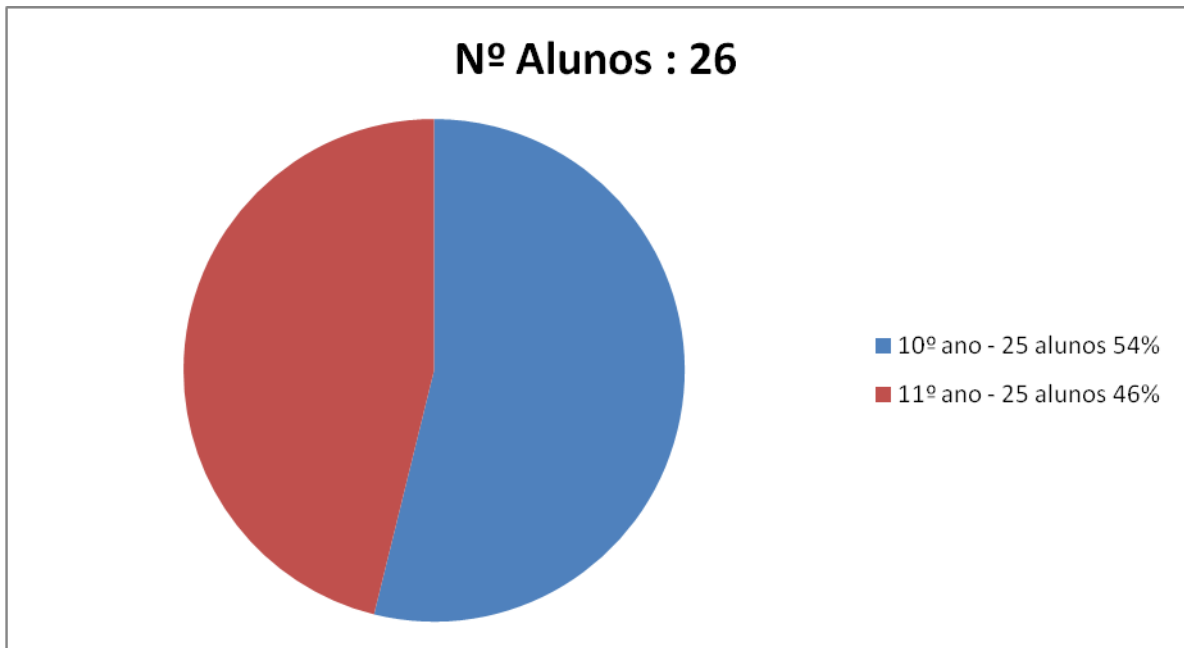
Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?



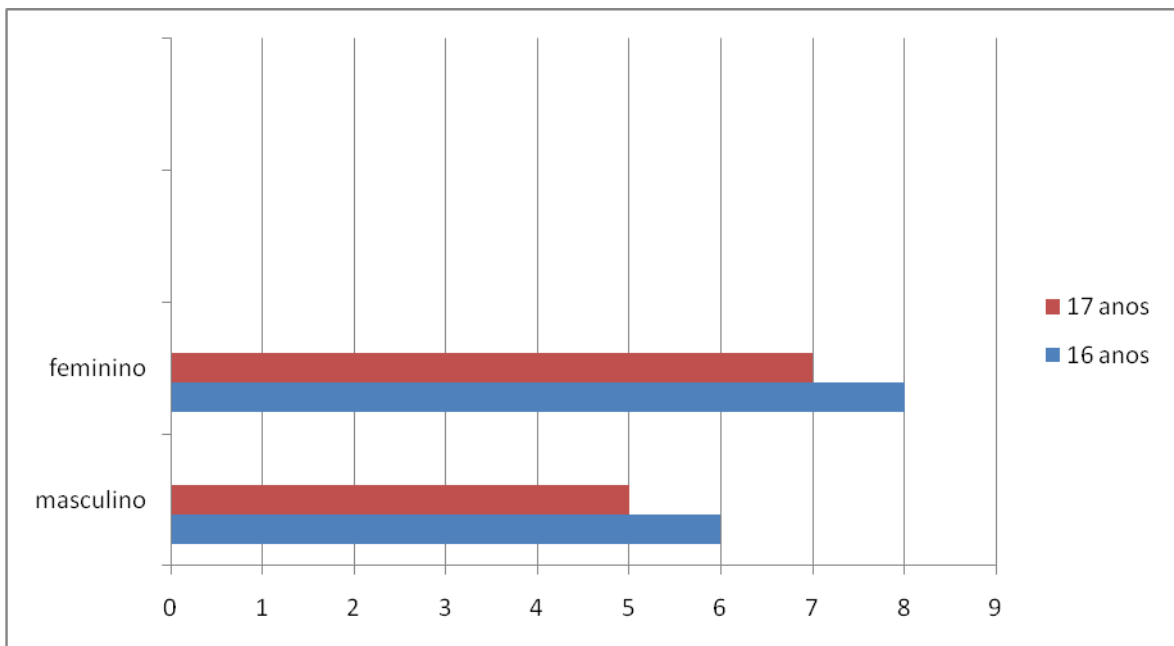
Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?



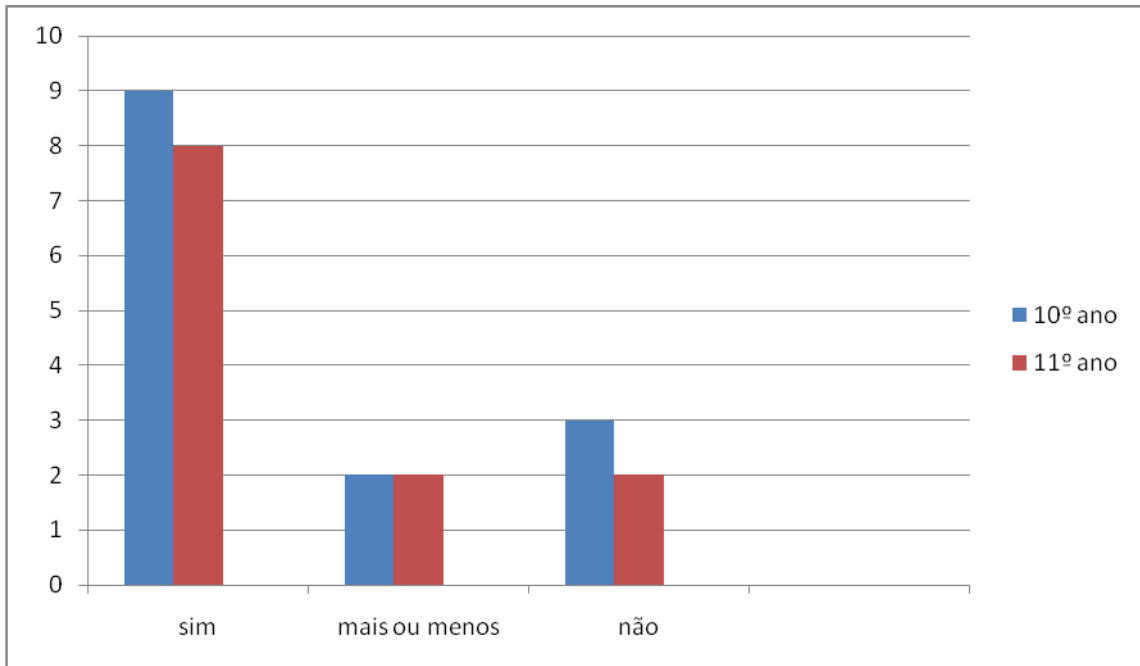
Anexo 10 – Estatísticas a Alunos do Ensino Secundário



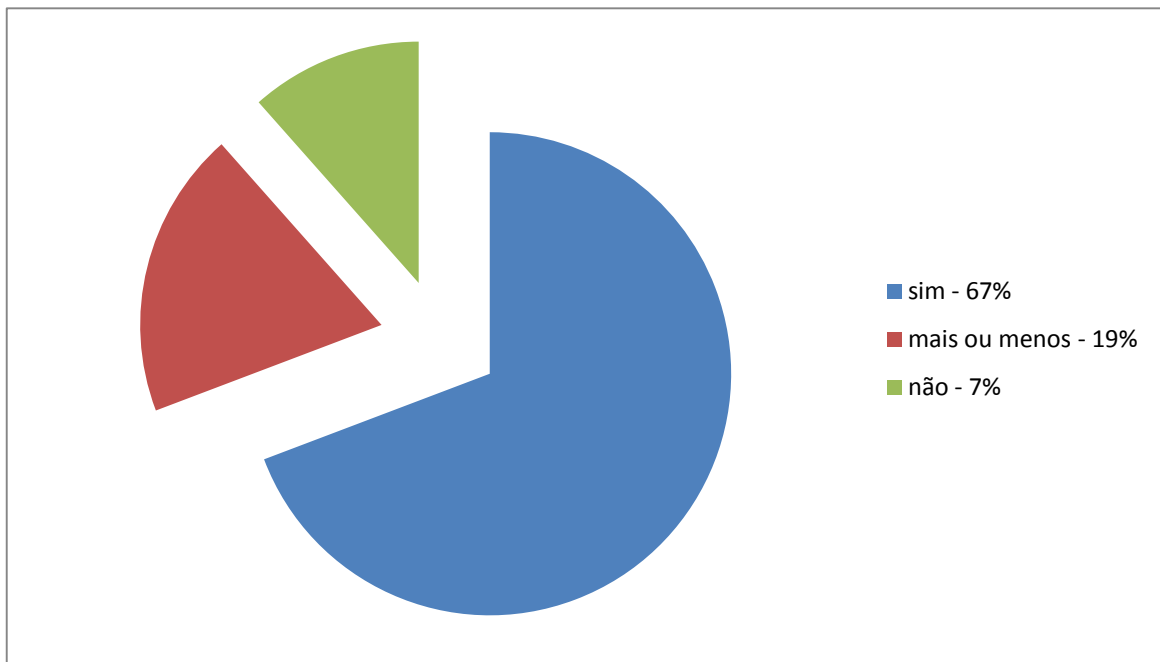
Divisão por géneros e idades



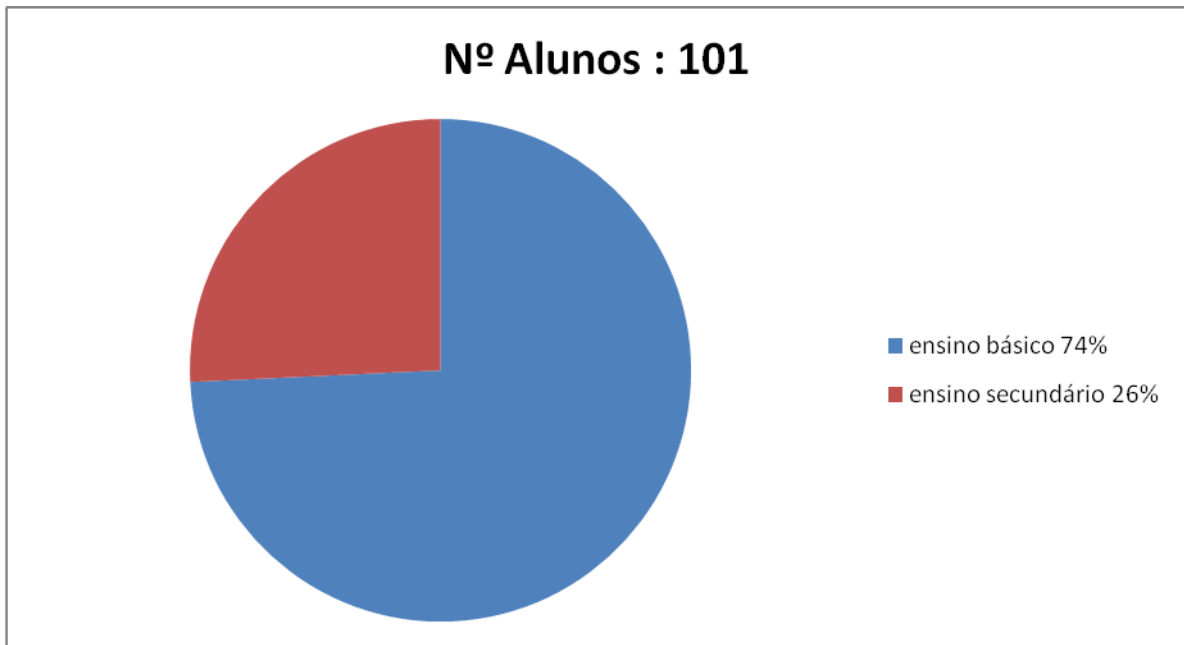
Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?



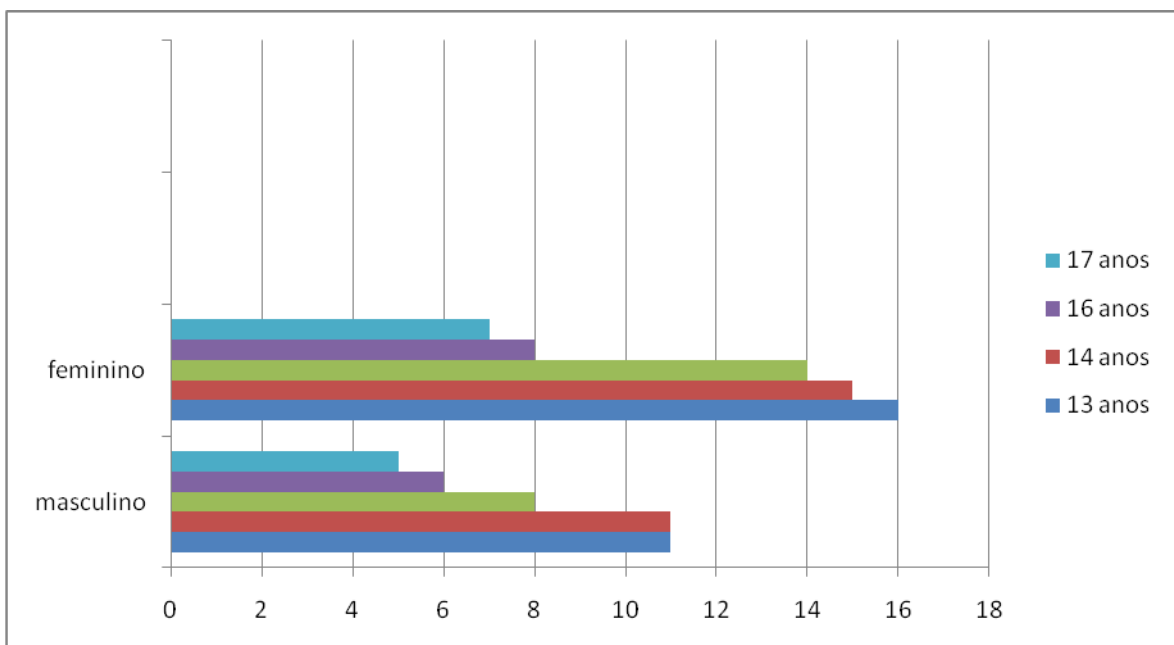
Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?



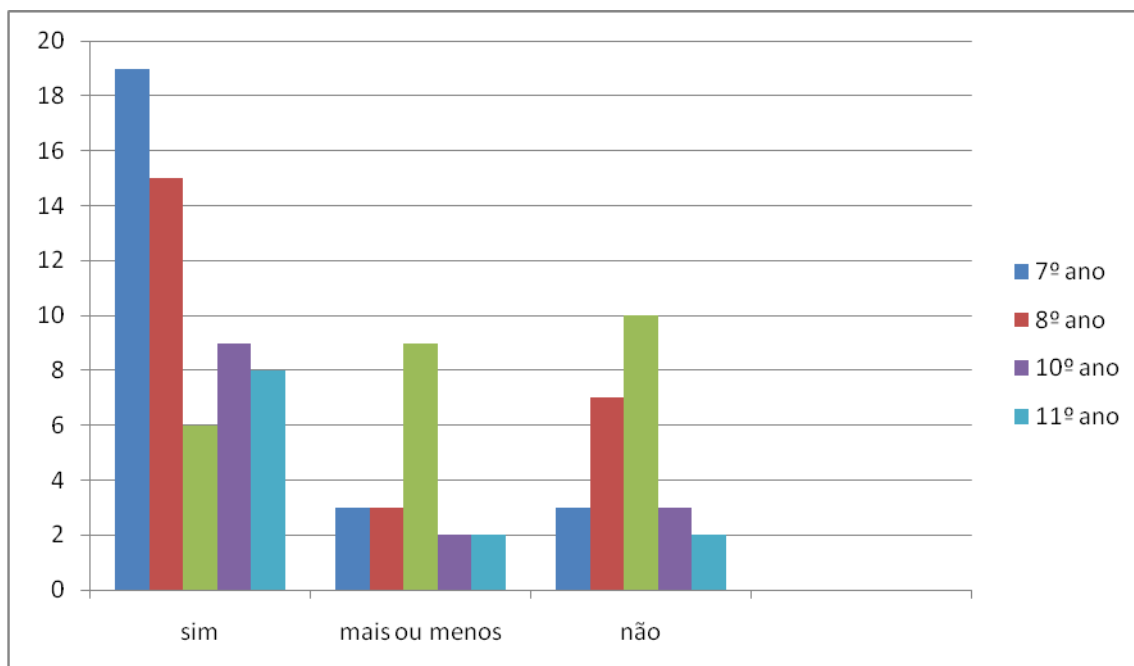
Anexo 11 – Estatística Global dos Alunos (EB / ES)



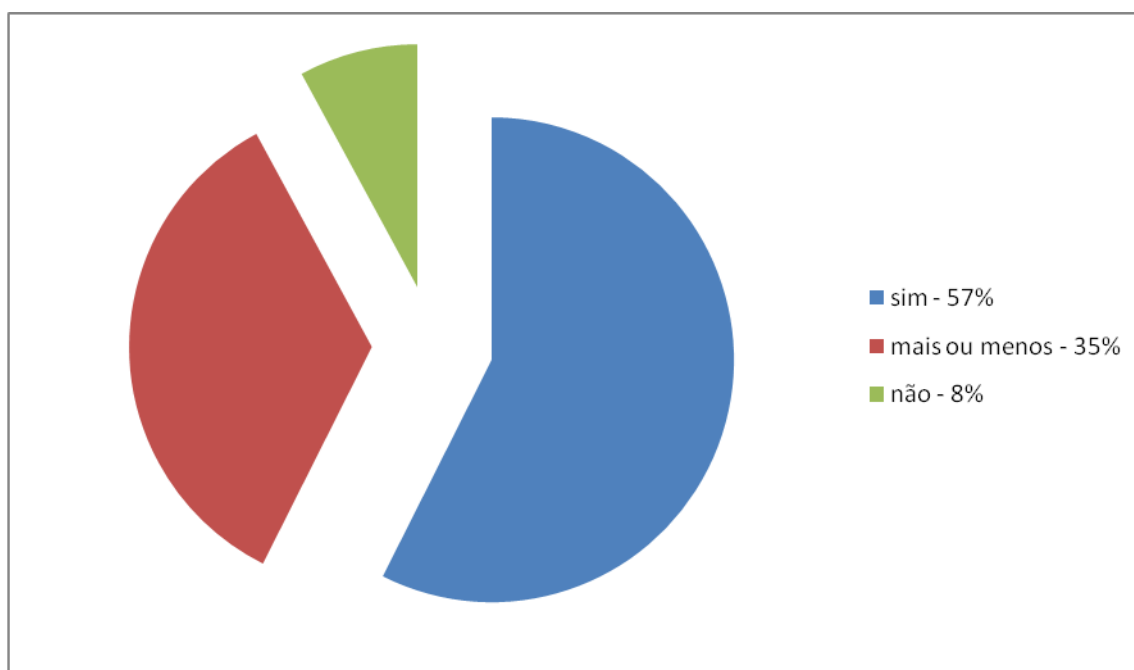
Divisão por géneros e idades



Aprendes melhor com a abordagem gramatical de Orsenna?



Gostas mais da abordagem gramatical de Orsenna?



Anexo 12 - Estatísticas Editoriais

Cher Monsieur,

Voici les informations demandées.

La grammaire : 12 euros / 280 681 ex. vendus

Les chevaliers : 13 euros / 115 221 ex. vendus

La révolte : 13.50 euros / 77 073 ex. vendus

25/03/2009

Et si on dansait? : 14.50 euros / 58278 ex. vendus

Coffret (4 volumes + inédit Plaisirs Secrets): 53 euros / 2000 ex. vendus

28/01/2010

Bon courage !

Marie Eugène¹⁴⁵

Service commercial

01.49.54.36.58

Editions Stock

31, rue de Fleurus

¹⁴⁵ Dados enviados por *email* pela *fée* de Orsenna, assim nomeada nos seus agradecimentos.

Anexo 13 - Sugestões Didáticas a partir de Orsenna

Orsenna¹⁴⁶

MOTS MÊLÉS



Tous ces mots, que vous avez croisés dans *La Grammaire est une chanson douce*, ont été emmêlés... Retrouvez-les !

Attention : chaque lettre peut être utilisée plusieurs fois. Les mots peuvent être écrits horizontalement, de gauche à droite et inversement, verticalement de haut en bas et inversement.

Avec les quelques lettres inutilisées, vous formerez le nom d'un personnage très attachant du livre...

Bon jeu !

E	M	E	G	O	L	R	O	H	M	O	T
C	A	U	X	I	L	I	A	I	R	E	H
H	E	B	E	C	L	E	N	N	A	E	J
A	R	N	A	T	E	S	U	O	P	A	U
U	I	L	O	T	S	P	E	I	R	E	G
B	A	N	U	E	S	R	T	G	O	L	E
O	S	E	A	I	A	A	O	I	N	L	O
U	S	V	M	T	P	N	M	E	O	E	T
L	O	E	I	U	O	E	R	R	M	N	E
U	L	U	O	S	R	A	C	M	A	I	S
R	G	L	A	D	J	E	C	T	I	F	R
E	R	I	A	N	N	O	I	T	C	I	D

ADJECTIF	JUGEOTE
AMI	LOUP
AUXILIAIRE	LUI
CAR	MAIS
DICTIONNAIRE	MASTABA
ECHAUBOULURE	MER
ELLE	MOT
EXCEPTIONS	MUETS
GLOSSAIRE	NECROLE
GUITARE	NEVEU
HORLOGE	POU
ILOT	PRONOM
ILS	RIME
JARGONOS	
JEANNE	

<http://www.erik-orsenna.com>
La grammaire est une chanson douce - Erik Orsenna - Ed. Stock

¹⁴⁶ Propostas tiradas de <<http://www.erik-orsenna.com/>>.

MOTS MÊLÉS



Ces dix mots, que tu as croisés dans *La grammaire est une chanson douce*, ont été emmêlés...
À toi de les retrouver !

Attention : une lettre peut être utilisée deux fois. Les mots peuvent être écrits horizontalement de gauche à droite et verticalement de haut en bas..

Bonne chance !

T	H	O	M	A	S
H	I	L	O	T	B
E	L	A	T	N	I
N	A	M	I	O	C
R	I	M	E	M	H
I	V	E	R	B	E

AMI
BICHE
HENRI
ILOT
LA
MOT
NOM
RIME
THOMAS
VERBE

PHRASE A ACCENTUER



p. 72 : « **M. Henri n'avait pas reve. Ou plutot il avait reve vrai : son festival de theatre et d'épices existait bel et bien.** »

Solution : « M. Henri n'avait pas rêvé. Ou plutôt il avait rêvé vrai : son festival de théâtre et d'épices existait bel et bien. »

<http://www.erik-orsenna.com>
La révolte des accents - Erik Orsenna - Ed. Stock

Plus loin les petits

Testez vos connaissances sur *La grammaire est une chanson douce* avec ce petit quiz. Après avoir validé, comparez votre choix avec les bonnes réponses qui apparaîtront alors soulignées.

1- *Quel est l'endroit extraordinaire que Monsieur Henri fait découvrir aux enfants ?*

l'île des expressions

le hameau des petites phrases

la ville des mots

2- *Comment les noms et les adjectifs font-ils pour s'accorder ?*

Ils se saluent

Ils s'embrassent

Ils se marient

3- *Sur l'île, quelle est la tribu des prétentieux ?*

les pronoms

les adjectives

les adverbes

4- *Où Jeanne rencontre-t-elle la jolie phrase « Je t'aime » ?*

A l'église, car Je t'aime se marie

A la plage, car Je t'aime fait bronzette

A l'hôpital, car Je t'aime est malade

5- *Jeanne construit sa première phrase à l'usine des mots. Cela donne : « le diplodocus grignote...*

la feuille

la fleur

le papillon »

Plus loin les grands

Testez vos connaissances sur *Les chevaliers du subjonctif* avec ce petit quiz.
Après avoir validé, comparez votre choix avec les réponses soulignées.

1- *Qui sont les dames en noir qui rendent visite à Mme Jargonos ?*

des inspectrices des impôts

des avocates au chômage

des bonnes sœurs

2- *Comment Nécrole exige-t-il qu'on l'appelle ?*

Seigneur-de-tous-les-temps-et-de-tous-les-modes

Son-excellence-le-roi-du-monde

Monsieur-le-Président-à-vie-et-même-au-delà

3- *Quelle est la spécialité du cuisinier espagnol Hector ?*

des millefeuilles d'érable

un sorbet au feu de bois

une crème brûlée

4- *Quel est le rôle du frère de la Nommeuse dans l'île du Subjonctif ?*

Explorateur

Devin

Accordeur

5- *Complétez la phrase suivante : Les voitures roulent vite...*

bien qu'il pleut

bien qu'il pleuve

malgré la limitation de vitesse

Complétez les champs ci-dessous avec votre message, son titre et votre signature avant de valider en cliquant sur le bouton "valider"



┌

© Bigre! - Ed. Stock

Titre:

Texte:

Signature:

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

Colorie suivant ton envie...



Maria Olinda Reis e Fernanda Martins

Point.fr - Francês 10º ano

Texto Editores, Lisboa, 2007

Sur deux textes tirés de *La grammaire... d'Orsenna*

Unité 1, page 21 du Manuel

«Thomas, je t'aime!»

Activités (Guide Pédagogique, page 12, 13):

Illustration

Lecture

Vocabulaire

Exercice de compréhension orale

L'interrogation

Association de mots

Le Présent de l'indicatif

Unité 4, page 65 du Manuel

Au vocabulaire de l'amour

Activités (Guide Pédagogique, page 29) :

Lecture expressive

Dramatisation

Texte déclencheur pour la création d'autres neologismes expressifs se rapportant au thème du dossier

Pour la création de situations humoristiques et meme, pourquoi pas, pour relativiser les situations dramatiques de la vie de façon à mieux les surmonter...

Faire un travail de recherche sur l'auteur

APPF

CONCOURS

XVII Congrès APPF

Coimbra, le 7 novembre 2009

La grammaire est une chanson douce

Nom :

Membre n°..... Non-membre

Mail : TM :

Cochez la réponse exacte.

1- Madame Jargonos se trouve aujourd'hui **sur** **dans** **parmi** **dedans** nos murs pour effectuer la vérification pédagogique réglementaire. (p.14)

2- Laurencin, toute blonde et jeune qu'elle était, n'avait pas peur des mots et serait plutôt morte appeler un chat un chat. (p.14)

a) que de ne pas X

b) avant d'

c) que d'

d) pour ne pas

3- Allez, ne pleurnichez pas, une petite semaine de soins pédagogiques et vous saurez comment procéder (p. 17)

a) dorénavant X

b) ce soir

c) ores

d) demain matin

4- La tempête avait tant secoué, comme nous, les dictionnaires que les mots détachés (p. 37)

a) s'en étaient X

b) s'y sont

c) s'y étaient

d) s'en avaient

5- Si j'avais osé, je m'en serais recouvert le corps. Ils m'auraient caressée,, à leur manière de mots, discrète et troublante. (p.38)

- a) j'en suis sûre X
- b) j'y suis sûre
- c) j'en suis sûr
- d) j'y suis sûr.

6- N'ayez pas peur, nous allons vous redonner les paroles que l'ouragan vous (p.41)

- a) a dérobées X
- b) avez dérobées
- c) a dérobé
- d) ont dérobées

7- L'obsession que j'ai de toi s'est enfoncée sur ma tête comme un chapeau trop grand.

Je suis coiffé toi. Je ne vois plus que toi. (p.50)

- a) de X
- b) pour
- c) sur
- d) par

8- À bon entendeur, ! Les mots sont les petits moteurs de la vie. Nous devons en prendre soin. (p.59)

- a) salut X
- b) adieu
- c) au revoir
- d) bonsoir

9- Les noms et les articles se sentent à marcher comme ça dans les rues. (p.81)

- a) tout nus X
- b) tous nus
- c) toutes nues
- d) tout nu

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

10 - Ah, ces adverbes ! vrais invariables, ceux-là ! Pas moyen de les accorder. (p.93)

- a) de X
- b) des
- c) que
- d) tels

11- Et pauvres profs ! La date du contrôle approchait. L'épreuve qu'ils redoutaient le plus était le glossaire, une liste de mots..... par le ministère avec des définitions terribles. (p.108)

- a) imposée X
- b) imposées
- c) imposés
- d) imposé

12- La Terre est trop vaste, elle contient d'innombrables cachettes. Et heureusement, la mort n'est pas bonne en géographie.

- Merci

Et je pris mes jambes mon cou. (p.146)

- a) à X
- b) autour de
- c) pour
- d) par

José Miranda

XVII Congrès de l'APPF – La grammaire en action

Coimbra, 7 novembre 2009

La Grammaire selon Orsenna, José Miranda

1. À quoi pensez-vous quand vous pensez au mot GRAMMAIRE?

2. Définissez GRAMMAIRE.

3. Après la lecture et l'analyse des extraits des œuvres d'Erik Orsenna, remplissez le tableau suivant et présentez vos conclusions.

Œuvre travaillée	Phénomène Linguistique	Règles de fonctionnement explicitées	Procédés stylistiques	Autres observations
<i>La grammaire est une chanson douce</i>				
<i>Les chevaliers du Subjonctif</i>				
<i>La révolte des accents</i>				

4. Choisissez un ou plusieurs éléments : NOM / VERBE / ADJECTIF.

4.1. Créez un texte (poétique, narratif, dramatique ou autre...) inspiré des stratégies d'Orsenna pour illustrer l'(les) élément (s) choisi (s) en 4. et présentez-le.

Bon Travail et Merci Bien. JM

XVII Congrès de l'APPF – La grammaire en action

Coimbra, 7 novembre 2009

La Grammaire selon Orsenna, José Miranda

Vous êtes comme moi, j'imagine, avant mon arrivée dans l'île. Vous n'avez connu que des mots emprisonnés, des mots tristes, même s'ils faisaient semblant de rire. Alors il faut que je vous dise : quand ils sont libres d'occuper leur temps comme ils le veulent, au lieu de nous servir, les mots mènent une vie joyeuse. Ils passent leurs journées à se déguiser, à se maquiller et à se marier.

Du haut de ma colline, je n'ai d'abord rien compris. Les mots étaient si nombreux. Je ne voyais qu'un grand désordre. J'étais perdue dans cette foule. J'ai mis du temps, je n'ai appris que peu à peu à reconnaître les principales tribus qui composent le peuple des mots. Car les mots s'organisent en tribus, comme les humains. Et chaque tribu a son métier.

Le premier métier, c'est de désigner les choses. Vous avez déjà visité un jardin botanique? Devant toutes les plantes rares, on a piqué un petit carton, une étiquette. Tel est le

79

premier métier des mots : poser sur toutes les choses du monde une étiquette, pour s'y reconnaître. C'est le métier le plus difficile. Il y a tant de choses et des choses compliquées et des choses qui changent sans arrêt! Et pourtant, pour chacune il faut trouver une étiquette. Les mots chargés de ce métier terrible s'appellent les *noms*. La tribu des noms est la tribu principale, la plus nombreuse. Il y a des noms-hommes, ce sont les masculins, et des noms-femmes, les féminins. Il y a des noms qui étiquettent les humains : ce sont les prénoms. Par exemple, les Jeanne ne sont pas des Thomas (heureusement). Il y a des noms qui étiquettent les choses que l'on voit et ceux qui étiquettent des choses qui existent mais qui demeurent invisibles, les sentiments par exemple : la colère, l'amour, la tristesse... Vous comprenez pourquoi dans la ville, au pied de notre colline, les noms pullulaient. Les autres tribus de mots devaient lutter pour se faire une place.

Par exemple, la toute petite tribu des *articles*. Son rôle est simple et assez inutile, avouons-le. Les articles marchent devant les noms, en agitant une clochette : attention, le nom qui me suit est un masculin, attention, c'est un féminin! Le tigre, la vache.

80

Les noms et les articles se promènent ensemble, du matin jusqu'au soir. Et du matin jusqu'au soir, leur occupation favorite est de trouver des habits ou des déguisements. À croire qu'ils se sentent tout nus, à marcher comme ça dans les rues. Peut-être qu'ils ont froid, même sous le soleil. Alors ils passent leur temps dans les magasins.

Les magasins sont tenus par la tribu des *adjectifs*.

Observons la scène, sans faire de bruit (autrement, les mots vont prendre peur et voler en tout sens, on ne les reverra plus avant longtemps).

Le nom féminin « maison » pousse la porte, précédé de « la », son article à clochette.

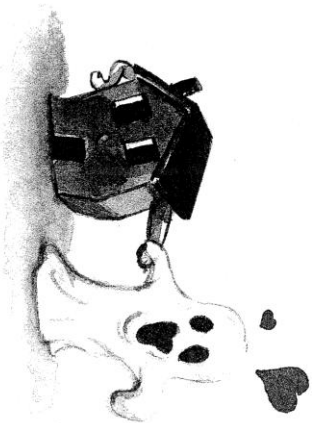
– Bonjour, je me trouve un peu simple, j'aime-rais m'étoffer.

– Nous avons tout ce qu'il vous faut dans nos rayons, dit le directeur en se frottant déjà les mains à l'idée de la bonne affaire.

Le nom « maison » commence ses essayages. Que de perplexité ! Comme la décision est difficile ! Cet adjectif-là plutôt que celui-ci ? La maison se tâte. Le choix est si vaste. Maison « bleue », maison « haute », maison « fortifiée », maison « alsacienne », maison « familiale », maison « fleurie » ? Les adjectifs tournent autour de

la maison cliente avec des mines de séducteur, pour se faire adopter.

Après deux heures de cette drôle de danse, la maison ressortit avec le qualificatif qui lui plaisait le mieux : « hanté ». Ravie de son achat, elle répétait à son valet article :



– « Hanté », tu imagines, moi qui aime tant les fantômes, je ne serai plus jamais seule.

« Maison », c'est banal. « Maison » et « hanté », tu te rends compte ? Je suis désormais le bâtiment le plus intéressant de la ville, je vais faire peur aux enfants, oh comme je suis heureuse !

– Attends, l'interrompt l'adjectif, tu vas trop vite en besogne. Nous ne sommes pas encore accordés.

– Accordés ? Que veux-tu dire ?

– Allons à la mairie. Tu verras bien.

– À la mairie ! Tu ne veux pas te marier avec moi, quand même ?

– Il faut bien, puisque tu m'as choisi.

– Je me demande si j'ai eu raison. Tu ne sera pas un adjectif un peu collant ?

– Tous les adjectifs sont collants. Ça fait parti de leur nature.

XVII Congrès de l'APPF – La grammaire en action

Coimbra, 7 novembre 2009

La Grammaire selon Orsenna, José Miranda

cinq minutes de course sur la plage : les vrais grammairiens sont des athlètes. Durant l'exercice, le monsieur propre n'avait pas quitté son chapeau. Je profitai d'une de ces pauses pour l'interroger sur ce fameux Centre.

– Vous voulez dire que vous n'avez jamais entendu parler de nous ? Hélas, c'est bien le problème. Nos travaux n'intéressent plus le grand public. Que faire ?

Ses grands yeux bleu pâle m'appelaient à l'aide. Je reposai ma question :

– Vous parlez sans cesse d'un certain Centre...

– Mais le CNRS, bien sûr ! Une institution que le monde entier nous envie ! Le Centre National de Recherche sur le Subjonctif. Il a fermé ses portes il y a cinq ans, faute de crédits. Et nous voilà maintenant contraints de travailler dans ces ruines...

– Pas n'importe quelles ruines, quand même, les ruines d'un chantier naval !

– Que veux-tu dire, ma petite Jeanne ?

– Si j'ai bien compris, le subjonctif est le temps du possible. Alors le subjonctif appartient à la même famille que les bateaux.

Les autres athlètes-grammairiens avaient fini

– Il est vrai qu'ils connaissent la langue française mieux que nous.

– Les « bizarreries du subjonctif », drôle de titre pour un débat, non ?

– Et méprisant. Bizarreries. Je vous demande un peu.

– Il est vrai que notre subjonctif n'est pas toujours très logique.

– J'espère que tu ne parles pas sérieusement.

– Tu veux des exemples ? J'en ai dix en mémoire. Pourquoi dit-on : « Crois-tu qu'il vienne ? » et « Tu crois qu'il vient ? » Pourquoi le subjonctif dans le premier cas et l'indicatif dans le second ? Pourquoi dit-on : « Je crois qu'il vient » (indicatif) et « Je ne crois pas qu'il vienne » (subjonctif) ?

– Tu me donnes une idée ! Voilà ce qu'on va leur balancer, aux Québécois, une étude bien salée sur l'interrogation et la négation !

*

* *

Pour reposer leur cerveau, mes amis, même les plus âgés, s'imposaient toutes les demi-heures

ORSENNA, E. (2004). *Les chevaliers du Subjonctif*. Paris: Stock.

- Vive Jeanne! Il n'y a pas eu besoin de lui expliquer longtemps!
- Bienvenue parmi nous, Jeanne!
- Vive notre nouvelle brillante Subjonctive!

*
* *

De temps en temps, le ton montait.

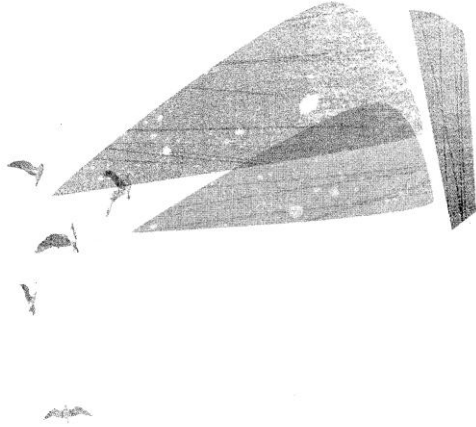
- Oui ou non, « bien que » est-il suivi du subjonctif? *Les voitures roulent vite bien qu'il pleuve.* Dans ce cas-là, il pleut vraiment, non? Alors? Cette pluie-là est bien réelle, non? Si le réel est le mode de l'indicatif, il faudrait dire *bien qu'il pleut.*

- Marguerite a raison.
- Marguerite a le don de toujours tout embrouiller.
- Arrête d'insulter ma femme ou nous démissionnons.

Qui aurait cru le subjonctif capable de déchaîner de telles passions?

*
* *

129



leur parcours et, tout en reprenant leur souffle, revenaient vers nous.

- Jeanne, sois plus claire, s'il te plaît!
- Quand vous avez un bateau, vous pouvez aller partout. D'accord? Rien ne vous retient. Donc tout est possible. Donc le bateau est un outil typiquement subjonctif.
- Ça, ma petite Jeanne, nous n'y avions jamais pensé!

128

XVII Congrès de l'APPF – La grammaire en action

Coimbra, 7 novembre 2009

La Grammaire selon Orsenna, José Miranda

M. Henri venait de comprendre que ce matin-là n'était pas comme les autres. Son sourire perpétuel s'évanouit.

39

– Que se passe-t-il, Rigoberta ?
Trop occupée à se lamenter – une plainte qui se changeait en cri, de plus en plus aigu –, la pauvre femme ne lui répondit pas.
– Et mon poivre ? Et mes échalotes ? Et mon celeri ? Et mon safran ? Et mon cumin ? Et mes réglisses ? Au secours, je suis devalisée !
Avec son tact habituel, M. Henri n'insista pas. Il se contenta de poser sa main droite sur son épaule. Une main légère comme un oiseau. Souvent, toucher, effleurer même, vaut mieux que parler.

Et, de toute la très petite vitesse que lui permettaient ses vieilles jambes et son cœur épuisé, il s'en alla prévenir Don Luis, notre maire.

Lequel, manifestement, venait de se réveiller : son bonnet de nuit blanc à pompon toujours vissé sur son crâne en témoignait. Fernando partageait avec lui le café brûlant du petit déjeuner ainsi que ces petits

pains ronds creusés d'une vallée en leur milieu et que, pour cette raison, nous appelons des « fesses ». Et moi, profitant du sommeil des chats, j'avais réussi à m'échapper. Pas rancunière, j'étais venue rapporter à mon patron la veste qu'il avait oubliée. Gentiment, le maire m'avait demandé de rester.

– Tu dois être affamée, Jeanne ! Le guet, ça creuse.

Les deux amis se congratulaient.

– Quel talent, ces acteurs ! Quel amour, cette Juliette ! Bravo, mon cher !

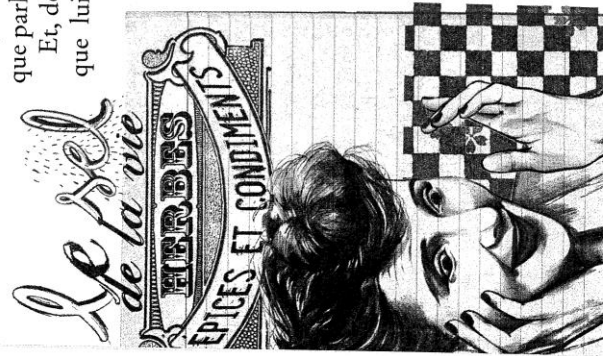
– Je suis seulement capitaine du port, pas organisateur de spectacles.

– Tu aurais pu refuser l'autorisation d'entrer. La jonque est un bateau dangereux, d'habitude. Tu as un flair unique !

C'est alors que M. Henri se présenta, avec sa douceur coutumière :

– Monsieur le maire, cher capitaine, pardon de vous déranger, Rigoberta...
– Et alors ?

– Quelqu'un lui a volé toutes ses épices !
Don Luis sursauta. N'importe qui d'autre n'aurait sans doute rien remarqué. Mais avant de régner sur notre île, notre maire avait, vingt ans durant, exercé la noble fonction d'instituteur.



ORSENNA, E. (2007). *La révolte des accents*. Paris: Stock.

Les questions de langue, de grammaire, de ponctuation étaient sa passion.

– Voyons, Henri! Comment parles-tu, aujourd'hui?

– Mes dents, sans doute, l'absence de dents.

– J'espère.

Don Luis arracha son bonnet. Depuis que la mer, année après année, rongerait nos collines, avalait nos arbres, effondrait nos maisons, la disparition était sa hantise.

– Vous n'avez pas relevé? Mon Dieu, moi aussi je suis contaminé.

– Que se passe-t-il?

– Les épices ne sont pas les seules...

– Pardon?

M. Henri et le capitaine du port le fixaient, terrorisés. L'un s'était mis à trembler, l'autre se mordait les lèvres au sang.

– Il me semble... je ne voudrais pas... je crois bien que les accents, nos accents aussi, oui, c'est bien ça, se sont revoltés. Et le pire, c'est qu'ils n'avaient prévu.

– Comment ça?

– Approchez-vous. Personne ne doit nous entendre.

VI

« Depuis quelque temps, les accents grognaient. Ils se sentaient mal aimés, dédaignés, méprisés. A l'école, les enfants ne les utilisaient presque plus. Les professeurs ne comptaient plus de fautes quand, dans les copies, ils étaient oubliés. Chaque fois que j'en croisais un dans la rue, un aigu, un grave, un circonflexe, il me menaçait.

« – Notre patience a des limites, Don Luis. Un jour, nous ferons la greve. Attention, Don Luis, notre nature n'est pas si douce qu'il y paraît. Nous pouvons causer de grands desordres.

« Je ne les prenais pas au sérieux. Je me moquais :

« – Une greve, allons donc! Et qui ça dérangerait, une greve des accents?

« Je sentais bien monter leur colere. Je ne croyais pas qu'ils prépareraient quelque chose.

Anexo 14 - Fiche de Travail de Français

Erik Orsenna. *La grammaire est une chanson douce*. 2001 (pages 79-83)
(EB - 7º,8º,9º)

A. Lis le texte *La grammaire est une chanson douce* d'Orsenna et ensuite souligne la bonne réponse, selon le texte.

1. L'occupation principale des mots c'est *travailler / se laver / s'amuser*.
2. Les mots s'organisent en *familles / villes / lettres*.
3. Les mots chargés d'étiqueter les choses sont les *articles / adjectifs / noms*.
4. Les articles marchent devant les noms et indiquent le *nombre / genre / degré*.
5. Les *articles / adjectifs / noms* dirigent les magasins de vêtements des mots.
6. Tous les adjectifs sont *amoureux / tristes / adhésifs*.

B. Observe les phrases.

L' ÎLE est magique.

Le PEUPLE est composé de mots.

Les MOTS sont organisés.

La TRIBU a son métier.

B.1. Souligne l'article correct pour chaque mot.

1. Le/l'/la/les ARTICLE

2. Le/l'/la/les PEUPLES

3. Le/l'/la/les VILLE

4. Le/l'/la/les TRIBUS

5. Le/l'/la/les MOTS

B. 2. Maintenant complète le tableau avec **le/l'/la/les**.

ARTICLES	singulier	pluriel
masculin	/	
féminin		

C. Fais la critique du texte d'Orsenna, en complétant les phrases suivantes.

La grammaire est ...

Les noms sont...

Les adjectifs ont...

Les articles aiment...

Erik Orsenna est...

D. Présente oralement ta critique à la classe et choisis la meilleure à publier dans le blog de la classe.

(ES – 10º, 11º)

A. Après la lecture de l'extrait de *La grammaire est une chanson douce* d'Orsenna (pages 79-83), réponds aux questions:

1. Quelle est l'occupation principale des mots ?
2. Les mots s'organisent en groupes. Pourquoi ?
3. Quel est le rôle des noms ?
4. Et les articles, est-ce qu'ils sont importants ? Pourquoi ?
5. Les adjectifs sont-ils essentiels ? Justifie.
6. Le nom n'est pas très content après son mariage. Pourquoi ?

B. Complète les trous avec les mots ci-dessous pour résumer la *leçon* d'Orsenna.

(concrets, genres, féminins, avec, Noms, mots, Adjectifs, avant, après, s'accordent, masculins, grammaire)

- _____
- Ils sont le groupe de _____ le plus nombreux;
 - Ils étiquettent les choses, objets _____ et abstraits;
 - Ils peuvent être masculins ou _____;

Articles

- Ils sont toujours _____ les noms;
- Ils ont deux _____;
- Ils _____ avec les noms;

- _____
- Ils sont _____ ou féminins;
 - Ils sont généralement _____ les noms;
 - Ils s'accordent _____ les noms;

C. La grammaire est le personnage principal de ce texte. Quelle est ton opinion sur cette façon d'étudier la grammaire? Est-elle plus intéressante ou plus difficile ? Pourquoi ?

D. Partage ton opinion oralement avec tes copains.

E. Présente ce livre dans un article à publier dans le journal scolaire, en donnant ton opinion.

Anexo 15 - Textos criados a partir de Orsenna

Il s'étire lentement et paresseusement dans son lit après une longue nuit de sommeil déchainée et confuse. Les draps défaits montrent que le sommeil avait été extraordinairement agité. Avait-il lutté durant son sommeil ? Était-il parti loin?

Soudain, il ouvre les yeux, baille et ses yeux, sa tête s'interrogent.

- Que j'ai mal dormi ! Je vais prendre une douche et je vais prendre... prendre... prendre quoi ?... Un petit-déjeuner, bien sûr ! Mais où ai-je la tête ? J'ai dû vraiment mal dormir.

Le voilà dans la cuisine, il mange calmement, savourant chaque bouchée et avalant à petites gorgées son café noir. Doucement il se lève et glisse dans la salle de bain. Il s'approche du lavabo, cherche de ses mains lentes et calmes la mousse à raser puis le rasoir. Calmement il répète les gestes habituels, automatiques, réguliers et précis. La mousse dans la main puis sur le visage, le rasoir qui caresse sa peau et qui laisse apparaître, peu à peu les contours de son visage. Il continue lentement sa routine, l'air absent, regardant la glace sans ne rien voir et se laissant porter par la routine...

Sa peau qui se découvre sous la mousse à raser laisse voir son visage qui change et qui s'interroge. Il tâte son corps....se fixe sur son visage, sur ses yeux et finalement serre sa tête !

- Qui suis-je ? Comment je m'appelle ?

Il sort ahuri dans la rue. La ville défile sous ses yeux et, peu à peu, puis très vite il se rend compte qu'il n'arrive pas à étiqueter les choses. Tout se bouscule dans sa tête et le grand désordre s'impose.

Il reconnaît les choses, il sait ce que c'est. Mais il ne parvient pas à ordonner ses pensées. Tout est là, bien vivant et lui, lui, qui est-il ? Comment s'appelle-t-il ? Où habite-t-il ? plus il réfléchit et plus le chaos envahit ses pensées.

Ensuite il essaye de parler aux gens pour retrouver son identité mais finit par comprendre qu'il ne connaît plus le nom des choses, il n'utilise que des adjectifs et verbes et presque aucun nom d'où le problème de l'identité, etc....

Marília Bação, no *atelier* realizado no XVII Congresso da APPF

Dans la Ville des Mots...

Le Nom - Au nom de la loi, je vous arrête ! Vous ne pouvez faire que ce que je dicte, détermine ou permet !...

L'Adjectif – Laissez de côté votre caractère hautain, autoritaire... c'est air d'intouchable et d'inébranlable ! Moi, je suis capable de modérer vos austères discours et de colorier votre gris paysage. J'adoucie vos brutes arrêtes et je peuple de belles formes vos simples jours...

Le Verbe – Allez, décidez-vous ! Au présent, au passé ou au futur, je suis ou je ne suis pas, plus ou moins, en fonction de votre entente, de votre présence/absence...

(*inachevé*)

Fernanda Martins e Célia Lopes no *atelier* realizado no XVII Congresso da APPF

La grammaire est... l'organisation de la langue / une chanson douce...
Les noms sont... importants / jolis...
Les adjectifs ont... des magasins de vêtements pour les noms / beaucoup d'amis...
Les articles aiment... les noms / l'île...
Erik Orsenna est... un auteur de livres sur la grammaire / imaginatif...

Algumas hipóteses de resposta ao ponto C. da ficha de trabalho (Anexo 15) por alunos de Francês do ensino básico.

As Palavras

Entram as palavras muito enervadas.

Nome : Ora bem, vamos pôr ordem nisto. Oiçam...

Adjectivo :Lindo! Fantástico!...

Nome : Vamos à continuação?

Verbo : Continua, continua, que tu sem mim nada és (e eu sem ti também não...)!

Adjectivo : Até parece!... Ele comigo é que ganha em qualidade, não é contigo...

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

Verbo (para o Adjectivo) : Desaparece, pira-te! És mesmo pirosa!
Nome : Calma, sossego e silêncio! Continuando...
Adjectivo (para o Verbo) : Feio!
Verbo (para o Adjectivo) : Tu só atrapalhas e chamam-me atrapalhado!
Adjectivo (para o Verbo) : Até parece! Encalhado...
Nome : Como eu dizia... Vocês têm importância para mim...
Adjectivo : Palavra falsa, mentirosa!
Verbo : A sério, eu não te atrapalho?!
Nome : Marquei lugar na gramática das palavras para os três. Todos nos vão conhecer!
Adjectivo : Lindo!
Verbo : Adoro!
Nome : Fim?!

Texto colectivo por alunos de 7º ano, com base na tradução portuguesa de *La grammaire...* de Orsenna.

Anexo 16 - Outros textos

Les conjugaisons

Nombre de personnages: 2, un garçon, une fille.

Décor: un banc.

Niveau de connaissance de la langue: à partir du niveau intermédiaire

Note de mise en scène: Cette scène ne présente pas de difficulté particulière. Pour le rôle du garçon, soigner particulièrement le côté “timide qui se jette à l'eau”, et bien distinguer les moments d'hésitation, empreints de gêne, et les moments d'audace, empreints de brusquerie.

(Une fille assise sur un banc. Elle lit, son sac posé par terre à côté d'elle. Arrive un garçon qui passe devant elle, l'aperçoit, ralentit, puis s'éloigne, puis revient, puis s'éloigne à nouveau. Bref, il hésite, et cette valse hésitation muette peut même durer assez longtemps. Finalement, le garçon s'approche plus près du banc et se lance.)

Lui (toujours debout): Vous, vous seriez assise sur un banc et moi, moi je viendrais m'asseoir à côté de vous... (il s'assied près d'elle, elle le regarde du coin de l'oeil, prend son sac par terre et le pose à côté d'elle pour lui signifier qu'il ne s'approche pas. Il glisse un peu plus loin) enfin, pas trop près. Je me mettrais à vous parler et vous feriez semblant de ne pas faire attention à moi, mais je continuerais quand même à vous parler pour susciter votre curiosité (elle tourne la tête vers lui, d'un air peu amène). Vous, vous tourneriez la tête vers moi et je vous dirais “bonjour”... (il s'exécute) Bonjour. Alors vous me diriez... Qu'est-ce que vous me diriez?

Elle: Vous n'auriez pas un autre endroit pour pratiquer le mode conditionnel?

Lui: Vous n'aimez pas le conditionnel?

Elle: J'aimerais surtout vous voir ailleurs!

Lui: Vous voyez! Vous aussi vous utilisez le conditionnel!

Elle: Bien sûr que j'utilise le conditionnel. Vous n'êtes pas le seul à utiliser le conditionnel!

Lui: Et le subjonctif? Vous connaissez le subjonctif? (elle le regarde, incrédule) Le subjonctif! J'aimerais bien que vous le connaissiez.

Elle: Et moi, j'aimerais bien que vous me laissiez tranquille.

Lui: (enthousiaste) Le subjonctif! Vous l'avez dit! Vous avez dit: "J'aimerais bien que vous me laissiez tranquille! Et "laissez", c'est un subjonctif... Un subjonctif après un conditionnel, parce que "j'aimerais", c'est un conditionnel (voyant son regard réprobateur, il perd de son enthousiasme et devient au contraire très gêné) et un conditionnel... Voilà.

Elle: Où voulez-vous en venir exactement?

Lui: (de nouveau très enthousiaste) Au présent de l'indicatif!

Elle: Dites-moi, vous allez me faire toutes les conjugaisons ou quoi?

Lui: Non, je vais m'arrêter au présent de l'indicatif à la forme interrogative.

Elle: Donc, si je comprends bien, vous allez me poser une question, c'est ça?

Lui: C'est ça! une question! (plus embarrassé) une question.

Elle: Eh bien, allez-y!

Lui: Maintenant?

Elle: Ben oui, c'est maintenant le présent de l'indicatif, même à la forme interrogative.

Lui: Oui, vous avez raison... Mais j'hésite sur le verbe.

Elle: (ironique) Pourquoi? C'est un verbe irrégulier, peut-être?

Lui: Ah non! Pas irrégulier! Seulement un peu... embarrassant.

Elle: Ah! Et vous ne voulez pas m'embarrasser.

Lui: Non! Vous embarrasser, non... Vous embrasser, oui... Mais les deux verbes sont tellement proches, c'est pour ça que j'hésite, vous comprenez?

Elle: C'est la question?

Lui: Non, la question, c'est: est-ce que je peux vous embrasser? (un temps, il se ravise)
Vous voyez, c'est bien ce que je disais, c'est embarrassant.
(un temps)

Elle: Vous connaissez l'impératif?

Lui: Je vous demande pardon.

Elle: L'impératif! L'ordre!

Lui: Ah! L'impératif! L'ordre! (il donne des exemple) Levez-vous! Taisez-vous!
Arrêtez-vous!

Elle: (enchaînant) Embrassez-moi!

Lui: (gêné) oui, aussi... (bas) Embrassez-moi.

Elle: (faisant semblant de ne pas avoir entendu) Comment dites-vous?

Lui: (plus fort, mais encore embarrassé) Embrassez-moi.
(Elle l'embrasse sur la joue)

Elle: Alors, qu'est-ce que vous pensez de cet impératif? C'est quand même plus rapide et plus efficace que votre conditionnel, votre subjonctif et votre indicatif, non?

Lui: (devant reconnaître l'évidence): si.

Elle: Vous avez compris maintenant?

Lui: (encore gêné) oui, je crois.
(il se lève)

Elle: Que faites-vous? Vous partez?

Lui: (soudain très sûr de lui) Taisez-vous! Levez-vous! Suivez-moi! Venez chez moi et déshabillez-vous! (au public, triomphant) J'ai compris!
(Noir)

Patrick de Bouter, 2008
Collège International de Cannes
(com autorização do Autor)

<<http://www.fle.fr/theatre/conjugaison.html>>

Os verbos em inglês

Era uma vez um verbo inglês que chorava, quando um substantivo o viu...

-Que tem? Perguntou-lhe.

- Estou confuso porque não sei a minha posição na frase.

-Oh, é fácil. Tu andas sempre comigo! Ficas sempre colado à minha esquerda... Tens a segunda posição na frase.

- Ah! Então estás tu e a seguir estou sempre eu. «Peter *likes* icecream.»

- Pois tecnicamente...

-Tecnicamente?!

- Sim, é que às vezes passas para primeiro lugar. Estás a ver, ficas tu e depois eu... mas continuamos juntos.

- Quando é que isso acontece?

- Quando queres fazer perguntas e te chamas «*to be*».

- Ah sim, sim. Então quando há uma pergunta a fazer eu sou o mais importante de todos e estou na 1ª posição. «*Is it an animal?*»

- Exactamente tens razão... tecnicamente...

-Tecnicamente?!

- Às vezes vens acompanhado dum «*modal verb*» e este fica à minha direita e tu ficas à minha esquerda.

- Um *modal verb*? Que é isso???

- *can; could; may; might; shall; should; must; ought to; will* ou *would*

- Então, vamos ver se compreendi... Quando estou a declarar alguma coisa fico na segunda posição da frase mas, quando estou a fazer perguntas, posso estar no início ou na terceira posição. Fico no início se me chamar «*to be*», mas se estiver acompanhado separo-me do meu companheiro e vai ele para o início e eu fico em terceiro lugar «*Must I do my homework?*»! Certo?

-Exactamente tens razão... tecnicamente...

-Tecnicamente?!

- Há outras perguntas em que tu não tens força para estares sozinho na frase e pedes ajuda ao verbo ajudante... auxiliar. Ele chama-se «*to do*» e nas perguntas é ele que fica à minha direita e tu ficas à minha esquerda.

- Estou a ver, como é que ele me ajuda?

-Bem, é esse verbo auxiliar que vai mostrar o tempo em que estás, para não andares tão carregado. Ele pode aparecer como «*do/does* ou *did*» consoante o tempo da frase.

-Simmmmm... então eu digo *Do you like bananas? Does she like me?* ou ainda *Did you see the verb?*

- Correcto!

- Vou recapitular ... Eu sou uma parte muito importante da frase e numa frase declarativa fico na segunda posição da frase. Nas perguntas, fico na primeira posição se me chamar «*to be*» ou se for um *modal verb*, mas nas outras situações fico na terceira posição e envio o meu auxiliar para a primeira posição com as marcas de pessoa e tempo. Certo?

- Sim!!! Tecnicamente...

- Estás a brincar...

- Não, é que também há a questão das negativas... sabes quando se acrescenta a partícula de negação ... a palavra *not*.

- O que acontece então?

- É que ela se cola ao verbo... Se te chamas «*to be*» ou és um *modal verb* ela cola-se a ti.

- Mas e a minha posição?
- Ficas como nas declarativas na segunda posição ... olha para estas frases «You *aren't* confused» e «We *can't* swim».
- Estou a ver... nas negativas continuo na segunda ou terceira posição mas o *not* cola-se a mim.
- Sim. Tecnicamente!
- Vá lá... explica.
- Quando és outro verbo pedes ajuda ao «to do» que vai mostrar o tempo em que estás, para não andares tão carregado. Ele pode aparecer como «*don't/doesn't* ou *didn't*» consoante o tempo da frase.
- Simmmmm... então eu digo «She *doesn't* like bananas? You *don't* like me? ou ainda They *didn't* see the verb?»
- Correcto!
- Vou recapitular tudo... Eu sou uma parte muito importante da frase e numa frase declarativa fico na segunda posição da frase. Nas perguntas fico na primeira posição se me chamar «*to be*» ou se for um **modal verb** mas nas outras situações fico na terceira posição e envio o meu auxiliar para a primeira posição com as marcas de pessoa e tempo. Quando quero negar algo continuo na segunda posição mas agarro a palavra *not* se for um **modal verb** ou o verbo «*to be*». Caso seja outro verbo passo para a terceira posição porque dou a segunda posição ao verbo auxiliar que vem agarrado ao *not*. Certo?
- Sim, acho que já não te perdes na frase.

Profª Ilda Ferreira

(ouvido numa primeira versão relativamente ao Alemão, numa formação de que não recorda muito mais, recontado ao longo de anos e experiências, passado a escrito para este trabalho em 3 de Março de 2010)

Glossário¹⁴⁷

Activité : Tout événement dans la classe auquel l'apprenant participe est une activité (il y a des activités de lecture, d'expression orale, des activités ludiques, des activités de conceptualisation, etc). L'exercice est une activité qui se caractérise généralement par son côté contraignant et répétitif, et son centrage sur un but précis. L'exercice vise à faire acquérir des automatismes. (On parlera, par exemple, d'un exercice de substitution, mais d'une activité de repérage).

Apprenant : Personne engagée dans un processus d'apprentissage.

Apprentissage: Processus systématiquement et intentionnellement orienté vers l'acquisition de certains savoirs, savoir-faire et savoir-être.

Approche: Base théorique constituée d'un ensemble de principes sur lesquels repose l'élaboration d'un programme d'études.

Approche actionnelle : «reprenant tous les concepts de l'approche communicative, y ajoute l'idée de «tâche» à accomplir dans les multiples contextes auxquels un apprenant va être confronté dans la vie sociale. Elle considère donc l'apprenant comme un «acteur social» qui sait mobiliser l'ensemble de ses compétences et de ses ressources pour (...) la réussite de la communication langagière.» (Tagliante, 2005 : 36)

Approche communicative : Vers le début des années 70, en réaction contre la méthodologie audio-orale et la première génération des méthodes audiovisuelles, on voit émerger une méthodologie de la communication, appelée rapidement «approche communicative». L'analyse des besoins des apprenants détermine le contenu du cours. Les habiletés à acquérir en fonction de ces besoins sont répertoriées puis travaillées en contexte, en situation, en prenant en compte tous les aspects qui y sont liés : linguistique, extralinguistique et contextuel. On cherche à faire acquérir à l'apprenant une compétence linguistique mais aussi communicative, d'où la prédominance des savoirs mais aussi et surtout des savoir-faire.

Approche fonctionnelle : Cette approche cherche grâce à une analyse des besoins chez l'apprenant à connaître les notions (notions de localisation dans l'espace, le temps...) et les fonctions (langagières) qui seront les plus nécessaires à l'apprenant.

Authentique (document) : Se dit d'un document (texte, document sonore, visuel ou audiovisuel) qui provient du monde extrascolaire et n'a pas été fabriqué à des fins pédagogiques. S'oppose à «document didactique» (qui a été fabriqué à des fins pédagogiques) dont le contenu linguistique est dosé en fonction d'une progression ou répond à un objectif pédagogique précis. D'autres documents sont dits «didactisés» : il s'agit de documents authentiques qui ont été adaptés ou remaniés à des fins pédagogiques.

Capacité : Aptitude généralement acquise par un apprentissage et permettant d'exercer des activités dans divers champs de connaissance. Une capacité est un potentiel dont dispose un apprenant ; elle n'est pas directement observable et se manifeste au travers de compétences.

Centration sur l'apprenant : Méthodologie qui centre le projet éducatif sur l'apprenant et non sur le contenu ou la méthode. «L'essentiel de l'attention est porté sur « à qui enseigner ? », pour mieux adapter

¹⁴⁷ Completado e adaptado por nós a partir de <<http://www.lb.refer.org/fle/index.htm>>, consultado no dia 3 de Julho de 2007, e com base noutros Autores referidos. Decidimos manter o glossário na língua original por ser esta também a língua da maior parte da bibliografia crítica sobre o assunto. Para um glossário em Português, consulte-se o do Programa de Francês do Ensino Secundário, por exemplo, ou as várias obras de Tagliante citadas na bibliografia.

les moyens choisis («comment enseigner?») aux buts visés.» Elle tient compte des stratégies d'apprentissage qui peuvent différer d'un individu à l'autre. (R. Galisson, D'hier à aujourd'hui la didactique générale des langues étrangères Paris, CLE International, 1980).

Compétences : « Maîtrise des savoirs et des savoir-faire qui permettent d'effectuer les tâches scolaires dans une discipline donnée et qui constituent le niveau d'expertise de chacun » (Cahiers pédagogiques n° 280, janvier 1990, p. 55). Elle se manifeste par des comportements observables au cours d'activités et peut donc être évaluée. La compétence est le contexte concret qui permet d'évaluer une capacité.

Compétence de communication: Connaissance (pratique et non nécessairement explicitée) des règles psychologiques, culturelles et sociales qui commandent l'utilisation de la parole dans un cadre social.

Compétence culturelle : la capacité à communiquer ne saurait être strictement et purement linguistique. Elle doit s'accompagner de savoir-faire culturels et sociaux multiples qui permettent l'insertion dans la société française. Cette compétence est aussi importante que la linguistique et intègre la culture cultivée, anthropologique, médiatique et historique. (PORCHER, 1995 : 61-67)

Competência gramatical: o conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade para os utilizar. (QECRL, 2001 : 161) Capacité à produire des phrases formées selon les principes grammaticaux qui régissent une langue. (TAGLIANTE, 2005 : 48)

Competência plurilingue e pluricultural : não só o saber gramatical linguístico de outra língua para além da materna, mas também o desenvolvimento de uma competência pluricultural. A interação com o Outro, a descoberta de pressupostos e das mundividências implícitas e a negociação dos sentidos e das regras de uso. (QECRL, 2001 : 187)

Contexte: Ensemble des éléments, des détails extérieurs qui accompagnent un fait ou un texte et qui contribuent à l'éclairer.

Créativité: En didactique des langues, aptitude de l'élève à inventer et à créer des énoncés dans des cadres thématiques ou situationnels qu'il découvre lui-même. L'enseignement d'une L.E. qui se limiterait à des pratiques de répétition a peu de chances de donner à l'élève une compétence créative, ni même de le préparer à l'expression libre. Attitude que quelqu'un manifeste lorsqu'il rompt avec la façon habituelle de penser. (LEGENDRE, 1993 : 277-281)

Culture : concept qui peut concerner aussi bien un ensemble social qu'une personne individuelle; la capacité de faire des différences, c'est-à-dire de construire et de légitimer des distinctions. Plus on est cultivé, plus nombreuses sont les distinctions qu'on est capable d'instaurer. (CUQ, 2003 : 63) «Le développement intellectuel, la production artistique ou les bonnes manières d'un individu»; civilisation; tout énoncé est toujours culturel. (CUQ, 2002: 46, 47) Ensemble des connaissances acquises par une personne, de manière générale ou dans un domaine précis. (LEGENDRE, 1988 : 284-287)

Curriculum: Synonyme de « programme ».

Didactique : (du verbe grec *didaskhein* : enseigner) Domaine qui avait trait aux contenus d'enseignement, aux savoirs. Par son origine grecque (*didaskhein* : enseigner), le terme désigne de façon générale ce qui vise à enseigner, ce qui est propre à instruire; l'ensemble de théories d'enseignement et d'apprentissage (Comenius, XVIIe siècle). (CUQ, 2003: 69) «science ayant pour objet les méthodes d'enseignement.» (CUQ, 2002: 54, 55) discipline dont l'objet est la synthèse des composantes et des relations Sujet-Objet-Milieu-Agent au sein d'une situation pédagogique. (LEGENDRE, 1993 : 357-359)

Enseignement: Au sens restreint, il s'agit d'un processus de transmission de connaissances. Au sens large et moderne, c'est un processus d'organisation des situations d'apprentissage. Ensemble des cours prescrits dans un programme d'études; éducation en général. (LEGENDRE, 1993 : 507-509)

Français langue étrangère (FLE) : Il s'agit de la langue française, enseignée ou apprise comme une langue étrangère. Par opposition au français langue maternelle ou au français langue seconde. Le français langue étrangère renvoie actuellement à une conception de la langue comme langue des échanges de la

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa O caso de Erik Orsenna

vie courante. Une langue pour agir, interagir et non une langue d'accès au savoir.

Français langue maternelle (FLM) : Le FLM ou langue première désigne la première langue de socialisation, une langue acquise hors situation formelle d'enseignement, par interactions avec le milieu social.

Français langue seconde (FLS) : Le français est langue seconde partout où, en tant que langue étrangère, son usage est socialement indéniable et privilégié dans la vie publique. La caractéristique du **F.L.S.** est d'être une langue non première pour les locuteurs et d'être une langue de médiation au savoir.

Francophonie : inventé par le géographe Onésime Reclus (1880), le fait de parler français; l'ensemble des hommes et des peuples qui utilisent le français comme langue dans plusieurs sens; Organisation internationale de la Francophonie. (CUQ, 2003 : 112-114)

Gramática : o termo grego, γραμματική, é sinónimo de “ ‘arte de ler e escrever’; o conjunto das regras a seguir para falar e escrever correctamente uma língua; o conjunto das estruturas e das regras que permitem produzir todos os enunciados de uma língua; o livro, tratado, exercício, manual de gramática,” (ROBERT, 1993 : 1038). Principe d'organisation d'une langue; activité pédagogique dont l'objectif vise, à travers l'étude des règles de la langue, l'art de parler et écrire correctement, théorie sur le fonctionnement de la langue; les connaissances intériorisées d'une langue. (CUQ, 2003 : 117) Ensemble de règles prescriptives de la forme écrite ou de la forme orale d'une langue enseignée dans les institutions scolaires. (LEGENDRE, 1993 : 667-671)

Langue : du latin *lingua*, un système structuré de signes vocaux et graphiques, utilisé par les individus d'une communauté distincte pour communiquer entre eux. (CUQ, 2008 : 114) Système de signes arbitraires et articulés, combinés les uns aux autres selon les règles d'une syntaxe, par le biais duquel les membres d'une communauté se représentent le réel et communiquent entre eux. (LEGENDRE, 1993 : 783-785)

Langue cible : Langue étrangère que l'apprenant apprend.

Langue source : Langue maternelle de l'apprenant.

Linguistique : étude scientifique du langage et des langues naturelles. (LEGENDRE, 1993 : 794)

Littérature : du latin *litteratura*, écriture, l'ensemble des œuvres littéraires; elle fait partie des valeurs qui entrent dans le savoir socioculturel et la compétence socioculturelle. (CUQ, 2008 : 122, 123) Réservoir des possibles de la langue, participe à l'appropriation de la langue grammaire et vocabulaire pour l'essentiel; croisement de cultures et espace privilégié de l'interculturalité. (CUQ, 2003: 158, 159)

Matériel didactique: Ensemble des documents et des moyens audiovisuels utilisés comme aides et supports dans une action d'enseignement.

Metagramática : obra que fala de gramática e de uma certa tradição cultural francesa, através de estratégias e moldes diversificados e menos usuais tendo em conta uma ideia mais conservadora de Gramática, isto é, o livro que aborda questões da Língua, mas de forma literária, criativa, poética, humorada, não escolar ou quase, numa negação formal e paratextual do que nos habituámos a associar ao termo «Gramática», sem no entanto, recusar, por vezes, o título «Gramática», como veremos. O termo, neste trabalho, associa a «Gramática» : nome feminino (do latim *grammatica*, do grego *grammatikê*, de *grammatikos*; relativo à arte de ler ou escrever; o conjunto de regras que presidem à correcção, à norma da língua escrita ou falada, na sua definição mais basilar, o prefixo de origem grega μέτα, cujo sentido remete para uma mudança ou alteração de significado (CUNHA & CINTRA, 1993), isto é, uma «Gramática» que pressupõe uma atitude diferente, na forma e no conteúdo, na abordagem das questões da Língua.

Métodologie: Discipline pédagogique qui traite du comment mener un processus d'enseignement.

Méthodologie traditionnelle ou méthode Grammaire/ traduction : Décalque de l'expression anglaise : "grammar/ translation method". Cette méthodologie, directement inspirée de l'enseignement du latin, a

été dominante du milieu du XIXe siècle jusqu'au XXe (années 40/ 50), avec des cas de survivances actuelles. Elle vise la maîtrise de l'écrit littéraire. L'acquisition de la langue se fait par un enseignement de la grammaire, par la pratique d'exercices de thèmes/ versions et par l'explication de textes littéraires. La langue n'est pas enseignée dans le but de communiquer, mais plus comme discipline intellectuelle.

Objectif : Capacité à exercer sur un certain contenu, défini en termes de comportement de l'apprenant et que l'enseignement cherche à installer chez les apprenants.

Pédagogie : (du grec *agogein* : *conduire*), Domaine qui s'intéressait aux moyens de transmettre les savoirs, c'est-à-dire à l'action orientée vers la classe.

Savoirs : Ensemble de connaissances et compétences (entre autres linguistiques), acquises par l'apprenant, grâce à l'apprentissage et l'expérience.

Savoir-être : Catégorie d'objectifs comprenant les activités, en termes de comportements ou d'attitudes ou d'opinions ou de représentations, par lesquelles une personne manifeste non seulement sa façon d'appréhender sa propre personne (le « concept de soi »), les autres, les situations, la vie en général, mais aussi la façon de réagir et d'agir.

Stratégies : Science ou art de combiner et de coordonner des actions en vue d'atteindre un but. Elle correspond à une planification pour parvenir à un résultat avec proposition d'objectifs à atteindre et de moyens envisagés pour y parvenir.

Stratégies d'apprentissage : Manière d'organiser son apprentissage.

Tâche : Activité proposée à l'apprenant.

Índice Remissivo

- Acentos, 78, 131
- Adjectivos, 59, 64, 65, 67, 69
- Advérbios, 59, 65
- Apollinaire, 78, 83, 86, 138
- Baudelaire, 48
- Bégaudeau, 48, 131
- Bernal, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 131, 132, 138
- Bigre, 138
- Bigre!, 59, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 76, 77, 130, 131
- Borges, 70, 76, 137
- Bradbury, 63
- Bretécher, 48
- Calmettes, 79
- Carrol, 92
- Castro, 70, 78, 84, 137, 138
- Cavanna, 42, 43, 129
- Cayrol, 60
- Céline, 91
- Césaire, 137
- Chalaron, 41, 54, 129
- Chalvin, 48
- Charlot, 82
- Conh-Bendit, 70, 137
- Conjunções, 59, 67
- Conjuntivo, 49, 53, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 131
- Conrad, 14, 137
- Corneille, 36
- Cousteau, 70, 76, 134, 137
- Cultura, 1, 8, 13, 15, 18, 21, 26, 40, 42, 44, 45, 55, 57, 107, 108, 120
- Dante, 59
- Dedieu, 54
- Depp, 78, 84, 138
- Desnos, 46
- Detambel, 45, 54
- Et si on dansait?*, 8, 9, 11, 13, 54, 55, 58, 74, 86
- Fasola, 40, 41, 54, 129
- Fournier, 43, 54
- Francês, 14, 18, 35, 42, 43, 45, 47, 49, 54, 118, 193
- Francês Língua Estrangeira, 42
- Frases, 59, 66, 68
- Gramática, 8, 11, 13, 15, 17, 18, 19, 21, 23, 27, 31, 39, 46, 49, 54, 57, 59, 60, 95, 96, 109, 110, 115, 118, 119, 128, 129, 130, 193
- Gramm, 52, 118, 132
- Greimas, 69
- Grevisse, 33, 58, 69, 77, 81, 85, 93, 97, 139

- Guéguen, 37, 41, 54
- Halba, 52, 132
- Hamlet, 82
- Harispé, 54
- Hemingway, 14, 137
- Henri Salvador, 14, 59, 65, 137
- Homero, 20, 91
- Houdart e Prioul, 52, 53, 54
- Hugo, 36
- imperativo, 73
- Indicativo, 70, 72, 73, 76, 77
- Ionesco, 38, 54, 128
- J. K. Rowling, 91
- Jaskarzec, 48, 54
- Julaud, 45, 46, 47, 54
- Kessel, 91
- La Fontaine, 14, 59, 60, 61, 66, 68, 90, 91, 137
- La Grammaire est une chanson douce*, 8, 9, 11, 13, 49, 55, 58, 121, 123, 125, 136
- La Princesse de Clèves*, 138
- La Révolte des Accents*, 8, 9, 11, 13, 55, 58, 117, 121, 123, 124, 136, 138
- Lamartine, 36
- Leeman, 60, 75, 77, 84, 85, 92, 138
- Les Chevaliers du Subjonctif*, 8, 9, 11, 13, 45, 55, 58, 123, 136, 137
- Língua, 8, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 50, 51, 53, 54, 57, 58, 64, 68, 81, 99, 100, 101, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 143, 144, 193
- Literatura, 8, 13, 15, 18, 40, 42, 44, 45, 49, 55, 57, 69, 70, 71, 93, 94, 95, 107, 108, 110, 118, 119, 120
- Lyant, 40, 41, 54, 129
- Madonna, 70, 74, 78, 84, 137, 138
- Mahâbhârata*, 138
- Marret, 138
- Marrett, 85
- McEwan, 58, 69
- Melville, 14, 137
- Metagramática, 11, 18, 19
- Mme de Lafayette, 83, 84
- Molière, 36, 48, 86
- Musset, 36
- Nomes, 59, 63, 64, 65, 67, 72
- Orsenna, 1, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 23, 30, 31, 33, 36, 37, 38, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 113, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 165, 176, 183, 184

Uma Canção Doce ou Vulgarizações Literárias do Discurso Gramatical na Cultura Francesa
O caso de Erik Orsenna

- palavras, 21, 36, 37, 45, 46, 47, 52, 54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 75, 77, 78, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 105, 110, 128, 131
- Paradis, 78, 138
- Pennac, 13, 44, 50, 54, 118, 130, 131
- Pessoa, 14, 78, 83, 84, 138
- Piaf, 14, 137
- Plaisirs Secrets de la Grammaire*, 58, 95
- Platão, 20, 21, 96
- pontuação, 36, 44, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 128, 129, 131, 132
- Poutine, 138
- Preposições, 59, 67
- Pronomes, 59, 65
- Proust, 14, 59, 68, 137
- Putin, 78, 84
- Queneau, 38, 51, 128
- Racine, 36, 48
- Rimbaud, 10, 13, 49, 54
- Reinach, 35, 36, 49, 54
- Renaux, 54
- Rimbaud, 48
- Rivais, 51
- Robbe-Grillet, 40, 54
- Roesch, 41, 54
- Saint-Exupéry, 14, 59, 68, 137
- Salvador, 137
- Schädlich, 54
- Senghor, 14, 73, 89, 90, 92, 137
- Shakespeare, 14, 79
- Superman, 82
- Tardieu, 38, 39, 128
- Tchekhov, 83
- Tempos, 59, 67
- Verbos, 59, 66, 72, 131
- Verlaine, 48
- Vieira da Silva, 37, 41, 54, 120
- Voltaire, 36

